

**Hermínio C. Miranda**



# **Reencarnação e imortalidade**



Hermínio C. Miranda



# Reencarnação e imortalidade





# Reencarnação e imortalidade

Hermínio C. Miranda

# Reencarnação e imortalidade



Federação Espírita Brasileira

Copyright 1975 by  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB  
Brasília (DF) - Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do copyright.

ISBN (versão ePub): 978-85-7945-321-2

Capa: Paulo Márcio Moreira  
eBook desenvolvido por: Luciano Carneiro Holanda

Edição do Conselho Espírita Internacional  
SGAN Q. 909 - Conjunto F  
70790-090 - Brasília (DF) - Brasil  
www.edicei.com  
edicei@edicei.com  
55 61 3038 8400

Primeira Edição – 3/2011

Edição autorizada pela Federação Espírita Brasileira.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA FONTE - CIP

M642

Miranda, Hermínio C. (Hermínio Correia de), 1920-

Reencarnação e imortalidade [recurso eletrônico] / Hermínio C Miranda. – Dados eletrônicos. – Brasília : Conselho Espírita Internacional, 2011.

432 p.; 21 cm

ISBN 978-85-7328-664-9

ISBN 978-85-7945-321-2 (ebook)

1. Reencarnação. 2. Imortalidade. 3. Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título. III. Série.

CDD 133.9013

CDU 133.7

# À guisa de prefácio

Quando o processo da fecundação se completa, esboçam-se os pródromos do milagre da vida na Terra.<sup>[1]</sup> As mães, por vezes, são capazes de detectar uma como “presença”, especialmente nos primeiros meses de gravidez, presença essa que poderá ser interpretada de mil e um modos pelos grandes rotuladores que pontilham nossa época, não vamos dizer de negação, porque não cremos possível que o ser humano se negue a si mesmo tão dramaticamente. Aberraria da presença de Deus em nós... Digamos, por isso mesmo, que atravessamos a era dos desesperos existenciais, em cujo seio temos a mais bela lição de unidade, se já a não possuíssemos na própria unidade que configuramos: a lição contundente, é fato, mas libertadora, de que os “retratos rasgados” do poeta recompõem-se sem deixar cicatrizes.

O que a Ciência busca definir, mediante algumas concessões legítimas aos valores do mundo no qual vivemos, quais a criação e propagação de vasta sinonímia para o termo Espírito, é, pura e simplesmente, a integração do homem no Universo, mediante a aceitação da cruz, que ele jamais esqueceu ou esquecerá, desde o dia em que, da hora sexta à hora nona, a Terra cobriu-se de trevas e, pela cruz, o Salvador deixou o mundo das formas, voltando aos braços de Deus Pai.

De tempos imemoriais a imortalidade da alma inspira as mais extraordinárias filosofias, constituindo-se num dos segredos da mais alta e secreta iniciação no interior dos santuários. Já Platão, retratando — no *Fédon* — as dissertações de Sócrates pouco antes de ingerir a mortal cicuta, e mesmo durante a agonia que lhe precedeu a libertação, afirmava:

— Mas, em realidade, uma vez evidenciado que a alma é imortal, não existirá para ela nenhuma fuga possível a seus males, nenhuma salvação, a não ser tornando-se melhor e mais sábia. A alma, com efeito, nada mais tem consigo, quando chega ao Hades, do que sua formação moral e seu regime de vida — o que, aliás, segundo a tradição, é justamente o que mais vale ou prejudica o morto, desde o início da viagem que o conduz ao Além.

Poderia, com efeito, ser diferente se, imortal, desde que criado, o homem move-se em Deus, vindo do infinitamente pequeno para o infinitamente grande?!...

É ainda Sócrates, por Platão, quem diz:

“Depois de haverem recebido o que mereciam e de terem lá permanecido durante o tempo conveniente, outro guia os reconduz para cá, através de muitos e demorados períodos de tempo”.

Poderia, meu Deus, ainda uma vez ser diferente se, preexistindo, existindo e sobre-existindo, marchamos do infinitamente pequeno para o infinitamente grande?!...

A Índia milenar, cujo pensamento é muito anterior assim como sobre-existente ao pensamento grego, já apresenta, a partir da filosofia védica, uma desvalorização do mundo empírico, uma profunda conscientização do problema da vida e do mal, com a redução a seus devidos termos do sofrimento e da morte, cultuando divindades naturalistas, procurando integrar o homem com o meio, do mesmo modo como o *Taoismo* buscava identificá-lo com a Natureza, e o *Confucionismo*, trazer a Natureza mais para perto do homem. Nada disso se faz, contudo, sem a noção de uma vida ininterrupta, num ciclo que nos leva à libertação, não conducente à quietação no nada, mas à quietação no absoluto, ou seja, a integração em Deus. A isso muitos estudiosos apelidaram de metempsicose, embora se trate, realmente, de reencarnação, conforme demonstrou Allan Kardec, com todas as distinções que possam ser levantadas.

Se no pensamento védico e bramânico a noção da imortalidade e das diversas vidas permanece, de certa forma, sob a necessidade da fórmula, dos rituais, dos cultos às divindades, o mesmo não acontece no *Bhagavad-*

*Gita*, que integra o *Mahabharata*, ou *Epopeia da Grande Índia*, onde a reencarnação explode de modo impressionante, tendo por personagens centrais Krishna e Arjuna. A este diz Krishna, que com ele se situa entre dois exércitos, “kurus” e “pandavas”, num campo de batalha, dando-lhe lições da mais alta sabedoria:

“Assim como pomos de lado uma roupa usada e vestimos uma nova, assim o espírito se desfaz de sua indumentária de carne e se reveste de uma nova”.

E, um pouco adiante, sintetiza de modo magistral:

“Chorarás se te disserem que o homem recém-falecido é como o homem recém-nascido? O fim do nascimento é a morte; o fim da morte é o nascimento: tal é a lei”.

Quase identicamente ao que se encontra gravado no dólmen de Kardec, a notável frase que lhe tem sido atribuída! Com uma diferença de mais de 2.000 anos!... Uma verdade única em diferentes épocas. E sempre o erro, sempre a cegueira!

O Budismo, embora assegure, em algumas de suas correntes, a extinção do ser no Nirvana, recebeu diretamente de Sakya-Muni a *Segunda Nobre Verdade*, que diz:

“O sofrimento provém do desejo de ser, que conduz de nascimento a renascimento, juntamente com a luxúria e o desejo que encontram satisfação aqui e ali; o desejo de ser, o desejo de prazeres e o desejo de poderes, tais são as fontes de sofrimento”.

O Egito faraônico, berço de praticamente toda a filosofia e toda a ciência de que hoje temos pálidos reflexos, manteve em segredo o princípio da reencarnação, no que ele possui de mais transcendente, para deixar, exotericamente, todo o conjunto de símbolos, tais como a abertura da boca do cadáver, a fim de que o morto pudesse dizer as palavras necessárias diante de Osíris, o Senhor do mundo dos mortos. No entanto, no seio da mais pura corrente iniciática, corria a seiva de uma essência imortal e dotada de razão. Os egípcios levaram tão longe o conhecimento do processo reencarnatório que chegaram a distinguir, dentre muitas outras realidades, o perispírito, a que chamavam *Kha*, e que sabiam estar eivado de

necessidades, de acordo com o estado evolutivo do ser. O depósito de alimentos nas urnas funerárias nada mais significa do que a exteriorização de uma necessidade que o morto irá experimentar de alimentação, segundo esteja o seu perispírito mais ou menos condensado. Isso não discrepa do que nos dizem as obras mediúnicas do nosso século, notadamente as de André Luiz. Tudo contido no *Livro dos mortos*, cujo verdadeiro título é *O livro oculto da morada!* E isso, por épocas que se afastam até mesmo à casa dos 5.000 anos!

Todos os estudiosos da Ciência Psíquica são unânimes em afirmar a reencarnação, até mesmo como veículo da própria imortalidade. E, muito embora alguns teosofistas insistam em afirmar que os renascimentos só se repetem de 1.500 em 1.500 anos — o que talvez possa valer para entidades em altíssimo grau de evolução, mas não para a generalidade das criaturas — martinistas, ocultistas em geral, rosa-cruzes, maçons, templários, orientalistas, e assim por diante, todos... todos abraçam a palingênese, que Allan Kardec, o missionário de Lyon, clareou e popularizou, chamando a criatura humana às responsabilidades que ela acarreta.

É o Espírito que impulsiona um determinado espermatozoide em direção a um determinado óvulo, a fim de que — ambos — guardem o mapa do que necessitará ele, Espírito, para galgar mais um degrau, numa determinada vida. Assim sempre foi e há de ser. O campo vibratório do Espírito, natural, e espontâneo, provoca uma vibração característica sobre o filamento espiralado, no *colo*, entre a *cabeça* e a *cauda*, deslocando-o em direção ao alvo. E, muito embora alguns cientistas tentem, desesperadamente, alegar *automatismo biológico* para excluir a hipótese da presença da entidade reencarnante, nada obtêm, porque o *automatismo biológico* tem sua atuação restrita a pequeno período da formação do novo corpo, predominando, depois, de forma inegável, a presença do perispírito da entidade reencarnante. É ele quem serve de molde vivo para o próprio corpo somático, os três folhetos blastodérmicos originando sobre ele. O folheto inferior esboçando o tubo intestinal, e daí o estômago, as diversas alças etc. O folheto mediano, tracejando a coluna vertebral, músculos e vasos inúmeros. O folheto superior dando as tintas dos tubos nervoso e epidérmico, e assim por diante. Os núcleos de potenciação, em progressiva neutralização, acarretando maior acréscimo no torpor quanto mais cresça a

condensação do corpo somático, e quanto mais se acentue a redução vibratória perispiritual.

E até que o novo ser veja a luz do mundo, quantas preocupações do outro lado da vida, quantos diálogos, quantas doutrinações, quantas intercessões e preces; quantos procedimentos de emergência.

Só pela reencarnação nós poderemos encontrar a Deus. E quando nos questionarem sobre o prosseguimento da vida, devolvamos aos mestres da moderna Israel, parodiando Jesus, a antiga mas atualíssima pergunta:

“Tu és mestre no mundo e desconheces essas coisas?” (*João*, 3:10.)

Possam todos quantos estudarem os artigos do autor, agora publicados em coletânea, encontrar subsídios a novas e imprescindíveis pesquisas. E possam os que simplesmente os lerem, sem aprofundamento, sem lhes buscar o suporte fático, perceber, ainda que palidamente, os ensinamentos da Doutrina Espírita, que se superpôs a todos os credos e hierarquias, a todos os preconceitos políticos e sociais. E possam uns e outros receber o tempero prudente do sal, que, só num ponto exato, poderá salgar e salvar a Terra.

**Gilberto Campista Guarino**

*Rio de Janeiro (RJ), 3 de outubro de 1975.*

[1] Em consequência da ruptura do folículo de De Graaf, é a célula sexual feminina, após a maturação devidamente processada, ejetado por sobre a superfície ovariana, tão logo recolhida pelo pavilhão da trompa de Falópio. Da união dos gametas, precedida de avanço de mais ou menos 2,5 centímetros, em cada 8 minutos, por parte do espermatozoide, surge o zigoto, mapa do futuro ser humano, nos próximos nove meses de gestação normal.

# Arquivos espirituais da Independência do Brasil

Chama-se historiografia à arte de escrever a História, ou seja, descrever os acontecimentos que se desenrolaram ao longo do tempo no plano humano. Chama-se historiologia à filosofia da História, isto é, à maneira de analisar e interpretar os acontecimentos. O historiador ou historiógrafo não deve imaginar fatos inexistentes para preencher lacunas ou justificar a “sua” filosofia da História. Deve limitar-se a narrar os fatos tal como se apresentam na documentação existente ou na melhor e mais verossímil tradição. Além desses limites, cessam os contornos da historiografia e os historiadores viram ficcionistas sofisticados, no afã de preencher os claros dos registros históricos com narrativas imaginárias e suposições mais ou menos engenhosas.

Duas correntes podemos distinguir na classificação dos historiadores quanto à posição que tomam diante da historiologia, isto é, quanto ao ponto de vista que adotam como filosofia da História: de um lado, uma corrente materialista, que nega a interferência divina na História e, de outro lado, o grupo dos que veem no traçado geral da História a marca sutil e poderosa de Deus. Entre esses dois extremos, muitas nuances pessoais de caráter misto.

Quase que seria dispensável dizer-se que a historiologia moderna é essencialmente materialista, ainda que nem sempre marxista. O marxismo vê na História apenas um jogo cego de forças econômicas, que se confrontam e se guerreiam tanto quanto os homens. Outros integrantes da corrente materialista podem negar aos fatores econômicos tanta

importância, mas não conseguem ver na aventura humana nem mesmo um sopro de inspiração divina. Está colocado nesta última posição, por exemplo, o eminente historiador americano Will Durant, autor de um verdadeiro monumento de saber histórico, desdobrado em vastos painéis vivos, escritos em magnífica linguagem, mas de um ponto de vista puramente humano, como se a História tivesse apenas a sua face visível e não fosse nada mais senão um relato linear das coisas que os homens fizeram antes de mergulhar nas sombras da “morte”.

Não há como censurar esses autores. Falta-lhes simplesmente a visão espiritual para vislumbrar as motivações ocultas dos movimentos históricos e a própria continuidade da atuação humana ao longo de muitas encarnações, durante as quais os Espíritos incumbidos de determinadas tarefas vão e vêm entre o mundo encarnado e o outro, trabalhando num e noutro, ativamente, sempre dentro de um plano superiormente articulado, visando a um objetivo bem estudado e programado. Isso não quer dizer que os homens sejam simples marionetes de forças superiores, sem vontade própria e sem consciência do que realizam. Ao contrário, é exatamente a faixa considerável de livre-arbítrio que lhes é reservada que os leva, muitas vezes, a desvios amplos que retardam a chegada aos objetivos programados.

Os antigos historiadores eram, ao contrário dos modernos, profundamente místicos. Para eles, sim, o homem era simples joguete dos deuses, a realizar, no plano humano, a vontade férrea das forças ocultas do Universo, tanto as boas como as outras. A mitologia grega, que misturava misticismo, história e ficção, punha juntos deuses, homens e mulheres num só quadro narrativo, a realizarem os movimentos históricos. Como sempre, a virtude está a meio do caminho. Aqueles que têm hoje algum conhecimento do mecanismo das forças espirituais sabem que a História não é só o que os homens fazem, nem somente o que fazem os poderes divinos por meio dos seres desencarnados. Ela resulta de uma integração desses dois campos vibratórios, desses dois planos onde a vida se desenrola sob as bênçãos de Deus. Seria inadmissível para os espíritas supor que há uma História espiritual da Humanidade inteiramente autônoma e separada da História dos homens encarnados. Na verdade, elas se entrelaçam inextricavelmente, porque os seres que atuam do lado de lá da vida são os mesmos que por aqui estiveram antes, no comando de movimentos

históricos, políticos, sociais, culturais, artísticos, enquanto os homens encarnados são os mesmos Espíritos que, do mundo espiritual, acompanharam os acontecimentos da Terra, neles participaram ativamente e acabaram por se incumbir de tarefas a serem realizadas aqui, ao renascermos. A História é, pois, o desdobrar de um plano articulado, executado em estrito regime de cooperação, como um concerto a quatro mãos. Tem, como *background* musical, as grandes massas sinfônicas da orquestração universal. Os desvios e as falhas que aí ocorrem não provêm de erros do compositor na partitura, que é perfeita, mas de descuidos e imperícias dos executantes, ainda presos às imperfeições humanas.

Há muito que essa historiologia me fascina. Tentei mesmo um ensaio tímido, escrevendo um livro chamado *Mecanismos secretos da História*, ainda inédito, para oferecer algumas interpretações e sugestões em torno desse tema extraordinário. As bases para esses estudos, porém, ainda são muito precárias, porque contamos apenas com os falhos e imperfeitos registros humanos. Trinta anos após um fato importante, quantas versões mais ou menos prováveis existirão dele? Qual a verdadeira, ou, pelo menos, qual delas se coloca mais próxima da realidade?

Há, porém, registros indelévels e muito vivos de acontecimentos do passado mais remoto, na memória dos seres que os presenciaram. Essa fonte inesgotável de consulta acha-se praticamente inexplorada, a não ser por alguns autores desencarnados. Podemos admitir, e esperar, no entanto, que um dia a História da Humanidade será toda reescrita dentro dessa concepção historiológica, colhendo-se nas fontes autênticas o testemunho sereno daqueles que se incumbiram de tarefas memoráveis. Espero merecer a honra e a alegria de trabalhar nessa equipe de levantamento da crônica humana, porque sou daqueles que veem na História a presença inequívoca de Deus e, por isso, também, a importância das lições que elas encerram para melhor entendimento do presente e mais lúcida projeção do futuro. Se tirássemos melhor proveito dos ensinamentos contidos no passado, mais breve seria a nossa redenção espiritual, que é o objetivo supremo da História, ponto onde convergem as metas individuais e as coletivas.

Essa visão espiritual da História, por mais curioso que pareça, é revelada inesperadamente num pensador de origem judaica, profundamente

interessado na figura do Cristo, o Dr. Hugh J. Schonfield, no livro *The Politics of God (A política de Deus)*.

Mas não é deste autor que pretendo cuidar agora, e sim de Humberto de Campos, que através de Chico Xavier escreveu, nos idos de 1938, um ensaio de história espiritual do Brasil chamado *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*.

Desse livro, consagrado por nove edições, com mais de 50.000 exemplares vendidos, na oportunidade em que se comemorou o Sesquicentenário da Independência do Brasil, quero destacar alguns capítulos.

\*

Ao que nos informa o Espírito Humberto, as Cruzadas haviam confundido as lições do Evangelho “ensanguentando todas as bandeiras do mundo cristão”. Era preciso começar tudo de novo. Assim, no último quartel do século XIV, decidiu Jesus confiar à gente que viria compor o povo brasileiro a tarefa de revigoramento da mensagem de amor que Ele pregara na Palestina. Como nos parecem longos e pacientes os caminhos e os métodos daqueles que, muito acima de nós, estão fora do alcance do tempo... O minucioso planejamento começa com a movimentação do primeiro tarefeiro. Jesus chama Helil, “encarregado dos problemas sociológicos da Terra”, e lhe atribui a primeira etapa do gigantesco trabalho. Já no fim do século, em 1394, renasce ele em Portugal, filho de D. João I e de D. Filipa de Lancaster. Chamou-se Henrique, o infante de Sagres, e foi o primeiro a sonhar e pôr em prática os planos de expansão mundial do pequeno e valoroso reinado português. Mas quem foi Helil no passado?

Ao editar o livro de Humberto, a FEB esclarece, em nota do cap. 1, que o autor espiritual preferiu a forma árabe Helil em vez da hebraica Hilel, mais usada.

A *Enciclopédia Britânica* informa que Hilel viveu entre o ano 70 a.C. e o ano 10 da nossa era. Foi, assim, quase contemporâneo de Jesus e membro eminente do Sanhedrin. Seu espírito de há muito devia estar ligado ao do Mestre, porque seus ensinamentos são notavelmente coincidentes com os do Cristo: “O que for desagradável para ti, não faças ao teu

próximo, nisto se resume toda a Lei; tudo o mais não passa de comentário”. “Não julgues o teu semelhante antes de te colocares em seu lugar”.

Hilel foi um dos mais eminentes rabis do seu tempo, conhecido e amado pela sua tolerância, caridade e humildade. Tornou-se príncipe (*nasi*) do Sanhedrin. Atribui-se a ele a criação das sete regras que formaram a base da hermenêutica rabínica.

Esse foi o homem que Jesus escolheu para o primeiro impulso à civilização brasileira. Lançadas as bases do programa de expansão mundial na Escola de Sagres, o antigo Rabi recolheu-se novamente ao mundo espiritual e de lá continuou sua ativa colaboração, agora invisível, mas não menos ativa. Quando Cabral parte do Tejo em busca das Índias lendárias, são aproveitados “todos os seus ascendentes mediúnicos. As noites de Cabral são povoadas de sonhos sobrenaturais e, insensivelmente, as caravelas inquietas cedem ao impulso de uma orientação imperceptível”.

Descoberto o Brasil, Helil se preocupa. A terra é grande e rica demais e pode despertar a cobiça das nações poderosas. Jesus o tranquiliza, dizendo que “as injunções políticas terão nela atividades secundárias”, porque o sinal da fraternidade universal estaria presente na sua história. Quanto ao receio da conquista, “as potências imperialistas da Terra esbarrarão sempre nas suas claridades divinas e nas suas ciclópicas realizações”.

E foi assim que o Brasil gigantesco, riquíssimo, presa aparentemente fácil para a pilhagem mundial, pois apenas tinha na sua defesa o minúsculo Portugal, atravessou os séculos sem perder uma fração do seu imenso território com oito mil quilômetros de costa aberta para o mar.

Em seguida, Jesus atribui a Ismael a guarda “dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro”. Alguns emissários de confiança das forças espirituais são enviados à reencarnação no Brasil: Anchieta, Nóbrega, Bartolomeu dos Mártires. O primeiro voltaria depois, na notável personalidade de frei Fabiano de Cristo, para trazer, mais uma vez, o clarão do seu espírito sereno, envolto nas doces luzes da humildade e do serviço ao próximo. É curioso observar que, tanto na primeira vez como na segunda, nasce em Portugal, mas seu espírito tem a irresistível intuição de

servir o Brasil. Diz Humberto que a vida como Fabiano constituiu “a última pedra que faltava na sua coroa de apóstolo da imortalidade”.

Muitos desses vultos se repetem na História do Brasil. Estácio de Sá, por exemplo, que fundou e defendeu a “muy heroica e leal” cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, como diziam as antigas crônicas, voltou aqui de outras vezes, como assegura Humberto. “Ainda há poucos anos” — prossegue o autor espiritual — “podia ser encontrada (a personalidade de Estácio de Sá) na figura do grande benemérito do Rio de Janeiro, que foi Osvaldo Cruz.” Talvez desejasse salvar muitas vidas humanas — e o conseguiu — para repor as que, nos combates pela defesa do Rio, teve de permitir que se eliminassem.

\*

Chegou, afinal, o momento em que a terra brasileira deveria adquirir maioria política. O país estava maduro e a opressão se tornara insuportável. Era grande a miséria do povo, esmagado ao peso de impostos desumanos, numa terra em que tanta riqueza podia dar para todos. A fim de lançar a primeira e trágica semente, a ser regada com sangue e lágrimas muitas, é convocado o espírito valoroso de um antigo inquisidor arrependido e desejoso de resgatar suas faltas. Esse homem foi Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, líder de um grupo de intelectuais que, reunidos em Vila Rica, atual Ouro Preto, sonharam com a libertação do Brasil, não apenas dos laços políticos que o prendiam à Corte Portuguesa, mas de suas dores e angústias, da sua pobreza no meio da opulência, da tristeza de seu povo na imensa paisagem de belezas indescritíveis. O movimento aparentemente fracassou, com a “liquidação” dos sonhadores pela denúncia de Silvério dos Reis. Tiradentes, enforcado e esquartejado, regressou à pátria espiritual redimido, não antes de passar pela minuciosa devassa inquisitorial que em tempos passados ele dirigia, sentado na cadeira imponente de Inquisidor.

Ismael recebe-o de braços abertos, declarando que ele acabara de redimir suas antigas faltas e que passaria a ser “um símbolo para a posteridade, com o seu heroísmo resignado nos sofrimentos purificadores”. “Qual novo gênio” — diz-lhe Ismael — “surges para espargir bênçãos sobre a Terra do Cruzeiro em todos os séculos do seu futuro.”

É por isso que vimos nos cartazes comemorativos do Sesquicentenário da Independência a frase que a intuição ditou: “*Tudo começou com ele...*” E continua com ele, poderíamos acrescentar.

Para o crescimento da jovem nação, tudo é aproveitado sabiamente pelo atento mundo espiritual. Quando Napoleão invade Portugal, por intermédio de Junot, D. João VI traz, na fuga para o Brasil, preciosos impulsos políticos, culturais e econômicos. Ainda na Bahia, abre os portos brasileiros ao comércio mundial. No Rio, mais tarde, fundaria a Escola de Medicina, o Real Teatro São João, o Banco do Brasil. Organizam-se instituições que se tornariam respeitáveis e tradicionais, como a Academia de Marinha, o Conselho Militar, a Biblioteca Real. Com D. João veio também a imprensa e, portanto, o livro, terreno fértil onde tanta sementeira é realizada. Até mesmo esboços de indústrias, hoje poderosas, como a siderurgia, surgiram naqueles recuados tempos.

Mas D. João VI tinha de retornar à Europa, porque assim o exigia a inquietação dos seus súditos portugueses. E voltou, embora muito a contragosto. Deixou seu filho Pedro no Brasil para viver missão histórica das mais importantes, que a sua acuidade política pressentiu claramente. Chegou mesmo a aconselhar ao filho que, se surgisse, como esperava, qualquer movimento separatista, ele, Pedro, tomasse logo a coroa para si, evitando que o país caísse em mãos de aventureiros.

Os trabalhadores invisíveis reconhecem as fraquezas do jovem regente, mas se utilizam prudentemente do lado positivo de sua personalidade ainda imatura. Para contrabalançar muitas de suas imprudências, está ao lado do Príncipe a figura serena de Leopoldina, a quem o autor espiritual do livro dedica as expressões de maior carinho e grande admiração, dado que foi “trazida ao Brasil de acordo com as determinações do mundo invisível, para colaborar na realização dos elevados projetos de Ismael e dos seus mensageiros”. “Somente o seu coração doce e submisso” — prossegue Humberto — “poderia suportar resignadamente as estroinices do esposo, em um dos períodos mais delicados da sua vida, sem provocar escândalos *que acarretariam atraso* na marcha dos acontecimentos previstos.” (Grifo meu.)

O texto evidencia que Leopoldina foi o poder moderador, arauto do mundo espiritual junto ao Príncipe. Amou o Brasil à primeira vista, e a História registra, fielmente, o seu admirável trabalho em favor da Independência. Dá testemunho disso o grande José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca. O momento era de extrema tensão e fortes paixões estavam desatadas. Para as tropas portuguesas aqui residentes, aqueles que a História consagrou como heróis da Independência eram simples rebeldes, inclusive o Senhor Regente. No mundo invisível, Tiradentes trabalha ativamente. A certa altura, consulta Ismael sobre se não teria chegado o momento decisivo. Sentia que era preciso aproveitar a exaltação patriótica dos ânimos. “As possibilidades estão dispersas, mas poderíamos reunir todas as forças para o fim de derrubar as últimas muralhas que se opõem à liberdade da Pátria do Evangelho”, diz ele.

Ismael aconselha prudência e moderação, assegurando, não obstante, que a libertação do Brasil não vinha longe. Ele achava que era preciso “difundir a educação individual e coletiva, dentro das nossas possibilidades, *formando os espíritos antes das obras*”. Além do mais, era preciso servir-se da autoridade do Príncipe — elemento de que dispunha o mundo espiritual. Para isso, D. Pedro seria envolvido nas “claridades fraternas da nossa assistência espiritual. Povoemos suas noites de sonhos de amor à liberdade, desenvolvendo-lhe no espírito as noções da solidariedade humana”.

A Independência tinha que ser obtida sem sangue. A 9 de janeiro, já no ano da emancipação, “D. Pedro, diante da massa de povo, sente a assistência espiritual dos companheiros de Ismael, que o incitam a completar a obra da emancipação política da Pátria do Evangelho, recordando-lhe, simultaneamente, as palavras do pai no instante das despedidas”. Foi assim o dia do “Fico”.

Houve depois um momento de extrema tensão, a 11 de janeiro, quando as tropas fiéis à Corte Portuguesa passaram a considerar o próprio D. Pedro como rebelde, desobediente à ordem de regressar à Europa. O povo brasileiro juntou-se aos soldados que apoiavam D. Pedro, dispostos a enfrentar os portugueses no Campo de Santana. A aflição é grande no mundo espiritual. Ismael mais uma vez interfere e, “sem um tiro, o chefe português obedeceu, com humildade, à intimação do príncipe D. Pedro,

capitulando a 13 de janeiro e retirando-se com as suas tropas para a outra margem da Guanabara, até que pudesse regressar com elas para Lisboa”.

Há lutas, porém, inevitáveis, na Bahia. Num desses episódios dolorosos, sacrificou-se a valorosa e querida Joana Angélica, que hoje, do mundo espiritual, derrama sobre todos nós a ternura do seu coração afetuoso em mensagens repassadas de amor ao Mestre.

Nesse ínterim, o centro nevrálgico do movimento desloca-se para São Paulo, onde também se reúnem os trabalhadores invisíveis, no Colégio de Piratininga, sob a direção de Ismael. Ultimavam-se as providências para formalizar a separação. Entende Ismael que a independência do Brasil já se encontrava definitivamente proclamada, e que desde 1808 “ninguém lhe podia negar ou retirar essa liberdade”. Mas eram precisos um gesto histórico e uma data. Tiradentes é mais uma vez chamado à ação direta, com a incumbência de acompanhar D. Pedro no seu regresso ao Rio. De São Paulo deveria partir o brado libertador. “O grito da emancipação” — diz Ismael — “partiu das montanhas e deverá encontrar aqui o seu eco realizador.”

Em seguida, a vasta assembleia espiritual entra em prece “pelo bem do Brasil”.

Tiradentes segue atentamente a figura do Príncipe, até o ponto em que “ele deixa escapar o grito de ‘Independência ou Morte!’, sem suspeitar de que era dócil instrumento de um emissário invisível, que velava pela grandeza da pátria”.

“Eis por que” — prossegue Humberto — “o 7 de setembro, com escassos comentários da história oficial que considerava a independência já realizada nas proclamações de 1º de agosto de 1822, passou à memória da nacionalidade inteira como o Dia da Pátria e data inesquecível da sua liberdade. Esse fato, despercebido da maioria dos estudiosos, representa a adesão intuitiva do povo aos elevados desígnios do mundo espiritual.”

Era, pois, o toque pessoal de Tiradentes na formalização da Independência do Brasil.

\*

A proclamação, no entanto, era apenas o começo da obra gigantesca que se impunha aos seres encarnados e desencarnados incumbidos da formação da nacionalidade brasileira. Era preciso, agora, consolidar a obra, dar uma estrutura política ao país, contornar as tendências separatistas, estabelecer relações internacionais, criar, enfim, as bases da jovem nação. Foi inestimável, nesse momento, a experiência e a clarividência do velho Andrada. Ele também voltaria em outra vida, como Ruy Barbosa, para consolidar a República, como consolidara o Império. As paixões, porém, estavam exaltadas e curto seria o reinado de D. Pedro I, que continuava a experimentar as pressões da Corte Portuguesa.

Ismael sonda o futuro e busca novamente apoio na sabedoria infinita de Jesus. Era preciso encontrar um espírito sábio, tranquilo e esclarecido para prestar os serviços de que necessitava a nova Nação. A tarefa é difícil e de imensa responsabilidade, porque muita coisa no futuro haveria de depender daquele começo de vida. Jesus manda chamar à sua presença um Espírito muito chegado ao seu: Longinus. Expõe-lhe o problema e lhe pergunta:

— Sente-se o teu coração com a necessária fortaleza para cumprir uma grande missão na Pátria do Evangelho?

Longinus, mergulhado em “expectativa angustiosa e refletida esperança”, declara-se disposto a servir e acrescenta:

— Muitas existências de dor tenho voluntariamente experimentado para gravar no íntimo do meu espírito a compreensão do vosso amor infinito, *que não pude entender ao pé da cruz dos vossos martírios no Calvário*, em razão dos espinhos da vaidade e da impenitência, que sufocavam, naquele tempo, a minha alma. (Grifos meus.)

Era, pois, um companheiro da primeira hora, mas sentia que havia falhado no seu testemunho e estava ansioso por recompor-se perante seu Grande Amigo. Está pronto. Jesus lhe assegura que se a missão for bem cumprida “constituirá a tua última romagem pelo planeta escuro da dor e do esquecimento”. Sem dúvida alguma, a tarefa é dura, mas o prêmio é enorme. “A autoridade, como a riqueza” — diz-lhe o Cristo —, “é um patrimônio terrível para os espíritos inconscientes dos seus grandes

deveres.” Renasceu Longinus a 2 de dezembro de 1825, para um longo reinado e uma longa existência. Tomou o título de D. Pedro II, mas gostava de assinar-se apenas Pedro de Alcântara, como qualquer cidadão de seu país.

Assim, poderia ele sair-se bem do encargo ou falhar. Mas quem era Longinus? A Britânica informa que Cassius Longinus viveu entre os anos 213 e 273 da nossa era. Era retórico e crítico de Filosofia. Não se sabe ao certo a origem do nome Cassius que acrescentou ao nome; supõe-se que o adotou de algum patrono romano. Nasceu, provavelmente, em Emesa (Homs), na Síria, terra de seu tio Fronto, um retórico. Estudou em Alexandria, com Orígenes, o pagão, e lecionou durante trinta anos em Atenas. Gozou de enorme reputação pelo seu saber. Porfírio dizia que ele era “o primeiro dos críticos”, e Eunapius chamou-lhe “biblioteca viva e museu ambulante”. Numa visita ao Oriente, lecionou grego e tornou-se conselheiro de Estado de Zenóbia, rainha de Palmira. Foi graças à sua orientação que Zenóbia articulou a recuperação da independência de seu país, mas o movimento foi esmagado por Aureliano. Zenóbia, que seria levada a Roma para a humilhação do desfile no triunfo de Aureliano, foi resgatada pelo seu Conselheiro. Longinus deixou obra extensa e variada, mas da qual pouca coisa sobreviveu. Um dos livros a ele atribuído é uma espécie de manual prático para estudantes: sugestões para inventos, arranjos de frases, estudos sobre estilo, testes de memorização etc. Como D. Pedro II, fundou o Colégio Pedro II, sementeira de homens ilustres há mais de século. Gostava mesmo de ir lá, às vezes, arguir os alunos, como simples mestre-escola visitante, reproduzindo inconscientemente seu antigo trabalho de professor na velha e lendária Atenas.

Seu reinado foi longo e pacífico. Apenas uma vez deixou-se envolver em conflitos sérios, com a Argentina e o Paraguai. É, por isso, advertido docemente pelo próprio Mestre. Após uma prece no seu oratório particular, o Imperador parece adormecer e em espírito é levado à presença de Jesus, “que lhe fala *como nos maravilhosos dias da ressurreição*, após os martírios indizíveis do Calvário.” (Grifo meu.) O Senhor o adverte com brandura e amor:

— Pedro, guarda a tua espada na bainha, pois quem com ferro fere, com ferro será ferido. A tua indecisão e a tua incerteza lançaram a Pátria do Evangelho numa sinistra aventura.

Parece Jesus falando novamente a Pedro, que acaba de decepar a orelha de Malcus...

\*

É assim que os poderes espirituais fazem a História, escrevendo-a primeiro na memória e no coração dos seres que devem, por assim dizer, materializá-la no plano humano. Há falhas, às vezes, porque os espíritos não são constrangidos; são convidados. Fica-lhes o livre-arbítrio e, por isso, estão sujeitos a deslizos que podem retardar o programa, mas nunca invalidar o objetivo superior traçado no mundo espiritual. No Brasil, a tarefa tem sido realizada com inexcedível carinho e sucesso. O país permaneceu unido na geografia, na língua, nos costumes, nas tendências de seu povo generoso. As tentativas de assalto desfechadas pelos poderes estrangeiros sempre encontraram aquela barreira de luz de que falou o Cristo. As grandes transformações políticas realizam-se tradicionalmente sem sangue, indicando o seguro poder orientador que tudo supervisiona e prevê. A grande meta continua a ser a educação do povo, insistentemente lembrada pelos Guias da nossa nacionalidade.

O maior problema é o da educação nacional, para que os filhos das outras terras, necessários e indispensáveis ao progresso econômico da nação, não se sintam dispostos a reviver, no Brasil, as taras de suas antigas organizações, e sim absorvidos no círculo espiritual do Evangelho, e possam integrar as suas fileiras de fraternidade e evolução.

É o que diz Humberto à página 235 do seu notável livrinho [pág. 210 da 33ª edição]. E mais adiante:

No Brasil, a chamada contribuição estrangeira é indispensável; e o *único recurso* contra a incursão do elemento nocivo e ameaçador da estabilidade das instituições brasileiras é a *educação ampla do povo*, em cujos labores sagrados deveriam viver todos os programas do bom nacionalismo. (Grifos meus).

Temos, portanto, excelente matéria-prima humana. Não precisamos importar cultura, pois aqui mesmo estão aqueles que podem e devem e querem criar uma cultura nova, matriz genial de que outros povos se utilizarão no futuro. As novas estruturas do pensamento, já planejadas para o Brasil, serão sínteses de conhecimento e moral, realizando, afinal, o ideal da ciência iluminada pelas doces claridades do Evangelho de Jesus.

## A redescoberta da reencarnação

Quando se fizer, no futuro, um levantamento dos grandes equívocos do pensamento humano, um deles avultará de maneira singular entre os maiores: o abandono da doutrina da reencarnação. Creio não exagerar ao dizer que larga parte das mazelas que assolam a civilização moderna se deve ao desconhecimento dessa ideia tão simples e de tão importantes consequências morais para todo ser humano.

Não deixa de ser curiosa essa atitude, porque não apenas a ideia vem sendo trazida aos homens com insistência, como os mensageiros dessa doutrina têm sido as figuras mais representativas da classe pensante da Humanidade. Mesmo que faltassem outros reencarnacionistas eminentes, na Filosofia e no pensamento teológico, não bastaria citar Platão? Há, porém, Pitágoras, Menandro, Plotino, para lembrar apenas os maiores e uns poucos deles entre os gregos, sem necessidade de recorrer à galáxia de pensadores latinos. De tempos em tempos, outros vultos respeitáveis também manifestaram sua adesão a essa ideia que resolve com lógica irrefutável tantos conflitos morais e filosóficos.

Por isso, ao contrário do que muita gente poderia pensar, não foi o Espiritismo que lançou a doutrina da reencarnação. Kardec adotou-a por sentir nela a força de uma lógica irrespondível. Aconteceu, porém, uma coisa notável: as concepções proclamadas pelo Espiritismo sacudiam de tal maneira o convencionalismo religioso, científico e filosófico da época que quase todas as suas grandes ideias ficaram sob suspeita ou de quarentena. No entanto, como os fatos continuaram a se repetir com toda a gente — aqueles mesmos fatos que o Espiritismo estudara e explicara lucidamente —, os cientistas resolveram fundar uma ciência para examiná-los. E assim

surgiu a Metapsíquica, na qual pontificou um grande cientista, o eminente professor Charles Richet, que apenas “namorou” aquilo a que ele chamava *hipótese espírita*, mas não se decidiu por ela francamente. Depois disso, voltou tudo ao esquecimento — abstraído um ou outro pesquisador mais corajoso —, até que o Dr. J. B. Rhine recomeçou tudo em 1930, já sob o nome de Parapsicologia. O campo de pesquisa, no entanto, é muito vasto e os métodos utilizados pelas chamadas ciências positivas nem sempre servem para pesquisar o Espírito. Ademais, os cientistas estão sempre recomeçando do bê-a-bá, isto é, da existência do Espírito. De pouco tempo a esta parte, retomaram o problema da sobrevivência sob o nome de função ou fenômeno THETA.

De sua parte, o professor Ian Stevenson resolveu reiniciar o estudo da reencarnação. O prof. Stevenson é médico e exerce o elevado e honroso cargo de diretor do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos.

Tenho aqui diante de mim o seu livro *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation (Vinte casos prováveis de reencarnação)*. A obra foi publicada com uma apresentação do prof. C. J. Ducasse, presidente da Comissão de Publicações da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica, sendo que o livro constitui o volume XXVI (setembro de 1966) dos famosos *Proceedings da American Society for Psychical Research*, custa US\$ 6 (seis dólares) e tem 362 páginas.

O Dr. Stevenson possui uma coletânea de 600 casos, entre os quais selecionou os 20 desse livro, por apresentarem certas características em comum. Acha ele que os casos mais convincentes são os que emergem de lembranças espontâneas, especialmente em crianças que se recordam de existências anteriores. Já a pesquisa, em laboratório, se torna mais difícil porque quase sempre inibe a manifestação do fenômeno.

Na longa introdução ao seu livro, o prof. Stevenson descreve o seu método de pesquisa e os cuidados que colocou em examinar o assunto, a fim de evitar erros de julgamento que invalidassem os resultados. Investigou pessoalmente todos os casos que relata, tendo viajado, para isso, aos mais longínquos recantos do mundo para colher dados e informações. A sua seleção inclui os seguintes casos e países:

7 casos na Índia

3 no Ceilão

2 no Brasil

7 no Alasca

1 no Líbano

Na impossibilidade de examinar caso por caso, o que equivaleria praticamente a fazer um resumo traduzido do livro do prof. Stevenson, vamos resumir apenas um e comentar outro.

\*

O caso de William George Junior, do Alasca, pareceu-me mais adequado para esta apresentação, pelas características que reúne, fazendo lembrar vários outros, porque não apenas inclui memória espontânea de uma existência anterior, como ainda a previsão da seguinte, até mesmo com sinais físicos de identificação.

William George (pai) era um famoso pescador do Alasca que acreditava na reencarnação como quase todos os membros mais idosos de sua gente — os índios Tlingits. Parece, no entanto, que nos últimos anos de sua vida começou a experimentar algumas dúvidas acerca da validade dessa doutrina, ao mesmo tempo em que sentia forte desejo de renascer após a morte. Dizia frequentemente à sua nora que, se a reencarnação fosse um fato, ele voltaria a nascer como filho dela. Dizia ainda que ela o reconheceria pelos seus sinais corporais de nascença, como os que tinha. E mostrava dois sinais proeminentes de cerca de meia polegada de diâmetro cada. O primeiro ficava na altura do ombro esquerdo e o segundo na parte interna do antebraço, duas polegadas abaixo da dobra do cotovelo. No verão de 1949, William George, que contava então cerca de 60 anos, manifestou novamente o desejo de retornar à vida como filho de sua própria nora. Nessa ocasião deu ao seu filho um relógio de ouro que ganhara de sua mãe e lhe disse:

— Eu voltarei. Guarde esse relógio para mim. Serei seu filho. Se há mesmo alguma coisa nessa história de reencarnação, eu o farei.

O filho Reginald foi para casa e deu o relógio à sua esposa Susan, transmitindo-lhe o recado do pai. O relógio foi guardado numa caixa de joias, onde ficou cinco anos.

\*

No princípio de agosto de 1949, poucas semanas depois desses acontecimentos, o velho George desapareceu de um barco que capitaneava, sem que os membros da tripulação tivessem visto qualquer coisa ou pudessem recuperar-lhe o corpo. Supõe-se que tenha escorregado, sendo levado pelas ondas.

Pouco depois, Susan George ficou grávida e, em 5 de maio de 1950, deu à luz um menino, 9 meses após a morte do seu sogro. Essa criança era a nona de seus dez filhos, pois ainda teve mais uma. Durante o parto ela sonhou que o sogro lhe apareceu e lhe disse que estava esperando seu filho para ver. O menino realmente nasceu com duas manchas pigmentadas nos locais exatos em que existiam essas marcas no corpo do seu avô. Deram-lhe o nome do velho: William George. A criança apanhou uma grave pneumonia com um ano de idade. Somente começou a falar de três para quatro anos. Gaguejava, mas depois conseguiu dominar essa dificuldade. Informa o prof. Stevenson que William George tem inteligência normal e ia bem na escola quando ele o entrevistou.

À medida que crescia, foi-se evidenciando a semelhança dele com o falecido avô. Os mesmos gostos e antipatias e as mesmas aptidões. Até mesmo um pequeno defeito no caminhar, que tinha o velho, transmitiu-se ao menino. Também gestos, posturas e expressões lembravam o avô. Por outro lado, o menino demonstrou, logo cedo, vasto conhecimento acerca de pescaria e barcos. Conhecia as mais piscosas baías e, pela primeira vez que subiu numa embarcação, já sabia manejar as redes. Tinha, porém, muito mais medo da água do que os meninos da sua idade e era mais sisudo e sensível que os companheiros.

Outras indicações, porém, ainda viriam. O menino somente se referia aos seus tios e tias como seus filhos e filhas, enquanto à sua tia-avó ele chamava irmã. Preocupava-se com dois “filhos” (tios na presente encarnação) que bebiam muito álcool. Os sobrinhos de seu pai atual (seu antigo filho) chamam-no, brincando, de avô, e ele nada tem a objetar.

William George Junior demonstrou sempre conhecimento de lugares e pessoas que, na opinião de sua família, vão além do que seria normal esperar-se de um menino de sua idade e que não poderia ter sido adquirido pelos recursos normais de aprendizado. O professor Stevenson dá uma lista desses fatos na tabulação que faz anexar a todos os casos que examina.

Finalmente, quando o garoto tinha quatro para cinco anos, sua mãe resolveu um dia examinar suas joias. Quando ela apanhou o relógio do sogro, o menino, que brincava noutro aposento, veio para o quarto e, notando o relógio que ela segurava, disse:

— Olha o meu relógio!

Agarrou-se ao objeto tenazmente, repetindo que era seu, e foi uma dificuldade convencê-lo a deixar guardá-lo novamente. Depois disso, gostava de mostrar aos parentes e amigos o “seu” relógio. As pessoas da casa asseguram que o relógio ficou na caixa durante cinco anos, desde julho de 1949, quando Reginald o deu a Susan para guardar, segundo instruções do velho George. Asseguram também que jamais conversaram com o menino acerca da história do relógio. Acham ainda que a identificação aconteceu por acaso, pois a senhora Reginald não tinha intenção de mostrá-lo ao menino. Simplesmente “aconteceu” que o menino entrou no quarto no momento exato em que ela estava com o relógio nas mãos, e foi o próprio garoto que tomou a iniciativa de falar, sem que a mãe lhe mostrasse o relógio ou sugerisse qualquer coisa. O prof. Stevenson visitou o Alasca quatro vezes, de 1961 a 1965. Informa que de uns tempos para cá o menino começou a esquecer-se da personalidade de seu avô.<sup>[1]</sup> É um menino normal e aparentemente evita falar sobre o assunto. O professor não pode dizer se o seu retraimento se deve à timidez diante dele ou ao fato de estarem as lembranças mais esmaecidas.

Como em todos os casos que examina, o prof. Stevenson entrevistou várias pessoas relacionadas com os fatos e, depois de relatar o resultado dessas entrevistas, apresenta seus comentários, examinando as hipóteses que poderiam ser invocadas para explicar o caso, além da reencarnação. Uma dessas alternativas seria a simples transmissão genética, dado que o menino nasceu na mesma família em que vivera o avô.

Seria um erro descartar-se da questão como se somente a genética pudesse, na fase atual de conhecimento, explicar todos os seus aspectos. A genética pode apenas indicar a possibilidade de herança de marcas pelas gerações subsequentes. Não contribui, porém, para o nosso entendimento de como, no caso de William George Junior, somente uma criança, em dez na mesma família, teve marcas nos locais onde seu avô as tinha. A reencarnação, para a qual outras evidências não são particularmente fortes neste caso, oferece uma explicação para o fenômeno. Como já foi dito, a genética ajuda à compreensão das similaridades entre membros da mesma família; a reencarnação é a teoria capaz de explicar algumas diferenças entre membros da mesma família. (Páginas 215 e 216.)

Mais abaixo, declara o professor que o defeito na perna que leva o menino a mancar quando caminha é explicado mais satisfatoriamente pela reencarnação.

Esse é o caso de William George Junior, do Alasca.

\*

Vamos ver, a seguir, o caso de Jasbir, da Índia, pelas características especiais que o compõem.

Na primavera de 1954, o menino Jasbir, filho de Sri Girdhari Lal Jat, de Rasulpur, distrito de Muzaffarnagar, Uttar Pradesh, morreu, segundo parece, de varíola. O pai saiu de casa para obter ajuda para o enterro, mas, como já era tarde, aconselharam-no a esperar pelo dia seguinte. O prof. Stevenson esclarece que é costume na Índia cremar os cadáveres, exceto de crianças menores de cinco anos, que costumam ser enterradas. Também as pessoas que morrem de doenças infecciosas são enterradas ou atiradas aos rios.

O pai do menino voltou para casa disposto a esperar pela manhã. Durante a noite, porém, notou que o corpo do menino começava a se mexer até que reviveu completamente. Alguns dias se passaram antes que o menino pudesse falar e algumas semanas decorreram até que se lhe tornou possível expressar-se com clareza. Quando isso aconteceu, demonstrou uma completa modificação de hábitos e de caráter.

Declarou, então, chamar-se Sobha Ram, filho de Shankar, da vila de Vehedi, e que desejava ir para lá. Recusava-se terminantemente a comer qualquer alimento na casa onde estava, porque ele pertencia à classe mais alta, a dos brâmanes. Sua posição diante do problema era tão radical que teria morrido de fome se uma senhora brâmane não tivesse tido a bondade de lhe preparar alguns alimentos de acordo com as normas da sua casta. Durante cerca de ano e meio o menino alimentou-se dessa maneira. Seu pai fornecia à senhora brâmane os ingredientes necessários. Às vezes, porém, a família o enganava, dando-lhe comida feita à maneira das classes mais pobres, e o menino ficava furioso. Ante a pressão da família, no entanto, acabou cedendo e comendo junto com os demais membros da casa. O período de resistência durou cerca de dois anos.

Nesse ínterim, Jasbir comunicava aos pais pormenores de sua vida anterior, na vila de Vehedi. Informou que durante uma festa de casamento, indo de uma vila para outra, comeu alguns doces envenenados e acrescentou que os doces lhe foram dados por um homem que lhe devia certa importância em dinheiro. Ficou tonto e caiu da carruagem em que viajava, sofrendo uma fratura na cabeça, do que veio a falecer algumas horas depois.

O pai do menino, segundo informou ao prof. Stevenson, tentou dissuadir o filho daquelas fantásticas histórias, evitando falar do assunto com quem quer que fosse. A narrativa, porém, acabou por tornar-se do conhecimento público, especialmente sua recusa em comer alimentos que não fossem preparados à maneira brâmane.

Uma senhora brâmane, chamada Shyamo, de Rasulpur, e que se havia casado com Sri Ravi Dutt Sukla, de Vehedi, vinha ocasionalmente — a intervalos de vários anos — a Rasulpur, onde vivia Jasbir. Numa dessas visitas à cidade, em 1957, Jasbir a reconheceu, chamando-lhe “tia”. De volta a Vehedi, ela narrou o incidente à família de seu marido e à família Tyagi. Os pormenores da morte, alegados pelo menino Jasbir, coincidiam com os fatos acontecidos com um jovem de 22 anos, chamado Sobha Ram, filho de Sri Shankar Lal Tyagi, de Vehedi. Sobha Ram morreu em maio de 1954 num acidente de carruagem, tal como narrado por Jasbir. A família Tyagi, no entanto, nada sabia sobre o alegado envenenamento nem sobre

seu devedor. Depois de tomar conhecimento desses fatos, a família passou realmente a suspeitar de morte por envenenamento.

Mais tarde, Ravi Dutt Sukla, marido da Sra. Shyamo, visitou Rasulpur e ouviu os relatos sobre Jasbir e conversou com o menino. Depois, a família de Sobha Ram, inclusive seu pai, foi a Rasulpur visitar o menino, que os reconheceu a todos e os colocou na ordem correta de parentesco. Jasbir foi levado à vila de Vehedi e, ao desembarcar na estação, lhe foi pedido que orientasse os demais até o “quadrângulo” da família Tyagi. Explica o prof. Stevenson, em nota ao pé da página, que as famílias de recursos, na Índia, possuem, além da residência propriamente dita, uma construção com vários cômodos e um terreiro, onde se reúnem os membros masculinos da família, numa espécie de sala de estar ao ar livre. O quadrângulo, às vezes, fica distante da casa de família. Pois bem, Jasbir levou todo o pessoal para o quadrângulo da família Tyagi. Mais tarde, Jasbir foi levado à casa de Ravi Dutt Sukla e, de lá, por um roteiro diferente, soube ir à casa da família Tyagi, onde vivera como Sobha Ram. Permaneceu alguns dias na cidade, onde demonstrou a todos o conhecimento pormenorizado da vida de Sobha e da família Tyagi e seus negócios. Divertiu-se muito e foi com relutância que voltou à vila de Rasulpur, onde vivia agora. Sentia-se isolado em Rasulpur e gostaria de ficar para sempre em Vehedi.

O prof. Stevenson visitou essas duas cidades, em 1961, e lá voltou em 1964, para conferir os fatos que colheira da sua primeira visita, inclusive entrevistando novas pessoas e com novos intérpretes, ou conferindo informações com pessoas que já entrevistara da outra vez. Isso demonstra o cuidado com que conduz o seu trabalho e o interesse em apresentar todos os fatos relacionados com cada caso.

Diz o Dr. Stevenson que, nos demais casos que estudou, “a personalidade anterior morreu alguns anos antes do nascimento da atual personalidade. O intervalo varia, mas a média, nos casos indianos, é de 5 a 10 anos. O caso presente” — continua ele, referindo-se a Jasbir — “possui a característica incomum de a personalidade anterior, com a qual a pessoa ficou identificada, somente ter morrido cerca de três anos e meio *depois* do nascimento do ‘corpo físico da personalidade atual’”. (Grifo e aspas no original, págs. 33 e 34.)

O livro do prof. Stevenson é um repositório precioso de estudos e de informações colhidas com toda a seriedade, a favor de uma nobre doutrina que ele, cautelosamente, ainda considera uma hipótese de trabalho, se bem que a mais viável. (Veremos suas conclusões mais adiante.) Acho, porém — e creio que a maioria dos espíritas conhecedores de Kardec concordará comigo —, que o caso de Jasbir *não se enquadra* na doutrina reencarnacionista. A admiti-la no caso, teríamos que aceitar a hipótese incongruente de que um só Espírito animara dois corpos durante cerca de três anos e meio: o de Sobha Ram, um jovem adulto, e do menino Jasbir, em cidades diferentes e sob diferentes condições de vida. Perguntado a respeito do que lhe acontecera depois que morreu como Sobha Ram, o menino respondeu que, depois de morto, encontrou-se com um Sadhu (homem santo), que o aconselhou a tomar conta do corpo de Jasbir, filho de Girdhari Lal Jat. Em 1964, quando o Dr. Stevenson visitou a Índia, esses acontecimentos já se tinham esmaecido na memória do menino.

Creio que a hipótese de um Espírito abandonar um corpo definitivamente, pela morte, e outro Espírito tomar posse do cadáver e reanimá-lo é também fantástica e altamente improvável. No meu entender, resta uma hipótese: o Espírito de Sobha Ram, recém-desencarnado, conseguiu fascinar o Espírito de Jasbir que, embora *morto*, conservava ainda suas ligações fluídicas com o corpo físico, e juntos empreenderam o processo de reanimação, do qual emergiu a personalidade de Sobha e não a de Jasbir. Mas qual o papel de Jasbir no caso? Trata-se de uma possessão? Acho, de qualquer maneira, que este não pode ser relacionado como um caso de reencarnação. Ao que sabemos, o Espírito somente se liga ao corpo físico através do processo da gestação, em que vai colhendo o material e montando, célula por célula, o seu organismo físico. Espero que algum confrade mais esclarecido tenha sobre o assunto melhor juízo.

O prof. Stevenson escreve as últimas 63 páginas do seu livro para examinar as diferentes hipóteses e concluir seu trabalho. A leitura desse capítulo, que denominou “*General Discussion*” (“*Discussão geral*”), é muito interessante. Uma a uma vai examinando e afastando as hipóteses de fraude, de criptomnésia, de memória genética, de percepção extrassensorial e de personificação. Muito embora algumas dessas hipóteses possam ser aplicadas a alguns casos, não têm elas o caráter de universalidade exigido

pelos critérios científicos; ou seja, não explicam *todos* os fatos. Eliminadas essas, passa o professor às duas hipóteses temíveis da sobrevivência e da reencarnação. Faz uma distinção entre reencarnação e possessão espiritual, apoiado nos melhores textos de Hodgson, Hyslop, Myers, Prince, Osty, Tyrrell, Gabriel Delanne, Flournoy e Ducasse (seu prefaciador). Também a obra de Kardec não lhe é estranha, pois a cita quando reporta os casos de Marta e Paulo Lorenz, os seus dois relatos brasileiros.

Acha ele, na pior hipótese, que os casos autênticos dessa natureza constituem “importante contribuição à evidência em favor da sobrevivência, de vez que não podemos facilmente explicá-las à base da percepção extrassensorial entre os vivos”. (Pág. 318.) Se o fenômeno estivesse escorado na ESP, por que razão então as crianças têm conhecimento paranormal daquela personalidade específica e das que com ela se relacionam e não manifestam essa faculdade em nenhuma outra situação de suas vidas? Por que os pais dessas crianças, que poderiam transmitir-lhes a informação por via telepática ou parapsicológica, não revelam essas faculdades com relação a outras pessoas e a outros acontecimentos?

Examinando reencarnação e possessão, o prof. Stevenson elimina também a possessão, que não explicaria uma série de casos constantes de seus arquivos. Isso nos leva à doutrina da reencarnação, mas o prof. Stevenson ainda não se sente preparado para proclamá-la alto e bom som. Prefere uma conclusão cercada de cuidados, em apoio da sobrevivência do Espírito. Declara que os casos de sua coletânea demonstram que as personalidades atuais apresentam certas características que não podem ter herdado e nem desenvolvido na presente existência. “E, em alguns casos, essas características coincidem com feições correspondentes e específicas de uma personalidade morta e identificável. Em tais casos temos, assim, *em princípio, acredito eu, alguma* evidência em favor da sobrevivência humana após a morte física.” (Grifos meus ao texto original contido nas páginas 353 e 354 da obra citada.)

Compreendemos as cautelas do prof. Ian Stevenson que, em grau maior ou menor, são comuns a todos os cientistas sérios. Já houve progressos significativos na evolução do pensamento acadêmico. Há alguns anos, um professor universitário da categoria do Dr. Stevenson, que se

dedicasse a esses problemas, estaria com sua reputação seriamente ameaçada. Hoje continua sendo um respeitado cientista, interessado num problema grave e que encontra verbas consideráveis à sua disposição. É fácil fazer profecias nestes casos, leitor: a reencarnação vai ser a maior redescoberta deste fim de século e fim de milênio. Estamos cada vez mais perto de proclamar essa verdade de tal maneira conclusiva e com tal segurança que a prova será monolítica, indestrutível. Tenhamos um pouco mais de paciência.

[1] O livro é de 1966.

## Você vive depois da morte

Percorrendo, há algum tempo, uma pilha de *pocket books*, à cata de um *non fiction*, dei com um título curioso: *You Live After Death*, isto é, *Você vive depois da morte*. Embaixo, em letras mais miúdas, um pormenor importante, para chamar a atenção do leitor em perspectiva: “Edição revista, com um novo capítulo: Reencarnação: fato ou fantasia”. O autor é Harold Sherman, sobre o qual nada se esclarece nas notas, mas, ao que se deduz do texto, é escritor ligado à indústria do cinema americano.<sup>[1]</sup>

Mr. Sherman se propõe a oferecer provas da sobrevivência da alma e o faz com relativa segurança, boa argumentação e com a narrativa apurada de algumas experiências pessoais, ponto de partida de suas inquietações espirituais.

Uma das notas internas esclarece ainda que, ao passar a figurar na coleção “Crest Books”, o livro já tivera seis edições. Isso quer dizer que a obra obteve alguma repercussão nos Estados Unidos.

De fato, estão os americanos empenhados, no momento, em deslindar, de uma vez por todas, os problemas do espiritualismo, reencarnação, comércio com o Além, sobrevivência e assuntos correlatos. É bom que assim seja, mas o pesquisador sereno reserva-se o direito de temer pelos resultados, porque as pesquisas e investigações mais sérias vêm sempre misturadas com inevitável ganga de ideias preconcebidas, de uma parte, e do irremovível desejo de tirar resultados práticos, de outra. Aquela, muito humana e explicável, esta, de sabor mais americano.

O interesse nas investigações psíquicas começou a adquirir impulso com a publicação do famoso livro *The Search for Bridey Murphy*, há uns

três anos, talvez. Daí para cá, revistas, jornais e livros estão cheios de fatos psíquicos e, como era de se esperar, muita coisa boa e interessante vem à tona, mas muita distorção também sobrenada esse mar de informação autêntica. Tomado de súbito interesse, o povo se atirou à prática do hipnotismo, buscando repetir e baratear a façanha de Morey Bernstein, que fez uma jovem dona de casa, do estado de Colorado, regredir a uma existência anterior, desenterrando do fundo do passado a personalidade de Bridey Murphy.

\*

Este novo livro, *You Live After Death*, publicado em 1956, surgiu, assim, no vigor da maré montante e, muito naturalmente, procurou abordar, meio à pressa, o tema da reencarnação. Não vamos, porém, antecipar-nos.

\*

Mr. Sherman começa com as costumeiras e ponderáveis objeções às religiões oficiais, que somente admitem o problema da ressurreição, isto é, da sobrevivência, em termos de fé, sem apresentar uma prova, um só fato ou argumento. E ele certamente tem razão. Tem razão em muitos outros pontos, através de seu livro. Na verdade, comecei a grifar algumas passagens que me pareciam mais interessantes e o livro ficou todo riscado.

O autor repete, muitas vezes até com as mesmas palavras, velhos e sólidos argumentos espíritas, conhecidos há um século. Chega mesmo a afirmar que, hoje em dia, a Ciência está oferecendo provas mais concretas da sobrevivência que as próprias igrejas.

Diz ele: “Todas as religiões estão hoje sofrendo severas pressões externas e internas devido ao fato de procurarem agarrar-se a velhos padrões, a velha moral e a velhos conceitos, num mundo que muda rapidamente”. (Pág. 18.) De fato, tudo muda, evolui, vibra de vitalidade; sem mudança não poderia haver progresso. Só a religião tenta, desesperadamente, manter-se estacionária. Deixar de acatar qualquer dos princípios estáticos da religião oficial é expor-se à pecha de blasfemo, é candidatar-se à condenação eterna. Chega-se, dessa forma, à absurda situação de que, em relação aos problemas da vida diária, aos da Ciência, da técnica, dos negócios, de tudo enfim, deve o homem aplicar o melhor de seus esforços, de sua inteligência e raciocínio para resolvê-los da maneira

mais satisfatória. Defrontada, porém, com o vital problema da religião, deve a criatura humana limitar-se aos decretos ditatoriais da dogmática. Nesta simples amostra, vê-se que o autor sabe situar bem suas ideias. Diz ele, ainda, que a obediência cega e impensada à doutrina das igrejas leva a criatura a procurar fora de si o poder espiritual. Não há, pois, necessidade de um desenvolvimento espiritual de dentro, do fundo do ser. A fé é tudo. Mesmo o mais negro pecador, se tiver fé, será perdoado e se salvará.

Tudo isso é pura verdade e mesmo o crente mais obediente das religiões dominantes, lá uma vez ou outra, poderá estar exposto a essas dúvidas razoáveis.

Refere-se, também, o autor, ao apego das igrejas à forma, em detrimento do espírito da doutrina. Amarradas à forma, elas se mantêm imutáveis, mas aprisionam o espírito, negando ao homem o direito divino de se expandir, como lhe é exigido por todos os outros aspectos da sua existência.

Isto conduz ao absurdo de se admitir a salvação somente para aqueles determinados seres presos a esta ou àquela crença ou seita. Como poderia Deus salvar estes, apenas estes, e precipitar todos os demais na perdição?

O autor admite também a pluralidade dos mundos habitados e, por isso, interroga: Como poderia Deus ser justo e bom se apenas permitisse a salvação daquela diminuta parcela da Humanidade que aqui na Terra foi visitada pelo seu filho unigênito? Donde se conclui que outros mundos foram visitados por outros emissários divinos, que pregaram doutrinas condizentes com o estado de adiantamento de cada um.

Reclama o autor contra o exclusivismo das religiões que só admitem santidade e elevação moral dentro de seus próprios domínios. Tudo o mais é brilho falso, são enganos do demônio. Um espírito superior, como o de Gandhi, por exemplo, se sobrepõe ao sectarismo religioso, com o alto padrão de sua vida, de seus ideais e de seus atos.

Passa o autor, em seguida, ao exame do problema da alma, no capítulo “*Do You Possess a Soul?*”. Depois de alguma discussão, apresenta ele suas conclusões, sobre as quais está inabalavelmente convencido: o homem possui poderes espirituais suscetíveis de desenvolvimento; possui uma

alma, ego, identidade, que sobrevive à morte; a existência no Além é real e racional como esta; levamos para a outra vida somente aquilo que desenvolvemos aqui; por fim, e em consequência, todo o nosso atual sistema de vida, educação, pensamento religioso, treinamento moral tem que ser drasticamente mudado para nos permitir o mais amplo desenvolvimento da alma, em preparação para a vida futura.

Até aqui tudo muito bem. Eu peço ao leitor que se fixe especialmente naquele ponto em que ele afirma que levamos para o Além aquilo que conseguimos desenvolver no mundo material. Mais adiante vamos conversar sobre isso.

No capítulo terceiro, “*Evidence of a Spirit Body*” — estuda Mr. Sherman o corpo astral ou perispírito. Está aqui, de fato, a gênese, o núcleo em torno do qual se desenvolveram as ideias do autor até atingir suas conclusões enfeixadas no livro.

Tudo começou com a morte de um irmão de onze anos, quando o autor contava apenas dezesseis. Não pôde ele encontrar, nas religiões existentes, uma explicação racional, nem uma consolação efetiva para a tragédia. E sua pergunta constante — Por quê? Por quê? Por quê? — continuava sem resposta.

Haviam-lhe ensinado que Deus é justo e bom. Sua família frequentava regularmente a igreja; era gente boa e simples; todos cumpriam seus deveres. Como é que Deus decidira abater sumariamente uma criança de onze anos; ceifar uma vida irrealizada, expectante? A conclusão do rapazinho, naquele tempo, foi a de que as pessoas pensavam direito em tudo, menos em matéria de religião, porque as frases que ofereciam, a título de consolo, eram ilógicas, insuficientes.

Foi quando o jovem começou a se interessar pela busca de outras soluções para o problema religioso. Queria pensar com sua cabeça e descobrir, pelo método difícil, penoso, da experimentação e do erro, o que poderia haver por trás de todo o mistério da vida e da morte.

Tal como em numerosos outros casos, a morte do irmão foi, assim, o ponto de partida. Somente mais tarde, porém, iria ele começar a encontrar pelo caminho os fatos que o convenceram, afinal, da iniludível realidade da

sobrevivência. Narra então suas experiências oriundas de fenômenos espontâneos de animismo, com seu amigo David Quinn, que simplesmente *adivinhou* um chamado seu, apenas formulado no íntimo.

Mais tarde, na crise da morte, David apareceu sem sombra de dúvida, por três vezes, junto ao leito do amigo. Ele tem certeza absoluta de que não estava dormindo. Mesmo porque poderia ser sonho da primeira vez. Poderia mesmo sonhar da segunda vez, mas, três vezes, tendo ele consciência nítida da vigília, certo de cada reação, na posse de todos os seus sentidos... Acresce que David Quinn se apresentou, em idênticas circunstâncias e na mesma época — quando preso ao leito — a outra pessoa: Dr. Isobel Macheracker.

Como explicar o fenômeno? — pergunta o autor.

De outra vez, presenciou seu próprio desdobramento, acompanhado de uma premonição. Já estava o autor casado. A esposa tinha saído para fazer compras, em companhia da filha do casal. Ele descansou um pouco, depois do almoço, e acordou com o barulho de chaves na porta da frente. Quis levantar-se para ajudar a esposa com os embrulhos, mas sentiu estranha sensação de paralisia. Alguma coisa, porém, se levantou, porque, de repente, ele se chocou contra a porta do quarto. Olhou para o sofá e ficou absolutamente transtornado: lá estava seu corpo estendido. A experiência era nova e assustadora. Esforçou-se por voltar, a toda pressa, para o corpo, e o conseguiu, em estado de grande confusão mental, tentando recuperar o controle do invólucro físico.

Novamente ouviu o ruído das chaves, tentou levantar-se e o mesmo fenômeno ocorreu: desprende-se, bateu contra a porta e viu o seu vulto estendido no sofá. Novamente o terror de sentir desatado o laço que o prendia à forma física. Mais uma vez lutou para readquirir o controle do corpo e o conseguiu. Estava de tal forma assustado que desistiu de atender a porta. Ainda deitado, ouviu a esposa chegar ao *hall*. Sua filha correu para o rádio, ligou-o e Mr. Sherman reconheceu um trecho de música de *jazz*.

Em seguida levantou-se, ainda muito confuso, e certificou-se de que a esposa e a filha ainda *não* haviam chegado! E o rádio *não* estava ligado! Enquanto se achava de pé, tentando descobrir o sentido de tudo aquilo,

ouviu o ruído das chaves na fechadura. Logo em seguida, entrou a menina, batendo com os pezinhos, ligou o rádio, e o autor, estupefato, ouviu o trecho de música, tudo exatamente como tinha acontecido momentos antes...

\*

De outra vez — e isto é outro capítulo — ele teve oportunidade de verificar fenômeno semelhante com um amigo. Também este amigo se apresentava em seu corpo perispiritual enquanto recolhido em casa. No fenômeno narrado — sobre o qual o autor possui documentos, provas testemunhais — o amigo se apresenta, deixa mensagem com um terceiro, na presença de outra pessoa.

No capítulo seguinte demora-se o autor no exame do complexo problema da natureza da alma. Vamos saltar este, para encurtar a exposição e ver mais de perto o capítulo seguinte, que cuida, exatamente, da reencarnação.

É esta a seção intercalada para a presente edição. Quis o autor pronunciar-se mais extensivamente sobre o assunto, provavelmente em vista da grande celeuma levantada em torno do tema. Aqui e acolá, através do livro, Mr. Sherman havia lançado duas ou três proposições contrárias à teoria reencarnacionista. Examinando melhor o problema, no novo capítulo, expõe ele suas razões, decidindo-se, afinal, pela inviabilidade da teoria.

Esse capítulo — à parte alguns deslizes perdoáveis em outros pontos do livro — é o calcanhar de aquiles da razoável obra de Mr. Sherman. A reencarnação é sumariamente afastada das cogitações do autor, que a situa — com simplismo de pasmar um pensador tão lúcido e racional — como uma espécie de crença de consolação, aceita por milhões de seres em países como a Índia, onde as consequências das diferenças de casta são demasiado chocantes.

A reencarnação teria então, e só nesse caso, a finalidade de consolar: nascer numa casta inferior seria penalidade, à qual todos se devem submeter, para expiar crimes anteriores.

De maneira tão ligeira quanto essa, passa o autor por sobre o fenômeno de regressão da memória. Afirma que essas demonstrações não constituem prova positiva da reencarnação. Talvez não, nos casos que ele conheceu.

Acontece que a reencarnação não se prova *apenas* pelo fenômeno de regressão da memória. Existem fatos, argumentos filosóficos, morais e religiosos, amplamente discutidos e inatacáveis. Acresce que recai o autor no engano tão comum naqueles que desejam, a todo custo, combater certos princípios dos quais não se acham convencidos: desenvolvem complicadíssimas e improváveis hipóteses — insustentáveis, absurdas, ridículas e incomparavelmente mais difíceis do que a solução autêntica, que tudo explica, justifica e suporta o teste duro de esclarecer os fatos observados.

A teoria da reencarnação não está mais em regime de provas ou de verificação. Os fatos estão em toda parte, para quem quiser ver. A explicação é simples, racional, provada, lógica. Mas, como o ônus da prova pertence a quem acusa, sente-se o autor na obrigação de enfileirar argumentos contrários à explicação correta que é o reencarnacionismo. E vem com todas aquelas conhecidas histórias de telepatia, subconsciente do hipnotizador e um fenomenal poder criador da mente humana que poderá fazer tudo quanto queira. Parece que nunca ouviu falar em Aksakof, que reduziu a nada as maçantes teorias do Dr. Hartmann, que também teve a veleidade de querer explicar tudo por intermédio da força nervosa e da alucinação.

Cita Mr. Sherman o caso de um *reencarnation party*, uma reunião social para cuidar da reencarnação, em que quatro Cleópatras apareceram e se “reencarnaram” em quatro mulheres ao mesmo tempo. Aqui demonstra o autor completo desconhecimento do fenômeno. Primeiro que não se trata de reencarnações. Segundo que ele não esclarece se o fenômeno foi obtido por intermédio do hipnotismo ou se houve uma sessão propriamente dita, com auxílio de médiuns treinados. O certo é que — segundo se depreende — o fato se passou em ambiente de *party*, provavelmente acompanhado de alguns drinks, entre pessoas interessadas apenas em se divertirem, sem preparo, sem conhecimento mínimo que a seriedade da matéria exige. Convenhamos que é muito pouco para atirar ao lixo uma teoria fortemente escudada em fatos, como a da reencarnação.

Continua o autor dizendo que a natural vaidade humana gosta de se fazer passar por personagens célebres. Seria uma compensação para pessoas

que hoje nada são mais que John Smith ou Mary Doe, passarem por ex-Sócrates ou Maria Antonieta. Por isso, a ideia da reencarnação é tão atraente, conclui ele.

Expõe, então, suas próprias ideias sobre o assunto. Está convencido de que nós vivemos anteriormente, de alguma forma, no mínimo como uma ideia na mente incompreensível de Deus, o Grande Criador. Mas daí a admitir que a gente pode recordar-se de uma vida anterior, vai muito chão. E vai mesmo, convenhamos, se a reencarnação precisasse apenas disso para se estabelecer como verdade comprovada. Diga-se de passagem, não obstante, que exatamente sob hipnotismo foram obtidos fatos de absoluta autenticidade comprovados por investigações posteriores. Ainda recentemente, publicava o *Reformador* o histórico caso Shânti, em que o hipnotismo não foi necessário: a moça se recorda nitidamente da existência anterior e deu disso provas incontestáveis.

Mas deixemos Mr. Sherman falar um pouco mais.

Acha ele que nosso corpo físico evoluiu de *formas mais baixas de seres*. Passamos por incontáveis gradações de vida até chegar ao que somos hoje. Neste planeta, a inteligência, então, encontrou-se a si mesma e afirmou: “Eu sou eu”. A identidade ficou, assim, conscientemente estabelecida. Essa criatura teria vagas e fragmentárias impressões de ter vivido antes, de certa forma, mas não as poderia especificar, desde que, pela primeira vez, nesta vida terrena, adquiriu consciência. Mal adquiriu esse dom supremo, já contempla o futuro ilimitado no horizonte infinito. Singular evolução, feita aos saltos: apenas saído da longa noite da inconsciência, já o homem se sente com forças para alçar-se a novos e mais elevados planetas. Descobre o mundo, suas maravilhas e levanta as mãos para alcançar as mãos de Deus que o fez. Tudo quanto precisa para seu desenvolvimento está aqui no planeta — basta lançar-se à aventura da vida. Sendo assim, pergunta o autor, qual a necessidade da reencarnação?

Na sua hipótese, seria suficiente nascimento, morte e nascimento outra vez. Como? Em outros mundos, explica o autor. O homem, assim, passaria só uma vez pela Terra e renasceria alhures, em corpos mais aperfeiçoados, em mundos mais adiantados, conservando sempre sua identidade, aproveitando sempre a experiência do passado.

Ao renascer, em outro planeta, o homem recebe um novo e aperfeiçoado instrumento e continua sua evolução. Numa ligeira pausa, poderemos com facilidade colocar às claras a fragilidade da teoria de Mr. Sherman. Como explicaria ele as diferenças de estado evolutivo neste planeta em que vivemos? Se ao renascer alhures, recebe o homem um instrumento mais aperfeiçoado, e se o homem passa apenas uma vez pela Terra, para onde iriam os Espíritos desencarnados desses milhões de seres que ainda vivem tão perto da animalidade, muitos por ignorância inocente, outros por certa maldade intrínseca, da qual ainda não se desembaraçaram? De que serviria ao ser primitivo um corpo mais desmaterializado, um instrumento mais perfeito, um ambiente mais evoluído, numa vida futura, se não está ele em condições espirituais, psicológicas e morais de utilizar esse ambiente, esse corpo, esse instrumento? A Natureza não dá saltos, Mr. Sherman. Não seria racional arrancar um ser humano das profundezas da animalidade e lançá-lo, de chofre, num mundo superior, onde até o corpo da criatura se movimenta dentro de novas vibrações e dispõe de mecanismo mais apurado para manifestação da vontade e da inteligência.

O próprio Mr. Sherman, aliás, reconhece que o Espírito é que possui o corpo, e não o inverso. Admitindo-se que o corpo é dono do Espírito, ter-se-ia que aceitar a consequência lógica: de que o Espírito morre com o corpo, o que é absurdo. Como poderia então o Espírito ainda rudimentar, embrutecido, do silvícola (e do criminoso), passar a habitar um corpo em desacordo flagrante com seu desenvolvimento espiritual? Além do mais — e aqui recorro ao leitor o lembrete do princípio —, se levamos para o Além apenas o que adquirimos aqui, os mundos superiores seriam cópias fiéis deste nosso, tão pobre, cheio de erros, de imperfeições, mergulhados que estamos em constantes sofrimentos físicos e morais.

Mr. Sherman não esclarece esses pontos. Admite, porém, que certos Espíritos altamente desenvolvidos, desejando retornar em missão de serviço, reencarnem em corpos terrestres, mas não aceita a generalização da hipótese. Segundo o autor, os casos de reencarnação, devidamente comprovados, seriam meras *obsessões*. Curiosa explicação, na verdade, e sobre a qual não nos fornece, lamentavelmente, outros pormenores.

E, assim, passa ele rapidamente sobre a importante teoria da reencarnação.

No capítulo seguinte, retoma a narrativa de suas experiências pessoais, pisando novamente terreno mais familiar ao seu conhecimento.

Muitos de seus conselhos são, de fato, precisos e poderiam ser subscritos por autores espíritas. Como, por exemplo, quando afirma que Deus a ninguém obriga obedecer suas leis: apenas convida. “O homem está constantemente a punir-se pela deliberada desobediência a essas leis.” E além: “...quanto mais avançado seu estágio evolutivo, tanto maior sua responsabilidade em relação aos menos afortunados”. (Pág. 96.)

Alinha alguns conselhos filosóficos e religiosos, insistindo, mais uma vez, no ponto em que — em sua opinião — falhou a religião:

A religião não está reformando o mundo. A verdade nua e crua deve ser encarada: a religião, hoje em dia, está separada em campos armados, seja a favor seja contra outra seita ou culto e a batalha mortífera é dirigida no sentido de preservar uma fé, à custa de outra. (Pág. 97.)

Volta o autor, de passagem, à *sua* ideia da reencarnação, para afirmar que a elevação do Espírito a um mundo superior compensaria a desvantagem ocasional de termos nascido *vítimas inocentes* (lá se vai sua conceituação de responsabilidade pelos atos cometidos) de certas localizações. Toda a monumental e inatacável teoria da reencarnação ficaria, assim, reduzida a um problema de localização, de geografia... E não se esqueçam de que o próprio autor, páginas atrás, dizia que o homem se pune pela desobediência das Leis Divinas. Por conseguinte, não há vítimas inocentes...

\*

Suas críticas mais objetivas são as que se dirigem contra as religiões organizadas. Ataca com lucidez a deprimente ideia de que o homem nasce necessariamente em estado de pecado. Critica a pecha de pecado que se lançou, como um anátema, à sublime função sexual, eminentemente criadora. Como poderá tal criatura, nascida com esse estigma, aspirar às alturas? Até os casais, normalmente constituídos e exercendo a sagrada

função criadora, outorgada por Deus, sentem-se em condições muito inferiores aos que, movidos por escrúpulos religiosos, se mantêm em estado de celibato. O contrassenso é evidente, pois que, se todos se conservassem celibatários, para onde iria a raça humana? A julgar pela concepção ortodoxa do pecado, seria impossível nascer, da união pura de homem e mulher, seres mais evoluídos. A “religião deveria estimular a crítica construtiva, sem receio de ser destruída. A fé não deveria temer a investigação — ou, então, não é suficientemente forte”. (Pág. 107.)

E ainda: “Cristo não fundou uma religião... elas foram fundadas com base em seus ensinamentos, em torno dele, após sua morte...”. (Pág. 108.) Inúmeros outros conceitos desse livro eu gostaria de comentar com o paciente leitor, mas receio alongar-me demais. Seja-me permitido acrescentar, ainda, que não faltam ao livro alguns capítulos essencialmente práticos, tipo “como fazer isto ou aquilo”, muito do paladar dos nossos eficientes irmãos do Norte. Exemplo: “How to Prepare for a Future Life”, “How to Face Death”.

Em suma, *You Live After Death* é um livro que se lê com grande proveito, e para muita gente poderá ser a chave de um novo *approach* (para usar uma palavra da moda), não só ao problema da sobrevivência, como também ao da própria transformação interior. Sem dúvida que o autor é muito mais seguro nos pontos em que se fixou nas experiências pessoais. Seu raciocínio é mais do tipo objetivo que do tipo intuitivo-subjetivo, e sua lógica às vezes o trai lamentavelmente. A prova está em que, saindo da órbita dos fatos que ele próprio testemunhou e sobre os quais meditou maduramente, envereda pelas mais absurdas e contraditórias teorias, como no caso da reencarnação. Teria sido melhor que o livro ficasse mesmo sem esse capítulo, pois, assim, não sacrificaria tanto sua unidade e impacto.

É pena que, estando tão perto da resposta certa, ele tenha apresentado conclusões falsas. Lá chegará ele, um dia, com a graça de Deus.

[1] O artigo é de setembro de 1958.

## Universalidade da realidade espiritual

A história mais repetida e estranhamente a mais ignorada do mundo é a da continuidade da vida após a morte. Nenhum outro aspecto do conhecimento humano tem sido tão repisado e, conseqüentemente, tão combatido como os depoimentos acerca da sobrevivência do espírito. Se fosse possível empilhar num só lugar todos os relatos escritos para demonstrar essa verdade elementar, teríamos uma verdadeira montanha. É bem claro que ao lado dessa se ergueria outra, produzida por aqueles que desejam “provar” o contrário, ou seja, que o espírito não existe e que, portanto, não pode sobreviver à morte do corpo físico.

Muitas tentativas de demonstrar a realidade do espírito falham porque os autores do relato não sabem expor os seus casos, ou se têm condições, digamos, artesanais para transferir o pensamento ao papel, não têm uma boa concepção do problema como um todo e se perdem ao procurar transmiti-lo ao leitor.

Os problemas nesta área são inúmeros. Se o depoimento é de um espírita, o leitor cético ou descrente toma-o com todas as reservas possíveis, porque parte do princípio de que o autor é parcial ou está despreparado para a observação fria dos fenômenos. Se o autor é ligado a alguma religião ortodoxa, sua visão é deformada pelos seus dogmas e preconceitos. Se é exageradamente místico, envolve sua mensagem em símbolos, em visões e em frases obscuras, que a tornam incompreensível.

É, pois, uma satisfação encontrar um livro sério e de ideias bem dosadas como este *Telephone Between Worlds*, escrito por James Crenshaw, jornalista profissional dos bons. Uma pena que, pelo menos aqui no Brasil, ao que eu saiba, o livro tenha passado despercebido. Vê-se pelas indicações

impressas que a obra alcançou bastante êxito nos Estados Unidos, de vez que teve duas edições em 1950, uma em 1952 e outra em 1953, pelos editores DeVorss, de Los Angeles.

*Telephone Between Worlds (Telefone entre mundos)* nos traz, mais uma vez, a comprovação do princípio da universalidade dos ensinamentos espirituais a que aludia Kardec. Em outras palavras: sempre que a fonte das comunicações é boa e segura, os ensinamentos transmitidos são concordantes e de elevado teor moral e doutrinário.

Ao escrever o seu livro, Crenshaw era repórter veterano, com mais de 25 anos de experiência na grande imprensa americana, onde conquistou lugar de relevo e respeito pela sua acuidade intelectual e probidade profissional. Desde 1935 vinha coletando dados acerca dos fenômenos psíquicos, estudando com atenção e espírito crítico a mediunidade de um jovem chamado Richard Zenor. Crenshaw também acha, como seu eminente colega inglês Hannen Swaffer, que a maior notícia da nossa época é a da sobrevivência do espírito.

\*

Seu livro começa com a observação de que “costumava ser socialmente inaceitável para qualquer pessoa demonstrar interesse nítido ou sério pelos fenômenos psíquicos ou pela teoria da comunicação entre este mundo e o mundo póstumo”.

Tenho minhas dúvidas de que essa restrição social tenha desaparecido, pelo menos nos Estados Unidos, ainda hoje. É certo que ninguém vai prender ninguém por acreditar em Espíritos, nem vai botar na cadeia ou no sanatório os que manifestarem a convicção de que a vida continua depois da morte. É inegável, porém, que em círculos sofisticados da sociedade o homem convicto da realidade espiritual ainda é uma espécie de raridade. Muitos julgam difícil admitir um bom profissional ou um vitorioso homem de negócios que também creia nos Espíritos e com eles mantenha excelentes relações de amizade. As coisas para a pessoa despreparada parecem irreconciliáveis: um bom médico espírita, um rico banqueiro espírita, uma mulher de sociedade espírita, ou jovem universitário espírita. No entanto, estes são os pioneiros de uma nova era que vem por aí, pois não existe a menor incompatibilidade em conseguir conciliar o sucesso

profissional, do ponto de vista humano, com a certeza de que a vida continua após a morte. Pelo contrário: a luta pela vida entre os homens adquire um sentido e uma razão de ser, assume uma nova perspectiva quando a colocamos no contexto da imortalidade do ser. Não precisamos renunciar às nossas crenças para alcançar êxito profissional; antes pelo contrário, nossas crenças, quando bem escoradas na Doutrina Espírita, nos dão todos os elementos de que necessitamos para um equilíbrio lógico e racional entre os problemas humanos e os espirituais.

Dessa forma, embora Crenshaw coloque no passado as restrições sociais feitas aos que aceitam a realidade póstuma, preenche algumas páginas para explicar-se perante o público leitor, dizendo, entre outras coisas, que tem sido durante a maior parte de sua vida um repórter, para o qual são importantes a precisão e a simplicidade do relato. Espera ele — escreve à página XIV da Introdução — que tais características não tenham ficado submergidas apenas porque o assunto agora é o fenômeno psíquico. Reconhece, no entanto, a dificuldade em vazar em palavras pensamentos que realmente se situam além de qualquer forma verbal. “As palavras” — anota ele com grande elegância e precisão — “são, pela sua própria natureza, símbolos relativos e ambíguos das nossas ilusões locais, e não expressões universais de uma ilimitada realidade.”

Por outro lado, a aceitação do fenômeno psíquico para muita gente depende ainda do pronunciamento de uma autoridade científica ou religiosa que o confirme, pois nos acostumamos a pensar dentro das trilhas habituais, ignorando as verdades não reconhecidas, que para muitos simplesmente não existem. “Um comandante militar que partisse do princípio de que nenhuma nova tática ou mecanismo bélico precisasse ser considerado, a não ser aqueles que constam dos seus livros técnicos, certamente iria ao encontro do desastre.” (Pág. XV.)

O que, acima de tudo, me parece notável neste livro de James Crenshaw é que ele não se limita a estudar a mediunidade de Richard Zenor, ou seja, os fenômenos, as múltiplas facetas das suas faculdades, o que seria muito natural num repórter que, nesse caso, estaria apenas interessado nos fatos, para contar a história de um médium aos seus leitores. Crenshaw deseja muito mais do que isso. Tanto que o seu livro não é a

história do médium Richard Zenor, e sim o estudo criterioso e inteligente de uma mensagem espiritual de elevado teor transmitida por meio de Zenor.

É evidente que, para chegar ao ponto de confiar na segurança dessa mensagem, o autor procurou certificar-se da autenticidade do instrumento mediúnico. A investigação não exclui esses cuidados; ao contrário, se apoia neles. Durante cerca de 12 anos examinou com muita atenção o seu médium. Chegou mesmo a viver em sua companhia durante um ano, para observá-lo melhor, tendo chegado “a conhecer sua personalidade, perfeitamente distinta das personalidades que se manifestam através de sua mediunidade...”.

Não deixa de acrescentar, também, que nenhum de nós, nem mesmo os elevados Espíritos que se manifestam em Zenor, somos a fonte final da verdade, uma atitude sensata e plenamente aceitável por aqueles de nós que estudam a Doutrina. Ainda há pouco falávamos em universalidade e este é um ponto que nunca cessou de me impressionar ao longo de todos estes anos que venho dedicando ao estudo do Espiritismo. Tal como Kardec dizia, os Espíritos esclarecidos apresentam sempre a mesma versão da vida espiritual, a mesma concepção do Universo, a mesma visão grandiosa de Deus, a mesma admiração terna e respeitosa pelos ensinamentos de Jesus. Ainda que essas concepções venham às vezes coloridas suavemente por nuances pessoais, é fácil encontrar nelas a substância de uma realidade superior que se confirma na repetição, ainda que seus aspectos possam apresentar-se de maneira tão variada. Na verdade, a repetição é apenas aparente, porque todos os grandes Espíritos nos vêm falar da mesma realidade, mas cada um deles traz uma versão diferente, concordante sem ser igual. Isto nos dá uma pálida ideia da grandeza imensa da Criação, do maravilhoso e perfeitíssimo mecanismo das suas leis, de quanto ainda precisamos crescer espiritualmente para conseguir absorver um pouquinho mais dessas verdades divinas que nos cercam, que nos guiam, que nos esperam. Como é pequeno o ser humano e, ao mesmo tempo, como é grande, quase imenso, nas suas potencialidades de inteligência e de amor.

Os caminhos estão abertos diante de nós. O que nos falta é um pouco de humildade intelectual. “O caminho” — diz Crenshaw à página XVI —, “pode tornar-se agradável e alegre se ouvirmos com atenção o conselho

daqueles que nos precederam.” O problema é que nós achamos que não precisamos de ajuda porque somos muito sábios e competentes.

\*

Permita-me o leitor uma digressão. Ainda há pouco, uma revista de grande tiragem anunciava a nova concepção dos cientistas acerca da criação do mundo. Segundo a revista, para os existencialistas “este assunto é uma tranquilidade, mas para os espiritualistas é a negação absoluta”. (*Manchete* de 16-12-1972.) Analisemos, porém, o problema. Imaginou-se, a princípio, que as galáxias, como as estrelas, tivessem surgido “da concentração do gás primitivo de hidrogênio por efeito da gravidade”. A questão é que os cálculos não confirmaram essa hipótese, levando a uma “dificuldade imprevista”. Para encurtar a história algo complexa, chegaram os craques da Ciência à conclusão de que as galáxias somente poderiam ter sido formadas “se já estivessem *pré-formadas*, *pré-desenhadas* ou *pré-planejadas* na matéria”. Veja o leitor como eles passam perto da verdade e não a veem. Saem então para especulações meramente materialistas, porque não estão preparados para admitir que *um poder superior criou aqueles moldes*, aquelas matrizes, aqueles campos magnéticos dentro dos quais as galáxias se organizaram. É verdade, sim, como suspeitam, que as galáxias estavam *pré-formadas*, *pré-desenhadas*, *pré-planejadas*; mas *quem* as formou, desenhou ou planejou? Dizer que se encontravam *pré-formadas* com antimatéria não explica coisa alguma; é apenas um artifício, porque restaria a insistente pergunta: *Quem* as formou com a antimatéria?

\*

Voltemos ao livro de Crenshaw. Diz ele, já agora iniciando a narrativa propriamente dita, que Thomas Edison andou realizando experiências, tentando estabelecer comunicação entre o mundo material e o póstumo por meio de um mecanismo que ele esperava descobrir e aperfeiçoar. A ideia é a de que a diferença entre esses dois mundos é uma questão de grau e não de espécie. Ou por outra, os dois mundos são fundamentalmente a mesma coisa em estágios vibratórios diferentes, o que está confirmado na Doutrina Espírita. Dessa forma, a ideia de criar um sistema de comunicação entre inteligências situadas em diferentes graus de consciência não parece a muitos pensadores coisa absurda.

A minha dúvida somente está na maneira pela qual esse aparelho seria utilizado. Numa civilização materialista e imediatista como aquela em que vive hoje o mundo, um método de comunicação instrumental entre Espíritos encarnados e desencarnados traria um impacto perturbador de consequências imprevisíveis. A primeira coisa a esperar-se haveria de ser uma Companhia Telefônica do Além, com toda uma estrutura empresarial e até ações em Bolsa, e a óbvia conclusão de “ telefonemas” ou comunicações pagas através de um monopólio multinacional. Não creio que a Humanidade tenha preparo espiritual para isso. Por outro lado, dizem-nos os Espíritos que no futuro os dois mundos ficarão praticamente fundidos num só, à medida que o homem for se elevando na sua escalada espiritual. Assim sendo, esperemos que a facilidade de comunicação entre os dois mundos venha naturalmente, no contexto da evolução espiritual, em vez de surgir de uma engenhoca eletrônica a que dariam provavelmente o nome de *espiritofone*.

O certo é que no estágio atual da população da Terra — encarnada e desencarnada — é bom que o médium humano seja o único instrumento disponível. Com todas as suas imperfeições e limitações, ou por causa delas mesmo, o médium vem servindo melhor do que qualquer industrialização da mediunidade, ideia que nos assusta um pouco.

Richard Zenor é um desses instrumentos humanos de comunicação, um telefone entre dois mundos. Desde os quatro anos tinha visões e contatos com seus companheiros invisíveis aos demais membros de sua família. Mais tarde, começou a cair num estado semelhante ao coma, que nada mais era que um transe profundo, do qual acabava por despertar. Sua mãe, porém, bastante compreensiva para esses aspectos da personalidade do filho, sabia que os fenômenos resultavam de um estado psíquico especial e não de uma psicose. Em vez de punir o garoto ou interná-lo numa instituição inadequada, levou-o a um grupo mediúnico, no qual ele começou imediatamente a se evidenciar como médium de voz direta. Logo em seguida, outras formas de mediunidade se desenvolveram em Richard, como materialização, levitação e transporte. Sua irmã encontrou, certa vez, ao lado do menino, a forma humana de um amigo “morto”, completamente materializado. De outra vez, seu pai foi salvo de uma explosão numa mina, porque o garoto teve a visão antecipada do acidente. Ficou também

registrada, desde cedo, sua faculdade de deslocar-se para fora do corpo físico e ir a distância observar coisas e pessoas.

Ao cabo de algum tempo, os Espíritos iniciaram com o menino o processo de manifestação por incorporação ou psicofonia, na terminologia espírita. Esses seres revelavam inteligência e maturidade espiritual muito acima do que seria de se esperar de uma criança da idade de Richard, que, inclusive, discorria em línguas que desconhecia por completo. Na verdade, Richard, no estado de vigília, jamais falou outra língua que não fosse o inglês. Para os que não estão acostumados às manifestações mediúnicas, é de fato curioso verificar, como muitos o fizeram, que as vozes que usavam suas cordas vocais e seus lábios para falar referiam-se a ele na terceira pessoa: “o menino”, “as mãos do menino”, e outras expressões desse tipo. O que se afigura perfeitamente lógico para aqueles que estão habituados ao fenômeno é motivo de espanto para os que tomam com ele os primeiros contatos.

Essa delimitação entre a personalidade de Zenor e as de seus manifestantes é sempre extremamente nítida e bem marcada. Para ilustrar a afirmativa, o autor do livro conta dois episódios interessantes. O primeiro é o do casamento do médium. Uma jovem viúva o procurou para tentar uma comunicação com o “falecido” marido, um certo Mr. Turner. Este compareceu e conversou com ela de modo a não deixar dúvida acerca da sua identidade, pelo conhecimento que revelou de pormenores dos negócios de família. Aliás, logo de início, ele observou que, segundo via, ela acabara por comprar mesmo aquele colar de contas de que ele não gostava.

A Sra. Turner voltou a falar com o Espírito de seu marido outras vezes, mas, pouco a pouco e com muita habilidade, ele foi deixando de dar conselhos de ordem material, porque certamente entendia que a responsabilidade de cuidar desses aspectos cabia a ela, exclusivamente. Mais tarde, quando se desenvolveu entre o médium e a viúva um sentimento mais profundo de afeição e decidiram se casar, o Espírito do ex-marido tomou uma atitude que o autor chama em inglês de *unthinkable*, ou seja, inadmissível no mundo material, mas perfeitamente lógica para ele:

— Estou satisfeito. Agora que há quem tome conta de você, posso seguir em frente.

O outro incidente ocorreu em 1943. A residência do casal — já se haviam casado Richard e a antiga Sra. Turner — pegou fogo e eles lutaram para extinguir as chamas com uma dessas mangueiras de regar jardim, tudo isso sem perderem o fio de uma complicada discussão metafísica. Como é que os seus guias espirituais, que lhes haviam tantas vezes prometido ajuda, não podiam proteger o lar em que viviam?

As razões podem ser muitas e as explicações também. O fogo, afinal de contas, não destruiu a casa, pois acabou dominado, o que pode ter sido um sinal de proteção espiritual. Por outro lado, os Espíritos não tiram as dificuldades do nosso caminho, o que seria o mesmo que nos mandarem para a escola e resolverem todos os problemas e exercícios por nós. Acresce ainda que, como criaturas imperfeitas que somos, vivemos num mundo imperfeito, sujeitos às suas inevitáveis mazelas. Esses episódios, no entanto, revelam, acima de tudo, a perfeita separação das personalidades. A despeito das palavras de profunda sabedoria que por seu intermédio eram pronunciadas, a personalidade de Richard Zenor era inteiramente diversa da daqueles que se manifestavam nele. Zenor estava “sujeito aos mesmos erros filosóficos e enganos que nos perseguem a todos”.

\*

A mediunidade de Zenor é tranquila. “Qualquer pessoa, ao observar a mudança de Richard Zenor do seu papel de ser humano normal” — escreve Crenshaw — “para o de instrumento de comunicação, nada veria de muito espetacular. Ele se senta de modo descontraído numa cadeira, fecha os olhos, concentra-se por alguns momentos e parece cair num sono profundo. Isso é tudo, exceto que os médicos têm observado que seu pulso e as batidas do coração param por um segundo ou dois no momento preciso da mudança, enquanto algumas outras alterações também são notadas.” (Pág. 13.)

Daí em diante, a personalidade manifestante é inteiramente distinta da personalidade do médium. Se é o Espírito um chinês, lá estarão os gestos típicos, as mesuras facilmente reconhecíveis por aqueles que estão familiarizados com essas expressões. Igualmente autênticos são os maneirismos de um sacerdote tibetano, de um místico hindu, de um índio

americano, ou de um soldado russo, ou de qualquer outra personalidade, cada uma apresentando-se com a sua maneira de ser.

\*

Do capítulo terceiro em diante, iniciado à página 32, o livro se dedica mais a relatar a filosofia e os ensinamentos que decorrem das manifestações dos Espíritos por meio da mediunidade de Richard Zenor. Quanto ao mundo espiritual, diz o autor, não pode ser em essência muito diferente do nosso, porque é formado de pessoas que foram daqui para lá. Por um tempo mais longo ou mais breve, tais pessoas conservam os hábitos mentais que levaram daqui. “Têm as mesmas preferências e antipatias, os mesmos preconceitos e aversões, os mesmos apetites e limitações e, com frequência, as mesmas ocupações e, mais frequentemente ainda, a mesma religião.”

É necessário, pois, adverte Crenshaw, evitar o erro de supor que a gente se torna dono de toda a verdade simplesmente porque deixou o mundo físico pelo mundo espiritual. “Alguns têm mais autoridade que outros. Alguns são mais descritivos que outros. Alguns são mais genéricos, outros mais específicos e particularizados. Alguns são afetados por superstições e tradições locais.”

Os próprios Espíritos não pretendem possuir toda a sabedoria e conhecimento; muitos, no entanto, têm das leis naturais e da natureza do Universo uma visão muito mais ampla do que aqueles que se acham ainda demasiadamente presos aos esquemas terrenos.

De acordo com o ensino desses Espíritos mais esclarecidos, a consciência divina, fonte da sabedoria total, está presente em todas as esferas. Essa luz, que parece emanar de um foco central, se filtra por todo o Universo, e inúmeros Espíritos nos ajudam a dispersar os empecilhos que nos separam dessa imensa fonte de amor e paz, mas cabe a cada um de nós o trabalho de realizar em nós as condições que nos permitam caminhar no sentido de um progressivo entendimento.

Nos “planos” espirituais imediatamente ligados à Terra, as condições são ainda mais próximas e há aspectos mecânicos e materiais que no Brasil se tornaram conhecidos e familiares por meio dos livros de André Luiz. “Há regiões purgatoriais, densamente habitadas por indivíduos ainda obcecados

pelas suas preocupações terrenas e que recriam réplicas dos seus próprios estados mentais e vivem e sofrem nesses estados. Os frustrados, os arrependidos, os que vivem com fobias, os que se preocupam demais, os odientos, os que buscam vingança e os desiludidos, todos esses constroem seus próprios mundos à parte...” “Por exemplo, o assassino esmagado pelo remorso cria sua própria punição, aprisionando-se em suas formas-pensamento, que podem ser uma constante reapresentação do seu crime ou uma completa e vívida exibição de quadros mentais de seus piores temores de punição adequada. Em outro caso, uma mulher longamente preocupada com o horror de ficar velha pode encontrar-se numa atmosfera de velhice e decadência, com sua própria imagem constantemente reproduzida diante de si mesma, mostrando sua beleza transformando-se em feiura.”

Esses pobres infelizes, porém, não estão sendo punidos por Deus, mas por si mesmos. “E sempre a punição corresponde exatamente ao crime, porque eles próprios se julgaram a si mesmos, pelo estado de suas consciências, que os prende na aura infernal de seus erros, enganos ou frustrações, até que o peso da sua experiência possa ser absorvido e eles possam mover-se novamente na direção da luz. O princípio é o mesmo tanto na Terra como acima dela, pois sabemos que a substância dos nossos pensamentos é que compõe os nossos mundos íntimos, desde o estado de felicidade ao de desespero, na medida em que decidimos livremente, pelo nosso aprendizado e compreensão, realizar o que desejamos.”

\*

Por meio da mediunidade de Richard Zenor operam vários Espíritos incumbidos de diferentes tarefas, além dos que se manifestam ocasionalmente para transmitir mensagens a um parente ou amigo encarnado. Um desses guias espirituais, dono de uma sabedoria tranquila e intemporal, deu o nome de Agasha. Viveu sua última existência — a doutrina exposta no livro é reencarnacionista — há cerca de 7.000 anos na região que hoje é conhecida pelo nome de Egito. Agasha declara ter sido ali dirigente religioso e espiritual de um pequeno grupo humano. Segundo ele conta, havia uma grande rivalidade entre a população que habitava o Vale do Nilo e a que vivia no Delta, não apenas por motivo de ordem religiosa como política. Até mesmo lutas armadas ocorreram entre essas facções. Como chefe de um dos muitos grupamentos humanos de então, Agasha

percebeu a inutilidade e a estupidez das desavenças e tomou a iniciativa de organizar uma espécie de Nações Unidas do Egito, conseguindo congregar 37 governos independentes numa federação. Como esses homens representavam comunidades onde prevaleciam diversificadas ideias religiosas, foi necessário fundir essas crenças num único sistema religioso e filosófico aceitável a todos. A tarefa, que parecia impossível, foi realizada através de uma síntese que admitia a existência de um Espírito Universal (Deus) e a mesma oportunidade de evolução para o indivíduo, à medida que cada um procurasse harmonizar-se com aquele Espírito. Era praticada, também, a comunicação com seres mais evoluídos do mundo espiritual.

Agasha foi o líder dessa nova teocracia, e por seu intermédio — mediunidade, talvez — foi possível entrar em contato com um elevado mestre espiritual, que transmitia seus ensinamentos. Um desses guias espirituais chamava-se Amon e, mais tarde, com a corrupção e decadência religiosa que se implantou no Egito, passou a ser adorado como deus, completamente fora do contexto inicial de sua pregação.

Naturalmente, a história de Agasha não pôde ser comprovada por meio de documentos históricos; diz ele, porém, que em futuro relativamente próximo serão descobertos relatos que comprovam e detalham a unificação de seitas a que ele se refere. Acrescenta mesmo que uma placa comemorativa e simbólica da união das 37 seitas, contendo o desenho de uma pirâmide, seria descoberta não muito longe do Cairo e não muito distante das principais pirâmides egípcias. Informa ainda Agasha que uma das principais figuras no esquema dessa descoberta será um egípcio rico e influente, que naquele tempo da unificação foi seu filho. Nessa oportunidade serão descobertas informações, documentos e objetos que comprovam a existência de uma civilização altamente evoluída no Vale do Nilo. Confirmando Edgar Cayce, Agasha informa também que essa civilização mostrará suas conexões com a perdida Atlântida.

Esperemos os acontecimentos. O que importa, porém, não é tanto a história de Agasha, mas a sua filosofia espiritual. A pedra fundamental dessa filosofia é a doutrina da responsabilidade pessoal. Para cada ação, ensina ele, há uma reação igual em sentido contrário. É a lei de causa e efeito ou do carma. Disso decorre, como não podia deixar de ser, a doutrina

universal da reencarnação, dado que somente através de inúmeras existências, encadeadas umas nas outras, seria possível pôr em prática o princípio da responsabilidade pessoal dentro de um esquema de igual oportunidade evolutiva para todos, o que Crenshaw denomina “democracia espiritual.”

Assim, o estado do Espírito no mundo póstumo pode ser resumido da seguinte forma:

1 — Depois de deixar o corpo físico, o Espírito não fica adormecido, indefinidamente, à espera de um Juízo Final. Todos os dias são dias de julgamento para cada Espírito.

2 — O Espírito não passa do plano terreno para um estado de eterna desocupação, repouso e felicidade, nem para o estado de eterna punição. Tais situações são meros estados de consciência e não são mais que interrupções temporárias do desenvolvimento espiritual.

3 — Ao deixar o corpo, o Espírito não se torna de repente um mestre de todos os segredos do Céu e da terra, capaz de responder a qualquer pergunta.

Dentro desse esquema se desenvolve a filosofia de Agasha, com amplos e evidentes pontos de contato com a Doutrina dos Espíritos. Vejamos, por exemplo, a sua concepção do mal: “...A desarmonia, num ambiente universal de harmonia, tem que ser uma condição temporária. Não importa quão longa possa parecer-nos a condição a suportar dentro dos limites da nossa consciência; a pressão da luz universal acabará por dispersar as trevas da desordem. Se isto se dará cedo ou mais tarde, dependerá da purificação da consciência do homem, de acordo com as leis dos ciclos (reencarnação), da lei da compensação, do carma, da ação e reação e da lei da evolução, por meio do desenvolvimento consciente”.

Aqui encontramos os principais conceitos da Doutrina Espírita, conjugados com a lei da progressiva conscientização formulada pelo Dr. Gustave Geley.

Por todo o livro lemos conselhos e observações de profundo significado e grande importância. Aqui está, à página 143, por exemplo, um

desses textos que nos leva a extensas meditações:

Cabe-nos fixar permanentemente, em nós, que palavras vãs, pensamentos destrutivos, atos injuriosos e impulsos de ódio são indefectivelmente acompanhados de distúrbios na atmosfera eletromental e reagirão inevitavelmente como um *boomerang*,<sup>[1]</sup> ao passo que uma atitude positiva e a materialização de todos os princípios belos, construtivos e bons igualmente trazem uma justa recompensa.

Vejam os mais um trecho tomado ao acaso:

A reencarnação é um mecanismo que assegura continuidade do aprendizado e ilimitada oportunidade de entendimento. Seus ciclos de causa e efeito operam inexorável e continuamente, até que o indivíduo finalmente escapa da roda da experiência por força do seu próprio entendimento. Esse processo exige, de modo geral, um número quase incontável de vidas, até que a compreensão do sentido da experiência ergue a alma do tumulto da expressão material.

Mais adiante, o pensamento é ampliado na explicação de que a lei de causa e efeito, embutida no mecanismo da reencarnação, tem, na verdade, a característica do “olho por olho”, com a única diferença de que as punições são infligidas por nós mesmos. “Na sua forma mais simples” — escreve Crenshaw, escorado em Agasha — “a lei se resume em que ninguém pode causar mal a outrem ou até a si mesmo sem produzir mal idêntico a si mesmo ou uma lição apropriada, pela qual fará uma ‘revisão’ nos seus conceitos. Assim sendo, apreendemos muito diretamente os efeitos e o sentido das nossas expressões imperfeitas e os nossos desentendimentos da Lei.”

Por outro lado, “Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos, mas Ele também ajuda aqueles que ajudam os outros”. E é por isso que somos inapelavelmente os construtores do nosso próprio futuro, e é por isso que a Lei Divina do amor é a lei maior do Universo.

\*

O capítulo 12 examina as previsões de Agasha e seus companheiros espirituais, segundo os quais atravessaremos uma época de grandes aflições — “o período mais difícil da história, em milhares de anos” —, mas que uma era de felicidade virá a seguir.

Informa também Crenshaw, já nas últimas páginas do livro, depois de relatar muitas profecias dos mestres que operam por intermédio de Zenor, que descobertas arqueológicas na Palestina revelarão documentos relativos aos verdadeiros ensinamentos de Jesus na sua forma original e simples. Ficará provado — dizem os guias de Zenor — “que Jesus pregou as leis da reencarnação e a responsabilidade individual, como também a importância da comunhão e da comunicação espirituais e a realidade dos mundos póstumos, com as suas glorificadas mansões e complexa atividade”. (Pág. 196.)

“Jesus” — ensina Agasha — “foi um exemplo vivo do que pregava. Ensinou aos homens a amarem-se uns aos outros, mas também ensinou que os homens haveriam de cometer muitos enganos e que Deus não os condenaria, mas lhes daria outras oportunidades para aprenderem.”

\*

E, assim, mais uma vez podemos verificar que a fonte do amor e da sabedoria é a mesma e que as palavras que os mensageiros de Deus nos trazem podem ser diferentes, mas que um só é o sentido final do que ensinam; que muitos são os caminhos, mas que cada um de nós deve fazer a sua escolha livre e responsavelmente.

Mais uma vez, pois, levantemos nossos olhos agradecidos para a figura de Kardec que, em colaboração fiel com seus amigos do mundo espiritual, conseguiu construir, de maneira tão singela e tão pura, esse monumento de verdades eternas a que chamou Espiritismo.

[1] *Boomerang* (abrasileirado para bumerangue) é uma arma de arremesso que volta exatamente ao ponto de origem depois de descrever curvas caprichosas.

## Além do inconsciente

A pesquisa psíquica parece, às vezes, o ramo enfeitado da Ciência. O interesse dos cientistas pelos fenômenos de natureza espiritual tem sido, na melhor das hipóteses, espasmódico, quase sempre desconfiado, meio tímido e, não raras vezes, contado de manifesta má vontade e de ideias preconcebidas de difícil modificação ou remoção. Outra coisa curiosa: está sempre começando, como se os estudos anteriores fossem totalmente desprovidos de fé pública e tidos mesmo como conduzidos sob condições de insegurança ou precariedade. Pouco tem adiantado o depoimento de homens como William Barrett, Crookes, Lodge, Conan Doyle, Aksakof, Flammarion, Geley, Bozzano, Morselli, Osty, Zöllner e tantos outros. Cada cientista, que retoma o assunto, deseja fazer tudo de novo, sob novas técnicas, novas condições de segurança, com a ajuda de novos aparelhos que as outras ciências, mais felizes, vão descobrindo ou aperfeiçoando. Vejam, por exemplo, a eletrônica. Não faz muitos anos, essa palavra nem figurava nos dicionários; hoje, literalmente domina a vida da sociedade civilizada. Os computadores, que ainda há 15 anos[1] engatinhavam — tive a satisfação de os ver quase no nascedouro, em andanças pelos Estados Unidos —, são hoje um poderoso instrumento de trabalho e de pesquisa, cujas possibilidades se projetam no imprevisível e cujos recursos ninguém sabe onde vão parar.

No que toca ao mecanismo do espírito humano, porém, continuam os cientistas a tatear em plena luz do dia, como se estivessem mergulhados na escuridão. Bom seria que um grupo de pesquisadores mais corajosos e desinibidos, despreocupados de críticas e de ideias preconcebidas, partissem logo da hipótese da existência do espírito para os estudos

subsequentes, a fim de que, paralelamente ao fabuloso desenvolvimento do ramo estritamente materialista da Ciência, fosse possível vitalizar o ramo espiritual. É, pois, com grande alegria que saudamos o aparecimento de um estudo sério como esse do Dr. Jayme Cerviño, que, sob o título de *Além do inconsciente*, acaba de publicar a Federação Espírita Brasileira.

O Dr. Cerviño é um médico ainda jovem, profundo conhecedor da nobre ciência que escolheu, e que não se limita, como tantos colegas seus, a encarar o homem como um simples mecanismo cibernético produzido no campo da Biologia. Ele acha que o homem tem alma e, mais do que isso, não receia proclamar o seu pensamento, e não apenas isso — ele se propõe à tarefa de conciliar as teorias e doutrinas sobre a psique humana, eliminando, naturalmente, tudo aquilo que o conhecimento atual já considerou superado. Não obstante, não hesita ele em declarar-se desassombradamente disposto a readmitir a ridicularizada doutrina fluidista de Mesmer. “Das quatro principais teorias da hipnose” — diz ele, à página 57 —, “fluidista (Mesmer), patológica (Charcot), psicológica (Bernheim), reflexológica (Pavlov) — a patológica está definitivamente superada, a psicológica e a reflexológica não se excluem, e a fluidista parece ressurgir numa forma atualizada (energia não física ou psíquica de Rhine).”

Já à página 25 escrevera sobre a validade do fluidismo, que parece reemergir de algumas experiências modernas de Rhine. “Os mesmeristas” — diz ele — “admitiam um fluido, a se irradiar do corpo humano, que seria o agente dos fenômenos hipnóticos, ditos outrora magnéticos. A hipótese fluidista foi abandonada pela Ciência, mas os experimentos de Rhine e sua escola sobre a percepção extrassensorial e a psicocinesia (ação direta da mente sobre a matéria), que implicam a existência de uma energia “não física” (psíquica), estabelecem, possivelmente, um *substratum* para a sugestão e, dentro de certos limites, reabilitam Mesmer e os magnetizadores do passado.”

O leitor não terá dificuldade em identificar com clareza a posição do Dr. Cerviño; ele a proclama honestamente, com palavras inequívocas: “No presente trabalho (pág. 16) adotamos um critério eclético. Ousamos misturar, no mesmo frasco, Allan Kardec, Richet e Rhine, com um pouco de Freud e Pavlov”. Sua linguagem, com o mínimo possível de tecnicismo,

é acessível ao leitor leigo inteligente, sem sacrificar a precisão terminológica exigida num ensaio científico. O frasco que o autor nos oferece resultou em harmoniosa conciliação entre os princípios doutrinários do Espiritismo kardequiano com as modernas correntes parapsicológicas e reflexológicas, no que têm estas de aproveitável ao contexto da sua concepção. A procedência e o pioneirismo de Kardec são francamente reconhecidos, sem nenhum conflito com a doutrina pavloviana dos reflexos condicionados; pelo contrário, apoiando-se nela.

Algumas ideias novas são igualmente levantadas para estudo, a título de sugestão para futuras pesquisas. Por exemplo: “É possível que o bromo, existente no organismo, tenha alguma importância na indução do transe, condição diferente do sono, mas que resulta igualmente dos processos cerebrais de inibição”. (Pág. 55.)

Outra: “A serotonina, substância existente no cérebro e noutras partes do organismo, talvez não seja estranha ao mecanismo do transe. Produz no eletroencefalograma alterações do tipo sono e, possivelmente, diminui a ação do sistema reticular ativador sobre o córtex”. (Pág. 55.)

Ou ainda: “Talvez o ‘inconsciente coletivo’, que Jung converteu em ente metafísico, preternatural, seja apenas a experiência comum e primeira de nossas consciências individuais em seus múltiplos avatares...”. (Pág. 79.)

Mais uma sugestão:

Outro ponto merece destaque: conforme os dados da atual Parapsicologia, sugerimos uma interpretação unívoca para os efeitos intelectuais (córtex) e físicos (subcórtex). ESP e PK coexistem em todo o fenômeno mediúnico de conteúdo paranormal. Quando predomina o primeiro aspecto, o efeito é intelectual, em caso contrário, físico. (Pág. 102.)

Respondendo com serenidade aos que ainda pregam a desmoralizada doutrina de que o Espiritismo produz loucos, o Dr. Cerviño lembra que, ao contrário, “o que chamamos genericamente de mediumopatia, uma forma mórbida de mediunismo, muitas vezes incipiente..., tende a normalizar-se pelo exercício ponderado e autocontrolado da própria ‘faculdade’”. (Pág. 110.)

Ademais, ninguém com maior autoridade e clareza do que o próprio Kardec advertiu sobre a prática tumultuada da mediunidade. Para isso, o Dr. Cerviño cita *O Livro dos Médiuns*, no qual Kardec escreveu: “Há pessoas relativamente às quais se devem evitar todas as causas de sobre-excitação e o exercício da mediunidade é uma delas”.

E mais adiante: “A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém, existindo este, o bom senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial”.

O comentário do Dr. Cerviño é este: “Há mais de um século, o sistematizador do Espiritismo referia-se à monomania espírita, que na linguagem psiquiátrica da época correspondia ao que hoje se denomina delírio espírita”. A classificação proposta pelo autor para as diversas formas de mediunidade consta do quadro que reproduz à página 125, no qual resume, com rara felicidade a nosso ver, a metodologia parapsicológica, a reflexológica e a essencialmente espírita. Por exemplo: a mediunidade psicofônica (palavra espírita que a Ciência moderna está aceitando) estaria classificada como efeito intelectual (médiuns do 2º sistema) do grupo parapsicológico psi-gama, ou ESP, que, por sua vez, se enquadra como mediunidade de expressão cortical, ou de efeitos psíquicos. Classificação simétrica, nos efeitos físicos (expressão subcortical), é proposta para as mediunidades do grupo psi-kappa. Inúmeras são as contribuições do autor para situar melhor o fenômeno mediúnico no esquema da moderna ciência da natureza humana. Não que tenha ele ilusões de que o problema esteja perfeitamente equacionado; ao contrário: “Evidentemente” — diz ele à página 113 — “não podemos ter qualquer ilusão no que tange aos fatos mediúnicos. Estamos longe de conhecer as leis fundamentais que vigem nesse setor de pesquisas. Os estudiosos ainda não concordaram sequer sobre os fenômenos que existem realmente e os que resultam de observações mais ou menos apressadas e inidôneas”.

Para ampliar o campo de pesquisa e fornecer novos *approachs* aos problemas envolvidos, ele oferece as suas sugestões e monta seu esquema classificador, complementando, onde necessário, as pesquisas já feitas. Propõe, assim, um terceiro tipo de “atividade nervosa superior”, somando-

se aos dois admitidos por Pavlov. Descobre, depois, que os três tipos “coincidem” com a teoria das “almas parciais” de Platão (razão, sentimento e instinto) e ainda com os três aspectos da alma imaginados por Aristóteles: alma intelectual (segundo sistema de Pavlov), alma sensitiva (primeiro sistema) e alma vegetativa (sistema subcortical-hipotálamo).

É difícil, porém, senão impraticável, dar, numa breve notícia como esta, a ideia exata de todo o conteúdo e importância de um livro tão denso de ideias como este. Às vezes, desejaríamos que o autor tivesse tido oportunidade de expandir mais alguns conceitos que apresenta de forma meramente esquemática, para economizar tempo e espaço. Deve ter tido suas razões para isso. É provável que um trabalho de detalhamento de toda a sua concepção científica acarretasse uma certa diluição, um pouco de perda da visão do conjunto que a sua obra nos oferece de maneira tão acessível e apaixonante. Sua linguagem é, ao mesmo tempo, singela e agradável, sem artificialismos de fácil efeito literário — é o falar do cientista: preciso, sem, no entanto, cair na segura dos relatórios. Não é, porém, obra que se leia como um romance, porque exige atenção concentrada e meditação progressiva. Sem ser um livro difícil, é “maciço como um marfim”, na feliz expressão do meu caro Eng<sup>o</sup> Hernani Guimarães Andrade, ao se referir à *Teoria do conhecimento* de Johannes Hessen.

A palavra final é a seguinte: “Além do inconsciente existe um mundo novo. O próprio Freud percebeu-o, mas intimidou-se ‘ante a maré negra do ocultismo’ (Jung) e encastelou-se na teoria do sexo. Mas não há terreno interdito à pesquisa. Enquanto a tecnologia das ciências físicas vence a gravitação terrestre e invade o espaço sideral, os pioneiros do espírito, de Kardec a Rhine, superam o próprio espaço-tempo e devassam, além, além das complexidades subliminares, a realidade maior, ‘a grande esperança de todos nós’”.

A nossa grande esperança, no momento, é a de que o Dr. Jayme Cerviño continue a aprofundar o seu pensamento e as suas pesquisas e não se intimide jamais diante do que Freud atirou fora porque tinha o rótulo de ocultismo.

A área científica do Espiritismo fica a dever um grande favor ao Dr. Jayme Cerviño, e este, por sua vez, assume, com o seu livro, um

compromisso moral de nos trazer outras contribuições, tão sérias como esta.

[1] O artigo é de 1969.

## O fenômeno *Theta*

Por gentileza do amigo e confrade S. J. Haddad, recebo dos Estados Unidos alguns folhetos em inglês que muito nos interessam. Dois deles trazem mensagens assinadas por Bezerra de Menezes, Emmanuel e Kelvin Van Dine; as duas primeiras, recebidas pelo Chico, e as duas seguintes, pelo Waldo. As traduções são excelentes e muito boa a impressão, feita sob os auspícios do *Christiam Spirit Center* (Centro Espírita Cristão). Na melhor tradição kardequiana, os confrades de lá começam a introduzir o uso da palavra *Spirit* (espírita) em lugar de *Spiritualist* (espiritualista), cujo significado é muito mais genérico, como explicou Kardec. Por outro lado, estão igualmente mostrando que o Espiritismo pode ser cristão, coisa que os nossos irmãos da língua inglesa ainda não conseguiram distinguir muito bem. Daqui enviamos aos amigos da América as nossas vibrações de estímulo pela sementeira que estão fazendo.

\*

O outro folheto é um exemplar do Boletim *Theta*, números 17 e 18, correspondentes à primavera e ao verão de 1967. Essa publicação é de responsabilidade da *Psychical Research Foundation* e se dedica “a pesquisar o problema da sobrevivência após a morte corporal”. Preside essa fundação o conhecido e eminente Dr. J. G. Pratt, companheiro de trabalho de J. B. Rhine, com quem escreveu, de parceria, um importante livro (*Parapsicologia — a nova ciência de fronteira*) que já tivemos oportunidade de comentar. Da leitura do livro, deparei, à época, que o Dr. Pratt era exageradamente cauteloso em fazer concessões que pudessem “comprometer” o seu trabalho ou o seu nome de pesquisador. Isso talvez seja devido à sua grande seriedade como cientista em busca da verdade,

uma verdade tão avançada e tão extraordinária como é a do espírito humano. Se o leitor desejar, poderá reportar-se ao artigo em que foi apreciado o livro de Rhine e Pratt. Está em *Reformador* de julho de 1960, página 17, sob o título “Mais um livro do Dr. Rhine”.

Lembro-me que há cerca de 8 anos,<sup>[1]</sup> escrevi ao Dr. Rhine procurando saber qual a sua posição diante da sobrevivência e obtive apenas uma resposta lacônica, na qual ele me enviava uma separata de um artigo seu publicado no *Journal of Parapsychology*. Coisa pouco animadora.

Depois disso, porém, sua esposa, a Dra. Louisa Rhine, escreveu um livrinho muito interessante em que, entre outras coisas, admite francamente a sobrevivência, apresentando uma vasta coletânea de fenômenos psíquicos. Esse livro chama-se em inglês *Hidden Channels of the Mind* e se acha traduzido para o português, respeitado o título *Canais ocultos do Espírito*.

Agora vem também o Dr. Pratt, dez anos após a publicação do livro que escreveu com o Dr. Rhine, expor seu interesse pelo problema da sobrevivência. O Dr. Pratt, além de presidente da Fundação já mencionada, é professor-assistente da Faculdade de Medicina da Universidade de Virgínia. A Diretoria da Fundação conta ainda com outros membros ilustres, entre os quais o eminente professor Ian Stevenson, presidente do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da mesma Universidade. Por aí vê o leitor a importância que está sendo atribuída ao assunto. O Dr. Stevenson, com o qual tenho a honra de me corresponder, vem há muitos anos pesquisando a reencarnação. Publicou recentemente um livro sob o sugestivo título *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* (Volume XXVI, dos *Proceedings* da *American Society for Psychological Research*, setembro de 1966, 362 páginas, endereço: 880 Fifth Avenue, New York, N.Y., 10021, USA).

Em primeiro lugar, foi bom que a equipe do Dr. Rhine começasse a pesquisar a sobrevivência, que antes não entrava em suas cogitações. Em segundo lugar, achei interessante que tivessem escolhido a letra *Theta* para rotular o projeto. Por mais que procure ficar neutro, o homem moderno deixa-se levar facilmente pelos rótulos das coisas, pelos *slogans* de publicidade, pelas frases feitas e pela novidade das expressões. Assim,

convinha fugir das expressões consagradas para rotular o novo impulso que está sendo dado à pesquisa acerca da sobrevivência. Muita gente poria de quarentena qualquer projeto desses, mesmo feito por cientistas professores universitários, se o rótulo fosse “espiritismo científico”, “pesquisa psíquica” ou coisa semelhante. Como gosto de buscar algum sentido simbólico nas ideias, achei ótima a escolha da oitava letra do alfabeto grego para designar a “operação sobrevivência”. Saímos um pouco do prefixo “para” e da letra *Psi*, a essa altura desmoralizada por tantos curiosos desprovidos de gabarito intelectual ou de serenidade e isenção para lidar com problemas tão sérios. Com *theta* se escreve *Theos* — Deus, palavra tão profunda. E é pelos caminhos da sobrevivência e da reencarnação que nos vamos aproximando dele. Com *theta* se escreve teologia — a ciência das coisas divinas, que vai ser toda reescrita em novas bases.

Vamos ver se dessa vez temos mais sorte. Nós, espiritualistas em geral e espíritas em particular, ficamos numa grande “torcida” quando os senhores cientistas se aprestam para as suas expedições pelos elevados domínios do Espírito. Como naquela brincadeira do “chicotinho-queimado”, ficamos a distância, pensando com os nossos botões: “Está quente...” “Esfriou...”, à medida que se aproximam ou se afastam das realidades espirituais. Até agora o que temos visto é andarem em círculo, em torno do chicote escondido. Por mais que a gente procure “torcer”, parece que eles têm um receio secreto de descobrir a Verdade. É compreensível isso, porque a descoberta do Espírito vai dar um trabalho enorme, obrigar a uma total reformulação do pensamento humano, em todas as ciências da série comtista, a partir da Biologia. Vai dar muito o que fazer e dizer: o mesmo trabalho que daria para destroçar uma cidade para aproveitar apenas o terreno, a fim de, sobre ele, edificar uma outra inteiramente nova, muito mais bela, mais luminosa, mais pura e até mais simples.

Nosso incurável otimismo acha que dessa vez a coisa vai melhor. Vamos ver por quê.

\*

O número 17/18 do Boletim *Theta* é dedicado à reencarnação. Já não é isto um excelente sinal? Tem o leitor conhecimento de qualquer outra

publicação desse porte, universitária e, ainda mais, nos Estados Unidos, que se dedique à reencarnação?

Evidentemente há muito obstáculo a remover ainda e não vamos dar saltos de alegria, supondo que a Ciência já descobriu a reencarnação. Está, no entanto, cada vez mais “quente” em torno do chicotinho escondido. Diz o Boletim, na introdução, que a ideia constitui crença comum nos países onde predominam as religiões budista e hindu, “mas tem poucos adeptos no Ocidente”. Já aqui, discordamos. Só no Brasil, creio não haver erro em estimar em alguns milhões aqueles que acreditam na reencarnação. E digo mais: nem todos esses milhões são espíritas. É comum encontrarmos amigos e parentes que se dizem católicos e admitem tranquilamente a doutrina palingenésica.

Prossegue o artigo introdutório dizendo que a reencarnação “conflita com a ciência ortodoxa que atribui ao homem apenas uma vida”. Outra impropriedade de quem está perto da verdade, mas ainda não a alcançou. Diríamos nós, espíritas, que a ciência é que está em conflito com a doutrina palingenésica. Não é a doutrina que se vai modificar, e sim a concepção científica. Ninguém precisa ser profeta para afirmar uma coisa tão evidente.

Mais adiante, diz o artigo que “só recentemente, e por causa do trabalho de um indivíduo, a reencarnação está merecendo séria atenção por parte dos parapsicólogos. Esse homem é o Dr. Ian Stevenson, presidente do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Universidade de Virgínia, em Charlottesville, estado de Virgínia”.

Em seguida, o Boletim examina dois livros sobre a reencarnação. O primeiro chama-se *Reincarnation: A Study of Forgotten Truth* (*Reencarnação: estudo de uma esquecida verdade*). O livro é uma espécie de antologia, preparada por E. D. Walker, e foi publicado pela New Hyde Park, Nova Iorque, Edição University Books, 1965, com 25 páginas de introdução e 385 de texto. Preço: US\$ 5.00.

O artigo é do próprio Dr. Stevenson, que informa ter sido a primeira edição dessa obra publicada em 1888 e reeditada em 1911 e em 1923. Há 80 anos, portanto, já eram escritos livros honestos e que merecem respeito até hoje acerca do problema da reencarnação, no mundo ocidental. Não desejo

referir os livros de Kardec, aparecidos pela primeira vez a partir de 1857, porque se diria que são livros doutrinários, dentro da filosofia espírita. Há também livros leigos que tratam do problema. E continuamos a pesquisar infundavelmente.

Diz o Dr. Stevenson que a leitura do livro “*impressiona pela grande quantidade de povos, tanto temporal como geograficamente, que têm acreditado na reencarnação*”. Lembra que até o século sexto da era cristã predominava essa crença na Europa. Depois a coisa degenerou a tal ponto que o filósofo Schopenhauer dizia “se um asiático me pedisse a definição da Europa, eu seria forçado a dizer-lhe o seguinte: ‘É aquela parte do mundo na qual prevalece a incrível falácia de que o homem foi criado do nada e que o seu nascimento atual constitui sua primeira entrada na vida.’”

Acha o Dr. Stevenson que, quando o livro foi compilado, havia pouca evidência acerca da reencarnação, e que, “comparada com a evidência hoje existente, os respigos de Walker oferecem escassa substância”. Mesmo com essa restrição, que é mais quantitativa que qualitativa, o Dr. Stevenson considera o livro “extremamente valioso, como introdução à literatura acerca da reencarnação”.

O autor cita ainda duas outras antologias sobre a doutrina palingenésica. São elas: *Reincarnation: The Ring of Return (Reencarnação: a roda do retorno*, aliás, ao pé da letra: *o anel do retorno*), compilada por Eva Martin, que também escreveu a introdução do livro. Este foi originariamente publicado em 1927, com uma nova edição em 1963, pela New Hyde Park. O outro livro chama-se *Reincarnation: An East-west Anthology (Reencarnação: uma antologia oriental e ocidental)*, compilado por Joseph Head e S. L. Cranston, publicado pela Julian Press, Nova Iorque, em 1961. São ainda mencionados dois trabalhos franceses: *La Réincarnation*, de Edouard Bertholet, publicado em Lausanne, na Suíça, por Pierre Genillard, em 1943, e *La Réincarnation des Ames Selon Les Traditions Orientales et Occidentales (A reencarnação das almas, segundo as tradições orientais e ocidentais)*, de A. des Georges, publicado em 1966, em Paris, pelas Éditions Albin Michel.

Informa ainda o professor Stevenson que as obras francesas citadas não são estritamente antologias, e sim, mais apropriadamente,

levantamentos e indicações sobre a literatura original, contendo, cada uma, extensa bibliografia. Infelizmente, o professor Stevenson esqueceu-se da grandiosa obra de Gabriel Delanne — *La Réincarnation*, traduzida e editada em português pela FEB, sob o título *A Reencarnação*.

\*

O outro artigo, no Boletim *Theta*, é do eminente professor J. G. Pratt e contém uma apreciação, tão minuciosa quanto possível, do livro do professor Ian Stevenson.

O artigo do professor Pratt é de grande interesse e denota um entusiasmo surpreendente pelo problema da reencarnação, especialmente se levarmos em conta a posição do Dr. Pratt há poucos anos, quando escreveu sobre Parapsicologia.

Antes de emitir sua opinião sobre o livro, o Dr. Pratt resume para os leitores do Boletim um dos vinte casos selecionados pelo Dr. Stevenson. Trata-se do episódio de Imad Elawar, o menino libanês que tinha lembrança de uma existência anterior numa família de certo destaque na vizinha cidade de Khriby. Em março de 1964, o prof. Stevenson foi ao Líbano para investigar esse caso.

É claro que o Dr. Pratt conserva o seu modo cauteloso de expor os seus pontos de vista e o hábito de raciocinar em termos de ciência acadêmica — e nenhuma objeção temos quanto a isso; pelo contrário —, mas sua posição é inegavelmente mais evoluída. Ele ainda diz, por exemplo, que o Dr. Stevenson afastou “as possibilidades de explicar o caso por processos *normais*”. Cabe aqui a pergunta: no campo da pesquisa psíquica quais os critérios para identificar o que é normal? Num universo todo regulado por leis perfeitas, a memória de uma existência anterior é fenômeno *normal*, ainda que não *habitual* no estágio evolutivo em que nos encontramos.

Isto, porém, não é censura ao Dr. Pratt; nem tenho autoridade para fazê-la.

Passando rapidamente pelas objeções usualmente levantadas pelos tenazes oponentes do Espírito, o Dr. Pratt reproduz as explicações do prof. Stevenson. Vamos citar uma delas, para que o leitor formule o seu juízo acerca da natureza das questões. Por exemplo: há quem diga que o

conhecimento de fatos relacionados com a pessoa falecida se deve ao simples exercício de faculdades extrassensoriais.

— Que vedes nisso senão um fenômeno de pantomnesia? — perguntam alguns. — Ou de cumberlandismo. Ou de criptestesia.

Como diria Shakespeare, são apenas palavras, palavras, palavras...

Acha Stevenson (e Pratt concorda com ele, aparentemente) que o conhecimento não vem por inexplicáveis e inexplicados processos ESP; se assim fosse, a pessoa que os experimenta não teria sua percepção limitada àquele caso específico; antes, seria capaz de perceber também, por via extrassensorial, outras memórias e outros fatos relacionados com diferentes pessoas. Mas não: é tudo relacionado com uma só pessoa, que já existiu mesmo e teve aquele nome, morreu naquela casa, e assim por diante.

O Dr. Pratt é bem explícito ao dizer que o Dr. Stevenson está certo em considerar favoravelmente a interpretação reencarnacionista, mesmo havendo qualquer remota possibilidade de alguma outra explicação. Realmente, no passado ainda recente, os pesquisadores recusavam liminarmente a reencarnação, desde que houvesse qualquer hipótese diferente, ainda que fantástica e improvável. Agora, mesmo havendo outras hipóteses, a doutrina reencarnacionista é aceita a sério como uma delas.

Logo adiante, numa incisiva declaração de princípio, legitimamente científica, acrescenta o Dr. Pratt o seguinte, que traduzo:

“A cultura engendra fortes preconceitos contra certas ideias, tanto quanto a favor delas. Não há como escapar ao fato de que o conceito da reencarnação repugna à maioria das pessoas educadas do mundo ocidental. No entanto, isso não equivale a dizer que é falsa a ideia da reencarnação, da mesma forma que a generalizada crença existente em outras partes do mundo não prova sua legitimidade. Não obstante, o *status* da ideia nos leva à surpresa em face da publicação do livro do Dr. Stevenson. Agora, porém, que o choque da minha própria surpresa se atenuou, entendo que o seu projeto abriu novos horizontes à investigação do problema da sobrevivência, em paralelo e em suplementação aos métodos que os pesquisadores científicos têm seguido no passado”.

Declaração importante essa, leitor. Muito mesmo. Está sendo escrita por quem há alguns anos não teria admitido a possibilidade de fazê-la. Já agora, não apenas ele, como outros cientistas de renome e reputação, chegam à conclusão de que a reencarnação é uma hipótese científica válida e que contribuirá sensivelmente para esclarecimento do velho problema humano da sobrevivência do Espírito. Muita esperança existe aí para todos nós que vivemos neste mundo conturbado. Ainda há pouco me escrevia o prezado amigo e ilustre confrade, prof. Hernani Guimarães Andrade, que gente como nós, que tem conhecimento dessas coisas, não sairia por aí jogando bombas atômicas sobre outros seres humanos. E não é mesmo? Portanto, quando todos souberem disso, ninguém irá fazer bombas, quanto mais atirá-las sobre seus irmãos, suas irmãs e crianças.

Graças a Deus, a vanguarda da Ciência está chegando, em relação ao espírito humano, ao ano de 1857, quando, num dia de abril, os livreiros parisienses exibiram o livro que os Espíritos haviam escrito com Kardec.

O plano do trabalho futuro, no campo da pesquisa psíquica, filosófica e moral, está contido por inteiro na Codificação kardequiana. É questão de aparecer uma equipe corajosa sob a direção de meia dúzia de cientistas desligados de preconceitos.

[1] O artigo é de 1967.

## O Bispo e os Espíritos

— Papai, acabo de tomar uma dose de LSD. Será que você quer sentar-se comigo e me guiar na minha “viagem”?

A pergunta era dirigida ao famoso Bispo da Califórnia, James A. Pike, do ramo americano da Igreja Anglicana. Não havia outra coisa a fazer senão ajudar Jim na sua aventura alucinante sob o efeito da droga. Não era mais segredo para o Bispo que seu filho de 19 anos há algum tempo vinha tomando drogas. Tudo havia sido feito para subtrair o rapaz daquele pesadelo. No momento em que a pergunta lhe foi dirigida, encontravam-se pai e filho na Inglaterra, afastados do resto da família, que ficara nos Estados Unidos. Era uma tentativa a mais de quebrar o hábito maldito de fugir à realidade que o jovem Pike adotara. Seu pai já fizera todos os exames de consciência para saber onde havia falhado, passara por todas as aflições por ver assim truncado o destino do filho para o qual certamente sonhara com realizações até mesmo superiores às suas próprias.

A narrativa, densa e dramática, duma sinceridade e franqueza comoventes, está no livro intitulado *The Other Side (O outro lado)*, publicado em 1968 nos Estados Unidos. O bispo Pike morreu tragicamente no ano seguinte, quando em viagem pela Terra Santa. A sua grande paixão era escrever sobre as origens do Cristianismo. Foi uma figura eminente na sua Igreja. Dinâmico, muito combativo e franco no expressar suas opiniões, teve problemas com colegas e superiores mais ortodoxos que certa vez chegaram a julgá-lo por heresia.

Depois de uma temporada em Londres, onde pai e filho conviveram por alguns meses, fazendo intensos estudos universitários, resolveram regressar separadamente aos Estados Unidos. O pai para participar de uma

convenção de sua Igreja (depois retornaria à Inglaterra) e o filho para matricular-se na Universidade de São Francisco.

Estava o Bispo oficiando na sua igreja quando recebeu, como uma punhalada, a notícia de que Jim suicidara-se num quarto de hotel em Nova Iorque.

A tragédia atingiu em cheio aquele homem de sensibilidade e cultura, membro destacado de uma organização religiosa que, no entanto, confessa que não tinha condições de dar nenhum conforto à família “na base de uma crença na vida após a morte”. Não será a única vez no livro que declara essa posição de descrença em face da sobrevivência do espírito, a despeito de ser líder religioso de uma extensa comunidade cristã. Já dissera páginas antes que “à falta de outra evidência... tinha de admitir, com toda a honestidade, que não dispunha de dados suficientes sobre os quais pudesse basear uma afirmação de vida após a morte”. Certamente toda a estrutura do pensamento religioso que constituía objeto de sua vida e de sua pregação é baseada na *crença* de que nós sobrevivemos à morte do corpo, mas crença não é evidência, e, para um espírito lúcido e habituado ao trato das ideias, não basta a crença quando o homem confronta com o problema da morte.

Nessa altura, porém, a dramática história do bispo Pike estava apenas começando. De volta à Inglaterra para dar prosseguimento aos seus estudos, levou seu capelão David Barr e a Sra. Maren Bergrud, da Diocese da Califórnia, e que já uma vez o ajudara a preparar um dos seus vários livros. Os três foram ocupar o mesmo apartamento onde por algum tempo viveram Pike e o filho.

Uma noite, ao entrarem em casa, encontraram, sobre o chão, dois cartões-postais colocados de modo a formarem um ângulo de 140 graus. (Mais tarde descobriu-se que a posição dos cartões indicava — ou pelo menos coincidia com — a posição dos ponteiros do relógio no momento em que Jim se suicidara.) Naturalmente que Jim tinha mania de cartões-postais e a primeira coisa que fazia ao chegar a uma cidade em visita era comprar alguns deles que, segundo o pai, jamais punha no correio. Era estranho encontrar aqueles cartões, e a mulher que fazia a limpeza do apartamento afirmou categoricamente que nada tinha a ver com eles. Era de toda a confiança, honesta e muito cuidadosa em tudo quanto fazia. O incidente,

embora estranho, não tinha grande significação, ou pelo menos assim pensaram todos, e Pike confessa que “jamais nos ocorreu que ele (Jim) poderia, de alguma forma, estar relacionado com os cartões”.

Na terça-feira, 22 de fevereiro, outro estranho acontecimento: a Sra. Bergrud apareceu de manhã para o café com parte de seus cabelos queimados. A surpresa foi grande e geral, inclusive dela mesma, que ainda não tinha dado pelo fato. Uma mecha na altura da testa fora queimada em linha reta, ficando com as pontas pretas, mas nenhum sinal havia de queimadura na pele. Mistério.

Na manhã seguinte novas porções do cabelo da Sra. Bergrud apareceram também queimadas. Depois de muita especulação, ela parecia conformada e disse:

— Bem, algumas pessoas não gostavam de meu cabelo em franjinhas mesmo; por isso talvez seja melhor assim como está.

A frase sacudiu Pike, pois ele se lembrou perfeitamente de Jim comentando com ele certa vez que não gostava das franjinhas de Maren e chegara mesmo a propor a ela que as cortasse.

Dias depois, a Sra. Bergrud amanheceu com ferimentos sérios nas mãos. Parecia que um instrumento perfurante havia sido introduzido sob suas unhas. Uma estava quebrada e realmente caiu mais tarde; outra não se quebrara, mas a carne sob ela estava ferida.

Na discussão que se seguiu e na preocupação com os curativos, não observaram senão depois que o resto das franjinhas da Sra. Bergrud tinha desaparecido!

Eram apenas os primeiros fenômenos, as primeiras manifestações evidentes de um Espírito em desespero e confusão, tentando transmitir, a pessoas inteiramente despreparadas para o problema, sinais de sua sobrevivência.

— Eu apenas gostaria — diz o Bispo aos seus amigos — de compreender o que está acontecendo aqui.

No meio da conversa que se seguiu, descobriram que o próprio Bispo — ao que tudo indica para nós espíritas — tinha servido de médium a uma

manifestação do Espírito do filho. Para grande surpresa sua e de seus amigos, não se lembrava absolutamente de nada do que dissera em estado de transe, mas os pensamentos expressos foram muito chocantes para os que ouviram as palavras pronunciadas, pois revelavam atitudes mentais inteiramente diferentes das habituais no Bispo. Segundo lhe contaram, Pike, depois de deitar-se à noite, sentara-se na cama e começara a falar daquela maneira estranha, como se estivesse monologando. Não seria difícil reconhecer naquelas palavras a expressão do pensamento de Jim e não do velho Pike, razão pela qual a Sra. Bergrud ficou tão chocada ao ouvi-las pronunciadas pelo seu amigo, pois desconhecia totalmente a origem e razão do fenômeno.

Pike começou então a admitir a possibilidade de que aquela série de acontecimentos tivesse a ver algo com o filho morto. Mas por onde começar a investigação cuidadosa e consciente dos fatos? Nenhuma ideia, nenhum preparo, nenhuma orientação. Era um bispo protestante, dedicara toda a sua vida à Igreja e à sua teologia e certamente sempre tivera o hábito de pôr de lado, sem exame, os fenômenos e as referências que tivessem qualquer relação com o mundo dos Espíritos. Ouvira falar, por exemplo, em *poltergeist*, mas não tinha ideia precisa do que fosse. Ao que se lembrava vagamente, a coisa tinha algo a ver com distúrbios provocados pelo Espírito de uma pessoa morta na casa onde residira em vida. Seria isso? Viu-se então, “pela primeira vez, diante da possibilidade real de que a fonte de tudo quanto estava acontecendo *poderia* ser o meu filho — morto, mas ainda vivo”.

Esse ponto era uma encruzilhada e não faltou ao bispo Pike a coragem necessária para seguir adiante nas suas pesquisas, estranhas e desusadas pesquisas para um “príncipe” da Igreja Reformada. Suas confissões são às vezes de comovente sinceridade: “Custei muito a aceitar a possibilidade de que se tratava de Jim, *pois não acreditava que ele continuasse a viver*”. (Grifo meu.) E mais: nem Maren, sua secretária, nem David, seu capelão, acreditavam na vida póstuma! “Contudo”, diz Pike, “não podíamos pensar em outra explicação — resultado que agora compreendo — da nossa ingenuidade e da falta de sofisticação em relação a todo o campo dos fenômenos psíquicos.”

A quem recorrer numa emergência dessas? Lembrou-se então do reverendo Pearce-Higgins, que entendia dessas coisas em virtude de suas experiências psíquicas e da sua participação na organização de sua igreja, que patrocina essas pesquisas.

E assim, na manhã de 28 de fevereiro, o bispo Pike ligou para o Rev. Pearce-Higgins, narrou-lhe os acontecimentos e pediu orientação.

Pearce-Higgins explicou ao eminente amigo, novato em coisas dessa natureza, que havia duas explicações plausíveis para os fenômenos: ou eram expressão de uma hostilidade a alguém que viera ocupar a casa em que vivera o Espírito, ora desencarnado, ou recursos para chamar a atenção de alguém. Em suma, para encurtar a história, Pearce-Higgins marcou hora para o bispo Pike com uma médium muito conhecida em Londres, a Sra. Ena Twig, e, através dela, Pike pôde, afinal, conversar, digamos assim, face a face com o filho morto.

Os preconceitos do Bispo com relação à prática mediúnica começaram a cair. Esperava encontrar, na casa da Sra. Twig, cortinas pesadas, abajures de seda com babados, ornamentos exóticos e uma semiobscuridade atravancada de objetos e móveis; enfim, a caricatura cinematográfica e anedótica da mediunidade. Ao contrário, o cômodo era tão simples e comum que, ao escrever seu livro, mais tarde, ele nem se lembrava dos pormenores para descrevê-lo.

Seria impraticável reproduzir toda a conversação e aquela natural aflição por dizer muita coisa em poucas palavras, num espaço exíguo de tempo. É fácil, porém, imaginar a cena: de um lado da vida, o filho suicida, recém-retirado de uma existência sem horizontes sob a terrível pressão das drogas; de outro lado, um pai aflito, presenciando um fenômeno que lhe era inabitual e ao qual apenas umas semanas antes jamais teria pensado em assistir, muito menos provocar.

A sessão contou com a presença algo surpreendente do Espírito do eminente teólogo Paul Tillich, amigo de Pike e que parecia estar ajudando Jim no mundo espiritual. O Bispo sentiu um verdadeiro choque emocional ao ser revelada a presença do seu grande amigo, recentemente desencarnado. E ainda: como é que a médium poderia saber que o novo

livro de Pike, que estava sendo lançado naquele momento nos Estados Unidos, tinha uma dedicatória a Paul Tillich?

— O rapaz — disse Tillich — era um visionário, nascido fora de seu tempo. Encontrou uma sociedade desconcertante, na qual a sensibilidade é classificada como fraqueza.

A uma pergunta do Bispo sobre se seria boa coisa divulgar a realidade da sobrevivência e da comunicabilidade, a resposta veio de Paul Tillich e muito cautelosa:

— O fogo na planície pode causar o caos se não for controlado. Trabalhe cuidadosamente, mas conserve em mente as palavras: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará!”.

E nesse tom terminou a primeira sessão mediúnica a que assistiu o Bispo James A. Pike.

Daí em diante, atirou-se ele com disposição e inteligência ao estudo dos fenômenos, à leitura de livros e aos contatos com quem pudesse instruí-lo sobre a matéria. Voltaria a servir-se de médiuns, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Sob estranhas condições, tal como previra o Espírito de seu filho, encontraria nos Estados Unidos uma organização, também ligada à Igreja, que o ajudaria nos seus estudos.

E aqui vemos, em toda a sua crua realidade, as dificuldades que enfrenta o conhecimento da verdade que, segundo o Cristo, um dia nos libertará. Aquele homem notável, Bispo de uma grande comunidade cristã, autor de livros de sucesso na sua especialidade, pregador eminente de uma doutrina apoiada no fato básico da sobrevivência do espírito humano, confessa não acreditar nessa ideia e admite jamais ter lido um único livro ou ensaio que cuidasse de qualquer aspecto da experiência psíquica, hoje tão amplamente divulgada.

O resto do livro — e são ainda cerca de 200 páginas das 300 e tantas que o compõem — é uma narrativa fiel, descrevendo passo a passo a longa e penosa busca da verdade contida no fenômeno psíquico, tão familiar aos espíritas.

Sua primeira surpresa foi a extraordinária quantidade de livros existentes sobre o assunto, coisa que até então lhe passara inteiramente despercebida. Sua conclusão, depois de muito estudar, meditar e assistir a manifestações de variada natureza, se resume, em suas próprias palavras, da seguinte maneira: “Minhas experiências pessoais, juntamente com os fatos que fui levado a pesquisar como resultantes delas — tanto quanto as análises feitas por cientistas respeitáveis nos seus campos de atividade que *também* dedicaram cuidadosa atenção aos dados em mais de uma área psíquica — me habilitam a afirmar a vida após a morte como coisa ‘natural’ a esperar-se da psique humana que parece estar desde já na vida eterna”. Prossegue dizendo que essa era uma afirmativa que ele não estivera em condições de fazer no seu último livro. E mais: que as crenças suscitadas pela evidência dos fatos eram poucas, na verdade, mas baseadas em fundações muito sadias e experimentais.

Deve causar-nos verdadeira revolução interior descobrir que tudo aquilo quanto serviu de base à estrutura do nosso pensamento e da nossa vida de repente não serve mais. E que a nova verdade descoberta precisa ser meditada, encaixada no arcabouço das nossas ideias e finalmente proclamada, num depoimento leal e sincero. É necessário abrir espaço para ela em nosso espírito e jogar fora as velharias que o atravancam e obscurecem. Por isso, o Espírito do jovem Pike, depois de aquietadas as suas angústias no novo plano de vida e certamente muito ajudado pelos seus amigos, declarou através da mediunidade de George Daisley:

— Sinto-me tão feliz ao verificar que você resolveu enfrentar o desafio... estimulando outros a saírem em busca dos seus entes queridos. Diga-lhes para terem todo o cuidado na verificação dos fatos.

E mais adiante:

— Estou esforçando-me duramente para aprender que estar morto é, na realidade, estar mais vivo. É uma excelente ideia essa de narrar os fatos. Já há muito deveria ter sido feito isso.

E, uma a uma, começam a chegar as verdades que a Doutrina Espírita já nos ensinou há tanto tempo. Por exemplo: numa tentativa de entrar em contato com o Espírito de Maren Bergrud, sua secretária, que também se

suicidara, o Bispo é avisado de que ela ainda está muito confusa e sem condições de falar. Os Espíritos estavam cuidando dela com todo o afeto e atenção, mas Maren sofria bastante e estava mergulhada num estado de grande confusão mental. “Isto era perturbador” — escreve Pike —, “mas refletia o que eu aprendera ser comum: que aqueles que morrem de morte violenta, ou que se suicidam, encontram maior dificuldade em ajustarem-se do outro lado.”

Ao cabo de algum tempo e depois de um programa gravado para a televisão canadense com o famoso médium Arthur Ford, a coisa explodiu na imprensa, como uma bomba, nas manchetes escandalosas: “O bispo Pike afirmava ter conversado com o filho morto!” Como se fosse a maior novidade do mundo alguém conversar com Espíritos...

A reação de amigos, conhecidos e desconhecidos, foi pronta e abundante. Cartas, telegramas e telefonemas choviam sobre o Bispo. Uns para ajudar, para oferecer consolo, sugestões, narrar fatos semelhantes; outros para dizer os maiores abusos e impropérios. Um colega sacerdote escreveu um artigo para “provar” que Pike não havia falado com o Espírito do filho, e sim com o demônio. Nesse artigo, até mesmo fatos que eram do domínio público, porque haviam sido narrados pelos jornais, estavam truncados. Uma lástima... Quem poderia, no entanto, convencer um pai de que o Espírito com quem falou era do demônio e não do seu filho? Não conhecemos os modismos, as expressões, as tendências, as preferências e antipatias dos nossos filhos?

“Muitos cristãos”, comenta Pike, algo aturdido, “não acreditam na comunicabilidade dos Espíritos, mas aceitam a ‘ressurreição’ do Cristo. Era de esperar-se”, prossegue, “que esses cristãos acolhessem com enorme alegria a ‘prova de que a sua fé não é em vão’. Em lugar disso, a reação é predominantemente negativa, cheia de paixão e intolerância.”

Ao cabo dessa longa e penosa aventura, o Bispo estava convencido da sobrevivência do seu filho Jim. Muitas perguntas ainda lhe restavam sem respostas adequadas, mas é de admitir-se que, depois de uma vida dedicada aos dogmas e ao pensamento ortodoxo que imobilizou em fórmulas o Cristianismo do Cristo, muita coisa ficasse mesmo por compreender e aceitar. Agora, porém, o bispo James A. Pike também se encontra no

mundo espiritual. Lá está, certamente, dando prosseguimento aos seus estudos e pesquisas. Algum dia ele voltará como Espírito manifestante ou reencarnado para contar o resto do seu drama. Vai ser uma história muito conhecida de todos nós espíritas: a de que o Espírito preexiste, sobrevive e reencarna-se. Que as Leis de Deus são justas e infalíveis, e não contaminadas de dogmatismos intolerantes. Que somos todos irmãos em busca de luz e de paz.

## Pesquisadores negativos

O Sr. D. J. West, Bacharel em Medicina (M.B.) e um dos pesquisadores experimentais da famosa S.P.R. de Londres, resolveu escrever um livro sobre o estado atual da pesquisa psíquica. A obra se intitula *Psychical Research Today* e foi publicada na Inglaterra, em 1954.

Já de início, antes da introdução, o autor adverte que os comentários e opiniões expressos no livro são de sua inteira responsabilidade, de vez que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas não manifesta pontos de vista coletivos, isto é, não se pronuncia coletivamente sobre o que observa.

A propósito — e antes mesmo de entrar no livro do Sr. West —, seria talvez oportuno reportarmo-nos à interessante *História do Espiritismo* de Sir Arthur Conan Doyle. É preciso lembrar ao leitor que o livro do famoso criador de Sherlock Holmes foi lançado em 1926. A S.P.R. (*Society for Psychical Research*), que havia sido oficialmente instalada em 20 de fevereiro de 1882, contava, pois, quase meio século de existência. Já deveria ter prestado grandes serviços à causa espírita, principalmente considerando as eminentes figuras que a ela emprestaram o prestígio de seus nomes. No entanto, Conan Doyle, na sua maneira objetiva de escrever, faz este reparo incisivo:

Em certo sentido, o trabalho da Sociedade foi excelente; mas desde o começo ela cometeu o erro capital de assumir um certo ar carrancudo contra o Espiritismo, o que teve como efeito afastar certos homens que poderiam ter sido valiosos em seu conselho e, acima de tudo, o erro de ofender aqueles médiuns com cuja boa vontade de cooperação o trabalho da Sociedade não se teria fanado.

Mais adiante, o mesmo Conan Doyle, citando E. Dawson Rogers, presidente da Aliança Espiritualista de Londres, diz o seguinte: “Naquela época os nossos amigos (membros da S.P.R.) se diziam ansiosos por descobrir a verdade; mas esperavam — e esperavam ansiosamente — que a verdade fosse que o Espiritismo era uma fraude...”.

Páginas adiante, ainda no capítulo dedicado à S.P.R., Conan Doyle lamentava que a mentalidade não houvesse mudado muito na organização, no decorrer dos anos, e escreve:

O trabalho da S.P.R., durante os recentes anos (lembre-se o leitor de que isto foi escrito em torno de 1926), não tem melhorado a sua reputação e é com relutância que o autor, um dos seus mais velhos membros, é obrigado a dizê-lo. O mecanismo central da Sociedade caiu nas mãos de um grupo de homens cujo único cuidado parece ser não provar a verdade, mas desacreditar o que parece sobrenatural.

Passadas algumas décadas sobre essas palavras, podemos sentir que a S.P.R. ainda não mudou substancialmente. Isso é uma verdadeira lástima. Não por nós espíritas convictos, mas pela grande massa humana para a qual ainda não despontou a verdade superior da Doutrina. No futuro, quando se fizer um levantamento desapassionado da história do Espiritismo, ver-se-á que a S.P.R. foi, na realidade, um organismo que obstruiu e dificultou a mais rápida expansão dessa grande e consoladora filosofia, em vez de ajudar seu mais rápido progresso.

\*

O leitor certamente estará a se perguntar por que esta acusação contra a S.P.R., quando está bem claro no frontispício do livro do Sr. West que as opiniões e conceitos expressos são os seus próprios e não os da Sociedade. Há duas razões atrás disso: a primeira é o fato melancólico de que a S.P.R. continua contando em seus quadros com elementos interessados apenas num tipo de “verdade”, aquela que venha dizer alto e bom som que o Espiritismo é uma fraude. A segunda razão é a de que verificamos que uma Sociedade, criada há tanto tempo por homens interessados no problema do espírito humano, continua a omitir-se, declarando insistente e monotonamente que não expressa ponto de vista coletivo. É o caso de se perguntar: para que então foi criada e mantida por tantos anos a S.P.R.?

Apenas para catalogar fatos? Esses fatos não indicam alguma coisa de positivo, não contêm pelo menos um princípio, uma tímida aparência de conclusão?

A esterilidade de sua atitude é uma coisa de estarrecer; o próprio Conan Doyle — que não foi dos que facilmente se converteram ao Espiritismo — diz isto, num desabafo desalentado: “Como essa Sociedade pode ter tais provas em seus próprios *Proceedings* e ainda, até onde a maioria de seu Conselho é responsável, continuar não convertida ao ponto de vista espírita é um mistério”. Eis o tipo de mentalidade que ainda hoje predomina nos negócios e nos destinos da S.P.R. É uma pena!

Mas vamos ao livro do Sr. West.

\*

Começa ele por situar o campo de ação da pesquisa psíquica, dizendo que consiste ela em examinar sem preconceito, “com espírito científico, aquelas faculdades humanas, reais ou supostas, que parecem ser inexplicáveis à base de uma hipótese geralmente admitida”. Isso é tirado, segundo o autor, da própria definição de objetivos publicada pela S.P.R. Vê o leitor, pela simples leitura dessa definição, que os termos são altamente cautelosos. Não temos nenhuma objeção específica a que o sejam. O que não podemos admitir é que, na impressionante massa de informação acumulada em cerca de oitenta anos, não tenha a S.P.R. encontrado nem um caso sequer que justificasse sua descida do pedestal para dizer a nós, aqui na planície, que existe no homem uma faculdade psíquica atuante que sobrevive à destruição do corpo físico e se comunica com aqueles que ainda ficaram presos à carne.

O Sr. West faz a seguir um resumo histórico da fenomenologia psíquica pelos quatro cantos do mundo, ao longo da linha do tempo. Sua atitude de manifesta e gratuita má vontade vem expressa a cada instante. Diz, por exemplo, o seguinte, à página 19: “Caso o leitor tenha a ideia de visitar uma reunião espírita para informar-se pessoalmente, esteja avisado de que ficará desapontado se espera por fenômenos maravilhosos. O Espiritismo prospera entre almas simples... Mulheres de meia-idade perfazem o grosso do auditório”.

Descreve depois o que lhe parece ser uma reunião pública típica, onde um público heterogêneo e despreparado busca informações de interesse pessoal, algo como isto: “Há alguém aí que conheça um tal Carson?”. Várias mãos se levantam. “Espera um pouco. Ele está dizendo que tinha algo a ver com o negócio de peixe. É isso mesmo?” E por aí vai. Perguntamos nós, desolados: Será essa a concepção que o autor tem do Espiritismo?

A despeito de tanta afirmativa em contrário pelos mais abalizados mestres, o Sr. West continua a afirmar que “médiuns e crentes constituem bons objetos para o estudioso de Psicologia anormal”.

Vemos por esta amostra que, lamentavelmente, o autor não tem o preparo necessário para se aventurar numa obra que pretende ser informativa. Informar requer imparcialidade, ainda que dosada de senso crítico, mas exige radical exclusão do espírito preconcebido. E isso falta ao nosso prezado Dr. West. É fácil demonstrar a fragilidade de seus argumentos ou, na melhor das hipóteses, sua maneira unilateral de encarar os fatos. Diz, a certa altura: “A insistência dos espiritualistas em interpretar toda ocorrência em termos de intervenção de Espírito é contrária aos princípios científicos”. Ora, é possível que haja espíritas menos informados que atribuam *todas* as manifestações supranormais à intervenção de Espíritos, mas esta não é a regra universal. Espíritas mais esclarecidos e mais bem informados sabem perfeitamente que além dos fenômenos de Espiritismo há os de animismo, tão bem estudados por Bozzano e Aksakof. Por outro lado, há que reconhecer que os fenômenos classificados de extrassensoriais, pela parapsicologia, são decorrentes do exercício das faculdades do Espírito. Está, nesse caso, a telepatia, por exemplo.

Agora, o que não parece racional é admitir-se a telepatia entre vivos e não admiti-la entre “mortos” ou entre estes e os vivos. E essa distorção de raciocínio tem suas raízes no fato de que eles ainda não admitiram a sobrevivência, especialmente aqueles que fazem parte do corpo investigador da S.P.R. Não pretendo sustentar que os pesquisadores dessa respeitável Sociedade devam ser pessoas crédulas, fáceis de enganar e simplórias. Isso seria prejudicial à própria causa. Mas é de se desejar que

seu ceticismo não seja caturro, impenetrável, impermeável, em face da evidência.

Precisamos avançar mais rapidamente, pois até aqui ainda estamos na introdução do livro do Sr. West.

O primeiro capítulo cuida do que o autor chama “impressões psíquicas espontâneas”. De modo geral os investigadores de fenômenos psíquicos — inclusive o Sr. West — desconfiam da autenticidade das ocorrências espontâneas. Querem o fenômeno nos laboratórios, sob condições de controle rígido. Querem metê-lo numa camisa de força e botá-lo sob as lentes dos microscópios. Não adianta o testemunho de homens de bem, em minuciosos relatos. O cético sempre raciocina da maneira admitida pelo autor: “se ao menos ele tivesse estado no local, alguma coisa poderia ter sido encontrada que teria mudado todo o aspecto do caso”.

Depois de descrever um caso de aparição no momento da morte, o Sr. West informa, professoral, que as aparições “não são fantasmas físicos que possam ser fotografados. São subjetivos e, no estrito senso, alucinações”. Não vamos cansar o leitor com nova discussão em torno da suposta subjetividade das aparições.

A teoria mais difundida entre os investigadores, segundo o Sr. West, é a de que o cidadão, que viu o fantasma do amigo que acabara de morrer, havia tido conhecimento extrassensorial subconsciente da referida morte, e tal conhecimento, lutando por adquirir expressão, deu origem à alucinação... Sinceramente, o leitor não acha que é dar muita volta para explicar uma coisa tão simples como a aparição do “morto”, em seu corpo perispiritual ao amigo que ficara ainda na carne?

\*

É de uma injustiça clamorosa e de completo desprezo pelos fatos o capítulo II do livro. O autor informa que os fenômenos da mediunidade física oferecem uma “boa diversão para os espectadores, mas eles (os médiuns) raramente concordam em ser seriamente investigados e, daqueles que o fizeram, é difícil encontrar um que não tenha sido apanhado em fraude, pelo menos uma vez”. Já se disse que não há coisa pior do que a meia verdade. De fato, há médiuns que fraudaram e que fraudam. Há

mesmo os que produziram grande quantidade de fenômenos autênticos e, num momento de fraqueza, cometeram fraudes inconscientes e até conscientes. Nada disso, porém, tira o valor probante dos fatos que, sob todos os controles imagináveis, têm sido produzidos à vista de pessoas idôneas, de verdadeiros sábios. Ignorar esses fatos é demonstrar a mais crua má vontade. Se apenas *um* médium autêntico tivesse produzido *um* fenômeno físico genuíno, já seria suficiente para se dizer que é possível o fenômeno. Acontece, porém, que não apenas um médium produziu um fenômeno; milhares de médiuns produzem, sob controle, toda a sorte de fenômenos físicos.

Mais adiante, nesse mesmo capítulo, o Sr. West diz que nunca houve mais que um ou dois médiuns de efeitos físicos internacionalmente famosos ao mesmo tempo.

Menciona Dunglas Home, Eusapia Palladino, Eva C..., Margery Crandon e os irmãos Schneider. Diz, a seguir, que não deseja entrar em detalhes; basta citar um ou dois exemplos. Seu primeiro exemplo é Eva C..., que “não teria ido muito longe se não fosse sua camaradagem com os pesquisadores que estavam inclinados a exagerar seus ‘fenômenos’”. Um desses pesquisadores, o eminente prof. Charles Richet, é despachado com estas palavras do autor: “um fisiologista de grande reputação científica, mas crédulo quanto aos fenômenos físicos”. Se o leitor deseja informações menos apaixonadas sobre Eva C..., isto é, Martha Béraud, leia o que escreveu sobre ela Sir Arthur Conan Doyle, na sua *História do Espiritismo*.

O segundo exemplo citado pelo Sr. West é D. Dunglas Home: “talvez o mais notável médium de efeitos físicos..., que foi *provavelmente* (notem as cautelas) o único médium famoso que nunca foi apanhado em fraude”. Mas não se entusiasme o leitor. O Sr. West acha, mais adiante, que isso se deve ao fato de que não havia controle das sessões, pois que “ninguém seria tão rude ao ponto de sugerir que o Sr. Home fosse revistado ou amarrado”. Na mesma página, no entanto, em evidente contradição com o que acabou de escrever, o Sr. West informa que foi registrada graficamente a alteração do peso de uma tábua que havia sido apoiada, de um lado, sobre um suporte firme, e, de outro, sobre o prato de uma balança. Essa experiência foi realizada, à luz plena do gás, por Sir William Crookes, na presença de

vários outros cientistas, enquanto Dunglas, a um metro de distância da balança, *tinha os pés e as mãos amarrados!* Os cientistas presentes não se convenceram diante da evidência demonstrada por *Sir William*, apesar de que não souberam dizer “onde é que a experiência estava errada”! Quer dizer, ficaram naquela ridícula atitude da pessoa que, não tendo coragem de admitir a verdade, acha que foi enganada, mas não consegue saber como se passou a coisa.

Pergunta ao leitor: isso é maneira de argumentar contra um fato sério e comprovado? Como é que o Sr. West ora diz que ninguém seria capaz de amarrar Dunglas e logo a seguir dá um exemplo em que o médium foi amarrado?

Mas vejamos outros casos citados pelo Sr. West. Como, por exemplo, o de São José Cupertino, que inúmeras vezes levitou na presença de testemunhas insuspeitas, tal como o fizera Dunglas Home. De uma feita, um médico italiano, o Dr. Francesco Pierpaolli, em companhia de outro colega, estava cuidando de um ferimento do santo, quando este caiu em transe e se elevou no ar a um palmo de altura do lugar onde se achava sentado. Ambos os médicos se certificaram de que o corpo de José Cupertino de fato planava no ar. Tentaram mesmo fazê-lo voltar à posição primitiva. Pois sabem qual o comentário do Sr. West sobre esse caso? É o seguinte: “que fazer com um testemunho dessa ordem? Será que as testemunhas são simplesmente mentirosas ou estavam alucinadas?”.

Portanto, na opinião do autor, só há duas alternativas para “explicar” o fato: Mentira ou alucinação. Sabemos nós que falta a alternativa legítima: é a de que o corpo do santo, que era médium, de fato levitou, como levitaram tantos outros na história de toda a Humanidade. Para o Sr. West, no entanto, é necessário recorrer até à alucinação coletiva, quando médiuns, religiosos ou não, levitam na presença de grande número de pessoas.

O Sr. West acha que somente em laboratório se pode concluir definitivamente, mas que não há médiuns que concordem em se prestar a essas investigações. Essa afirmação é inteiramente falsa, tanto para o passado quanto para o presente. Livros e mais livros têm relatado numerosas experiências feitas em laboratórios por renomados sábios. Talvez o autor queira referir-se à S.P.R. Pudera! Há muito *Sir Arthur Conan*

Doyle dizia que os médiuns haviam perdido a confiança na S.P.R., tantos tinham sido seus abusos e desacertos.

Dessa forma, o capítulo termina num clima negativo de dúvida. Aliás, o autor diz claramente, como se fizesse uma concessão muito especial, que vários investigadores acham inútil conduzir pesquisas psíquicas, tantas têm sido as fraudes. Julga, porém, o Sr. West que “alguma dúvida deve ficar” e pergunta, “será que há um grão de verdade?”.

\*

O 3º capítulo intitula-se “A psicologia da mediunidade”.

Começa pelo problema da psicografia, a que naturalmente o autor chama escrita automática. Acha, em conclusão, o seguinte: “Está claro que as personalidades secundárias que se manifestam nas escritas automáticas ou em históricas, como Bourne e Beauchamp, não são indivíduos independentes, mas dramatizações de tendências reprimidas”.

O Sr. West não explica, no entanto, como é que personalidades secundárias podem surgir de tendências reprimidas e, mais ainda, como é que podem discorrer sobre assuntos dos quais o médium não tem a mínima ideia e até mesmo em línguas que o médium desconhece totalmente.

\*

No 4º capítulo cuida-se dos poderes extrassensoriais dos médiuns. Embora reconheça que alguns médiuns frequentemente produzem informações notáveis na presença de estranhos, o “que parece desafiar a explicação em termos de espionagem ou dedução”, os médiuns autênticos hoje em dia são muito raros, diz o autor. A S.P.R. durante muito tempo acompanhou o trabalho da Sra. Piper e da Sra. Osborne Leonard. Quanto à primeira, tornou-se o “corvo branco” do famoso prof. William James, que se convenceu da autenticidade dos fenômenos observados, não sem ter, de início, recusado taxativamente a evidência que lhe era oferecida.

Vários outros investigadores de alto gabarito se ocuparam da mediunidade da Sra. Piper, como o prof. Hodgson e *Sir* Oliver Lodge. Diante dos fatos que examinou e da autoridade dos homens que opinaram sobre esta médium, o Sr. West reconhece que não é fácil descartar-se do caso da Sra. Piper, dizendo simplesmente que ela conseguia a informação

por meio de imperceptíveis indícios, fornecidos pelo próprio interessado na comunicação, mesmo admitindo-se que ela tivesse poderes extraordinários.

Noutro caso, com a médium Blanche Cooper, investigada pelo Dr. S. G. Soal, o incidente narrado pelo Espírito comunicante era desconhecido da médium e do investigador, e foi posteriormente autenticado pela verificação. Estamos, pois, diante de um fato. “Seria uma coincidência?”, pergunta o Sr. West. “A resposta é dubitativa”, responde o autor. Quer dizer, pode ser e pode não ser. Outras teorias foram aventadas, como, por exemplo, a de que o Dr. Soal havia sussurrado para si mesmo os seus próprios pensamentos e a médium os teria captado! Quanto aos fatos obtidos nas primeiras sessões, isso ainda poderia ser admissível para argumentar, pois que o Dr. Soal talvez tivesse tido conhecimento dos fatos e depois os esquecera. Mas, numa das sessões, a informação dada e depois verificada como genuína era inteiramente desconhecida do Dr. Soal e, naturalmente, da médium. Isso pelo simples fato de que o Espírito manifestante descreveu, com minúcias de impressionante correção, uma casa com seus habitantes e pertences mais característicos, inclusive peças de mobiliário e adorno que somente anos depois o Dr. Soal iria encontrar. E há mais: essa casa somente foi ocupada pela família (exatamente como descrita) um ano depois que o Espírito deu a informação ao Dr. Soal. Por conseguinte, a disposição dos objetos e móveis estava ainda no futuro! A explicação do Sr. West é a de que a médium — e não o Espírito — previu e descreveu a casa. Isso é possível, naturalmente, graças à faculdade extrassensorial da médium. Mas é preciso não se esquecer de que a médium, como qualquer um de nós, é um Espírito encarnado. E se ao Espírito encarnado é, às vezes, atribuído o poder de previsão, com muito mais razão e facilidade tal poder será emprestado ao Espírito desatado da condição material do corpo físico. O problema, para o Sr. West, é que a sobrevivência *também* ainda não foi provada suficientemente. Não obstante, no caso analisado pelo Dr. Soal, o Espírito comunicante era seu próprio irmão desencarnado, do que deu abundantes e irrecusáveis provas; portanto, segue-se que a previsão também foi feita por ele e não pela médium. Mas até lá não vai o Sr. West...

É referida a seguir a experimentação que F. W. Myers conduziu do Além, depois de desencarnado, e que tomou o nome de correspondência

cruzada. Também aqui o Sr. West coloca as suas dúvidas, dizendo que poderia até mesmo ocorrer a coincidência, pois que não houve suficiente controle... Em todo caso, ele admite que há nesses casos de correspondência cruzada uma evidência em favor da ideia de que várias mentes independentes trabalham o assunto.

Algumas comunicações mediunísticas, diz o autor, usualmente atribuídas a Espíritos, podem ser perfeitamente explicadas pelo poder de percepção extrassensorial do médium. Podem, na verdade; mas isso é animismo, que, no dizer autorizado de Ernesto Bozzano, constitui mais uma prova em favor do Espiritismo. A evidência esmagadora dos fenômenos de xenoglossia constitui uma das melhores provas da sobrevivência jamais produzidas. Ninguém em sã consciência poderá admitir que uma pessoa seja capaz de escrever longos trechos em língua que desconhece inteiramente, língua que muitas vezes não é mais falada no mundo há séculos. Não me venham com a memória ancestral, que é apenas uma das maneiras cômodas (e absurdas) de fugir ao fato.

Voltando ao Sr. West, vemos que ele conclui o seu capítulo IV dizendo, na sua habitual forma doutoral, que “a prova científica da sobrevivência não é de esperar” (*is not to be expected*).

O capítulo V analisa os trabalhos iniciais da pesquisa experimental, a começar com o prof. McDougall e o Dr. J. B. Rhine. Pouparemos ao leitor a discussão deste aspecto, pois que, bem ou mal, os trabalhos do Dr. Rhine têm sido apreciados.

Nos capítulos VI e VII, o autor cuida das descobertas até agora feitas pela pesquisa das faculdades extrassensoriais. Reconhece e admite, pois que não há alternativa possível a esta altura, que o ser humano possui faculdades que transcendem àquelas a que chamamos sensoriais, a ponto de que tempo e espaço se anulam e deixam de ter o significado que têm para as condições usuais da vida diária. O capítulo VIII trata de analisar algumas antigas crenças à luz das novas *conquistas* da Ciência. Começa pela radiestesia. Informa que algumas experiências feitas produziram resultados “muito significativos”, mas lá vem outra vez a velha fórmula: as experiências foram conduzidas sem as “precauções essenciais da moderna experimentação em ESP”...

No entanto, há fatos impossíveis de serem postos de lado, e o Sr. West cita, por exemplo, o do major Pogson, que, trabalhando para o governo, em Bombaim, numa região seca, acertou 47 vezes com lençóis d'água, em 49 indicações obtidas por meio da radiestesia. Depois disso, vem o estribilho: infelizmente as faculdades do major Pogson nunca foram submetidas à experimentação.

Admitindo-se, porém, que exista a referida faculdade, prossegue o autor, a explicação mais aceitável é a de que se trata de ESP, isto é, percepção extrassensorial. E daí? Fica invalidado o fato?

Quanto aos fenômenos de *poltergeist*, na opinião do autor, são fáceis de explicar. Trata-se de brincadeira de mau gosto que ocorre em casas onde existem crianças “levadas” entre 12 e 16 anos. Retiradas as crianças, os fenômenos cessam. Não é simples? O caso é que o Sr. West, como investigador da S.P.R., deveria saber que tais fenômenos não ocorrem somente em casa de crianças mal-educadas. Ao contrário, estão sendo testemunhados, com uma frequência impressionante, por pessoas acima de qualquer suspeita, em muitos lugares. Quer queira, quer não, o Sr. West, trata-se de brincadeira de mau gosto, sim, mas não de crianças, e sim de Espíritos irresponsáveis que extraem seus meios de ação perturbadora das forças mediúnicas disponíveis nas casas em que operam. Por isso é que, afastado o médium que lhes supre as forças necessárias, os fenômenos cessam ali.

Há, porém, o caso dos fantasmas. O Sr. West diz que são fenômenos alucinatórios subjetivos, isto é, criados pela pessoa que *acredita* vê-los. A não ser que duas pessoas insuspeitas relatem a mesma visão, ele não acreditará. Francamente, não sei que tem feito o Sr. West, que parece desconhecer tantos casos dessa ordem que têm sido relatados até mesmo pelo Sr. Tyrrell, outro membro da S.P.R., igualmente citado no livro que estamos analisando.

Voltando aos fenômenos de *poltergeist*, diz o autor, com uma simplicidade de pasmar, que são devidos a uma criança “frustrada em busca de excitação ou atenção”. Umas boas palmadas resolvem o caso satisfatoriamente. Os pais dessa criança “sofrem de ansiedade e insegurança e oferecem considerável resistência emocional para admitir que seu filho

(ou filha) seja capaz de praticar essas brincadeiras”. Vê-se, assim, até onde vai o espírito de contradição!

\*

Em seguida, é estudada a estigmatização. Teresa Neumann, na opinião do autor, é “provavelmente uma embusteira” (*trickster*). Com que facilidade se lança uma acusação dessa ordem. Quanto a Louise Lateau, foi investigada pela Academia de Medicina da Bélgica. Seu braço foi colocado num cilindro de vidro lacrado, fora de qualquer interferência da paciente, e sangrou. A Academia afirmou a realidade do fenômeno.

\*

Sobre a cura espiritual, diz o autor que é “um tópico difícil e controverso e há diminuta evidência em favor da crença popular de que doenças fatais possam ser curadas pela fé”. E, entretanto, a própria Medicina dos dias atuais tende firmemente para essa crença...

Por fim, o autor estuda a telepatia teatral e a faculdade extrassensorial em animais, que, aliás, tem sido seguramente estabelecida como autêntica. O Sr. West acha, porém, que esta última deve “aguardar a oportunidade de novas investigações”.

\*

No capítulo IX (último) o autor trata de “Teorias e perspectivas”. Admite, para começar, que a ESP é fato comprovado. A presciência, “pelo menos num grau limitado, é fortemente sugerida pela evidência experimental”. Além disso, tudo o mais é controvérsia e especulação. Não admira, pois, que o autor afirme que não há teoria adequada para explicar o fenômeno psíquico e situá-lo no quadro da Ciência.

Confessa também que tais fenômenos não podem ser explicados à base dos fatos físicos conhecidos, por mais desagradável que seja isto para a maioria dos cientistas. Mais adiante, o Sr. West incide na velha tecla de que nossos pensamentos e sentimentos “dependem inteiramente do estado do nosso cérebro”. Muita surpresa aguarda o Sr. West quando “acordar” no Além, depois da crise da morte, e descobrir que, a despeito de todas as suas enfáticas teorias, continua a pensar e sentir sem o cérebro material, que ficou debaixo da terra! Por enquanto, porém, apresenta os mesmos surrados

argumentos materialistas de que uma pancada na cabeça ou uma operação cerebral modificam ou destroem faculdades mentais. “Onde está a querida independência da mente em face dessa evidência?”, pergunta vitorioso. O Sr. West, coerente com seus colegas materialistas, não pode admitir que o cérebro é mero instrumento de uma faculdade superior do Espírito, assim como nossos dedos são meros instrumentos de impulsos nervosos. Por si só, desligado do Espírito, depois da crise da morte, o melhor e mais poderoso cérebro material do mundo é apenas um conglomerado de células a caminho da rápida decomposição.

Às vezes não entendo bem o Sr. West. Diz ele, por exemplo, a certa altura, que “as impressões que a mente recebe do mundo externo correspondem aos estímulos sensoriais que alcançam o cérebro. Aqui, porém, a existência da ESP invalida a teoria, pois que esta mostra que as impressões podem, às vezes, chegar à mente através de fontes externas que não tenham nenhum contato físico com o cérebro. Isso sugere um grau de independência da mente e do cérebro que corresponde melhor à antiga teoria dualista (que considera cérebro e mente como dois aspectos distintos da personalidade). É importante lembrar, porém, que um dualismo total é escassamente sustentável em face do conhecimento moderno”. E então, onde ficamos? O autor aceita ou não aceita o dualismo?

A seguir, o autor discute a possibilidade da memória coletiva, que, a seu ver, coincide, em suas linhas mestras, com a teoria do inconsciente racial de C. G. Jung. Essa fantástica e absurda teoria explicaria, no entender do autor, certos fenômenos telepáticos, como explicaria também por que razão a aranha sabe reconstruir com perfeição sua teia rompida num acidente. A aranha teria herdado, por meio de seu sistema nervoso, o mecanismo que a guia em sua atividade tecedora! Ela procede então como se tivesse aprendido a sua arte “em algum tempo anterior”. Como, porém, não pode ter aprendido durante sua vida, a explicação é a de que existe algo, como uma memória coletiva das aranhas, onde ela busca o conhecimento necessário! Diante disso, nem mesmo sei o que dizer ao meu caro leitor...

Quanto à comunicação dos Espíritos, acha o autor que *foi* para muitos “uma atraente possibilidade, uma fuga ao duro fatalismo do pensamento

moderno”. O cientista “não pode produzir Espíritos somente porque alguém gostaria de acreditar neles”.

A pesquisa psíquica, no entender do autor, levantou novos problemas em vez de resolver os antigos. A seu ver, o grande dilema da pesquisa psíquica, hoje, está em que os pesquisadores não podem dedicar muito tempo aos seus estudos, uma vez que precisam ganhar a vida.

Assim termina o livro do Sr. D. J. West. Confessamos honestamente que a obra nos deixou uma das mais penosas impressões. Pareceu-nos que a preocupação do autor em destruir a evidência em favor do Espírito é tão absorvente que ignora simplesmente os casos que contrariam seus pontos de vista. É lamentável ver o esforço sobre-humano de um estudioso, usando todos os recursos de sua inteligência e do seu ceticismo, para “demonstrar” sua própria inexistência. Já era tempo de a Ciência ter descoberto que o pensamento não é uma simples secreção das células nervosas. Uma Ciência tão orgulhosa, que penetrou o segredo do átomo e começa a conquista do espaço infinito, poderia perfeitamente concentrar-se um pouco na procura do Espírito, em vez de ficar monotonamente a repetir que nada existe além da matéria. Enquanto isso, a Humanidade, desorientada, afunda-se rapidamente na areia movediça da autodestruição, a despeito das advertências daqueles que, acima do alarido, proclamam sua fé inabalável na existência do Espírito e na sua evolução perene através dos séculos.

## A lição de Abigail

Há cerca de cinquenta anos, Hendrik Van Loon escreveu um ensaio histórico chamado *Tolerância*, publicado em 1925, nos Estados Unidos, onde se radicara. A despeito dos tristes episódios que recordava, o livro concluía com uma nota de esperança. Terminara há alguns poucos anos “a guerra que acabaria com as guerras”. Ao que tudo indicava, o homem não poderia deixar de aprender a dura lição da matança que se estendeu de 1914 até 1918.

Em 1940 os editores de Van Loon acharam que o livro, que se tornara clássico, merecia nova edição, e convidaram o autor a escrever um capítulo final, tentando explicar por que o ideal de tolerância havia falhado tão desesperadamente nos últimos anos. E mais: “por que vivemos hoje numa época de ódios sem precedentes, de crueldade e de fanatismo. Haveria uma razão para tudo isto e, havendo, poderia eu apontá-la?”.

A tarefa não era fácil, ainda mais que a atualização da obra implicava necessariamente sacrificar o tom de otimismo da primeira edição. O mundo de 1940 estava novamente mergulhado na guerra total, mais cruel, mais penosa, mais devastadora que a anterior. No espaço de uma única geração, não apenas os ódios se desdobraram, mas as paixões se ativaram e as ambições se desataram como nunca dantes na História. Acresce que a técnica de matar em grosso alcançara novos requintes e uma aterradora eficiência. “O momento”, como diz Van Loon, “era mais propício à marcha fúnebre da Heroica, de Beethoven, do que à explosão de alegria no coral da Nona. É que em 1925 ainda sobrevivia a tímida flor da esperança, mas em 1940 ela pendia murcha e irrecuperável de um caule raquítico e apagado.”

Que se poderia fazer? “Pelo que vejo”, escreve Van Loon, “não há muito que fazer, a não ser conservarmos a nossa cabeça fresca e seca a nossa pólvora. Palavras não nos servirão para nada.”

O tom é, pois, de pessimismo, mas, ainda assim, brilha nele o tênue reflexo de uma esperança, se conservássemos fresca a cabeça. Quanto à pólvora, até que era um mal menor, mas só descobrimos isso depois que a primeira bomba nuclear desabou implacável sobre Hiroshima. E mesmo aquela é, hoje, mero fogo de artifício ante os poderosos artefatos de muitos megatons que surgiram depois.

Uma pergunta nos fica a dançar no espírito inquieto: Por que não aprendemos a lição veemente e dramática do passado? Van Loon recorda as muitas faces da intolerância, destacando, sobre todas, a pior de todas — a religiosa. Essa é estudada, interrogada, examinada e classificada a fim de descobrir nas suas sutilezas os mecanismos psíquicos que a movem. O mistério é antigo e perdura. Já no século quarto da nossa era, perguntava Quintus Aurelius Symmachus:

— Por que não vivemos em paz e harmonia? Olhamos para as mesmas estrelas, somos companheiros de viagem no mesmo planeta e moramos sob o mesmo céu. Que importa saber qual o caminho que cada indivíduo segue para encontrar a verdade remota? O enigma da existência é demasiadamente profundo para haver apenas uma estrada que conduza à sua solução.

Apoiados nas sólidas estruturas da Doutrina Espírita, conhecemos hoje muito mais acerca dos “enigmas da existência”, a que alude o bom Symmachus, mas a intolerância resiste, sobrevive, renasce.

Quatorze séculos depois, Voltaire formularia indagação semelhante:

“Que é a tolerância? É o apanágio da Humanidade. Somos todos eivados de fraquezas e de erros; perdoemo-nos reciprocamente nossas tolices — eis a primeira Lei da Natureza.”

E, no entanto, acrescenta melancólico, mais adiante:

“De todas as religiões, a cristã é, sem dúvida, aquela que deve inspirar maior tolerância, ainda que até agora os cristãos tenham sido os mais

intolerantes dos homens.”[1]

Por que isso? Será que confundimos tolerância com transigência e acomodação? O exemplo do Cristo não é esse. Ele não transige com o erro, mas é tolerante com aquele que erra. Sua palavra é pronta na condenação do pecado, mas igualmente oportuna em manifestar a sua compreensão e ternura pelo pecador.

“O navio que trouxera Paulo e Barnabé da Ásia para a Europa”, escreve Van Loon, “trouxera uma mensagem de esperança e misericórdia. Mas um terceiro passageiro ocultara-se clandestinamente a bordo. Usava uma máscara de santidade e de virtude. Sob ela, porém, o seu rosto mostrava crueldade e ódio. Seu nome era Intolerância Religiosa.”

E que tremendas doses de intolerância não encontram os primeiros divulgadores da Boa Nova! Por toda parte a tocaia do ódio gratuito, irracional, impiedoso.

Acha Van Loon que o medo é a base da intolerância. Cita o exemplo da Igreja que, ante o temor de perder a sua hegemonia multissecular, “depende, para sua existência, da completa e absoluta obediência até do mais humilde de seus súditos, e, por isso, tem sido levada a tais extremos de crueldade que muita gente prefere a maldade do turco à caridade do cristão”.

Cita, para ilustrar sua tese, a conhecida hostilidade dos animais por todo elemento estranho, ainda que da mesma espécie, que se aproxime do grupo em que vive. O mesmo cão que se deixa arrastar para casa docilmente por uma criança que o puxe pelo rabo, ameaça ferozmente a integridade de outra criança estranha ao grupo familiar. Será que herdamos essa desconfiança atávica pelos que não se identificam totalmente conosco, com nossos hábitos, nossas crenças, nossas *sottises*,[2] como diz Voltaire?

Em *Paulo e Estêvão* encontramos exemplos inúmeros da tenaz vitalidade da intolerância nos caminhos do Apóstolo dos Gentios. Por toda parte a hostilidade e a perseguição. É impressionante o inventário de suas tribulações e sofrimentos na *Segunda Epístola aos Coríntios* (cap. 11, versículos 24 e seguintes).

Na primeira missão, ainda com Barnabé, teve que sair de Listra para não pôr em risco a segurança de Loide e Eunice. Chegara até ali o eco venenoso da intolerância que pintava em cores negras e mentirosas o episódio com Tecla, em Icônio. Na segunda missão, já com Silas, em Éfeso, onde residiam Maria e o apóstolo João, a intolerância soprou as chamas do ódio. Interesses comerciais prejudicados inspiraram um tumulto de lamentáveis consequências. Os arruaceiros inconscientes, manobrados por líderes desavisados, saíram em campo para trucidar os apóstolos e seus amigos. O argumento era de transparente cinismo: a pregação de Paulo aniquilava as antigas tradições da cidade. É fácil ver através dele a cara fechada e ameaçadora da intolerância e, murmurando no ouvido dela, o medo de que nos fala Van Loon. A palavra do Cristo punha em perigo a vida mansa e confortável dos fazedores de imagens, dos exploradores da ingenuidade alheia.

A turba, farejando sangue, dirigiu-se à oficina onde Paulo trabalhava, com seus amigos Áquila e Prisca, o humilde artesanato de tapetes, do qual viviam. Encontraram lá apenas Gaio e Aristarco, que foram presos, mas a tenda foi totalmente destroçada, seus teares quebrados e as peças de couro atiradas à rua. Apenas uma voz se levantou para pleitear em nome da tolerância: um escrivão modesto conseguiu pacificar os ânimos.

No dia seguinte, Paulo visitou os destroços em companhia de João. Ao contemplar a tolerância impotente sacrificada à intolerância prepotente, teve uma observação melancólica e ao mesmo tempo iluminada pela fé inabalável que era uma constante do seu bravo espírito:

— Ai de nós, se não trouxéssemos a marca do Cristo Jesus!

Em Atenas encontrou a intolerância dos filósofos *blasés*; em Roma, a intolerância dos donos do mundo; em Jerusalém, a intolerância de alguns que se diziam seus próprios companheiros; por toda parte, a intolerância dos que não queriam mergulhar no silêncio para um bom exame introspectivo, dos que não desejavam mudar suas vidas, sacrificar comodidades, conter paixões, abater orgulhos e vaidades, sufocar personalismos, renunciar posições, ouvir, por um momento, enfim, a voz da consciência, que somente se escuta na solitude interior da meditação honesta e sincera.

Sim, as estradas são muitas, amigo Symmachus, embora o alvo seja o mesmo para todos nós. Mas que haveremos de fazer se alguns companheiros preferem dar voltas, demorar-se pelas veredas, embrenhar-se pelas trilhas? Se não seguem ao nosso lado é porque optaram pela via mais longa. Estão apenas adiando o seu próprio encontro com a paz. Talvez não seja porque não querem, e sim porque ainda não podem dar o salto que gostaríamos que eles dessem. Nosso interesse por eles pode ser legítimo e construtivo, a insistência amiga e aceitável, mas, se recusam a advertência, o chamado, a oferta, deixemo-lo seguir com as nossas preces e as bênçãos do Mestre. Não lhes chegou ainda o tempo da colheita de que falou o salmista; encontram-se na fase da sementeira ou, se já começam a surgir os frutos, estão ainda verdes e ácidos.

Por isso, o Espiritismo não pode ser doutrina de massas, preocupada com a estatística como qualquer grupo interessado em somar adeptos.

Voltemos ainda uma vez à narrativa inesgotável e imortal de Emmanuel, em *Paulo e Estêvão*, pois bem dizia Paulo que muito se haveria de remexer as lições daqueles tempos heroicos.

O futuro Apóstolo dos Gentios estava numa das suas fases mais difíceis, mergulhado em depressão e incertezas. Acabara de ser inapelavelmente repudiado pelo pai, desgostoso ante sua inexplicável conversão ao Cristo. O seu antigo mundo ruína e o novo ainda não se desenhara na sua tela mental.

Depois de muito caminhar sem rumo, atingiu os arredores do monte Tauro, nas vizinhanças de Tarso, onde descansou numa caverna, sacudido por emoções muitas. Desdobrado do corpo físico, foi levado ao plano espiritual, onde se encontrou com Estêvão e Abigail. Recebeu-os de joelhos e em pranto, mas Estêvão pediu que ele se levantasse e Abigail lhe perguntou por que chorava. Estaria desalentado quando a tarefa apenas começava? A conversa foi longa e decisiva. Abigail, mais bela do que nunca, lhe repetiu a advertência amiga do Cristo:

— Saulo, não tornes a recalcitrar contra o agulhão. Esvazia-te dos pensamentos do mundo. Depois de esgotares a última gota do vinagre dos enganos terrenos, Jesus encherá teu espírito de claridades imortais.

O colóquio prosseguiu amoroso, enquanto Abigail traçava, em suas recomendações finais, todo um programa de vida:

— Ama, trabalha, espera e perdoa.

Não é, pois, sem razão que anos depois, ao relembrar a experiência aos seus queridos coríntios, Paulo diria na *Segunda Epístola*, capítulo 12, versículos 2 a 4:

Sei de um homem em Cristo que, há quatorze anos — se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe — foi arrebatado ao terceiro Céu. E sei que este homem — se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe — foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis que o homem não pode pronunciar.

Se a nossa imperfeição nos impede o acesso às “palavras inefáveis”, pelo menos não deixemos que voem as outras, sopradas pela intolerância e pela impaciência, sobre as quais choraremos mais tarde a lágrima silenciosa do arrependimento.

[1] *Dictionnaire Philosophique*, edição Garnier, 1961.

[2] *Idiotices*.

## Gente sentada em cima do muro

A interpretação do fenômeno psíquico tem constituído problema bem mais sério do que parece e muito mais grave do que deveria ser. É coisa estranha: quanto mais sofisticadas a civilização e a cultura, maior a dificuldade na aceitação do fenômeno e no seu exato enquadramento filosófico. Menos envolvidos em sofismas e raciocínios elaborados, os povos primitivos consideravam esses fenômenos como uma das tantas manifestações naturais, tal como a chuva, o vento, o nascer do Sol, o crescer das plantas ou o perfume das flores. E como há mediunidade desde que existe o homem, o vulto do morto que se mostrava durante o sonho ou mesmo nos estados de vigília, era tomado pelo que realmente queria dizer, ou seja, uma pura e simples presença do espírito sobrevivente.

Essa abordagem era inteiramente legítima porque emergia da humilde posição do homem diante dos fenômenos naturais que constituem, por sua vez, manifestações sensíveis das Leis Divinas. Com o decorrer do tempo, entretanto, o homem começou a buscar explicações e justificativas elaboradas para tudo quanto ocorre à sua volta. E, à medida que aumentava o seu conhecimento, foi também crescendo a sensação de sua própria importância, até ao ponto em que se julgou em condições de dispensar a ideia de Deus. Essa posição se destaca muito claramente na resposta que um orgulhoso filósofo deu a Napoleão. Perguntado sobre o que achava de Deus, respondeu com superioridade vaidosa:

— Não tenho necessidade dessa hipótese, Sire.

Pouco depois surgiu a doutrina positivista de Augusto Comte que excluiu de suas cogitações todos os fenômenos considerados sobrenaturais, como se fosse possível nos domínios da Natureza haver fenômenos que

escapassem ao esquema divino das Leis Naturais. O fato de um fenômeno ser inexplicável não o coloca obrigatoriamente no universo das impossibilidades. Por outro lado, a indemonstrabilidade dos fenômenos não significa que eles sejam sobrenaturais ou inexistentes; pode apenas denotar que os nossos métodos de observação e pesquisa são insuficientes, imperfeitos ou inadequados.

Isso tudo nos leva, em suma, àquela palavra muito sábia e eterna do Cristo, que sempre expressou com simplicidade profunda as verdades simples: “Veja quem tem olhos de ver”.

O fenômeno psíquico é de todos os tempos, está em toda parte e ocorre com toda gente, mas cada um o interpreta conforme lhe parece, segundo sua posição espiritual. Os que têm os olhos de ver de que falava Jesus certamente alcançarão conclusões diferentes das que forem admitidas por aqueles a quem faltam os atributos da visão espiritualizada das coisas.

\*

Essas palavras aí estão para servir de introdução à nossa conversa sobre um livro recentemente[1] publicado nos Estados Unidos sob o título *The Psychic World Around Us* (*O mundo psíquico em torno de nós*), escrito por Sanford Teller, com base nas narrativas e experiências de Long John Nebel.

Long John Nebel é figura popular nos Estados Unidos, graças ao seu programa de rádio, mantido regularmente no ar há mais de quatorze anos, no incrível horário de meia-noite às cinco da manhã. No programa de Long John têm desfilado inúmeros tipos humanos, do ridículo e grotesco ao sublime. Muitas das suas apresentações foram dedicadas aos fenômenos psíquicos e inabituais, segundo narrativas de médiuns, de pesquisadores, de cientistas ou de simples figuras humanas que lhe levaram a contribuição de seu depoimento pessoal. É claro que o programa não cuida apenas de fenômenos psíquicos; leva ao ar qualquer assunto de interesse público, desde política até discos voadores, além de música popular e entrevistas de valor jornalístico.

O interesse de Long John Nebel pelos fenômenos psíquicos é antigo, remontando à sua infância. Ao que se depreende, Long John tem mesmo

certo grau de mediunidade. Algum tempo depois da morte de seu pai, estava já recolhido para dormir, quando ao som do “Capricho Vienense,” de Kreisler, despertou de um salto do estado de sonolência em que começava a mergulhar e deu com a figura de um homem de pé, ao lado da sua cama, sorrindo para ele. Era o pai.

— Seja um bom menino, meu filho, e tome conta da sua mãe para mim. Tenho que ir agora. Sinto falta de você.

E com isso desapareceu. O episódio, se não despertou seu interesse pelos fenômenos, certamente contribuiu bastante para isso. Através dos anos que se seguiram, Long John confessa que inúmeras experiências dessa natureza ocorreram com ele ou foram trazidas ao seu conhecimento por outrem. Na verdade, vivemos rodeados por fenômenos psíquicos, e essa é a mensagem expressa no título do livro. Seria ridículo, a esta altura, negar a realidade da fenomenologia espiritual. E é por isso, por estarem confrontados com essa verdade irremovível, que os opositores incansáveis da ideia do espírito voltaram-se agora para a busca de explicações outras que excluam do quadro interpretativo qualquer sombra ou imagem espiritual, procurando reduzir tudo a meras manifestações físico-químicas ocorridas na esfera biológica do ser. Parodiando o “sábio” do diálogo com Napoleão, querem a todo custo explicar o mundo espiritual sem recorrer ao espírito, nem mesmo como hipótese de trabalho.

Outros há, porém, que, embora aceitando a legitimidade do fenômeno — no que, aliás, não fazem favor algum —, hesitam e negaceiam diante da contingência de tomarem uma posição pessoal. Long John Nebel está entre estes, conforme veremos. É bem verdade que seu livro[2] contém, no início, uma espécie de justificativa, ou melhor, um apelo em favor das novas ideias implícitas nos fenômenos de natureza espiritual. Já aqui eu poria um reparo: as manifestações mediúnicas não constituem fatos novos; são tão antigas quanto o próprio homem. Mas deixemos isso de lado. Consideremos válido o apelo porque muitos ainda precisam ser despertados para essa realidade, que, embora antiquíssima, ainda é novidade para tanta gente. Lembra Long John, por exemplo, que se há apenas cem anos alguém fizesse certas previsões acerca do que hoje tomamos por corriqueiros fatos diários, seria, no mínimo, objeto de ridículo.

“Há uns poucos séculos” — diz o autor — “muitos foram torturados e executados porque disseram coisas que ninguém queria ouvir. Agora gostamos de pensar que estamos num mundo diferente daquele dos nossos ancestrais. Somos modernos, inteligentes, abertos aos novos conceitos e sugestões, dispostos a mudar de ideia quando uma nova evidência nos é apresentada. No entanto, quando um homem do caráter e da formação do bispo James A. Pike declara ter estado em comunicação com o Espírito de seu filho morto, é exposto a uma torrente de dúvida e de ridículo.”

É que os fatos incomodam porque obrigam a mudanças radicais de atitude. Gostamos todos de nos abandonar às nossas tendências e comodismos, levados indefinidamente pela correnteza dos acontecimentos, através das veredas do menor esforço. Mas os fatos de natureza psíquica são muitos, são insistentes, são impertinentes, porque as leis que governam o Universo querem que todos nós sejamos expostos a eles; ninguém poderia dizer que jamais ouviu falar deles ou jamais teve deles experiência direta ou indireta.

Vejamos, por exemplo, o caso do pré-conhecimento ou profecia.

\*

Cerca de 2h10, em 23 de janeiro de 1963, o programa de Long John estava no ar, discutindo o problema do futuro. Alguém se lembrou de perguntar à Sra. Jeane Dixon quem, na sua opinião, disputaria com o presidente Kennedy as próximas eleições. Jeane Dixon hesitou por alguns instantes e depois, com visível emoção e tristeza na voz, declarou que Kennedy não iria concorrer porque morreria assassinado antes do fim de 1963.

O debate foi habilmente interrompido por Nebel, que fez sinal ao controle para colocar um disco no prato. No intervalo que se seguiu, Long John combinou com seus convidados não insistirem mais no embaraçante assunto quando o programa retornasse ao ar. Assim foi feito. Mas em outras oportunidades, Jeane Dixon continuou declarando, e com maior riqueza de pormenores, sua convicção quanto ao trágico fim do presidente Kennedy. Ela previu igualmente a morte de Robert Kennedy e declarou que Edward Kennedy viveria mais se não se candidatasse à presidência da República.

No dia seguinte ao programa com Jeane Dixon, um estranho telefonou para Long John e, com voz muito macia, procurou convencê-lo a apresentar alguns programas destinados a melhorar a imagem de Fidel Castro perante o povo americano, pois, no seu entender, o ditador cubano estava sendo tratado de modo injusto pelo sistema de divulgação americano. O homem do telefone se propunha a comparecer aos programas para a tarefa redentora. Ao receber a polida e firme recusa de Long John, despejou sobre ele um vocabulário de ódio e palavrão “that shook even me”, diz o autor, isto é, *até a mim abalou*. Só algum tempo depois, Long John deu importância àquela conversa, da qual tomara nota, como sempre. O nome do homem com quem conversou era Lee Harvey Oswald, futuro assassino de Kennedy. Seria coincidência o seu telefonema, logo após o programa com Jeane Dixon?

A Sra. Dixon, católica praticante e sincera, tem mantido elevadíssima percentagem de acerto em suas inúmeras predições. Jamais comercializou suas faculdades, com as quais poderia facilmente ter enriquecido.

\*

O livro prossegue com o estudo de outros fenômenos de profecia, passando em seguida ao capítulo em que é tratado o programa dos discos voadores; mas a nós, espíritas, é de maior interesse o exame do capítulo sobre Espiritismo, que naturalmente é lá chamado de Espiritualismo (*Spiritualism*).

É aqui que mais de perto e mais eloquentemente verificamos o desolador desconhecimento do assunto revelado por Long John Nebel e o extremo cuidado que coloca em não se deixar comprometer e envolver pela matéria. A impressão que nos fica é a de que, sendo como é, inegavelmente, uma personalidade em grande evidência, cujo sucesso depende claramente da sua imagem popular, não deseja declarar-se simpatizante dessa gente que ainda acredita na existência do espírito humano.

Diz ele, de início, que o Espiritismo “foi originariamente um produto americano”, mas que alcançou grande popularidade e aceitação na Inglaterra. Em meia dúzia de linhas relata o caso da família Fox, informando ainda que foi bem rendosa a comercialização que as meninas fizeram dos seus dons, pois em certas noites de exibição chegaram a ganhar

duzentos dólares, importância considerável para aqueles tempos. Durante 25 anos elas se exibiram pelo mundo afora e, segundo sumária afirmativa de Long John, “graças à fama e notoriedade das duas moças de Hydesville, o Espiritismo surgiu como um movimento de caráter mundial”(!). Ainda bem que nessa apressada, incorreta e mal informada apresentação das origens do chamado Espiritualismo, nem uma palavra foi escrita sobre Kardec e seu trabalho, que o autor parece ignorar totalmente. Qualquer menção a Kardec num livro desses propagaria uma imagem inteiramente deformada da límpida Doutrina Kardequiana, envolvendo o ouro puro dos seus ensinamentos tão bem pesquisados e meditados, com a confusa e desconexa narrativa de fenômenos psíquicos, autênticos sem dúvida, mas mal-apresentados e mal-interpretados.

Com Daniel Dunglas Home, o grande médium do século XIX, Long John não é menos cruel e apressado. Diz ele que “Chefes de Estado, eminentes clérigos e até mesmo alguns destacados cientistas foram completamente embrulhados (*taken in*) por esse exibicionista de fala rápida”. E mais adiante: “A despeito de estar identificado com o mundo espiritual, ele certamente não negligenciou seu bem-estar físico, casando-se com um total de três mulheres ricas... e com as suas contas bancárias”.

Não pode, no entanto, o autor impiedoso e mal-informado, fugir às inúmeras evidências que Home deixou bem documentadas da sua notável mediunidade e, por isso, conclui dizendo: “Apesar de Home ser geralmente considerado como um fabuloso impostor, *nenhuma explicação satisfatória jamais foi apresentada* para alguns dos seus feitos mais espetaculares”.

Páginas adiante, o autor descreve alguns equipamentos de palco, destinados à apresentação de números de ilusionismo e declara — com razão — que muitos deles servem àqueles que pretendem desacreditar a validade de todos os fenômenos psíquicos.

Narra ainda o episódio em que Tom O’Neil documentou, em filme especial, em companhia do Dr. Andrijah Puharich, as tremendas fraudes verificadas no famoso Campo Chesterfield e que deixaram O’Neil tão desgostoso que resolveu abandonar o Espiritualismo. A essa altura só nos resta um comentário: se toda a estrutura do movimento espiritual repousasse irremediavelmente na verificação de fraudes praticadas por

gente inescrupulosa, não estaríamos assistindo ao espetáculo de um corpo doutrinário que resiste há um século às mais terríveis investidas de descrentes e materialistas, de interesses contrariados, de toda a sorte enfim de tentativas de demolição. Eram muito frágeis, pois, as convicções de Tom O'Neil...

O caso do bispo James Pike também é tratado por Long John dessa maneira dúbia, que o deixa sempre, como se diz em linguagem figurada, em cima do muro, pronto para cair do lado que melhor lhe convier. Primeiro diz ele que, quando um homem da envergadura moral, da reputação, da inteligência e cultura de Pike declara haver falado com o Espírito do filho morto, é necessário prestar atenção ao que ele diz. Depois, cita Milbourne Christopher, mágico de fama internacional e presidente da Sociedade Americana de Mágicos, que disse: “Não posso estar absolutamente certo, mas, pelo que consegui depreender, é muito possível que alguém esteja tentando tirar partido do sentimento do bispo Pike pelo seu filho morto. Por quê? Quem sabe? Poderia ser um recurso com o objetivo de tornar o Espiritismo respeitável aos olhos do público”.

O comentário de Long John é, como sempre, desconcertante. Assegura que o bispo não estava à cata de publicidade, que sua sinceridade, sua integridade e sua inteligência não podem ser postas em dúvida, que ele é uma figura respeitada e de gabarito internacional, “mas será que ele se comunicou mesmo com o seu filho morto?”. E aí fica a dúvida, embora declare que se existe alguém que tenha estabelecido um elo de comunicação com o mundo espiritual, esse alguém foi o bispo James A. Pike...

Nesse mesmo capítulo, conta Long John que, em entrevista que lhe concedeu no rádio, o professor H. N. Banerjee, da Universidade de Rajastan, na Índia, declarou que de repente se desenvolveu nele a mediunidade a que chamamos psicográfica e um Espírito que se diz chamar Lee Harvey Oswald escreveu uma longa comunicação historiando sua participação na tragédia Kennedy. Afirmou que não foi ele quem assassinou o Presidente, admitindo, porém, que matou o policial Tippit. Não ficou esclarecido por que eliminou Tippit e quem, na sua opinião, atirou sobre o Presidente. Tudo inconclusivo e mal-apresentado.

E depois dessa, sai o autor com mais uma observação de quem deseja continuar sentado sobre o muro: “Chega de escrita de Espírito, a qual, tenho de admitir, levanta muitas questões enigmáticas a que certamente não posso responder”.

E como poderia ele respondê-las se não estudou o assunto?

\*

Não obstante as restrições que somos levados a fazer-lhe, o livro de Long John Nebel contém relatos muito interessantes de casos bem documentados e testemunhados, embora invariavelmente encerrados por um comentário desconcertante.

Outros, de menor interesse e mais banais são, no entanto, dignos da divulgação que tiveram no programa e no livro de Nebel.

Um desses, por exemplo, é o de John Kolisch, que hipnotiza um jovem que se desloca em espírito e narra o que vê a distância. A experiência foi feita no apartamento de Nebel, que, sem nenhum preparo anterior, pediu ao rapaz, já hipnotizado, que descrevesse o terceiro carro estacionado na sua calçada, a partir do hidrante. “Era” — disse o rapaz — “um Studebaker Lark, 1959, com transmissão mecânica, duas portas, capa de plástico branco nos assentos, um rótulo do Automóvel Clube no vidro, azul, chapa 887468.” Ao conferirem a informação depois — e o próprio Nebel ignorava que carro o rapaz descreveria —, verificaram que tudo estava certo, exceto a cor e a diferença de um algarismo na chapa. Quanto à cor, havia talvez uma justificativa: o rapaz era daltônico. Isso, porém, não invalidava a prova. Comentário de Nebel? Aí vai: “Obviamente, nada de conclusivo havia sido provado. É possível que eu tenha sido enrolado por um truque muito inteligente. Mas, se foi isso, como se fez?”.

O caso seguinte é bem mais interessante e até mesmo algo fantástico. Nebel foi procurado por um cidadão evidentemente bem-educado, bem situado na vida e sincero. Exibiu sua identidade e vários documentos que retirava de uma pasta. A essa altura, a pedido do desconhecido, conversavam apenas os dois numa sala reservada no edifício da estação de rádio onde trabalha Nebel. O homem, cujo nome verdadeiro não é revelado, provou ser supervisor de projetos de uma das mais destacadas indústrias de

aviação e astronáutica americanas. Na vida militar, ocupou posições de relevo e de extrema confiança, em trabalho de defesa nacional. Suas credenciais eram, pois, irrecusáveis.

Certas faculdades psíquicas começaram a revelar-se nesse homem tão bem qualificado, muito embora desinteressado e até mesmo um tanto hostil, a princípio, em relação aos fenômenos de natureza psíquica.

Para encurtar a história, vamos ao essencial: em vista de sua impossibilidade de usar novocaína, procurou um dentista que conhecia hipnose e ali teve início sua estranha experiência.

Julgava-se homem equilibrado e bem ajustado; no entanto, estava começando a duvidar das suas faculdades mentais depois do que lhe estava acontecendo de uns tempos para cá. Sentia-se frequentemente como se tivesse dois corpos, um físico, pesado, e outro leve, que flutuava e se deslocava livremente no espaço. Nos seus deslocamentos, via-se duas ou três noites por semana, já há cerca de dois meses, numa cidade — sempre a mesma — que acreditava ser Washington, pois divisava perfeitamente a Casa Branca, o Capitólio e os monumentos. Depois compreendeu que seu interesse se concentrava num vasto edifício fora da cidade, no vizinho estado de Virgínia. Dirigia-se invariavelmente para uma sala muito grande, de paredes cobertas de chapas de aço, com uma porta de cofre, como se fosse a casa-forte de um banco. Andava livremente por ali, como se não houvesse portas nem paredes de aço. Lá dentro, um cômodo cheio de arquivos de aço, todos fechados a chave. Tentara, a princípio, abrir uma das gavetas, certo de que ali dentro estava algo terrivelmente importante, mas não conseguia. Tinha que saber do que se tratava!

— Uma noite — prossegue ele — encontrei-me colocando minha mão *dentro* do arquivo. A mão passou através do aço e eu era capaz de ver o que continham as pastas arquivadas. Era como se eu tivesse visão de raios X. Sei que isso parece coisa de louco, mas até aqui o senhor acredita em mim, não acredita?

Assegurado de que sua história estava sendo aceita, continuou-a para acrescentar que acabou por encontrar uma pasta.

— Havia cinco fotografias dentro dela. Todas do mesmo homem, já velho. Estava sentado numa cadeira de rodas e parecia ter cerca de oitenta anos. Eu estava fascinado por aquelas fotografias. Alguma coisa nele me dava calafrios. Notei, a seguir, que havia alguns papéis na pasta. Uns estavam escritos em castelhano, o resto em inglês. Então, foi como se uma granada me explodisse em pleno rosto: vi que nas costas de uma das fotografias brilhantes estava escrita uma legenda: “Adolf Hitler, 24 de janeiro de 1966”.

Em poucos segundos, após esse impacto, viu-se novamente fora do edifício. Olhou bem à sua volta e verificou que se tratava de um prédio que lhe era familiar, pois muitas vezes passara por ali. Tinha também visto fotografias dele. Mesmo que tivesse qualquer dúvida, porém, lá estava o letreiro identificador: *Central Intelligence Agency*. Estava, portanto, no centro vital do serviço secreto americano, a famosa CIA.

Dois anos depois desse novelesco episódio, Nebel recebeu, de outra fonte, informação de que alguém havia visto nos arquivos da CIA uma fotografia de um velho com a seguinte identificação: “Adolf Hitler. Buenos Aires. 1966”.

Long John mostrou-se realmente surpreso, mas já ouvira essa estranha história do homem que lhe merecera fé e que, em espírito, invadira os domínios supersecrets da CIA e também concluía que, ao contrário do que pensa o mundo inteiro, Hitler ainda vive![\[3\]](#)

Diante disso, não é de admirar-se que até os governos, cuja filosofia política é montada sobre alicerces materialistas, estejam tão interessados na pesquisa psíquica. Desejam, evidentemente, botar a serviço de suas paixões e de seus interesses faculdades que Deus colocou no homem para acelerar o desenvolvimento de seu espírito na caminhada para a paz e não o exercício de seus ódios e rivalidades.

Depois de mais alguns casos de desprendimento espiritual, Long John conclui, sempre à sua maneira, dizendo que, à vista disso, não pode evitar que a sua “decidida descrença tenha enfraquecido um pouco mais”...

Para não alongar muito este artigo, vamos examinar apenas mais dois casos que me parecem dignos de menção especial.

\*

O primeiro é o de um homem que, em consequência de certo acidente, perdera a perna direita, mas ficara com a estranha faculdade de, sob certas circunstâncias fora de seu controle, ser capaz de caminhar como se a tivesse perfeita.

Um telefonema da cidade de Newark botou-o em contato com Long John Nebel, que o convidou a comparecer ao programa imediatamente.

A história era tão fantástica que Nebel achou que o homem jamais compareceria, mas pouco antes de meia-noite o operador veio dizer que havia um homem lá fora que desejava falar-lhe.

— O sujeito tem uma perna só — acrescentou casualmente.

Ao entrar, caminhava com a ajuda de muletas. Era um cidadão bem-vestido, aí pelos seus quarenta e poucos anos. A perna direita da sua calça estava dobrada e presa atrás, nada havendo abaixo do joelho.

Quanto à “prova” a que se propunha, falhou, porque ele não tinha infelizmente controle sobre a sua curiosa faculdade. Nunca sabia quando podia e quando não podia recompor a sua perna “psíquica”.

Long John deu o assunto por encerrado, apesar de grandemente desapontado pelo logro em que havia caído. Nada impedia, no entanto, que o homem ficasse por ali mesmo e assistisse a tanto quanto quisesse do programa. Long John prosseguiu ao microfone. As muletas lá estavam encostadas à mesa. Pegou-as e, apoiado nelas, se dirigiu ao sofá, atrás da cadeira de Nebel que, enquanto falava, percebeu que ele descansou as muletas no chão e sentou-se. Cerca de quinze minutos depois, o operador, da cabina de controle, começou a fazer gestos desesperados para Long John, com uma expressão de estupefação na face.

“Então eu vi a coisa” — diz Long John. — “Primeiro com o rabo dos olhos e depois exatamente diante de mim. Aquele homem, o homem cuja perna direita havia sido removida anos atrás, estava caminhando na direção da porta. E sem muletas. A perna da sua calça continuava dobrada e presa atrás. Andava como se tivesse duas pernas, mas havia apenas uma! Nem mancava, enquanto se dirigia para a porta. Mantinha um caminhar forte e firme. Continuei falando ao microfone. Eu tinha que fazê-lo. Tudo quanto

me lembro foi ver aquele homem de uma perna só alcançar a porta, abri-la, dar um adeus e desaparecer na noite.”

Houve ainda uma sequência final. O operador foi atrás dele, viu-o caminhar pelo local do estacionamento, subir no seu carro e dar partida no motor. Mas em vez de sair com o carro, desligou o motor e começou a buzinar até que o operador chegou para ver o que se passava. O homem havia novamente perdido a perna fantasma e precisava das muletas, que esquecera no estúdio. Poderia o operador ir buscá-las, por favor, pois que sem elas não poderia caminhar.

\*

O segundo caso, igualmente bem testemunhado e documentado, é o de Cleve Backster, especialista de competência internacionalmente reconhecida em técnicas de aplicação do aparelho intitulado popularmente de “detector de mentiras”, e autor de um livro sobre o assunto. Esse homem comprovou no estúdio a reação tipicamente “humana” de plantas a estímulos externos físicos e, por incrível que pareça, até ao pensamento, demonstrando emoções nitidamente perceptíveis nos gráficos dos delicadíssimos aparelhos eletrônicos.

A coisa começou quando ele quis medir o tempo que levaria a água colocada na terra em torno das raízes para alcançar as folhas. Para isso, adaptou seus eletrodos a uma folha e começou a sua aventura. Quando, numa experiência, queimou uma folha com o isqueiro, a reação foi violenta no gráfico, como qualquer pessoa que experimentasse uma dor súbita.

No estúdio, quando Backster se levantou da cadeira e começou a deixar a sala, o gráfico registrou uma forte reação das plantas que “quase levou a pena para fora do papel”.

Enquanto o programa estava sendo transmitido, houve interrupção para uma notícia especial. Uma canalização de gás se havia rompido na esquina da Rua 92 com a Primeira Avenida (em Nova Iorque), apresentando perigo de fogo. No instante em que essa palavra foi dita pelo locutor, a pena do polígrafo desviou-se inexplicavelmente para o meio do papel. Será que a planta manifestara algum medo?

Backster tem um plano que ainda não foi possível pôr em prática: medir as reações de uma planta que tenha “assistido” a um crime, ao desfilarem diante dela os suspeitos.

Já há tempos ficou suficientemente demonstrado que as plantas reagem claramente à prece, nas experiências do Dr. Franklin Loer, relatadas no livro *The Power of Prayer on Plants (O poder da prece sobre as plantas)*. Não é, pois, absurdo que elas possam, de certa forma, registrar emoções primárias. Nelas há vida, e toda vida emana de Deus, e certamente se identificam e se comunicam as diversas formas em que ela se manifesta na imensa obra da Criação.

\*

As conclusões finais do livro de Long John Nebel não são menos desapontadoras do que aquelas que ele deixou aqui e ali no seu texto. Ao citar opiniões que procurou colher entre amigos e conhecidos, parece dar preferência àquelas que negam os suportes espirituais dos fenômenos, já que seria ridículo negar os fenômenos em si. Acha talvez imprudente ou inconveniente para a sua posição de homem público declarar-se de maneira positiva, entre aqueles que estão convencidos da existência e sobrevivência do Espírito e suas manifestações. Para muita gente que se julga equilibrada, inteligente e superior, os Espíritos constituem uma casta à parte, como se fossem marginais do pensamento humano, envolvidos em ilusões e alucinações deduzidas de fatos mal observados e escassamente comprovados. Mas que importa? O pioneirismo tem o seu preço e creio que estamos todos dispostos a pagá-lo tranquilamente.

A primeira opinião citada por Nebel é a do reverendo David Poling, presidente do *Christian Herald*, autor de uma coluna publicada semanalmente em 500 (quinhentos!) jornais.

O reverendo Poling começa bem a sua declaração a Nebel, dizendo que *estamos* atrasados em relação à discussão e à pesquisa psíquica, porque esse campo de atividade tem estado exposto a práticas fraudulentas por milhares de anos. Procura distinguir, a seguir, a profecia no seu sentido popular, isto é, de previsão de acontecimentos futuros, da profecia no contexto bíblico que, segundo entende o reverendo Poling, é exercida por homens e mulheres de boa vontade e bem-intencionados, “que percebem os

eventos temporais e interpretam os acontecimentos contemporâneos, visando ao bem-estar e à assistência à comunidade”. Donde se conclui, portanto, que o eminente Reverendo desconhece o sentido bíblico da palavra profecia, que, em linguagem moderna e espírita, é sinônima de *mediunidade*.

Outra ilustre personalidade consultada é Don Maclean, autor de uma coluna diária distribuída em todo o território dos Estados Unidos. Maclean é muito seguro de si e trata com superior benevolência esses pobres de espírito que ainda precisam do apoio da religião ou da ideia da sobrevivência. “Para muita gente”— diz ele — “os fenômenos psíquicos e essas pseudociências associadas a eles exercem a mesma função que a religião; tentam explicar o inexplicável. Alguns dos nossos cidadãos *mais fracos* (grifo meu) exigem explicações. Não podem crer que não exista alguém ou alguma coisa controlando as forças da Natureza e a marcha dos acontecimentos. A ideia de um universo matematicamente correto, mas desordenado, os assusta.”

E mais adiante:

A religião continua a ser um Supremo Tribunal para o homem em pânico, que esgotou as soluções e alternativas terrenas. É simplesmente um mecanismo de segurança; quando tudo o mais falha, o homem ora. Sem este último recurso, ele poderia espatifar-se ou entrar no colapso da mais extrema desesperança. Isso nos traz aos fenômenos psíquicos. Se a religião é um produto do desejo (seria bom que existisse um Deus que tomasse conta de tudo; portanto, Deus existe) o mesmo pode ser dito das pseudociências.

Maclean termina seu discurso, aliás muito bem escrito, declarando que o medo do desconhecido sempre foi nosso companheiro e provavelmente o será, de uma forma ou de outra, até o fim dos tempos. Essas manifestações da insegurança básica do homem são bastante inofensivas. Se ter fé nessas tolices faz alguém sentir-se melhor, certamente, deixemo-lo em paz. Mas comigo não. Prefiro deixar essa zona crepuscular àqueles que precisam dela.

O rabi Samuel Silver, qualificado como *líder espiritual* do Templo Sinai, em Stamford, estado de Connecticut, também é autor de uma coluna largamente divulgada na imprensa americana. Sua opinião com relação ao fenômeno psíquico é a de que prefere permanecer como cético. “Já li algo a respeito e ouvi alguns testemunhos, mas continuo em dúvida.” Considera importante o depoimento do bispo Pike e de outras pessoas eminentes, mas não pode aceitar a ideia de que entre as faculdades humanas se inclua a de “espionar o futuro ou de comunicar-se com os que partiram”.

Não pode acreditar em Pike nem nos seus médiuns. Acredita, porém, em milagres, como sendo “paradas da natureza”... Quanto às passagens da *Bíblia* em que são narrados fenômenos psíquicos, como a expulsão de Espíritos inferiores, “refletem apenas o desejo do autor de nos dizer como eram extraordinários Moisés ou Jesus”. E é um rabi, líder espiritual... Acaba por concluir desta maneira incrível: “A aceitação dos fenômenos psíquicos é, para mim, não somente algo em que não posso acreditar, mas algo contrário à democracia essencial do Governo de Deus sobre a raça humana”.

A Dra. Hanna Kapit, eminente psicanalista de Nova Iorque, declara que “nunca teve uma experiência que não pudesse ser explicada pelos fatos conhecidos racionais e empíricos”.

\*

E nesse tom termina o livro de Long John Nebel. Com isso, voltamos ao ponto inicial desta conversa. É bem verdade, como assegura o título do livro, que vivemos rodeados de fenômenos psíquicos. São como as ondas de rádio ou de televisão — estão por toda parte, mas é preciso que nos sintonizemos com essas faixas vibratórias, não com o desejo irracional de acreditar a qualquer preço ou de negar de qualquer maneira, mas com dose suficiente de humildade intelectual para estudar as leis que os governam e que Deus criou, simples e perfeitas.

Não sejamos, porém, muito impacientes com Long John Nebel. Seu depoimento é interessante, no sentido de que tem colocado o problema do fenômeno psíquico diante das multidões. Muita semente tem caído entre os espinheiros de que nos falava Jesus, mas, aqui e ali, um pedacinho fértil de solo produzirá bons frutos no tempo certo, como dizia o salmista.

É lamentável, no entanto, e chega a ser comovente, a extraordinária cegueira daqueles cegos que não querem ver ou que não têm os olhos de ver. É verdade que o fenômeno ocorre em toda parte, com toda gente, em todos os tempos, mas são poucos ainda os que sabem como situá-los e interpretá-los e extrair dos fatos uma filosofia de vida. Nós sabemos porque antes de nós houve quem estudasse para nós esses fatos e os colocasse na exata posição em que deveriam ficar.

Se é que ainda cabe aqui uma palavra, é esta: preservar a todo custo a pureza doutrinária que nos legou Kardec na sua obra monolítica. Para nós, parece muito simples separar o joio do trigo, interpretar os fenômenos espirituais e relacioná-los adequadamente com o ritmo evolutivo do nosso espírito, mas se não tivéssemos a Doutrina de Kardec, por certo ainda estaríamos por aí a dizer tolices com o ar mais doutoral e acadêmico do mundo, muito senhores da nossa empáfia e da nossa profunda sabedoria, cheios de pena pelos pobres-diabos que precisam de Deus e acreditam em Espíritos...

[1] O artigo é de 1970.

[2] Sanford Teller escreveu o livro utilizando-se do material e das notas de Long John Nebel.

[3] Não há como autenticar essa “informação”.

## Psiquiatria e reencarnação

Mais de um século se passou desde que *O Livro dos Espíritos* — peça fundamental da Doutrina Espírita — foi lançado em Paris, em abril de 1857, por Allan Kardec. Muita coisa aconteceu nesse intervalo em todos os setores da atividade humana. A História se desdobrou em acontecimentos vertiginosos, a Ciência abriu novos horizontes, as transformações econômicas e sociais chegaram em alguns pontos a nascer da violência, à custa de sangue e sofrimentos terríveis. Até a moral abandonou padrões que lhe serviram durante séculos para aferir o comportamento do homem diante de si mesmo e em confronto com o seu semelhante. É, assim, melancólico verificar-se a lentidão com que caminharam as ciências interessadas no mecanismo do espírito humano. Mergulhado por algumas décadas nas sombras da matéria densa, o espírito parece esquecido de si mesmo, para cuidar quase que exclusivamente dos problemas do seu corpo físico e da sua melhor acomodação ao meio ambiente terreno. Equivale dizer, portanto, que os problemas de ordem transitória passam a ter prioridade sobre os interesses permanentes da criatura. Isso explica — embora não justifique — a morosidade com que se desenvolve o conhecimento da natureza espiritual do homem. A Ciência ainda não deu valor e, por conseguinte, não se dedicou à exploração do riquíssimo filão existente no corpo doutrinário do Espiritismo.

A contribuição que a nossa Doutrina tem a oferecer aos diversos ramos do conhecimento humano não foi ainda sequer avaliada fora dos círculos essencialmente espíritas. A Psicanálise ainda está contida nos estreitos compartimentos de uma só vida humana; a Psicologia, pelas suas figuras mais eminentes e representativas, procura estudar a mente sem admitir a

existência do espírito e sua sobrevivência à morte do corpo; a Parapsicologia, que nasceu cercada de tantas esperanças, estiola-se infestada de dissidências internas. Grupos puramente mecanicistas procuram explicar tudo em termos de fisiologia nervosa, dispensando totalmente qualquer hipótese de interferência espiritual sobrevivente, e atribuindo tudo à atividade da mente. *Mente*, aliás, é a palavra-chave que serve para todas as situações, que aceita qualquer explicação, que oferece recursos para todas as retiradas. Mas que é mente? Parece que há tantas definições e conceitos quantas são as correntes dentro da Parapsicologia. Ainda sobre esses aspectos vale a pena lembrar a curiosa posição de sacerdotes ditos cristãos, de mãos dadas com pesquisadores declaradamente materialistas, desinteressados ambos da atuação do espírito sobrevivente, tentando explicar tudo em termos de atividade mental do ser encarnado.

Pelo que ficou dito e muito mais que o limite de espaço concedido a um mero artigo não pode conter é que acolhemos com profundo interesse e renovadas esperanças um depoimento tão bem documentado e corajoso como o livro *Many Lifetimes (Muitas Existências)*, escrito pelo Dr. Denys Kelsey e sua esposa, Joan Grant. Ele, médico, filiado ao famoso *Royal College of Physicians*, de Londres, e ela, escritora e médium de muitos recursos. A obra foi editada originalmente pela Doubleday, em 1967, e o tema fundamental que une entre si os dez capítulos — escritos alternadamente pelo médico e sua esposa — é a reencarnação.

O Dr. Kelsey não passou diretamente da Faculdade de Medicina para a prática da Psiquiatria. Antes, exerceu a clínica num hospital militar. Seu encontro com os problemas do espírito deu-se de maneira inesperada. Um colega caiu vitimado por uma epidemia de influenza e o Dr. Kelsey foi convidado a acumular, tanto quanto possível, os encargos da ala dedicada à Psiquiatria. Na noite de sua estreia, de maneira inteiramente acidental e praticamente por intuição, hipnotizou um paciente agitadoíssimo que dois homens mal conseguiam conter. Estava aberta diante dos seus olhos uma larga janela sobre os mistérios do espírito.

O Dr. Kelsey fez progressos rápidos, dedicando-se à Psiquiatria e associando-a criteriosamente à hipnose. Dentro de algum tempo tropeçou na ideia da reencarnação. A princípio relutou em aceitá-la e incorporá-la

como legítimo instrumento de trabalho ao seu arsenal de conhecimentos, mas a evidência foi esmagadora e por isso inicia o seu primeiro capítulo — ou seja, o segundo do livro — com estas palavras eminentemente positivas: “Gostaria que todos participassem de minha crença na reencarnação. Acho que isso os tornaria muito mais felizes, muito menos assustados e muito mais sadios. É ainda bastante desusado para um psiquiatra adotar essa crença e tomá-la como base da sua terapia”.

Essa convicção não lhe chegou por um súbito *flash*; ao contrário, veio lentamente e por etapas, à medida que adquiria experiência em sua clínica particular, depois de deixar o hospital militar, onde teve o seu primeiro contato com a realidade do espírito. Diz ele que “somente após quatro anos de prática psiquiátrica deu com um caso que o ‘forçou’ à certeza intelectual de que há no ser humano um componente não físico”. E prossegue: “Receber esse ensinamento como matéria dogmática ou doutrinária é uma coisa; ser compelido à mesma conclusão por nossa própria experiência é muito diferente”.

A sessão com esse paciente foi uma encruzilhada, e o caminho, daí em diante, levou o Dr. Kelsey a ficar igualmente convencido da reencarnação como antes ficara da existência do princípio espiritual. A hipnose teve papel decisivo e preponderante nas suas pesquisas. Escorado nas premissas fundamentais da sobrevivência e da reencarnação, verificou ele que os mistérios do espírito humano começavam a se explicar e resolver. Logo de início decidiu apoiar-se no conceito amplamente aceito de que existem três compartimentos distintos na atividade mental: a consciência, a pré-consciência e a inconsciência. A primeira corresponde ao estado normal de vigília contendo os pensamentos e sensações que nos ocupam no momento presente. A segunda área abrange o conhecimento acumulado na memória e que pode ser, com relativa facilidade, trazido ao consciente; o terceiro compartimento, que mais de perto interessa ao psiquiatra — é o inconsciente, onde se acham arquivadas as memórias de acesso bem mais difícil.

É bom notar que o Dr. Kelsey não abandonou todos os princípios fundamentais da Psiquiatria — apenas os conjugou com o conhecimento novo que lhe trouxe a comprovação da existência e reencarnação do

espírito. Continua achando válido, por exemplo, o princípio terapêutico de que é preciso arrancar da escuridão do inconsciente a pesada carga das desagradáveis memórias reprimidas que afetam de maneira tão aguda os mecanismos da personalidade. Achou, no entanto, decisivamente útil adotar a técnica da regressão de memória para explorar o inconsciente e trazer para a luz do consciente os recalques perturbadores.

Outro ponto ao qual se conservou fiel é o de que não é necessariamente obrigatório pesquisar existências passadas em todos os casos de distúrbios psíquicos. Muitos conflitos se resolvem mediante arranjos e reajustes do material colhido nos arquivos da existência atual.

Não foi fácil, porém, ao Dr. Kelsey aceitar de início a validade científica da evidência que descobriu. Seu pensamento estava fortemente condicionado pelas ideias absorvidas de mestres consagrados como Jung, com a sua concepção do inconsciente coletivo. Durante seis anos o Dr. Kelsey encontrou pacientes cujas ansiedades e distúrbios não conseguia identificar, por mais que estudasse o material colhido de conformidade com as regras da teoria psicanalítica clássica. “Tais casos” — prossegue o autor — “me levaram a especular se seria possível para um indivíduo herdar ansiedades de seus pais, mas mesmo a essa altura não cheguei a pensar em termos de passadas existências do próprio paciente. Dessa forma, a despeito de que meus pensamentos voltavam frequentemente à questão das origens da psique, a rigidez das minhas próprias ideias me impediam de realizar progressos satisfatórios.”

Foi somente em 1948 — dez anos após a primeira experiência no hospital militar — que uma paciente hipnotizada descreveu, com grande precisão e sem sombra de dúvida, a casa do Dr. Kelsey, a distância, como se estivesse realmente lá, naquele momento. Conversando posteriormente com um amigo, ficou muito surpreso ao verificar que ele aceitava tranquilamente o fenômeno e acrescentava informações suplementares, afirmando que tais fatos foram bem conhecidos e bastante desenvolvidos no passado distante, especialmente no Egito. A propósito: o Dr. Kelsey tinha lido, por acaso, algum livro de uma senhora chamada Joan Grant? Não, nunca ouvira falar nesse nome. Dessa conversa surgiu o seu interesse pelas obras da Sra. Grant. Leu em primeiro lugar *Winged Pharaoh (O faraó alado)* e confessa

que antes mesmo de concluir o livro estava convencido, “fora de qualquer possibilidade de dúvida, de que a reencarnação era uma realidade”. Tal aceitação fora ainda intuitiva. Somente mais tarde — diz ele — iria lançar uma “ponte intelectual para cobrir o vão” existente entre suas pesquisas e a intuitiva convicção de um esquema evolutivo que há muito tempo ele havia reconhecido como verdadeiro.

O episódio da conversa com aquele amigo teve uma sequência inesperada. Ao concluir a leitura do livro de Joan Grant, o Dr. Kelsey estava disposto a percorrer metade do mundo para encontrar-se com a autora, tal foi o impacto do livro sobre seu espírito. Verificou, no entanto, que morava a menos de cinquenta quilômetros da sua casa. Marcaram um encontro na residência dela, onde ele foi para jantar e acabou ficando até às três horas da madrugada, numa conversa fascinante que parecia jamais esgotar os assuntos que abordavam. Descobriu que a Sra. Grant, uma viúva, possuía notáveis faculdades psíquicas, tinha conhecimento de várias encarnações anteriores e, mais ainda, por algum tempo trabalhara junto a um médico psiquiatra. Chegaram mesmo a mencionar a possibilidade de uma colaboração mútua, mas a coisa foi muito além disso, porque dentro de dois meses, Joan Grant e o Dr. Denys Kelsey eram marido e mulher, iniciando uma fase interessantíssima de suas vidas, na qual ele, como médico, solicitava frequentemente a ajuda da mediunidade da esposa para resolverem juntos complicados problemas psíquicos dos pacientes.

O livro é, pois, a história dessa colaboração, das ideias suscitadas no desenrolar dos trabalhos, das conclusões a que chegaram e dos dramas que se desenrolaram diante dos seus olhos.

Joan e o Dr. Kelsey não eram estranhos um ao outro, pois juntos viveram no passado algumas experiências muito curiosas. Numa existência na antiga Roma, Joan fora uma dama de grande beleza e vaidade que conheceu um jovem médico pelo qual se apaixonou. Para tê-lo ao seu lado, contratou-o a seu serviço permanente, na esperança de despertar nele correspondência ao seu afeto. Como o jovem médico (encarnação anterior do próprio Kelsey) relutasse em declarar-se, a orgulhosa dama imaginou um stratagem: fingiria um suicídio espetaculoso, cercado de toda a pompa daqueles tempos. Mandou fazer um belíssimo sarcófago de mármore,

marcou um dia apropriado para o qual convidou os seus amigos, deu um banquete, fez um discurso de despedida muito estudado e dramático e deitou-se no sarcófago cheio d'água perfumada, na qual nadavam pétalas de rosa. Em seguida, chamou o amado médico e ordenou-lhe que lhe abrisse as veias. Confiava em que, diante de tal emergência extrema, o jovem se veria forçado a confessar o seu amor e pedir-lhe apaixonadamente que ela vivesse para ele; no entanto, o médico tomou sua ordem ao pé da letra, abriu-lhe os pulsos e o sangue começou a fluir dentro da água, tingindo-a de rosa. A bela senhora assistia à cena num terrível estado de decepção, mas seu orgulho a impedira de mandar parar a sangria por meio de pinça e, enquanto a água da banheira improvisada foi ficando cada vez mais vermelha, ela fechou os olhos para que ele não visse neles o brilho duro da frustração e da raiva. E assim morreu.

Diz ela, nos seus escritos, agora, dois mil anos depois, que lhe ficou muito grata por ter ele, com aquele gesto inflexível, curado o espírito da orgulhosa dama, de forma que jamais tentou novamente usar de chantagens sentimentais para alcançar seus fins.

Constitui um espetáculo fascinante acompanhar na prática psiquiátrica a aplicação dos princípios colhidos no campo da experiência espiritual. Alguns dos casos mais dramáticos são relatados pelo Dr. Kelsey no capítulo sexto, intitulado com muita propriedade “Reencarnação e psicoterapia”.

Logo de início, observa ele a enorme extensão de tempo exigida pelos métodos ortodoxos de Psicanálise, em contraposição com o processo de indução hipnótica incomparavelmente mais rápido. Num dos casos específicos de sua clínica, após 80 (oitenta!) sessões de análise com um paciente, e obtida alguma melhora, não foi mais possível nenhum progresso e o tratamento foi abandonado. Dois anos depois, o paciente solicitou nova consulta em estado de extrema aflição e angústia.

Ao recebê-lo no consultório, o Dr. Kelsey declarou que tinha razões para crer que a causa do seu distúrbio psíquico deveria estar numa existência anterior, com o que o paciente concordou, em princípio. Para encurtar a história: com a ajuda das faculdades mediúnicas de Joan e através da indução hipnótica foi possível curá-lo radicalmente, em uma única sessão!

Outro caso dramático foi resolvido sem a ajuda de Joan. O paciente era de meia-idade, um profissional liberal de elevado grau de cultura afligido por persistente e invencível homossexualismo. Dentro da sua tese de que o médico deve primeiro pesquisar a existência atual, o Dr. Kelsey empregou inicialmente os métodos clássicos de Psicanálise, com hipnose e sem ela, tudo sem resultado prático. O problema da reencarnação era particularmente delicado nesse caso porque o paciente tinha profundas convicções religiosas ortodoxas, sendo membro ativo da Igreja Anglicana. Finalmente, numa sessão de hipnose, já na oportunidade da décima quarta consulta, o paciente começou a descrever episódios de uma existência vivida entre os hititas, quando, na qualidade de esposa de um dos chefes da época, acostumada ao luxo, exercera grande poder sobre o esposo. Quando a beleza física se foi e o marido deixou de interessar-se por ela, o choque emocional foi demasiado forte para a sua natureza apaixonada. Recorrendo aos processos então em uso, tentou atrair terríveis malefícios sobre seu marido, pedindo a um sacerdote de Baal que o amaldiçoasse. Acabou assassinada, levando para o Além toda a frustração da sua humilhante posição de esposa orgulhosa e desprezada.

Ao que parece, o episódio trazido do fundo do passado distante é que estava repercutindo na existência atual, na qual experimentava a tragédia do homossexualismo.

Com muita habilidade, o psiquiatra sugeriu-lhe que perdoasse a antiga esposa hitita, deixando de punir-se pelo crime milenar nesta nova existência, tão distante daquela. O homem ajoelhou-se e orou em silêncio por algum tempo. Ao levantar-se, disse com firmeza:

— Sei que tudo terminou. Não sou mais homossexual.

Durante quatro anos o médico não soube mais dele. Uma carta veio então confirmar a sua recuperação. Dizia ela, em certo ponto, que estava radicalmente curado e não achava outra explicação para o caso senão uma espécie de exorcismo praticado pelo médico.

Na verdade, quando a Psiquiatria descobrir os conceitos fundamentais do Espiritismo e aplicá-los com inteligência, os resultados serão realmente espetaculares. Que o diga o Dr. Kelsey.

O livro é, assim, um depoimento autêntico de duas pessoas altamente qualificadas que viveram as experiências relatadas, em vez de se limitarem a especular sobre observações alheias. Para o leitor espírita familiarizado com a Doutrina e com os fenômenos, o livro não terá o mesmo sabor de novidade, nem o mesmo impacto que tem sobre o leitor leigo. Há nele, porém, um mérito muito grande para nós, espíritas — é a tranquila e segura verificação de que qualquer pesquisador isento de preconceitos vai dar inevitavelmente nas verdades essenciais da nossa Doutrina, isto é, a preexistência e a sobrevivência do espírito e, conseqüentemente, sua reencarnação; a comunicabilidade entre espíritos e homens; a atuação da lei de causa e efeito; a memória integral. Nos fenômenos de hipnose profunda vemos igualmente confirmadas as observações de experimentadores espíritas e não espíritas, como, por exemplo, o elevado grau de honestidade demonstrado pela pessoa em transe profundo, que prefere afirmar algo que a desabone do que mentir para justificar-se; o deslocamento do espírito que, desprendendo-se do corpo físico, tem condições de visitar locais distantes e descrever com precisão o que se passa à sua volta; a faculdade de acesso à memória integral, onde vai buscar os mínimos pormenores de existências vividas há séculos ou milênios.

Vimos, alhures, o depoimento corajoso e humano de um bispo anglicano que se convenceu da sobrevivência de seu filho e, através de vários médiuns, teve oportunidade de conversar com ele, confessando que nos postulados da sua crença religiosa não conseguira encontrar apoio para a certeza da continuidade do espírito após a morte. Vemos agora um psiquiatra inteligente e experimentado que não apenas descobriu a reencarnação, como a incorporou à sua técnica terapêutica.

Não é mesmo curioso que sejam sempre concordantes essas descobertas com os nossos princípios doutrinários? Descobertas, aliás, que não constituem surpresa para os espíritas; surpresos, sim, ficaríamos, se nos viessem dizer que experimentaram cuidadosamente com a ideia da reencarnação e que a coisa não funcionou.

## Espírito: nova arma secreta do Materialismo

O jovem de dezesseis anos dirigiu-se ao banheiro de onde voltou com uma pinça na mão. Aproximando-se do professor Albert Einstein, pediu-lhe permissão para arrancar três fios de seu espesso bigode. A ordem para assim proceder tinha partido telepaticamente de outro eminente cientista presente, o Dr. Sigmund Freud. O menino, que realizara a tarefa comandada pelo pensamento de Freud, chamava-se Wolf Messing e até hoje está vivo<sup>[1]</sup> em sua memória aquele encontro memorável, em 1915, em Viena, com dois gênios de uma época brilhante.

Longa e fascinante é a história de Messing, e estranhas as faculdades da sua mente.

Nasceu na Rússia, já no final do século, em 10 de setembro de 1899, não muito longe de Varsóvia, numa pequena cidade chamada Gora Calvária, na Rússia czarista.

Sua família judia era extremamente pobre e muito religiosa. Já aos seis anos, Wolf conhecia o *Talmude* muito bem, graças à sua extraordinária memória. Aos onze, com umas poucas moedas no bolso, partiu para a grande aventura da vida. Em Berlim conseguiu um emprego de mensageiro, mas um dia desmaiou de fome na rua ao se dirigir a um subúrbio para levar um embrulho. Sem dinheiro e sem amigos, foi levado ao hospital, onde foi dado como morto, pois estava frio, sem pulso e sem respiração. Puseram seu corpo no necrotério e dali teria seguido para o túmulo se um jovem estudante de Medicina ao examiná-lo não tivesse percebido ligeiras batidas no seu coração. Dentro de três dias estava novamente em forma.

Um médico do hospital, o Dr. Abel, psiquiatra e neuro-patologista, interessou-se por Messing e declarou tratar-se de um caso muito raro de letargia. Anos depois, Messing escreveria em sua autobiografia que devia ao Dr. Abel não apenas a vida, mas também a descoberta e desenvolvimento de suas faculdades psíquicas. Juntamente com um colega psiquiatra, o Dr. Schmidt, e a esposa deste, o Dr. Abel treinou Wolf Messing para a notável tarefa que teria a desempenhar nos longos anos de sua vida.

Surgiu de início um cavalheiro por nome Tselmeister, que se incumbiu de empresariar o menino numa sala de exposições, em Berlim, o *Panopticon*. De sexta-feira até domingo à noite Wolf Messing ficava exposto em estado cataléptico num esquife de cristal, como um cadáver, à disposição da curiosidade pública. Nos demais dias da semana, andava solto pelo mercado, tentando captar o pensamento dos camponeses alemães que negociavam seus produtos na cidade.

Depois da experiência com Einstein e Freud, viajou pelo mundo durante dez anos, visitando entre outros países, o Brasil. Exibiu-se também no Japão, na Índia, na Argentina, na Austrália. Esteve em todas as grandes capitais europeias: Paris, Londres, Roma, Estocolmo, Genebra, Varsóvia.

Em 1927, já com 28 anos, encontrou-se com Gandhi, que também testou suas faculdades, dando-lhe uma ordem mental para que apanhasse uma flauta de cima da mesa e a entregasse a alguém presente. A ordem foi cumprida. O homem que recebeu o instrumento pôs-se a tocá-lo e de uma cesta emergiu logo a cabeça de uma serpente dançarina.

Em 1937 Messing caiu em desgraça na Alemanha nazista ao predizer que Hitler morreria se atacasse o Oriente. O Führer não gostou da profecia e pôs um preço de duzentos mil marcos na cabeça de Messing, que estava nessa época na Polônia. O recurso era fugir do terrorismo antissemita. Aliás, toda a família de Messing foi trucidada no gueto de Varsóvia, onde viviam.

Ainda em fuga, alcançou Brest Litovsk, onde alguns milhares de refugiados pleiteavam a permanência na Rússia.

Em busca de um emprego no Ministério da Cultura, foi recusado sumariamente: não queriam adivinhos nem feiticeiros no país; além do

mais, essa história de telepatia era tolice, porque nada disso existia.

Ninguém sabe o que fez Messing, mas o certo é que sua demonstração foi tão convincente que lhe deram o emprego desejado no Ministério da Cultura, dando início às suas aventuras na União Soviética.

\*

Achava-se ele um dia em pleno espetáculo teatral, onde exibia suas notáveis faculdades, quando dois policiais soviéticos uniformizados interromperam a apresentação e o levaram. O ano era 1940 e a cidade, Gomel. Dali partiu Messing para destino ignorado. Preocupado com a sua conta no hotel e com a sua bagagem, recebeu a informação de que a despesa estava paga; quanto à bagagem, não precisaria dela.

Por fim chegaram ao destino. Messing não conhecia o local, mas parecia um hotel. Levaram-no para um aposento, onde aguardou algum tempo. Em seguida, passaram-no para outra sala. Daí a pouco entrou um sujeito de olhar penetrante e de grandes bigodes. Era Stalin. Queria saber como iam as coisas na Polônia e o que estavam fazendo e pensando os líderes poloneses. Messing viu que o ditador soviético não estava interessado nas suas faculdades psíquicas, e sim em informações de natureza política. No entanto, a coisa mudou, e mais tarde Stalin fez também algumas experiências com o sensitivo.

Primeiro determinou a Messing que assaltasse um banco em Moscou, donde deveria roubar cem mil rublos. O teste era simples... para Messing, naturalmente. Messing dirigiu-se ao caixa e entregou-lhe um pedaço de papel em branco que destacara de um caderno escolar. Em seguida, abriu a sua maleta de mão e expressou mentalmente o desejo imperioso de que o caixa lhe entregasse o dinheiro, e assim foi feito. O velho olhou o papel, abriu o cofre e lhe deu o dinheiro. Messing acomodou as notas na sua valise e saiu tranquilamente, indo juntar-se às duas testemunhas que Stalin enviara para autenticar o fenômeno. Depois disso, Messing voltou ao caixa e devolveu-lhe o dinheiro. O pobre homem olhou bem para Messing, olhou o pedaço de papel ainda sobre a sua mesa de trabalho e desabou com um ataque cardíaco.

— Felizmente não foi fatal — comentou Messing, depois.

Não satisfeito com isso, Stalin determinou um teste ainda mais difícil. Messing deveria chegar até onde se encontrasse Stalin, na sua residência particular, sem nenhum documento de identificação ou salvo-conduto, vencendo as verdadeiras barreiras de guardas e agentes secretos que cercavam o ditador dia e noite. Dias depois, achava-se Stalin trabalhando na sua casa de campo, diante de uma mesa cheia de documentos oficiais, quando Messing entrou tranquilamente sem ser molestado por ninguém. Pelo contrário, os guardas afastavam-se respeitosos e saudavam o estranho que ia varando salas e abrindo portas.

Como foi possível aquilo? Simples, explicou Messing. Ele entrou dizendo mentalmente:

— Eu sou Beria... Eu sou Beria...

Laurenti Beria ocupava naquele tempo a chefia da poderosa polícia secreta do regime.

\*

Essas e muitas outras histórias e relatos de pesquisas científicas estão contidas num livro sensacional que acaba de ser publicado nos Estados Unidos sob o título *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* — (*Descobertas psíquicas atrás da cortina de ferro*). Foi escrito por Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, que em 1968 visitaram não apenas a Rússia, mas também a Bulgária e a Tchecoslováquia, com a finalidade de realizar uma investigação sobre o que está sendo feito no campo da pesquisa psíquica nesses países. As coisas que viram e narraram no livro estão surpreendendo muita gente que nem suspeitava possível tão vivo interesse desses países em problemas de natureza espiritual.

É claro, porém, que os cientistas soviéticos não estão — pelo menos por enquanto — em busca do espírito. Ao que tudo indica, o objetivo da pesquisa é mais prosaico e imediatista: desejam estudar, controlar e utilizar o tremendo potencial da mente humana para fins políticos e militares. De outra forma não gastariam o equivalente a doze milhões de dólares por ano pesquisando os mecanismos do espírito no qual não acreditam. É uma atividade importante e vital que merece apoio decidido de homens do

gabarito do professor Nikolay Semynov, Prêmio Nobel de Química e vice-presidente da Academia de Ciências.

Foi na busca de informações sobre o que estão fazendo os cientistas soviéticos que as autoras do livro deram com a legendária figura de Wolf Messing. Esse homem não apenas é capaz de ler o pensamento alheio tal uma página datilografada diante dos olhos, como consegue implantar, nos outros, comandos mentais irresistíveis.

Quando as estranhas faculdades de Messing foram comprovadas fora de qualquer dúvida, foi necessário arranjar para elas uma explicação oficial que não contrariasse os donos da “verdade” materialista. Surgiu então, em 1950, a teoria do ideomotor, imaginada pela equipe do Departamento de Filosofia da Academia de Ciências. Ao que se depreende, a teoria está em decadência, porque a revista *Ciência e Religião*, que publicou a autobiografia de Messing, aceitou também a crítica do sensível ao ideomotor, que, aliás, não explicava o mecanismo dos testes realizados pelo próprio Stalin.

Ainda hoje, porém, Messing lamenta que só porque os cientistas encontram charlatões aqui e ali, concluem que *todos* os seres dotados de faculdades psíquicas extraordinárias são fraudulentos. Acha ele, no entanto, que estão chegando os tempos em que os homens “compreenderão todos esses fenômenos”. No seu entender, “nada há de estranho neles. Somente algo ainda incomum”.

\*

Segundo se lê nas referências já divulgadas ao livro de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, a obra não cuida apenas do caso Messing. A importância que os países comunistas estão atribuindo à pesquisa psíquica se evidencia no interesse de seus melhores cientistas e na fabulosa importância em dinheiro que estão aplicando no projeto. Há laboratórios bem montados, equipados com instrumentos eficientes e delicados. Pesquisadores soviéticos criaram aparelhos capazes de medir a força do pensamento. Já estão desenvolvidas técnicas para fotografar a aura humana. Já se sabe que a aura não é apenas um fenômeno curioso, mas revela condições de saúde física, estado de espírito, nível mental e caráter das pessoas. Já não há dúvida quanto ao poder da prece sobre os seres vivos.

Numa série de experiências, ficou provado que uma coelha foi telepaticamente informada de ferimentos sofridos por um filhote, estando ambos em submarinos a centenas de milhas um do outro. Experiências telecinéticas foram filmadas para provar o poder do pensamento sobre a matéria inerte. Acreditam mesmo, os russos, na viabilidade de um amplificador eletrônico das vibrações mentais. As possibilidades de tal instrumento para o futuro da raça humana invadem o domínio da fantasia, dado que tanto poderá ser utilizado em benefício da Humanidade como fator do agravamento de suas aflições. Isso porque as descobertas que a pesquisa científica vai colocando ao alcance do ser humano não ultrapassam nas suas aplicações o nível moral do próprio homem. Está aí para todos verem o exemplo doloroso da energia atômica. Por mais dramáticos que sejam os esforços dos grupos bem-intencionados, a verdade é que o poder do átomo está sendo empregado predominantemente na macabra tarefa da destruição. Que fará o homem dos poderes tremendos que está encontrando no seu espírito? Se as descobertas forem realizadas por grupos belicosos que sonham com o domínio do mundo e com a implantação de doutrinas perniciosas, será difícil desviá-los desses propósitos sinistros. E neste momento começam a chegar a nós os primeiros sinais de que há uma verdadeira corrida silenciosa na busca dessa maravilhosa forma de energia que dorme dentro do ser humano. Quem chegar primeiro terá a maior fatia de poder. Quem poderá defender-se da espionagem psíquica feita por Espíritos desprendidos, invisíveis, com acesso irresistível a todas as fontes de informação? Como serão utilizadas essas informações? Por quem? Para quê?

O livro de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder levanta certamente algumas pontas do véu que encobre fatos de mais alta relevância para o futuro da raça humana. Implicações talvez ainda não bem avaliadas ou sequer suspeitadas estão nas suas entrelinhas. A nosso ver, numa afirmação talvez ainda temerária, mas apoiada em razoáveis especulações, não é nada inocente o súbito interesse das grandes potências nas tremendas possibilidades do universo psíquico do homem. Ao perceber que usualmente apenas utilizamos uma fração desprezível da nossa capacidade psíquica, a Ciência deseja agora, numa precipitação muito suspeita, desbravar o território desconhecido da mente, sem saber ainda que está

lidando não apenas com a estrutura de um cérebro físico, mas com uma entidade espiritual preexistente e sobrevivente e, portanto, reencarnante. Mais sério ainda que isso: o objetivo da pesquisa não é realizar o velho sonho filosófico do “conhece-te a ti mesmo” para tornar melhores os seres humanos e, portanto, o mundo em que vivemos; longe disso, ao que tudo indica, as faculdades psíquicas do homem estão sendo meticulosamente exploradas, estudadas e catalogadas para que possam ser utilizadas como novos instrumentos de dominação, como novos e mais poderosos recursos para conquistar sólidas posições de comando sobre a massa humana.

Até o momento, segundo revela *Descobertas psíquicas atrás da cortina de ferro*, os cientistas declaram-se perfeitamente conscientes do que estão fazendo e das responsabilidades que assumem perante a Humanidade. Vivem a repetir que se acham interessados em utilizar o novo conhecimento que vai emergindo dos seus estudos apenas em benefício da Humanidade. A intenção é pura e nobre, sem dúvida, mas todos nós sabemos da extraordinária faculdade de autoilusão que tem o homem quando entram em jogo seus interesses pessoais. Para o regime hoje existente nos países comunistas, o bem da Humanidade pode ser exatamente o domínio do mundo para implantação universal das suas doutrinas. O raciocínio é válido para outros povos também, é claro. Sempre que a pesquisa psíquica estiver divorciada de elevados conceitos éticos e, por que não dizer, da religião, e ainda, escorada numa real compreensão da fraternidade universal, é de temer-se pela aplicação dos conhecimentos adquiridos. Por isso é que, nos velhos templos históricos, o conhecimento mais avançado era mantido em segredo dentro de círculos iniciáticos, compostos de criaturas que presumivelmente tinham condições intelectuais e morais para entrar na posse de tão vastos recursos.

Aquele que os alcançou, porém, não pode furtar-se à responsabilidade correspondente e ao eventual mau uso dos talentos de que nos falou o Cristo.

Na Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, encontramos estudos metodizados dos poderes psíquicos do homem. Ali está também um excelente plano de trabalho para aqueles que desejarem dedicar-se à exploração do potencial espiritual do homem; mas, para que a finalidade

desses estudos seja superior e realmente benéfica à criatura humana, é imprescindível que o pesquisador esteja de fato consciente dos aspectos morais que emergem do seu trabalho. Mais importante do que isso, porém, é que não é o cientista quem decide sobre a aplicação das suas descobertas, e sim os donos do poder temporal, e estes quase sempre dirigindo frias máquinas de trituração para manterem-se no poder e, se possível, ampliá-lo, seja qual for o custo em sangue, suor e lágrimas.

São esses os receios que temos o direito de ter quando vemos que investigações tão sérias quanto essas estão sendo conduzidas não por seres espiritualizados e voltados para Deus, mas por aqueles que entendem o homem como um simples mecanismo biológico, mera unidade de produção ou componente de equipes empenhadas na expansão do poder político.

No entanto, não há motivo de pânico, pois, sem dúvida alguma, o mundo espiritual está atento. Os seres superiores que nos supervisionam saberão, no devido tempo, fazer brilhar a luz da esperança onde antes se demoravam as sombras das paixões humanas.

São tão estranhos e maravilhosos os caminhos de Deus que os cientistas materialistas de um regime filosoficamente apoiado no materialismo poderão ainda um dia surpreender-nos declarando a realidade do espírito diante de um mundo atônito e angustiado pela falência das religiões dogmáticas, exauridas e esvaziadas do seu conteúdo espiritual. Ainda há pouco, escrevendo a um amigo americano, transmitia-lhe eu essa esperança. O raciocínio é simples: os pesquisadores da “cortina” não estão presos a dogmas ou tabus emanados de velhas e desgastadas religiões; seu único dogma é o materialismo, e este cairá por si mesmo quando a evidência esmagadora dos fatos começar a se acumular nos seus laboratórios e na multiplicidade incontrolável da vida, emanação direta de Deus.

Depois de sacerdotes que se esmeram em escamotear a presença do espírito nas manifestações psíquicas, quem poderá surpreender-se com materialistas confirmando a majestosa realidade espiritual?

Eis a esperança...

Segundo o relato bíblico, a própria Terra saiu das sombras do desconhecido. “A Terra, porém, era vã e vazia; e as trevas cobriam a face do abismo; e o Espírito de Deus pairava sobre as águas”. (*Gênesis*, 1:2).

O Espírito de Deus continua a pairar sobre as águas e as trevas que às vezes nos ameaçam. Chegará, porém, o dia do versículo terceiro, quando Deus ordenar que a luz se faça. E ela se fará e Deus mais uma vez verá que a luz é boa...

[1] O artigo é de 1971.

## Os soviéticos descobrem o perispírito<sup>[1]</sup>

Ao longo dos milênios os homens têm discutido apaixonadamente o problema da alma e especulado acerca da sua natureza. Será que os seres humanos têm alma? Se têm, será ela independente do corpo físico? Existe antes do corpo? Continua a existir depois que ele se extingue? Se existe alma, que substância a compõe? Serão partículas materiais, como acreditava Lucrecio? Ou será ela totalmente imaterial, como pensavam Platão e Descartes?

O caso é que, se fosse material como o corpo, com ele se desagregaria na morte e, se fosse imaterial, como poderia comandar o organismo físico durante as muitas décadas que o homem vive sobre a Terra? Dessa forma, os que sustentavam a materialidade da alma logicamente não admitiam a sua sobrevivência, enquanto os que a concebiam como imaterial enfrentavam dificuldades em demonstrar a imortalidade do ser.

Não sem razão, dizia Aristóteles que o conhecimento preciso acerca da alma era das coisas mais difíceis do mundo. E ele nem sequer imaginava o verdadeiro mar de palavras que os homens usariam nos séculos subsequentes, em todas as línguas conhecidas, vivas e mortas, para expor suas ideias sobre a alma.

Um dia, porém, Kardec estabeleceu, com os Espíritos que lhe transmitiam a mensagem renovadora da Doutrina, o seguinte diálogo:

134. Que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

a) — Que era a alma antes de se unir ao corpo?

“Espírito.”

b) — As almas e os Espíritos são, portanto, idênticos, a mesma coisa?

“Sim, as almas não são senão os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um invólucro carnal para se purificarem e esclarecerem.”

135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que liga a alma ao corpo.”

a) — De que natureza é esse laço?

“Semimaterial, isto é, de natureza intermediária entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.”

Em seguida a esse diálogo esclarecedor, extremamente singelo e, não obstante, tão profundo, Kardec escreveu:

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1ª — o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2ª — a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação;

3ª — o princípio intermediário, ou *perispírito*, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tal, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.[\[2\]](#)

Diante disso, podemos ver que todos os pensadores tinham um pouco de razão e nenhum deles a possuía toda. Cada um via uma faceta, uma fase, um aspecto da verdade. Alguns, porém, apreenderam parcelas

bem maiores da verdade. Platão, por exemplo, que incorporou à sua filosofia a ideia maravilhosa da preexistência da alma e, portanto, sua reencarnação e, logicamente, sua imortalidade. Sócrates, por sua vez, dizia que quando a alma se utiliza “do corpo como instrumento da percepção, é arrastada pelo corpo para o domínio do mutável... mas quando retorna a si mesma, ela reflete e se passa para o outro mundo, a região da pureza, da eternidade, da imortalidade, da imutabilidade, onde se encontram suas companheiras”.

É muito fácil, agora, quase dois milênios e meio depois, “corrigir” o pensamento do Pai da Filosofia, dizendo que nem sempre a alma se retira para a região da pureza, no mundo póstumo, e, certamente, não vai também para a região da imutabilidade, porque ela caminha sempre, aprende sempre e progride continuamente, tanto na carne como no mundo espiritual. É fácil, repetimos, “corrigir” Platão e Sócrates depois que eles mesmos voltaram, em luminosa equipe de Espíritos superiores, para retificar e ampliar o escopo daquilo que pensaram há tantos séculos. É admirável, porém, que naqueles tempos recuados esses homens tivessem alcançado tão alto nas regiões do pensamento inspirado. E, no reverso da medalha, vemos os pensadores de hoje, tão bem equipados de conhecimentos científicos, de instrumentação avançadíssima e, no entanto, perdidos na descrença, no materialismo, na perplexidade diante de um mundo que não entendem, desesperançados e privados da perspectiva da sobrevivência.

Vemos, assim, que, em poucas e singelas palavras, os Espíritos sintetizaram com admirável lucidez o problema do ser humano, que se resolve num “arranjo”, por assim dizer, entre o Espírito encarnado ou alma, imaterial; o perispírito, invólucro semimaterial; e o corpo físico, constituído de matéria densa. Tal esquema nos ensina, portanto, que a alma não depende da matéria para existir, mas precisa dela para realizar mais rapidamente seu programa evolutivo. Que, para atuar sobre o corpo físico, utiliza-se do perispírito, a que Paulo, na sua linguagem precisa, chamava *corpo espiritual*.

A ideia do perispírito ressurge a cada passo na Codificação Kardequiana e tem sido desenvolvida pelos continuadores de sua obra; mas, e a Ciência moderna, estará interessada no problema?

Está. Em alguns setores, o perispírito é apenas uma suspeita; em outros, uma necessidade filosófica para explicar certos fenômenos. “Toda a minha vida” — disse Eileen Garrett, presidente da *Parapsychology Foundation*, de Nova Iorque — “tenho tido consciência do fato de que todos possuem um segundo corpo — um duplo. Esse duplo é um nítido fato nos ensinamentos orientais e teosóficos e, como tal, é tido como um corpo energético, um campo magnético ligado ao corpo físico humano, uma área, um campo no qual as forças imateriais do cosmos, do sistema solar, do planeta e do meio ambiente mais imediato de cada um são, normalmente, convertidas na vida e na crença do indivíduo.” Segundo a Sra. Garrett, esse corpo espiritual “é o instrumento das projeções telepáticas e clarividentes”.

Como se verifica, a Sra. Garrett *supõe* a existência de um corpo espiritual. Há, porém, aqueles que *precisam* dele para explicar o que, de outra forma, não teria sentido. Está nesse caso o Dr. Wilder Penfield, da McGill University, em Montreal, no Canadá, que, após fazer inúmeras operações, pelas quais removeu porções consideráveis do cérebro humano, verificou que a mente continua a funcionar. O fenômeno é conhecido de longa data. Muitas autópsias têm revelado cérebros praticamente destruídos, que não mais podiam servir de suporte ao pensamento, e que, não obstante, continuavam o seu curso, como se tudo estivesse normal. Há sobre isso uma narrativa dramática e pungente, escrita com muita emoção por um dos grandes autores do nosso tempo: John Gunther. Descreve ele a longa agonia de um filho genial com o cérebro atacado pelo câncer. A cada avanço da moléstia terrível, uma porção da massa é sacrificada e, a despeito de ficar reduzida a uma fração do que era, o menino continua a raciocinar lucidamente, até que, afinal, a morte inevitável sobreveio. Não admira, pois, que o grande escritor tenha buscado em Paulo, o Apóstolo, a inspiração para o título do seu livro, na imortal pergunta do homem de Tarso: “Morte, onde está a tua vitória?”, chamando-lhe *Death, Be Not Proud (Morte, não seja orgulhosa)*.

Em 1930, escrevia Geraldine Cummins, notável médium inglesa:

A mente não opera diretamente sobre o cérebro. Há um corpo etérico que liga a mente às células do cérebro... Partículas muito mais diminutas do que os cientistas possam suspeitar deslocam-se ao longo

das trilhas do corpo etérico, ou duplo, na direção de certas regiões do corpo e do cérebro. Poderiam ser chamadas de unidades de vida... Esse corpo invisível — a que chamaria de duplo ou mecanismo unificador — é o único meio através do qual a mente e a vida podem se comunicar com a forma física. Se uma ligação se desfaz entre os dois, há uma falha imediata no controle... Cada animal tem um corpo invisível unificador, feito do éter modificador. Deve ser possível criar, no devido tempo, um instrumento pelo qual esse corpo possa ser percebido.

Compare-se o texto de Geraldine com a resposta que os Espíritos deram a Kardec à sua pergunta assim formulada:

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

Há, portanto, um corpo semimaterial no homem, que serve de elemento de ligação entre o Espírito imaterial e seu corpo físico: Kardec propôs-lhe o nome de *perispírito*, que a tradição doutrinária consagrou.

E a Ciência? Voltamos a perguntar. A Ciência está realmente começando a dizer alguma coisa. E por mais estranho que pareça, estão com a palavra os cientistas soviéticos, que nos últimos dez anos mergulharam fundo e sério na pesquisa dos fenômenos do espírito humano. É claro que a terminologia é outra e ainda infestada de conotações materialistas, mas surpreendentemente lúcidas as observações quando consideramos o *background* ideológico em que vivem e laboram os pesquisadores.

As pesquisas começaram num grupo de cientistas localizados perto do centro espacial soviético em Kazakstan, em Alma-Ata. (Tinha que ser num lugar chamado *Alma-Ata!*...) Reuniram-se alguns biólogos, bioquímicos e biofísicos para estudar a espetacular descoberta do casal Kirlian: uma câmara de alta frequência que, ultrapassando a barreira da matéria densa, vai mostrar a contraparte imaterial dos seres vivos. Com equipamentos

ópticos conjugados à câmara dos Kirlian, os cientistas soviéticos tiveram, um dia, uma visão maravilhosa, que até então era reservada com exclusividade aos videntes: o corpo espiritual de um ser vivo!

Como se poderia definir aquela realidade que tinham diante de si? “Uma espécie de constelação elementar semelhante ao plasma” — disseram os cientistas — “composta de elétrons ionizados e excitados, de prótons e possivelmente de outras partículas.”

E prosseguiram de maneira altamente significativa: “Mas, ao mesmo tempo, esse corpo de energia não são só partículas. Não é um sistema caótico. É um organismo totalmente unificado em si mesmo. Age como unidade, e como unidade o corpo energético produz seu próprio campo eletromagnético e constitui a base dos campos biológicos”.

Para nós, espíritas, só existe uma palavra para qualificar esse texto: é sensacional, especialmente partindo de onde parte, de dentro das rígidas muralhas de um materialismo que se traduziu em expressões práticas em todos os campos da atividade humana.

Há mais, no entanto, pois uma comissão de alto nível foi designada, em 1968, para estudar o fenômeno e emitir parecer conclusivo. Compunha-se o grupo dos doutores Inyushin, Grischchenko, Vorobev, Shouiski, Fedorova e Gibadulin. A conclusão que apresentaram não poderia ser mais objetiva e corajosa: todos os seres vivos — plantas, animais e seres humanos — não apenas têm um corpo físico, formado de átomos e moléculas, mas também, como contraparte, um corpo de energia, a que deram o nome de “Corpo de plasma biológico”.

Aí está, pois, o novo rótulo pregado ao “corpo espiritual” do apóstolo Paulo.

A notícia da câmara de Kirlian e das conclusões dos cientistas soviéticos espalhou-se rapidamente e, em muitos países, hoje, há pesquisadores convictos de que há uma espécie de matriz, até agora invisível, que organiza os seres vivos e mantém o maravilhoso intercâmbio vital que se processa ao longo das células. Experiências conclusivas revelam que um braço embrionário, enxertado na posição destinada à perna de um animal em formação, desenvolve-se como uma perna e não como um

braço, o que evidencia a nítida existência de um campo organizador, que impõe à matéria a sua programação. Em outras palavras, onde o corpo perispiritual do ser em formação tem uma perna vai surgir uma perna, e não um braço, nem que este seja ali enxertado com a intenção de burlar os planos contidos no perispírito.

Um neurologista americano conseguiu detectar traços de um campo elétrico bem definido no ponto onde faltava a perna de uma salamandra.

Com auxílio da câmara de Kirlian, inúmeras experiências notáveis estão sendo realizadas. Esta, por exemplo: fotografias sucessivas do processo da morte, que revelam progressiva dispersão de pontos luminosos que se desprendem do chamado “corpo bioplasmático” (perispírito) e se perdem no ar, até que nenhuma luminescência resta no homem ou no animal morto. Enquanto isso, detectores biológicos, a distância, continuam a indicar campos de força pulsando na presença do corpo morto. “Será que essa energia” — perguntam as autoras — “vem do corpo bioplasmático em processo de desintegração?”

E continuam: “Talvez com a ajuda do processo Kirlian de fotografia, um pouco mais do mistério da morte possa ser desvelado”.

Certamente que sim. A única observação aqui é que esse equipamento científico, maravilhoso, não vai desvelar nenhuma novidade desconhecida — vai, sim, confirmar uma realidade já revelada de há muito, isto é, a de que, com a morte do corpo, o perispírito se desprende ao cabo de algum tempo, mas, enquanto está ali, preso ao corpo, é claro que um aparelho sensível conseguirá captar a configuração do seu campo biomagnético.

Esse é o corpo semimaterial de que falaram os Espíritos a Kardec, há mais de um século.

Há, no entanto, outras implicações e perspectivas inesperadas que, no dizer das autoras, abrem *janelas para o desconhecido*.

O casal Kirlian descobriu, por exemplo, que “vemos nas coisas vivas o sinal dos estados interiores, refletidos no brilho ou na falta de luminosidade e cor das ‘labaredas’. As atividades da vida interior do ser humano estão escritas nesses hieróglifos luminosos. Criamos um aparelho que escreve tais hieróglifos, mas, para interpretá-los, vamos precisar de ajuda”.

Essa descoberta resultou, como muitas, de um chamado “acaso”, quando, na excitação de uma demonstração importante, o nervosismo dos próprios operadores impediu que o fenômeno se produzisse com o brilho que era de se esperar. Pensou-se, a princípio, que havia um defeito no aparelho; só depois se evidenciou, claramente, que a falha estava nos próprios operadores, por causa da excitação, do nervosismo, das preocupações que traziam naquele momento e que, nitidamente, se traduziram nas imagens, tal como estavam sendo emitidas.

A energia que anima essa bioluminescência não é, segundo os cientistas soviéticos, nem elétrica nem eletromagnética. É uma forma desconhecida de energia, que ainda não se classificou devidamente, mas que, sem dúvida alguma, rasgou para o futuro amplas perspectivas para insuspeitadas paisagens.

Um exemplo, entre outros: doenças que ainda não se transpuseram ao corpo físico são identificadas como anomalias já existentes na contraparte bioluminescente do ser (planta ou animal). Já se pensa nas tremendas possibilidades que essa descoberta oferece ao esclarecimento do problema do câncer. Mais do que isso, porém, vemos na revelação científica aquela certeza antiga, que todos nós espíritas possuímos, de que disfunções perispirituais acabam por se traduzir em doenças orgânicas. E que, reversamente, operações ditas espirituais, realizadas nos delicadíssimos tecidos do perispírito, eliminam males físicos, porque lhes tiram o suporte patológico localizado no corpo de matéria sutil.

Já se pensa na aplicação dessas descobertas ao campo da Medicina, da Odontologia, da Criminologia, da Geologia, da Agricultura, da Arqueologia, da Medicina legal e tantos outros setores da atividade humana.

“As implicações da descoberta dos cientistas soviéticos, de que existe um corpo de energia ou corpo astral, são vastas”, dizem as autoras. “Poucas são as áreas do nosso pensamento — Filosofia, Ciência, Arte, Religião, Medicina — que não serão, mais cedo ou mais tarde, afetadas pelo conceito de que temos não apenas um, mas dois corpos. Até aqui, chamamos-lhe corpo secundário. Talvez seja ele o corpo principal. Talvez, por meio dele,

estejamos ligados a tudo quanto existe no Universo, de maneira muito mais vital do que jamais tenhamos imaginado.”

Não há dúvida. E que boa sensação de segurança e certamente de esperança nos trazem, a nós, espíritas, descobertas tão ansiosamente esperadas, mas que, surpreendentemente, nos estão chegando de onde menos esperávamos, ou seja, das fortalezas criadas pela mais rígida filosofia materialista.

“O homem não é uma simples máquina!”, disseram os cientistas soviéticos às autoras. É bom que o digam e é extraordinário que tenham, por seus próprios meios e recursos, contra seus próprios preconceitos filosóficos e através de tão estranhos caminhos, encontrado tão firmes suportes para afirmativas que vimos fazendo insistentemente há tantos e tantos anos.

Em lugar de proclamarmos, com orgulho, a nossa antecipação de um século, e usarmos a fórmula superior do “Não disse? Por que vocês custaram tanto?”, ajoelhemo-nos diante de Deus e digamos apenas isso:

— Graças te damos, Senhor!

[1] Este artigo foi escrito com base no livro *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*, de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, publicado em março de 1971 pela Prentice-Hall.

[2] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB.

## A Verdade chega àquele que está preparado

Em 1959, Maurice Barbanell, o conhecido diretor da revista *Two Worlds*, publicou um livro intitulado *This is Spiritualism*, com o objetivo de documentar seu depoimento sobre a fenomenologia psíquica e suas implicações. Já àquela altura, Barbanell podia apresentar uma impressionante credencial: 37 anos de observação atenta de manifestações mediúnicas as mais variadas, sob diferentes condições, produzidas por inúmeros médiuns. Ao escrever seu livro, contava já um quarto de século como diretor de duas publicações especializadas (*Two Worlds* e *Psychic News*), o que sempre o colocou na posição privilegiada de observador, em contato permanente, por dever de ofício, com os fenômenos psíquicos. Daí poder afirmar, logo de início, no prefácio, o seguinte: “*Sou espírita convicto, porque a vida póstuma me foi comprovada sem sombra de dúvida*”.

Informa que começou sua investigação como cético. Filho de pai agnóstico e de mãe profundamente religiosa, e ortodoxa, assistiu durante os anos de infância e juventude ao debate caseiro em torno do assunto, sem que lhe fosse possível alcançar uma conclusão definitiva. Por isso, acrescenta que chegou à juventude também como agnóstico, tal como o pai, depois de passar pelo ateísmo. Sua posição era eminentemente materialista e seu objetivo na vida era engajar-se numa carreira comercial bem-sucedida e ficar rico.

Aí pela altura de 1922 era Barbanell secretário de uma sociedade de debates. Cabia-lhe dirigir os trabalhos, sempre manifestando seu ponto de

vista pessoal, que deveria ser invariavelmente oposto à opinião do orador do dia, quaisquer que fossem ele e sua tese. Assim, os debates se animavam facilmente. Um dia, porém, a *coisa* aconteceu. O orador era espírita. Quando ele terminou, Barbanell levantou-se e, para geral desapontamento de seus companheiros, declarou que num assunto tão controverso como aquele que acabava de ser exposto nenhuma opinião condigna poderia ser expressa, a não ser baseada em experiência pessoal. *“Este é um assunto a ser investigado e eu não o investiguei. Outros que o tenham feito estão em melhor condição de expressar seus pontos de vista, contrários ou favoráveis.”*

Terminada a palestra, o orador o procurou e o desafiou a cumprir o que dissera, colocando-se à sua disposição para orientá-lo nas primeiras investigações. Barbanell aceitou o desafio. Embora a primeira sessão não o impressionasse, na segunda ocorreu um fenômeno *“para o qual eu não podia encontrar explicação alternativa senão a de que era genuíno”*.

Trinta e sete anos depois daquela sessão, à qual literalmente milhares de outras se juntaram, ele ainda se considera um investigador sempre consciente das várias alternativas que ocorrem àqueles que pretendem explicar o fenômeno mediúnico. *“Às vezes”* — escreve ele —, *“acho que eu poderia apresentar melhor o meu caso do que os críticos”*, se assim o desejasse, pois conhece nas suas minúcias as hipóteses, as teorias, os subterfúgios, as falsificações e as fraudes, mas sabe muito bem que no meio de tudo isso há uma impressionante massa de fenômenos autênticos que não aceitam explicações e hipóteses mal arrumadas. Muitas vezes, ele próprio imaginou teorias para explicar o fenômeno, sem precisar recorrer à sobrevivência, mas a inteligência manifestante sempre conseguiu produzir outros fenômenos aos quais suas teorias não se adaptavam.

É claro que encontrou fraude ao longo dos anos e se gaba de ter exposto mais charlatões do que qualquer outra pessoa. *“Minha capacidade para desmascarar o impostor devia-se ao fato de que eu havia presenciado tantos fenômenos genuínos que sabia reconhecer o falso. Afinal de contas, o espúrio é cópia do autêntico. Onde não existe fenômeno genuíno, não poderá haver sua simulação.”*

É, pois, um homem credenciado para a tarefa que se impôs, de escrever um livro acerca do fenômeno mediúnico, com o objetivo principal de demonstrar que a vida prossegue após a “morte”. Sua posição, aliás, é expressa de maneira bem curiosa quando escreve: *“A sobrevivência não constitui um prêmio nem uma punição pelos nossos atos na Terra. Temos que continuar a existir depois do túmulo simplesmente porque não há alternativa”*.

Com essa introdução, e exibindo honestamente suas credenciais, passa à sua narrativa, numa linguagem clara, em excelente estilo. Não fosse ele o experimentado jornalista que é...

\*

Começa por um estudo breve acerca da mediunidade, que define como sendo uma sensibilidade, *“capacidade de registrar vibrações, radiações ou frequências que não podem ser captadas por nenhum dos cinco sentidos.”* Explica a seguir a diferença entre mediunidade de tipo mental e a física. Não vejo aqui muita necessidade de estender os comentários. Parece, no entanto, apropriado repetir o que ele informa sobre o ectoplasma, citando o eminente pesquisador barão Schrenck-Notzing, que examinou a substância e assim a descreveu: *“Incolor, ligeiramente vaporosa, fluida, sem cheiro; traços de detritos celulares e saliva. Depósito esbranquiçado. Reação ligeiramente alcalina”*. Ao microscópio, mais as seguintes características: *“Numerosos discos dérmicos, alguns corpos semelhantes à saliva, numerosos granulados de membrana mucosa, numerosas partículas de carne; traços, ‘sulphozyansaurem’ [1] de potássio. O resíduo seco pesou 8,60 gramas por litro; 3 gramas de cinzas”*.

Com essa complexa substância, evidentemente emanada do corpo do médium e talvez de alguns dos circunstantes, os Espíritos desencarnados compõem as manifestações tangíveis chamadas algo impropriamente, a meu ver, de materializações. Ao que parece, o Espírito manifestante atrai para o campo magnético do seu perispírito a massa ectoplasmática que o torna visível. Uma vez restituído o ectoplasma ao médium, o Espírito volta à sua invisibilidade. Barbanell observa que, durante a materialização, o Espírito manifestante se apresenta preso ao médium por um cordão fluídico.

Escreve a seguir sobre a mediunidade de cura, discorrendo mais adiante sobre a aura. Neste ponto, menciona o livro *The Human Atmospheres*, de autoria do Dr. Walter J. Kilner, do Hospital St. Thomas de Londres, publicado em 1911. Com a primeira edição desse livro, vinha uma lâmina de *diacina*, que informa ser uma solução corante de alcatrão. Com ela se pode ver a aura dos seres e pelas cores identificar-lhes as emoções, o temperamento e o caráter. Segundo Barbanell, certamente apoiado no livro de Kilner, infelizmente raríssimo, o amarelo indica o poder intelectual e a sabedoria; vermelho-vivo significa cólera; laranja, ambição; azul, devoção; púrpura, espiritualidade; cinzento, temor; verde-fosco, ciúme. Quando a aura começa a se enrugar e encolher, a morte está próxima. Barbanell informa que conferiu isso com diferentes médiuns e pôde atestar sua autenticidade. Como não tenho experiência do assunto, limito-me a transmitir a informação ao leitor, sem endossá-la e sem negá-la. Certamente, porém, que a matéria constitui interessantíssimo campo de pesquisa, porque, obviamente, problemas de saúde podem ser identificados na aura dos seres encarnados, até mesmo antes de se manifestarem abertamente no corpo físico, segundo depoimentos que merecem fé.

\*

Do capítulo terceiro em diante, a maior parte do livro de Barbanell é dedicada à narrativa de extensa gama de fenômenos e de casos de seu arquivo pessoal.

O primeiro desses fenômenos a ser examinado é o de voz direta, o que necessariamente exige uma modalidade especial de mediunidade. O Espírito manifestante fala geralmente com sua própria voz, através de uma trombeta que funciona meramente como amplificador do som e é usualmente suspensa no ar por meio de cordões ectoplasmáticos. Barbanell encontrou, porém, nos Estados Unidos, uma médium que produzia as vozes sem a trombeta. O som parecia emanar da região do seu plexo solar, enquanto ela mantinha os lábios perfeitamente cerrados. Chamava-se Ann Keiser essa médium e era de Búfalo. As manifestações foram várias e tanto Barbanell como sua esposa Sylvia reconheceram parentes desencarnados nas vozes.

Recomenda-se que a trombeta não seja tocada por nenhum dos presentes. Tais cuidados, que os “sabichões” tomam por recursos destinados a proteger a fraude, têm sua razão de ser. Numa sessão a que Barbanell estava presente, uma pessoa que assistia aos trabalhos pela primeira vez tocou a trombeta com a mão, sem nenhuma intenção maldosa. Ouviu-se um gemido da médium em transe e os trabalhos foram imediatamente interrompidos pelo Espírito-orientador, que declarou estar a médium com hemorragia, o que foi confirmado.

\*

No capítulo quinto, Barbanell conta com minúcias o famoso caso Fawcett, no qual o Brasil figura com destaque. Creio que vale a pena reproduzi-lo resumidamente.

Fawcett era coronel do exército inglês, explorador destemido que se perdeu nas florestas brasileiras e jamais voltou à civilização.

Em 1925, Fawcett, seu filho Jack e outro jovem inglês, chamado Raleigh Rimell, organizaram uma expedição ao interior do Brasil, rumo ao Planalto Central. Depois que mantiveram contato com o último posto avançado da civilização, desapareceram do cenário. O coronel acreditava que existia uma cidade perdida naquela região, que fora um dos pontos onde a civilização nascera e se desenvolvera. Lendas fantásticas falavam de cidades soterradas, tesouros escondidos, ricas minas de ouro e prata, animais pré-históricos e índios brancos. Dizia-se mesmo que há cerca de duzentos anos uma expedição chegara até o pico de uma elevação de onde se descortinavam as ruínas de uma enorme cidade, semidestruída e totalmente inabitada.

Fawcett, fascinado por essas lendas, estudou o assunto e escreveu que a localização aproximada da cidade misteriosa era conhecida de três pessoas: um francês, cuja tentativa de exploração custou-lhe um olho; um inglês, que, ao deixar o seu país para a aventura, já estava sofrendo de uma forma adiantada de câncer e provavelmente não viveu o suficiente para chegar até à cidade; e o próprio Fawcett, que era o terceiro. Por isso, partiu ele cheio de esperanças, para nunca mais voltar vivo na carne. A data era 20 de abril de 1925. Levava os dois companheiros e dois guias. Em 29 de maio, atingiram um local chamado Acampamento do Cavalo Morto, onde,

numa expedição do próprio Fawcett, havia morrido um cavalo, cinco anos antes. Daí em diante, não se ouviu mais falar do explorador, com o que se criou um dos grandes enigmas internacionais. Decorrido o tempo previsto por Fawcett para a missão — vinte meses —, a procura começou. Em 1927, um engenheiro brasileiro, que Barbanell informa chamar-se Robert Courteville, disse ter encontrado Fawcett a 170 milhas da capital de Mato Grosso. Estava tremendo de febre e muito mordido de mosquitos. Ao que conta Courteville, Fawcett não gostou da interferência e separaram-se. O engenheiro brasileiro não sabia que Fawcett estava desaparecido; e sendo procurado, se propôs a organizar uma expedição de busca, que jamais se realizou. Em 1928, uma expedição financiada por jornais americanos encontrou uma tribo na qual um índio usava ao pescoço uma pequena placa de metal onde se gravara o nome de uma firma que ajudara Fawcett com alguns suprimentos. Também esta expedição fracassou. Em 1932, um suíço chamado Stephan Rattin procurou o consulado inglês, em São Paulo, para informar que havia encontrado no interior de Mato Grosso, entre índios, um homem branco que se acreditava ser Fawcett. A descrição conferia, o homem falava inglês, dizia ser coronel do Exército e pedia que Rattin procurasse um amigo chamado Paget, em São Paulo. Realmente, havia na capital paulista um major Paget, que ajudara a financiar a expedição de Fawcett. Apesar de algumas inconsistências no relato de Rattin, certos pontos estavam certos, mas a expedição que ele organizou para encontrar Fawcett também nada conseguiu, e o mistério persistiu.

Em junho de 1932, numa sessão na casa da médium Estelle Roberts, Barbanell ouviu um Espírito falar sobre Fawcett à Sra. Alice Liddell. Segundo ele, o coronel ainda vivia, estava prisioneiro, mentalmente bem, mas fisicamente doente. Dois anos antes, esta mesma senhora, amiga do explorador, fora informada pelos Espíritos de que o coronel havia descoberto a cidade perdida. Em outra sessão, à qual compareceu a própria senhora Fawcett, Red Cloud, guia espiritual de Estelle Roberts, identificou com facilidade a esposa do coronel e lhe disse que o filho havia morrido, mas que o marido continuava vivo. Acrescentou que ele dispunha de grandes recursos psíquicos e concluiu:

— Foi o seu marido que Rattin encontrou, mas não adianta ninguém ir procurá-lo. Seria apenas uma perda de tempo e dinheiro. O conhecimento

que seu marido adquiriu é espantoso. Os homens seriam capazes de entregar impérios para tê-lo.

Mais tarde, Barbanell conversou com o Espírito Red Cloud, que confirmou a história contada à Sra. Fawcett. O coronel morrera em 1935. Viveu, pois, dez anos na selva brasileira, junto dos índios, que o consideravam como um rei, a quem muito estimavam pela grandeza de sua alma, mas permaneceu mais ou menos como prisioneiro, pois não tinha como fugir. Red Cloud havia, mesmo, conversado com Fawcett já desencarnado, no mundo espiritual.

Assim terminava a história do destemido explorador. Para os que não têm conhecimento do lado espiritual, no entanto, o mistério permanece.

\*

No capítulo seguinte, Barbanell narra o belo caso de uma senhora que teve sua prece atendida. Ainda numa sessão em casa de Estelle Roberts, Red Cloud trouxe uma jovem que tinha algo a dizer. A moça declarou, após alguma dificuldade, que se chamava Bessy Manning e que morrera tuberculosa. Estava em companhia do Espírito do irmão, morto por atropelamento. “Minha mãe” — acrescentou — “tem orado porque lê o seu jornal e tem pedido para que algum dia o grande Guia Red Cloud me traga aqui.”

E depois:

— Diga à minha mãe que ainda tenho minhas longas tranças. Estou com 22 anos, tenho olhos azuis. Diga-lhe que quero que ela venha aqui. Será que você pode trazê-la? Ela não é rica... é pobre.

Barbanell prometeu fazer o possível para trazer a mãe, e pediu o endereço. Era o número 14 da rua Canterbury, na cidade de Blackburn. Sem saber se havia uma Sra. Manning ou uma rua Canterbury em Blackburn, Barbanell, confiante na segurança de Red Cloud, mandou um telegrama nos seguintes termos: “*Sua filha Bessy falou conosco no círculo de Red Cloud na noite passada*”.

Como não recebesse resposta, telegrafou novamente. Dois dias depois, recebeu duas cartas. A Sra. Manning chorara e rira de alegria, pois há algum tempo vinha orando para que o Espírito de sua filha fosse levado às

sessões de Red Cloud. Não respondera logo porque era tão pobre que não tinha dinheiro para telegrama; apenas o do selo postal. Barbanell pagou-lhe a passagem, ela veio a Londres e falou com o Espírito da filha, numa comovente sessão. O diálogo foi a trivialidade eletrizante da emoção mais autêntica.

— É maravilhoso — dizia Bessy. — Deus abençoe você, mãe. Diga ao papai para não se preocupar. Tommy também está aqui. Estamos juntos. Tommy também está ansioso para falar com você, mãe. É tão maravilhoso que nem sei o que dizer... Estou tão nervosa...

— Não fique nervosa, querida. Fale com a sua mãe...

\*

Há um outro caso, entre muitos, que oferece também exemplo eloquente do esforço que os Espíritos às vezes realizam com o único propósito de provar, aos que ficaram, sua própria sobrevivência. É o caso de *Sir Arthur Conan Doyle*, famoso médico e novelista britânico, criador de *Sherlock Holmes*.

Havia uma senhora chamada Caird Miller, escocesa, culta e de grande inteligência, que, no entanto, praticamente nada sabia sobre Espiritismo, a despeito de ter já enviuvado duas vezes. Certo dia, sentada numa casa de chá, viu-se importunada por uma senhora que insistia em lhe falar. Dizia que era espírita e que a vira, numa visão, naquela manhã. Seria uma doida? A mulher prosseguiu imperturbável, descrevendo uma figura espiritual que via ao lado da Sra. Miller e na qual esta reconheceu o marido que morrera há pouco.

Isso despertou o interesse da Sra. Miller, que passou a estudar o Espiritismo e descobriu em si mesma faculdades mediúnicas excelentes. Um dia, uma voz lhe disse:

— Sou Arthur Conan Doyle. Desejo que a senhora entre em contato com minha esposa e lhe envie uma mensagem.

A Sra. Miller, que não conhecera pessoalmente o grande escritor, ficou muito surpresa. Não conhecia, ademais, ninguém da família de *Sir Arthur*. Precisava certificar-se melhor antes de tentar uma aproximação com *Lady*

Doyle. A voz ditou-lhe as iniciais de todos os membros da família e a Sra. Miller verificou que conferiam, mas ainda hesitava.

— Onde encontrarei sua esposa?

A voz deu-lhe o número de um telefone e preveniu que não o encontraria no catálogo, porque era reservado e pertencia à casa dos Doyle em Nova Floresta.

A Sra. Miller tentou verificar com a telefonista, mas esta não tinha ordem para informar telefones que não constassem do catálogo. A Sra. Miller resolveu, assim mesmo, mandar ligar, e logo estava falando com *Lady Doyle*; mas a família vinha recebendo inúmeras mensagens, algumas inteiramente estapafúrdias, e *Lady Doyle* e seus dois filhos disseram que não aceitariam mensagens que não fossem acompanhadas de provas irrefutáveis de autenticidade.

Novamente a Sra. Miller sentiu-se frustrada, pois estava agindo somente com a intenção de atender ao insistente pedido de *Sir Arthur*. Este, porém, não desistia de fazer chegar sua mensagem à família. Pediu à Sra. Miller que comparecesse a uma sessão com a médium Deane e lhe garantiu que na fotografia que então tirassem ele haveria de aparecer. E assim foi. *Lady Doyle* admitiu que a fotografia era notável e que sem dúvida ali estava seu marido, mas ainda queria mais provas...

A Sra. Miller não estava disposta a atender mais àquela exigência, mas não contava com a persistência de *Sir Arthur*. Um belo dia, pouco depois de levantar-se, de manhã, deixou o quarto por algum tempo e quando voltou encontrou uma chave sobre o travesseiro. A chave não servia em nenhuma porta de sua casa. E agora? Não tardou a voz de Conan Doyle, a lhe dizer:

— Essa chave é minha. É da porta do meu escritório, que está sempre fechada, em Crowborough. Mande chamar meu filho Denis.

Agora, sim. A Sra. Miller ligou para a casa dos Doyle em Crowborough, no Sussex, e contou a história. Denis Doyle tomou o carro imediatamente e veio a Londres. Apanhou a chave, voltou para Crowborough e de lá telefonou para dizer que realmente a chave era do escritório de seu pai. *Sir Arthur* havia transportado a peça a uma distância de mais de sessenta quilômetros. Aquilo, afinal, convenceu *Lady Doyle*, e a

Sra. Miller tornou-se a médium através da qual muitas mensagens foram transmitidas pelo Espírito do grande escritor à sua família.

\*

A propósito desse caso, vamos ver o capítulo 14 — “Gifts from Beyond” (“Presentes do Além”), onde são narrados alguns fenômenos de transporte, realizados com a médium Kathleen Barkel, que, como quase todas as grandes médiuns inglesas, recebia regularmente o Espírito de um guia índio, no seu caso, White Hawk (Falcão Branco). Observa Barbanell que, dias antes da sessão, o corpo da Sra. Barkel começava a inchar. No final da sessão, voltava novamente às suas dimensões habituais. Provavelmente os Espíritos acumulavam no seu corpo os fluidos ou o ectoplasma de que necessitariam para rematerialização dos objetos.

Tais objetos, cujo número variava de doze a vinte por sessão, eram, geralmente, pequenas pedras ou joias antigas, trazidas de túmulos, de templos ou do fundo do mar.

Vale a pena reproduzir a descrição do fenômeno. Kathleen Barkel, já em transe, ficava em pé e caminhava pelo aposento, a mão direita estendida. O Espírito, então, chamava uma ou duas pessoas para ajudar. Barbanell fez isso várias vezes. O Espírito pedia-lhe que segurasse o braço da médium com uma das mãos e o seu pulso com a outra. De vez em quando, White Hawk parecia agarrar subitamente algo no espaço e dizia, satisfeito: “*Peguei! Peguei!*”. Punha, então, as mãos da médium entre as mãos do “ajudante”, solicitando a presença de mais três ou quatro pessoas. Cada uma punha uma das mãos acima das do ajudante e outra abaixo. Com isso, segundo o Espírito, o objeto era repostado em sua forma original. O ajudante era, então, instruído a retirar suas mãos, conservando-as unidas. Dentro em pouco, experimentava uma sensação de calor e aos poucos a presença de um objeto sólido, que começava a esfriar.

— Como é que você traz esses objetos aqui? — perguntou Barbanell, um dia.

— Somente posso explicar — falou o Espírito — dizendo que aumento a velocidade das vibrações atômicas até que as pedras se desintegrem. São

então trazidas até aqui, onde eu reduzo as vibrações até se tornarem sólidas de novo.

Procurando saber, porém, como é que ele acelerava ou reduzia as vibrações, nada conseguiu. Era querer muito, por certo. E por que dava aqueles saltos para apanhar os objetos a serem materializados?

— Sou ajudado por Espíritos de crianças — disse White Hawk —, que são muito travessas. Frequentemente, não querem deixar as pedras. Tenho que lhes distrair a atenção e agarrá-las. Quando me incorporo ao médium, deixo o mundo de quatro dimensões e venho para um de três dimensões. Para os meus auxiliares, é como se eu estivesse numa jaula; daí por que tenho de engambelá-los.

\*

São muitos os casos e seria cansativo repeti-los todos aqui, num artigo que já vai ficando um tanto longo.

Há, por exemplo, o caso de Edgar Wallace, o famoso novelista que também realizou, já como Espírito desencarnado, um trabalho enorme e muito bem meditado para provar aos que ficaram a sua sobrevivência. Há os fenômenos de cura dos “incuráveis”, por meio de passes ou até mesmo a distância, sem que o médium conheça ou veja o paciente. Há fenômenos de levitação, escrita direta, enfim, todo um enorme acervo de recursos dos quais os Espíritos lançam mão para nos demonstrarem a continuidade da vida após a “morte”. E, no entanto, os céticos continuam a negar, os descrentes não querem nem olhar, os ortodoxos se empenham em combater, os indiferentes passam sem ver, e muitas vidas se escoam na ignorância total dos mecanismos mais elementares do espírito, vidas que são antessalas de existências no mundo espiritual, que, por sua vez, reverterem a esta, em obediência aos princípios da lei da reencarnação. Quanto sofrimento poderia ser evitado e quanto progresso individual e coletivo seria realizado se muitos parassem para ver e pensar um pouco, diante dos fatos.

Há, contudo, ângulos insuspeitados e inesperados, às vezes até para aqueles que estão familiarizados com os fenômenos. Há reservas inexplicáveis, atitudes incompreensíveis, posições surpreendentes.

Não encontro, por exemplo, no livro de Barbanell, nenhuma palavra sobre sua própria mediunidade, através da qual se manifesta o sábio e sereno Espírito que se chama Silver Birch. Por quê? Quando procura explicar o fenômeno da mediunidade, vale-se do depoimento de outros médiuns, mas não recorre ao seu próprio. Há um capítulo inteiro sobre isso, o de número 8, intitulado “When a Medium is Entranced” (“Quando um médium entra em transe”). “O que acontece quando um médium entra no estado de transe e voluntariamente entrega o controle de seu corpo a um guia espiritual?”

Essa pergunta foi formulada, por exemplo, a Helen Hughes. É um processo semelhante ao adormecimento, respondeu ela; quanto à “volta”, parece um despertar. Se o transe foi profundo, ela retorna com a sensação de que fez uma viagem distante. Desperta sempre sentindo-se melhor do que se sentia antes.

Informa o autor, mais adiante, que muitos médiuns são inconscientes, mas outros conservam a lucidez enquanto transmitem o recado dos Espíritos. Pela minha experiência pessoal, observo que o mesmo médium pode conservar a consciência com alguns Espíritos, enquanto outros parece necessitarem da inconsciência do sensitivo. Em determinada ocasião, em nosso grupo, o Espírito que usualmente se manifesta com o médium em estado consciente pediu-nos que aguardássemos um instante e, logo em seguida, voltou a falar, explicando-nos que teve necessidade de aprofundar o transe do médium, tornando-o inconsciente, em razão do que precisava dizer dali em diante. Ao despertar, o médium espontaneamente disse que acompanhou conscientemente a comunicação, até um determinado ponto, e, de repente, *apagou* (sua expressão).

Como funcionam esses processos? Como se acumulam os fluidos no corpo do médium, às vésperas dos fenômenos de transporte? Como operam a psicometria, a xenoglossia e as inúmeras formas de mediunidade, numa riqueza inesgotável de expressões e de recursos insondáveis? O campo aberto ao estudo é imenso e está clamando por novos pesquisadores, armados de paciência, humildade e amor ao trabalho e à verdade, e inteiramente desarmados de preconceitos e de fórmulas feitas. Gente que deseje aprender, descobrir leis que já existem, mas que ainda não se

revelaram em toda a sua beleza e harmonia. Gente qualificada, serena, preparada para enfrentar os fatos e fazê-los falarem sozinhos, em vez de forçá-los a alastrar a apologia de uma teoria “científica” pré-formulada.

Vejamos, por exemplo, e voltando a Barbanell, o problema da reencarnação. No capítulo 21, a que deu o título de “Implications” (“Implicações”), informa, com ênfase e com a segurança que lhe dá o conhecimento:

Apresentei aqui alguma evidência em favor da vida póstuma, que considero provada sem a menor dúvida. Tal evidência revela que o homem, depois da morte, é um ser consciente, inteligente, racional, capaz de memória, amizade, afeição e amor e mais a faculdade de, sob condições favoráveis, orientar aqueles a quem ama e que ficaram na Terra. Tanto quanto posso ver, todos os tipos de evidência que estabelecem a identidade humana foram demonstrados. O homem persiste como indivíduo, com os traços, características e idiossincrasias que fazem uma pessoa diferente de qualquer outra. (Pág. 203.)

A declaração é, pois, enfática e definitiva, e digna de alguém que escreve com a autoridade de quem pesquisou pessoalmente o fenômeno da sobrevivência, sob todas as suas formas, ao longo de várias décadas, de uma posição privilegiada.

Esse homem, no entanto, e surpreendentemente, não está preparado para aceitar a ideia da reencarnação. Acha que é um problema muito complexo (em que consiste essa complexidade?) e que causa controvérsia mesmo entre os espíritas, e até mesmo entre os Espíritos. (Quanto aos desencarnados, é claro que têm do lado de lá as mesmas opiniões que levaram daqui, até que os fatos se encarreguem de mudá-las. E como mudam...) Barbanell acha que há sempre uma alternativa para explicar os casos apresentados como evidência de reencarnação, a mais simples das quais é a própria mediunidade. Neste caso, a narrativa estaria provindo de um Espírito desencarnado, manifestando-se através do médium e, portanto, a história não seria a do próprio médium numa existência anterior.

Para citar uma experiência pessoal, vimos que o caso narrado em *Reformador* [2], não se enquadra nessa hipótese, porque são muitas e gritantes as “coincidências” e os encaixes entre a vida do sensitivo na França revolucionária e sua existência atual no Brasil. Como se explicaria aquela pesquisa a não ser recorrendo à reencarnação?

Quanto ao fato de nos sentirmos familiares a lugares onde fisicamente jamais estivemos, realmente *pode ter* explicação alternativa sem recorrer à reencarnação. É que o Espírito se desprende durante o sono e pode visitar locais por onde nunca andamos com o corpo físico na existência atual. Há, porém, na literatura espírita, inúmeros episódios em que a pessoa reconhece o lugar, mas também registra as modificações ocorridas, o que indica que *conheceu* aquele lugar, mas que, depois de ter ali vivido, houve alterações. Se fosse apenas de um desdobramento espiritual, a lembrança seria das coisas *tal como são e não como foram*, há anos passados.

Acha ainda Barbanell que a reencarnação é, para muita gente, consolo de existências obscuras, ao imaginarem vidas de fausto e poder no passado, quando teriam sido gladiadores romanos ou princesas egípcias. O argumento não é válido, porque são inúmeros os casos em que, ao lado de existências de poder e riqueza, o sensitivo coloca tranquilamente vidas decorridas em total obscuridade, dor e miséria. Muitos contam, constrangidos e arrependidos, gestos de crueldade que praticaram. Não é, pois, a existência “glamorizada” que atrai o Espírito à busca do seu passado; são as lições que esse passado encerra, para que, errando menos no futuro, possa também sofrer menos e libertar-se da dor.

Nem mesmo o argumento das crianças-prodígio o nosso ilustre companheiro aceita. E aqui apela até para aspectos meramente materialistas ou misticismos imponderáveis: “Em adição à sua característica hereditária, toda criança nasce com ‘x’, quantidade desconhecida que é a sua *hereditariedade espiritual* (grifo meu). O ‘x’ não é produto de seus pais ou ancestrais. É aquela parcela do espírito divino que se encarna e anima o corpo formado pelos pais. Sendo divino, possui todas as qualidades inatas do infinito”.

Vemos, assim, as voltas que damos para continuar a crer naquilo que desejamos crer.

A despeito de tudo isso, Barbanell acredita que a reencarnação ocorra infreqüentemente, voluntariamente; não, porém, como regra geral para todos... Respeitemos sua crença, mas fiquemos com os fatos.

E aqui, para encerrar, uma frase com a qual o próprio Barbanell abre o capítulo final (número 22) do seu interessantíssimo livro. Intitula-se este capítulo “Pointing the Way” (“Apontando o caminho”). A frase é a seguinte: *“Acredito que seja parte do plano concebido pelos Espíritos superiores, no Além, o fato de que as verdades espirituais sejam suscetíveis de demonstração àqueles que estejam preparados para recebê-las”*.

Quanto à reencarnação, lamento admitir que o prezado companheiro não está preparado para reconhecê-la, mesmo a despeito da inequívoca opinião do grande Silver Birch, seu amigo e guia espiritual.

[1] Mantida a grafia alemã.

[2] Agosto de 1972.

## O Dr. Wickland e os seus “mortos”

Durante muitos anos aguardei com interesse a oportunidade de ler o famoso livro *Thirty Years Among the Dead* (*Trinta anos entre os mortos*) do Dr. Carl A. Wickland. Muito citada como um clássico da literatura psíquica, a obra encontrava-se esgotada. Sai agora em edição da *Spiritualist Press*, que funciona no mesmo endereço de *Two Worlds* e *Psychic News*.<sup>[1]</sup>

A primeira edição é de 1924 e, embora haja relatos esparsos de experiências realizadas ao longo dos trinta anos que serviram de título ao livro, a grande maioria dos diálogos travados com os Espíritos se reporta ao período que vai de 1918 a 1924. Ao que se depreende, foi a partir de 1918 que as sessões começaram a ser estenografadas.

O Dr. Carl Wickland era médico e todo o seu trabalho se apoia na excelente mediunidade da esposa, Anna Wickland, que com grande devotamento colocou suas faculdades a serviço do amor fraterno e das pesquisas de seu marido.

A obra realizada pelo Dr. Wickland é séria e construtiva. Apenas um senão — aliás muito importante — se infiltrou sutilmente no acervo de dados que reuniu pacientemente ao longo dos anos: ele não apenas recusava a ideia da reencarnação, como tentou demonstrar que chegava a ser prejudicial à evolução do Espírito! Veremos isso mais adiante, depois de examinarmos, com a atenção que merecem, os aspectos inegavelmente positivos do trabalho realizado pelo ilustre médico, reconhecidos, aliás, por eminentes pesquisadores e estudiosos do problema. A capa do livro traz, por exemplo, a segura opinião de outro médico, *Sir Arthur Conan Doyle*, o famoso criador de Sherlock Holmes e autor da notável *História do Espiritismo*.

“A demonstração psíquica feita pela Sra. Wickland” — escreveu Sir Arthur — “foi certamente uma extraordinária realização e nos deixa a todos em estado de estupefata admiração... Foi muito impressionante. Jamais encontrei alguém que possuísse tão ampla experiência dos ‘Invisíveis’ como o Dr. Wickland. Seu sistema é baseado em considerável quantidade de experimentação direta e observação. Se ele conseguir convencer, e acho que o conseguirá, seu nome será lembrado como o de Harvey ou Lister ou qualquer outro grande mestre revolucionário da ciência médica — e, no entanto, todo o seu sistema não passa de uma volta ao princípio, que era lugar-comum ao tempo do Cristo.”

Conan Doyle enganou-se apenas num ponto: o Dr. Wickland não conseguiu — pelo menos *ainda não* —, mesmo decorrido meio século, convencer seus colegas a ponto de tornar-se um nome como Harvey ou Lister.

Sua posição, aliás, é bastante modesta e equilibrada, a despeito do notável trabalho que realizou. O prefácio de seu livro contém apenas meia dúzia de linhas encimadas por uma citação que não podemos deixar de traduzir: “*Leia, não para condenar, mas para ponderar e considerar*”.

Quanto ao livro, informa o autor que não é sua intenção “promulgar nenhum ismo ou culto, mas apresentar os relatos e deduções de trinta anos de pesquisa experimental na ciência da Psicologia normal e da anormal”.

E sem mais, passa à exposição propriamente dita, abrindo-a com o capítulo intitulado “O Inter-relacionamento dos dois mundos.” Suas primeiras palavras são dirigidas aos que só admitem a realidade daquilo que conseguem ver. “*A natureza visível*” — diz ele — “*não é mais do que o invisível, o Real, tornado manifesto por meio de uma combinação de elementos; a Ciência nos informa que 95 por cento da vegetação é derivada do ar ou atmosfera.*” Dessa maneira, “*o objetivo é apenas uma combinação de substâncias e forças invisíveis*”, sendo fácil, portanto, entender a existência do mundo espiritual. Ademais, “*nenhum outro assunto tem sido tão bem autenticado através dos tempos e em toda a literatura como o da existência do espírito e a vida futura*”.

É, de fato, muito curioso lembrar que, nesse ponto, tribos selvagens antiquíssimas entendiam mais do assunto que muitos dos que ocupam hoje as confortáveis poltronas das academias de Ciência pelo mundo afora. “Os selvagens” — escreveu Allen, na sua *História da Civilização* — “consideram a vida futura simples continuação desta, também admitem uma parte do ser investida de misteriosos poderes. A morte é o abandono do corpo por aquele ser misterioso que se supõe ainda existente pelos arredores. Os amores e os ódios deste mundo são transferidos para o mundo espiritual.”

Grandes pensadores no passado “repetidamente se referem à existência do espírito como fato bem conhecido”. Estão nesse rol Sócrates, o pai imortal da Filosofia, Heródoto, o grande historiador, Sófocles, Eurípedes, Platão, Aristóteles, Horácio, Virgílio, Plutarco, Flavius Josephus, para citar uns poucos dentre os maiores.

Lembra ainda o Dr. Wickland que John Wesley, o famoso teólogo reformista, escreveu em *O mundo invisível* estas palavras inequívocas:

É fato que os ingleses em geral — na verdade a maior parte dos sábios europeus — consideram todos os relatos de feiticeiras e aparições como meras fábulas. É uma pena e deliberadamente me valho desta oportunidade para apresentar meu solene protesto contra essa violenta posição de tantos daqueles que acreditam na *Bíblia*, contra aqueles que não acreditam nela. Essa crença se coloca em direta oposição não somente em face da *Bíblia*, mas contra a opinião dos mais sábios e melhores homens de todos os tempos e de todas as nações. Eles sabem muito bem que abandonar a feitiçaria é, de fato, abandonar a *Bíblia*.

De todas as opiniões citadas pelo Dr. Wickland, porém, a que melhor impressiona pela sua concisão e objetividade é a do Dr. Thomas J. Hudson, autor de um livro intitulado *A lei dos fenômenos psíquicos*. Disse Hudson: “O homem que nega os fenômenos do espiritualismo hoje não merece ser chamado cético — é simplesmente ignorante”.

A questão é que a última “bossa” nesse terreno — especialmente entre aqueles que por dever de ofício recebem a incumbência de combater o Espiritismo — consiste em admitirem o fenômeno perfeitamente, porque

seria de fato ridículo negá-lo a esta altura, mas buscarem, desesperados, suportes pseudocientíficos para o fato observado, cuja explicação é tão singela, tão profundamente humana e tão consoladora.

Depois de rever e comentar algumas dessas opiniões — inclusive a de um sacerdote jesuíta, o padre G. G. Franco —, o Dr. Wickland apresenta um sumário muito bem levantado das conclusões a que chegou diante dos fatos que passará a relatar no seu livro.

O mundo espiritual e o físico estão em constante interação; “o plano espiritual não é uma vaga intangibilidade, mas real e natural, uma vasta zona de substância refinada, de atividade e progresso, e a vida ali é uma continuação da vida no mundo físico”.

O fenômeno da morte — uma palavra que reconhece inadequada —, “ocorre de maneira tão natural e simples que grande número de pessoas, depois de abandonarem o corpo físico, não têm consciência de que a transição se deu e, sem conhecimento da vida espiritual, ficam totalmente inconscientes do fato de haverem passado para outro estado do ser”. E como se acham privados de seus órgãos físicos, mergulham numa escuridão incompreensível para ele — “as trevas exteriores”, mencionadas na *Bíblia* — e continuam presos aos planos terrenos.

Por outro lado, a morte não faz de um pecador um santo e de um ignorante um sábio. Há os que permanecem presos aos interesses que por aqui ficaram: “Onde está o teu tesouro” — anotou Mateus — “aí estará o teu coração”. Muitos ficam em estado de sonolência pesada, outros se acham perdidos e confusos. Alguns, “impelidos por inclinações egoístas ou maldosas, buscam uma evasão para as suas tendências, permanecendo em tais condições até que esses desejos destrutivos sejam superados, quando a alma brada por compreensão e luz e os Espíritos evoluídos conseguem alcançá-los e ajudá-los”.

Nesse estado, em que lhes falta o corpo físico que possuíam na Terra, os seres desencarnados são atraídos pelo clarão magnético que emana dos seres encarnados e, consciente ou inconscientemente, se ligam às suas auras “encontrando dessa forma condições para se expressarem através da influenciação, obsessão ou possessão de seres humanos”. Assim, os

pensamentos e impulsos do Espírito passam a atuar sobre o ser encarnado, provocando distúrbios de toda sorte, confusão de sentimentos, angústias e sofrimentos. São os “demônios” de todos os tempos, assim chamados pela tradição tecida na repetição de incontáveis exemplos.

“A influência dessas entidades desencarnadas” — prossegue o Dr. Wickland — “é a causa de muitos acontecimentos inexplicáveis e obscuros da vida terrena e em grande parte da infelicidade do mundo. Pureza de vida e de motivação ou elevada intelectualidade não oferecem necessariamente proteção contra a obsessão; a identificação e conhecimento desses problemas são a única proteção.”

Não resta dúvida de que tudo isso é estritamente doutrinário, ou seja, está contido na Doutrina Espírita ordenada por Kardec. O trabalho do Dr. Wickland prova, novamente, que todo pesquisador sério e bem-intencionado que se dispuser a estudar os fenômenos psíquicos chegará às mesmas conclusões contidas nas obras básicas do Espiritismo. Ao escrever isto, não estou esquecido do problema da reencarnação; ainda falaremos dele mais adiante. É fato irrefutável que as linhas mestras das conclusões conferem e coincidem nitidamente, qualquer que seja o experimentador, desde que intrinsecamente honesto diante daquilo que observa e relata.

Por exemplo: condições físicas deficientes abrem as portas do Espírito encarnado à obsessão, de vez que “as forças vitais reduzidas oferecem menor resistência” aos Espíritos invasores.

Doenças mentais, cujos enigmas ainda não foram resolvidos pela ciência acadêmica, são provocadas com frequência espantosa por Espíritos desencarnados, desencadeando profundas alterações de personalidade e, portanto, de comportamento. Daí as inúmeras formas de insanidade ou aberrações mentais.

“A Humanidade” — escreve o Dr. Wickland — “está envolvida pela influência do pensamento de milhões de seres desencarnados que ainda não alcançaram integral compreensão dos objetivos mais elevados da vida. O reconhecimento desse fato explica uma grande porção de pensamentos indesejáveis, emoções, estranhos presságios, estados de depressão, irritabilidades, impulsos desarrazoados, explosões irracionais de

temperamento, paixões incontroláveis e inúmeras outras manifestações mentais.”

Em seguida, o Dr. Wickland volta a buscar apoio nos antigos e na *Bíblia*, lembrando os inúmeros episódios em que é identificada a presença de Espíritos desencarnados — qualquer que seja a designação que tiveram no correr dos tempos —, com estranhas manifestações patológicas em seres vivos encarnados. O médico americano, bem versado no texto bíblico, relaciona alguns exemplos, como *Mateus*, 10:1, *Marcos*, 1:39, *Lucas*, 8:27, 29 e 36, bem como 6:18, e *Atos*, 19:12. Há outros exemplos, incontáveis, tanto nos textos bíblicos — Antigo e Novo Testamentos — como nos anais da pesquisa psíquica.

Não admira, pois, que, com o crescimento geométrico da população mundial e aumento desordenado das tensões criadas pela chamada civilização, se multipliquem também os desequilíbrios mentais provocados por agentes inteligentes invisíveis. Por isso, já há mais de meio século o Dr. Winslow, da Inglaterra, citado pelo seu colega Wickland, manifestava sua preocupação pela sanidade mental da Humanidade ao escrever: “O mundo inteiro ficará doido dentro de pouco tempo”.

Ao tempo do Dr. Wickland, quase nada se sabia das causas provocadoras das desordens mentais. As coisas progrediram pouco no último meio século. O Dr. Britton Evans, médico superintendente de um hospital de alienados em New Jersey, dizia, já naquela época, que os tumores cerebrais ou a febre cerebral nem sempre afetam a mente. “*A pessoa pode ter problemas no cérebro e contudo ter a mente normal.*” A literatura psíquica em geral e a espírita em particular registram casos em que o cérebro é removido em porções consideráveis ou a autópsia revela total degeneração do tecido nervoso sem que a mente deixasse de funcionar.

Em Trenton, nos Estados Unidos, experimentou-se, conforme relata o Dr. Wickland, o tratamento de doentes mentais pela remoção de dentes estragados, amígdalas afetadas ou órgãos comprometidos, e, em muitos casos, se obteve êxito, dando origem à teoria de que as doenças mentais eram provocadas pela toxemia, isto é, envenenamento pelas toxinas despejadas na corrente sanguínea pelos órgãos infeccionados.

Posteriormente, porém, as estatísticas revelaram que o crescimento do número de pessoas desequilibradas era proporcionalmente maior do que o próprio crescimento populacional. Seria ridículo, pois, atribuir doenças mentais ao mau estado dos dentes, ainda mais que a técnica odontológica se aperfeiçoava sobremaneira com o passar do tempo.

Por outro lado, o Dr. Wickland observa que suas experiências o levam a concluir que, a despeito do mau estado dos dentes, seus pacientes se curavam logo que o Espírito obsessor era desalojado de sua posição junto ao doente. O autor propunha a tese de que “as curas anunciadas pelo Hospital de Trenton poderiam, pelo menos em parte, ser devidas ao fato de que os Espíritos eram desalojados pelo próprio tratamento dentário ou cirúrgico”.

Aliás, ele acabou criando um aparelho destinado a dar choques em pacientes sob obsessão, para que pudesse afugentar o obsessor e depois doutriná-lo através da mediunidade de Anna Wickland. Com isso, demonstrou que o Espírito era expulso da aura magnética do paciente pela sensação de dor provocada pelo choque, mas que, se não fosse convenientemente doutrinado, ou seja, esclarecido quanto à sua condição, voltaria a atormentar a sua vítima, muitas vezes inconsciente do que fazia; apenas buscava um contato humano que lhe desse novamente a ilusão de estar vivo na carne. Os próprios Espíritos confessaram-lhe em inúmeras oportunidades que estavam muito bem quando foram expulsos pela dor insuportável do choque de que muitos não sabiam explicar a origem, nem a razão de ser.

Tais experiências iam revelando aspectos insuspeitados do mecanismo das perturbações psíquicas, que o Dr. Wickland aproveitava com inteligência, dado que dispunha, com facilidade, de excelente médium em quem confiava sem restrições. Foi assim que conseguiu realizar um trabalho tão significativo, não somente colhendo em primeira mão material autêntico, que depois enfeixou no seu livro, como libertando de suas angústias e perplexidades inúmeros Espíritos sofredores que impunham seu desequilíbrio a criaturas encarnadas.

Como foi, porém, que começou seu trabalho?

Ele sabia que a experimentação às cegas poderia suscitar problemas sérios e deformações mentais. Conhecia casos em que pessoas sem experiência e invigilantes ficaram seriamente perturbadas em consequência de “brincadeiras”, tidas por inocentes, com o copinho ou com o indicador alfabético. Isso, porém, não invalidava seus propósitos; pelo contrário, o estimulara a enveredar pela pesquisa para descobrir as razões ocultas dos fenômenos.

Deparou, de início, com esta coisa notável: sua esposa era médium de grandes recursos, embora temerosa, a princípio, da experimentação, por julgar que estavam “perturbando os mortos” indevidamente. A isso responderam as entidades manifestantes que as concepções usuais acerca do mundo póstumo estavam tremendamente erradas. Explicaram que, na realidade, não existe a morte, mas uma simples transição do mundo visível para o invisível, e que muitos Espíritos evoluídos se esforçavam por se comunicar com os homens, a fim de os esclarecer e ajudar, como também a Espíritos desencarnados. Acontece, porém, que a morte — ou seja, a libertação do Espírito — é tão simples e natural que a grande maioria, por um espaço de tempo maior ou menor, nem mesmo sabe o que aconteceu e continua presa aos ambientes onde viveu na carne, numa atmosfera de pesadelo que não entende e da qual não consegue sair. Nesse estado de confusão e erraticidade é que são atraídos para a aura dos Espíritos encarnados e nestes desencadeiam toda sorte de neuroses e psicoses. Mais ainda: que essas perturbações poderiam ser facilmente deslocadas para os médiuns, que temporariamente emprestavam seus corpos para que tais entidades se manifestassem e pudessem ser esclarecidas. Se o Dr. Wickland desejasse, os amigos espirituais se incumbiriam de trazer Espíritos atormentados para tratamento e observação; manteriam tudo sob estrita vigilância e controle. O médico aceitou a oferta e, em seguida, alguns fenômenos convincentes ocorreram para ilustrar o mecanismo que ele começava a estudar com a ajuda preciosa de Anna Wickland.

Um dia — conta ele —, ao voltar para casa à tarde, teve uma surpresa. Sua mulher manifestou súbito mal-estar, queixando-se de estranhas sensações. Estava quase a cair, quando empertigou-se e disse ao marido:

— Que história é essa de me cortar?

(O Dr. Wickland estivera fazendo um estudo de anatomia, dissecando a perna do cadáver de um homem de cerca de sessenta anos.)

Respondeu-lhe o médico que não estava cortando ninguém, mas o Espírito, indignado, voltou à carga:

— Naturalmente que está. Você está cortando a minha perna.

O Dr. Wickland descobriu então que o manifestante era o dono do cadáver e se dispôs a uma longa conversação com ele. O velho não concordava de forma alguma com aquela retalhação de suas carnes. O Dr. Wickland procurou fazer a esposa sentar-se para estar mais à vontade e o Espírito novamente protestou, dizendo que ele, o doutor, não tinha direito de tocar-lhe o corpo. O médico respondeu-lhe que tinha todo o direito de tocar o corpo de sua própria esposa.

— Sua esposa! Que é que você está dizendo? Não sou mulher, sou homem!

Foi-lhe explicado, então, que ele havia abandonado o corpo físico e que no momento controlava o corpo da esposa do médico, e que seu cadáver se encontrava na câmara do colégio. Finalmente, o Espírito entendeu sua posição, e o médico prosseguiu:

— Suponha que eu estivesse agora cortando o seu corpo, lá no colégio... isso não poderia matar você, uma vez que você está aqui.

O argumento era aceitável.

— Acho que devo estar naquele estado a que chamam “morto”. Então, de nada me serve mais o meu velho corpo. Se você pode aprender alguma coisa cortando-o, prossiga e corte o que quiser.

E daí passou a pedir um pouco de tabaco para mastigar, o que foi negado. O pormenor, no entanto, serviu como elemento de controle, pois que a Sra. Wickland detestava qualquer tipo de fumo e o doutor verificou, posteriormente, pelo exame do cadáver, que ele realmente fora inveterado mastigador de tabaco.

Outros casos semelhantes ocorreram. O de um homem de cor que não queria de forma alguma aceitar a ideia da morte. Quando o Dr. Wickland

tentou convencê-lo, pedindo que examinasse as mãos da médium, as quais, evidentemente, eram brancas e, portanto, não podiam ser suas, o Espírito retrucou imperturbável:

— Eu costumava clareá-las; meu trabalho era em lavanderia...

O homem era obstinado, mas acabou compreendendo seu novo estado.

Com o desenvolvimento dos seus trabalhos, o Dr. Wickland conseguiu resultados experimentais notáveis. Às vezes, parece um tanto brusco: “Há quanto tempo você morreu?”, pergunta. Ou então: “Você está utilizando o corpo de minha mulher.” “Qual é o seu nome?” “De onde você vem?”. Em inúmeras oportunidades o Espírito não está ainda preparado para responder a essas interpelações, que lhe parecem absurdas e incompreensíveis. Como pode um homem utilizar-se do corpo de uma mulher para falar? “Morto? Eu não estou morto... estou muito vivo, falando, pensando...”

Com o tempo, no entanto, adquiriu o médico grande experiência em lidar com os Espíritos atormentados, conseguindo libertá-los de suas angústias com a ajuda de seus amigos espirituais. Realiza, assim, um estudo fecundo acerca das perturbações mentais e resume da seguinte forma seu método de trabalho: “A transferência da aberração mental ou da psicose do paciente para o intermediário psíquico (médium), a Sra. Wickland, é facilitada pelo uso da eletricidade estática aplicada ao paciente, frequentemente na presença do médium. Embora inofensiva para o paciente, a eletricidade é extremamente eficaz, dado que o Espírito obsessor não pode resistir por muito tempo ao tratamento elétrico e é assim desalojado”.

Em seguida, com auxílio dos amigos espirituais, o obsessor é atraído para o médium e com ele vão os sintomas que o paciente exibia, o que prova indubitavelmente que o Espírito obsessor é a causa da perturbação.

“Uma pergunta poderia então surgir”, diz o Dr. Wickland. “Por que as inteligências mais evoluídas não tomam conta dos Espíritos perturbados para esclarecê-los sem necessidade de recorrer ao médium?” É que muitos desses Espíritos se acham de tal maneira envolvidos pelas suas fixações e impressões terrenas que somente se tornam acessíveis quando postos em contato com as condições físicas que experimentavam quando na carne.

Uma vez conscientes do novo estado em que se encontram depois da morte, torna-se mais fácil o caminho da recuperação total. Muitos deles são difíceis de doutrinar e esclarecer por causa do entranhado dogmatismo de suas opiniões ou de suas paixões, seus ódios e frustrações.

Quanto à médium, a despeito de tão longos anos de trabalho psíquico e de demonstrar toda aquela terrível sequência de distúrbios mentais temporários, jamais sofreu qualquer disfunção psíquica. Foi sempre equilibrada, sadia, positiva, racional. Exerceu sua mediunidade abençoada durante 35 anos.

“O objetivo do nosso trabalho” — escreve o Dr. Wickland, à página 35 — “tem sido o de obter segura e incontestável evidência em primeira mão acerca das condições ‘póstumas’; pormenorizados relatos de centenas de experiências foram estenografados, a fim de registrar a exata situação das inteligências comunicantes.”

Nesses trinta anos, sua pesquisa infatigável acumulou um acervo considerável de fatos, de tal forma que “parece incrível” — escreve ele — “que pensadores inteligentes, interessados em outros campos do pensamento, pudessem por tão longo tempo ignorar esses fatos simples que podem ser tão facilmente verificados”.

O livro prossegue com a transcrição e comentário de dezenas de diálogos entre o Dr. Wickland e os Espíritos manifestantes, nas mais estranhas e variadas condições, mas com a predominância esmagadora de aflições, desenganos e angústias, invariavelmente devidos ao desconhecimento total das condições de vida no mundo espiritual.

O Dr. Wickland classifica seus casos em categorias mais ou menos semelhantes, as quais separa por capítulos. Por exemplo: Espíritos atormentadores, que provocam desinteligências entre casais; Espíritos que, em vida, praticaram crimes, ou, em espírito, induziram outros a fazê-lo; suicidas, casos de amnésia, intoxicação por drogas ou pelo álcool, invalidez psíquica; Espíritos de órfãos, de materialistas, de egoístas; Espíritos presos às diversas crenças, como a ortodoxia cristã, especialmente alguns casos dramáticos de pastores protestantes perdidos completamente na confusão

das suas ideias acerca do mundo espiritual; e, finalmente, Espíritos que “em vida” foram adeptos fervorosos da Ciência Cristã ou da Teosofia.

Seria impraticável, nos limites de um trabalho desta natureza, que se propõe unicamente a dar uma notícia sobre o ilustre médico americano, tentar mesmo um resumo dos casos relatados. Para não alongar demais o artigo, vejamos apenas o penúltimo capítulo, de número 15, intitulado “Teosofia”, em vista das implicações sobre a doutrina da reencarnação.

O relato abre com esta enfática e sumária declaração do Dr. Wickland:

Que a crença na reencarnação na Terra é falaz e impede o progresso às mais elevadas esferas espirituais depois da transição, tem sido frequentemente declarado por Espíritos evoluídos (*sic*), ao passo que numerosos casos de obsessão trazidos ao nosso cuidado são devidos a Espíritos que, na ânsia de se “reencarnarem” em crianças, encontraram-se prisioneiros de suas auras magnéticas, causando grande sofrimento tanto às suas vítimas como a si mesmos.

O texto revela da parte do médico de Boston surpreendente desconhecimento do problema que se arrisca a discutir de maneira tão dogmática e irreduzível, deveras inexplicável numa pessoa que procurou honestamente buscar a verdade.

É preciso destacar que nos depoimentos que iremos examinar não encontramos evidência de que os Espíritos que se declararam contra a reencarnação sejam assim evoluídos como acreditou o Dr. Wickland. A tese dos inconvenientes da reencarnação se baseia em casos apresentados por Espíritos evidentemente perturbados que, no desejo de voltarem à carne a qualquer preço, ligam-se inconscientemente a crianças, que são Espíritos já reencarnados. Os corpos infantis não estão à disposição de qualquer um que deseje reencarnar-se; ao contrário, encontram-se, por assim dizer, “ocupados” por Espíritos reencarnantes que lhes presidem à formação biológica desde os primeiros estágios depois da fecundação. Esses os enganos do ilustre Dr. Wickland. Mas vejamos os suportes em que ele apoia a sua curiosa doutrina antirreencarnacionista.

O primeiro caso é de um menino de Chicago, chamado Jack T..., que, inteiramente normal até os cinco anos, começou a manifestar estranhos

sinais de perturbação e, sob certos aspectos, precocidade. Preocupava-se com ninharias, permanecia longas horas acordado durante a noite, ruminando pressentimentos e manifestando às vezes um temperamento incontrolável. Apesar de ser menino de boa aparência, queixava-se de sua velhice e de sua feiura. O caso tornou-se tão crítico que a família procurou a ajuda do Dr. Wickland.

Foi então trazido à Sra. Wickland um Espírito que disse chamar-se Charles Herrman. Sabia que havia “morrido” e declarou ser muito feio e que ninguém gostava dele. Como alguém lhe dissera um dia que as pessoas morrem e se reencarnam, Herrman só pensava em renascer num corpo mais bonito e mais elegante, no qual fosse amado. Sem conhecimento algum das condições do mundo espiritual, achou que bastava tomar conta do primeiro menino bonito que encontrasse, e dessa forma ligou-se a Jack, a quem transferiu os seus problemas espirituais.

Esse é o primeiro caso que o Dr. Wickland apresenta para *demonstrar* que a reencarnação é causadora de obsessões...

Outro caso é o de um menino paralítico residente em Hollywood. A configuração é bastante semelhante à do caso Jack-Herrman. O Espírito obsessivo era mudo e paralítico e ao se manifestar com capacidade de falar e mover seus membros, declarou, maravilhado, que a reencarnação era verdadeira, porque se supunha já renascido sob melhores condições, quando estava apenas se comunicando através da Sra. Wickland. Novamente, portanto, um Espírito que, desconhecendo por completo o mecanismo das leis espirituais que regulam a reencarnação, tentou apossar-se do corpo de uma criança já em desenvolvimento.

Há ainda o caso de J. A., um garoto de sete anos que um Espírito por nome Edward Jackson perturbava, na tentativa de se reencarnar de qualquer maneira. Era já sua quarta experiência nesse sentido, procurando apossar-se do corpo de uma criança. Dizia que já se “reencarnara” quatro vezes. E lá pelas tantas, o Dr. Wickland lhe pergunta, um pouco áspero:

— Você não acha que é melhor parar com essas tentativas de reencarnação?

Outro Espírito, identificado com o nome de Ralph S..., em sessões realizadas em março e abril de 1920 e em novembro de 1922, demonstra um estado inequívoco de perturbação e desconhecimento das mais elementares leis espirituais. “Compreendo agora” — diz ele — “como é perigosa a doutrina da reencarnação. De acordo com essa doutrina, eu estaria em época de reencarnar. E se me reencarnar e obsidiar uma criança e amarrar-nos ambos em um só corpo até que a criança deixe o corpo mortal? Por que terei de me ‘reencarnar’ e tornar uma criança idiota?”

Pelo dito se verifica que o Espírito, em primeiro lugar, acredita existir uma época certa e predeterminada para a reencarnação e, em segundo lugar, estava certo de que o processo reencarnatório consistia em associar-se a outro Espírito já encarnado na pessoa de uma criança e viver com ele uma vida inteira. Além do mais, declarou na sessão de novembro de 1922 que, depois de alcançar o mundo espiritual, não cuidou mais de voltar à Terra senão para ajudar sua esposa que ficara encarnada. Seu raciocínio é comoventemente simplista. “*Se eu era capaz de me manifestar, então não podia reencarnar como eu pensava.*”

Há, em seguida, uma manifestação atribuída ao Espírito Ella Wheeler Wilcox (em janeiro de 1920), eivada de sérias impropriedades, como por exemplo: “Seja cauteloso na procura da verdade, pois a estrada é perigosa”. Ou então: “Houve uma época em que eu admiti a reencarnação. Fui por algum tempo teosofista. A Teosofia é uma boa doutrina; seus pensamentos e ensinamentos são belos, mas por que deveremos nos reencarnar neste pequeno planeta? *Eu não gostaria* de voltar ao plano terrestre, exceto para falar a vocês acerca da vida mais elevada e real que os espera. *Não gostaria* de voltar a este plano terrestre novamente para ser um bebezinho. *Não vejo por que* eu deveria fazer isso, pois *o que teria eu a aprender?* Poderiam as *almas como nós* voltar a ser crianças e sentirem-se satisfeitas?”. (Grifos meus.)

O Espírito se julga, pois, muito sábio e não vê necessidade de voltar aqui onde nada mais teria a aprender. No entanto, pouco adiante, elogiando o trabalho do Dr. Wickland, informa que “gostaria de ter conhecido” esse trabalho com o qual poderia ter ajudado muita gente necessitada. A seguir, informa também que *tentou* manifestar-se através do “ouija”, isto é, do

alfabeto, mas não o conseguiu, certamente por ignorar totalmente o processo e as condições exigidas para tais manifestações. Era, pois, a primeira vez que conseguia manifestar-se, utilizando a mediunidade da Sra. Wickland.

Outro manifestante, o Dr. Peebles, conhecido “pregador espiritualista”, também se manifestou para pontificar sobre a reencarnação, ou melhor, contra a doutrina das vidas sucessivas. Confessa de início que, mesmo sendo espírita, não conseguiu libertar-se dos dogmas cristãos. O Dr. Wickland lhe oferece a deixa para a sua dissertação a respeito da reencarnação, ao fazer uma observação irônica sobre o assunto. A opinião é elaborada no mesmo teor da que antes deu a Sra. Wilcox.

— Por que desejaria você voltar? Por que voltar para ser confinado num pequeno corpo e não ter nenhuma vontade própria? No mundo espiritual você é livre para viajar para onde quiser, não precisa de corpo físico. Por que voltar para a prisão? Por que uma criança pronta para entrar para o ginásio voltaria para a escola primária? Aqueles de vocês que aí estão no momento, depois de aprendida a lição primária da vida gostariam de voltar a ser uma criança e não saber de nada?

Descreve, a seguir, a liberdade espiritual, seus passeios pelo mundo — em vida foi um grande viajante — e pergunta novamente:

— Acha necessário então nascer outra vez?

E, pouco depois, bastante enfático:

— Esqueça a reencarnação, porque é como um saco de areia amarrado ao seu pescoço. Você fica com a ideia tão dominante na sua mente que pensará apenas nisso e ficará marcando passo onde está. Não poderá progredir, porque sua mente se voltará sempre para a Terra...

Perguntado se havia encontrado o Espírito Madame Blavatsky, disse que sim, e juntos discutiram o problema da reencarnação, que ela agora no mundo espiritual negava... Quanto a ele, Dr. Peebles, tivera também a sua ideia fixa: ver o Cristo. “Mas não o vi e nunca o verei. O ‘Cristo’ é o Princípio de Deus; o ‘Cristo’ é o Princípio da Vida; ‘Jesus’ é a Verdade, e o ‘Cristo’ é esclarecimento e entendimento. Uma vez que você se encontrou a si mesmo e aprendeu a ser um com o Mestre, alcançou a união com Deus.”

Aí está: um Espírito que “sabe” todas essas coisas, para que se reencarnar? Sua confusão espiritual e teológica é tamanha que julga já realizado em si mesmo aquele estado que o Cristo definiu ao declarar: “Eu e o Pai somos um”.

O depoimento atribuído a Helena Blavatsky, em comunicação dada em 1º de novembro de 1922, não sai desse tom de bazófia e orgulho em que o Espírito se julga tão sábio que nada mais tem a aprender numa encarnação terrena.

A Sra. Blavatsky — ou o Espírito que tomou o seu nome — declara que por algum tempo sentiu-se atraída pela ideia da reencarnação, que explica as diferenças de fortuna e virtudes entre os seres. Por outro lado, é claro que nas existências muito curtas o Espírito encarnado não adquire suficiente experiência na Terra. Diz, ainda, que teve lembranças de suas passadas vidas, mas por fim achou que eram apenas impressões que outros Espíritos lhe traziam. Acabou por concluir que a doutrina da reencarnação era falsa. O “argumento” é o mesmo e com a mesma inconsistência e fragilidade:

— Por que voltaria você a viver uma nova existência quando já adquiriu experiência e compreensão enquanto esteve aqui? Além do mais, esta é apenas a escola primária na Terra.

Confessa que por algum tempo tentara se reencarnar, mas lhe disseram que não poderia fazê-lo.

— Além disso — diz ela adiante —, você corre o risco de entrar num corpo doentio e defeituoso e ficar ainda em pior situação do que antes.

Acreditou na reencarnação, ensinou-a e estava certa de que voltaria para “ser alguém outra vez”, mas acha que poderá fazer muito mais na situação em que se encontra; e novamente a velha tecla batida de sempre:

— Por que desceria eu da harmonia do mundo espiritual para aquilo a que poderíamos chamar inferno?

Julga-se credenciada para o desempenho de uma missão: a de esclarecer Espíritos ignorantes. Logo depois, no entanto, confessa que espalhou apenas teorias, enquanto aqui viveu. “Poderia ter feito tanto mais

do que fiz se tivesse continuado com o *exercício da minha mediunidade* e trabalhado para aproximar os dois mundos. Fui médium e *poderia ter realizado uma grande tarefa, mas me tornei obsidiada.*” (Grifos meus.)

O Espírito não percebe a sua própria contradição ao informar, num momento de lucidez, o fracasso da sua experiência terrena e ao reconhecer que foi vítima da obsessão, depois de declarar que nada mais tem a aprender na Terra e por isso não acredita na reencarnação.

Assim, o livro do Dr. Carl A. Wickland termina de maneira melancólica, depois de apresentar um notável acervo de fatos bem documentados acerca da sobrevivência do Espírito imortal. É evidente que o capítulo sobre a reencarnação não invalida a sua obra; pelo contrário, demonstra de maneira dramática que a vaidade e o orgulho continuam a atormentar o Espírito no mundo póstumo, de maneira tão arrasadora que ele se julga dono de toda a verdade e livre das Leis Divinas que nos traçam longos e pacientes programas de recuperação. É difícil e áspero o caminho da perfeição espiritual. Quantas vezes reincidimos nos mesmos erros? Quantas vezes falhamos nas tarefas que nos foram confiadas? Quantas vezes espalhamos erros ditados pelas nossas paixões, quando poderíamos mais humildemente dar o recado em nome daqueles que nos amam e nos ensinam? Basta aprender a garatujar o nome numa folha de papel e já achamos que podemos ser grandes escritores, que nada mais temos a aprender. E por isso nos perdemos e induzimos outros em erros irrefutáveis, que vão custar talvez séculos de transviamento espiritual. É, pois, muito grande a responsabilidade daqueles que têm alguma coisa a dizer e que dispõem de ouvidos que os ouçam. Que não vá o modesto sapateiro além dos seus tamancos, mas também que não feche as portas do seu entendimento ao aprendizado que se traduz em evolução espiritual. Caminhamos aprendendo e servindo, com humildade e amor.

É certamente verdadeiro o que diz o Dr. Wickland: “a morte não torna santos os pecadores, nem sábios os ignorantes”.

[1] O artigo é de 1972.

## A opção dos milênios

A reedição das obras pertencentes ao acervo cultural e doutrinário da FEB — todas em roupagens modernas e impressas com novas técnicas — nos dá, aos espíritas mais antigos, a oportunidade de algumas releituras que trazem surpreendente sabor de novidade. É que muitos desses livros foram lidos, pelo menos no meu caso, há quinze ou vinte anos e um tanto sofregamente. Naqueles primórdios do aprendizado espírita, muita coisa nos escapava em razão mesma do despreparo doutrinário, que não nos deixava perceber a sutileza de muitos ensinamentos ou a beleza de tantas páginas iluminadas por elevadas emoções. Além do mais — e isto é particularmente verdadeiro para os chamados “romances” mediúnicos — a gente seguia o fio da história mais interessado no enredo do que nas lições que os autores tencionaram nos transmitir. Era hábito antigo de leitura a experiência dos outros romances, os de mera ficção. Agora, não. Volvidos os anos, amadurecida a experiência no estudo e na observação, descobrimos, naqueles textos, verdades que antes ali não havíamos percebido.

Até mesmo na obra de Kardec, que por dever de ofício estamos sempre a consultar, a cada passo topamos com observações que nos parecem novinhas em folha como se as lêssemos pela primeira vez! Que diremos desses volumes outros, que apenas uma ou duas vezes percorremos um tanto afobadamente, sob a pressão das solicitações da vida diária?

Aqui vai, pois, uma sugestão: faça uma releitura dos livros de Léon Denis, de André Luiz, de Emmanuel ou de tantos outros, à medida que vão sendo reimpressos pelo eficiente Departamento Editorial da FEB. E depois repasse-os a algum amigo dos chamados “simpatizantes” ou mesmo a

outros, ainda que “antipatizantes”... Não podemos nos esquecer de que inúmeras são as vias de acesso ao mundo iluminado da seara espírita; muitos entram pelos portões que Emmanuel abriu com as suas dramáticas narrativas.

Vamos destacar para exame e meditação algumas passagens de *Há dois mil anos*.

\*

O senador Públio Lentulus trocara os confortos de Roma pela província distante e bárbara, na esperança de encontrar, em novas paragens, a cura da filha querida. Em 4 de janeiro de 1939, ao escrever pela mão fiel de Chico Xavier a belíssima prece que se transcreve na nota inicial ao leitor, o antigo senador ainda tem presentes ao espírito as realidades da antiga Roma dos Césares. “Ante minha alma” — confessa ele — “surgem as reminiscências das construções elegantes, das colinas célebres; vejo o Tibre que passa, recolhendo os detritos da grande Babilônia imperial, os aquedutos, os mármore preciosos, as termas que pareciam indestrutíveis... Vejo ainda as ruas movimentadas, onde uma plebe miserável espera as graças dos grandes senhores, as esmolas de trigo, os fragmentos de pano para resguardarem do frio a nudez da carne.” E mais adiante: “Dentro dessas recordações, eu passo, Senhor, entre farraparias e esplendores, com o meu orgulho miserável!”. E depois: “Enquanto o grande Império se desfazia em suas lutas inquietantes, trazias o teu coração no silêncio e, como os outros, eu não percebia que vigiavas!”.

Na Palestina, continua disposto a qualquer sacrifício para salvar a filha dos seus males inquietantes. E um dia, entre a criança doente e a esposa amada, fez uma pergunta que poderia ter mudado o rumo da sua vida.

“— Filhinha, que queres hoje para dormir melhor?”

Pensava em brinquedos e agrados, mas a criança, num sopro de voz, respondeu que desejava apenas o Profeta de Nazaré.

No dia seguinte, Lúvia juntou o seu apelo ao da menina. Por que o eminente senador não abrandava os rigores da sua posição para procurar pessoalmente o Profeta? A pressão fora demais, ainda que suavíssima, ou por isso mesmo. Duas das criaturas mais importantes de sua vida lhe

pediam algo que, afinal, não deveria custar tanto assim. Iria a Jesus pedir pela filha, tamanha era a angústia que lhe dominava a alma. Mas o orgulho também estava lá. Iria sozinho à cidade e faria como se o encontro fosse casual, “de modo a não descer da minha dignidade social e política”. Convidaria o Profeta a visitá-lo “com o fim de *reanimar* a nossa doentinha”.

Ao entardecer, saiu a passo lento, em direção à antiga fonte, como se apenas desejasse conhecer aquele ponto de atração dos forasteiros. Por onde andaria naquele momento o Profeta de Nazaré? No fundo, julgava um tanto absurdo ele, senador do Império Romano, a procurar pelos caminhos um obscuro pregador galileu. Por certo não passaria de um homem simples e ignorante, pois andava por ali em Cafarnaum e cercava-se de pescadores humildes. Como haveria de entender-se com Ele? O senador não conhecia o aramaico, e o Profeta, por certo, não saberia latim.

Invadido subitamente por estranhas sensações, sentou-se num banco de pedra rodeado de vegetação, enquanto um torpor tomava conta de seu corpo. Sentiu o espírito desprendido, alçado a um elevado grau de percepção não apenas da natureza que o cercava, mas também de suas próprias emoções. Dentro em pouco ouviu passos que se aproximavam. “Diante de seus olhos ansiosos, estacara personalidade inconfundível e única.” Era jovem e belo e no seu sorriso havia um misto de “bondade imensa e singular energia”. Era uma figura majestosa e fascinante. Ao impacto daquela presença, Públio Lentulus ajoelhou-se em pranto, sem poder emitir uma palavra. Então era aquele o “homem simples e ignorante” que se cercava de pobres pescadores?

“— Senador, por que me procuras? Fora melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, *para que pudesses adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição sublime da fé e da humildade...* Mas Eu não vim ao mundo para derrogar as leis supremas da Natureza e venho ao encontro do teu coração desfalecido!...”

Ainda em pranto e sem poder falar, o romano pensava na filha doente.

“— Sim... não venho buscar o homem de Estado, superficial e orgulhoso, *que só os séculos de sofrimento podem encaminhar ao regaço de*

*meu Pai...”*

Não comparecera, pois, em atenção ao poderoso senador, mas ao pai e, acima de tudo, atraído pela prece fervorosa de Lívia, escorada na fé genuína.

E depois:

“— Não, meu amigo, não estás sonhando. Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, *encontras, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida. Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora, ou daqui a alguns milênios...*”

Soava para aquele espírito atormentado a hora do chamado, mas Jesus bem dissera que ele continuava livre para aceitar ou recusar o convite. O senador optou pelos milênios... Quem sabe se não é por isso que o seu livro se chama *Há dois mil anos?* E ademais, quem era aquele Profeta para falar naquele tom “a ele, senador do Império, revestido de todos os poderes diante de um vassalo”? Tinha atrás de si a Roma eterna, “coberta de triunfos e glórias”.

Jesus, que lia os seus pensamentos, lhe falou acerca da fragilidade dos impérios e dos efêmeros poderes terrestres. Só a lei do amor existe e sobrevive aos escombros.

E uma advertência final: Se a fé resultasse na cura da pobre criança, não esquecesse o senador de que aquilo seria mais um acréscimo aos seus deveres perante Deus.

O senador despertou com a impressão inesquecível do colóquio com Jesus, mas em lugar da emoção deslumbrante de receber o chamado supremo do próprio Mestre, sentia-se “humilhado e diminuído, em face da fraqueza de que dera testemunho diante daquele homem extraordinário”. Diante da filha a caminho da cura e no lar inundado pelo pranto da felicidade, conseguiu vencer as próprias emoções e exortou Lívia a que deixasse de exageros. Nada via de extraordinário no que acontecera, pois afinal de contas nunca faltaram recursos e cuidados no tratamento da filha e, portanto, “era lógico que esperássemos uma reação salutar do organismo, em face da nossa continuada assistência”.

Naquela mesma noite seu espírito foi levado à presença de pessoas que lhe pareciam “magistrados veneráveis”, diante dos quais sentiu amarga sensação de angústia. Um dos juízes se destacou para falar-lhe.

“— Públio Lentulus, por que desprezaste o minuto glorioso, com o qual poderias ter comprado a hora interminável e radiosa da tua redenção na eternidade?”

Era tempo ainda de voltar sobre seus passos e seguir o Mestre, mas ele certamente julgou que as renúncias eram muito graves e as condições muito pesadas: preferiu o caminho no qual, segundo o magistrado espiritual, “não existe amor bastante para lavar toda a iniquidade”.

Separemos aqui, porém, um momento para meditação. É fácil para nós hoje condenarmos o orgulho do senador, como ele próprio se condena ao relatar o episódio quase vinte séculos depois. Mas e nós? Teríamos agido de modo diferente? Teríamos seguido pelo caminho no qual “o jugo seria suave e o fardo leve”? Teríamos descido do pedestal do poder para seguir aquele homem estranho que vivia cercado de gente pobre, ignorante, humilde? E ainda agora, quando de tudo isso já sabemos, não apenas da imensidão do vulto do Cristo, mas de tantas coisas mais que o tempo, na bondade de Deus nos revelou, ainda agora, estaremos sempre tomando o caminho certo? Nem sempre. Nem sempre... Com frequência, nos viramos para o rumo da dor, porque o orgulho ou as paixões não puderam ser dominados e abandonados a tempo. Não somos obrigados à opção da renúncia, mas quem sabe não estaremos, num momento fugaz, jogando (e perdendo) uma parada de muitas e pesadas angústias futuras? Permita Deus, nosso Pai, que daqui a alguns séculos não estejamos ainda a contemplar com um profundo sentimento de pena e insatisfação aquele momento supremo em que recusamos o convite da paz e preferimos seguir, mais uma vez, o aceno da ilusão.

Qualquer que seja a alternativa escolhida, porém, saibamos de uma vez por todas que o Cristo vela por nós, ainda que “com o coração em silêncio”, como diz Emmanuel.

Somos sempre objeto dessa vigília carinhosa, e um dia, quando o merecermos, estaremos diante da sua presença inesquecível.

Foi assim, ainda na doloroso confissão de Emmanuel, que o próprio Mestre desceu ao encontro da primeira leva de mártires cristãos. Lívia estava entre eles, pois naquelas horas finais de sua existência carnal, Deus lhe concedeu o privilégio do martírio.

Preparam-se todos no mundo espiritual para uma visita de Jesus que vinha transmitir-lhes uma palavra de estímulo e de consolo. Com dificuldade que podemos imaginar e que Emmanuel confessa humildemente, procura o autor reproduzir as palavras de Jesus naquele encontro. Os que ali se achavam eram aqueles que não tiveram “outra aspiração no mundo, senão a de procurar o Reino de Deus e de sua justiça”. Não estariam, no entanto, entregues à inatividade, doravante; havia mais trabalho pela frente, se bem que de outra natureza.

Não descansaremos, contudo, meus amados, porque tempo virá na Terra, em que *todas as suas lições* (do Evangelho) *hão de ser espezinhadas e esquecidas...*

.....

...Quando a escuridão se fizer mais profunda nos corações da Terra, determinando a utilização de todos os progressos humanos para o extermínio, para a miséria e para a morte, derramarei minha luz sobre toda a carne e *todos os que vibrarem com o meu reino e confiarem nas minhas promessas*, ouvirão as nossas vozes e apelos santificadores!...

.....

...O dia chegará no qual todas as mentiras humanas hão de ser confundidas pela claridade das revelações do Céu. Um sopro poderoso de verdade e vida varrerá toda a Terra, *que pagará, então, à evolução dos seus institutos, os mais pesados tributos de sofrimentos e de sangue...* Exausto de receber os fluidos venenosos da ignomínia e da iniquidade de seus habitantes, *o próprio planeta protestará contra a impenitência dos homens, rasgando as entranhas em dolorosos cataclismos...* As impiedades terrestres formarão pesadas nuvens de dor que rebentarão, no instante oportuno, em tempestades de lágrimas na face escura da Terra e, então, das claridades da minha misericórdia,

contemplarei meu rebanho desditoso e direi como os meus emissários:  
'Ó Jerusalém, Jerusalém!...'

E por fim a promessa:

Trabalharemos com amor, na oficina dos séculos porvindouros, reorganizaremos todos os elementos destruídos, examinaremos detidamente todas as ruínas buscando o material passível de novo aproveitamento e, quando as instituições terrestres reajustarem a sua vida na fraternidade e no bem, na paz e na justiça, *depois da seleção natural dos Espíritos e dentro das convulsões renovadoras da vida planetária, organizaremos para o mundo um novo ciclo evolutivo, consolidando, com as divinas verdades do Consolador, os progressos definitivos do homem espiritual.*

\*

É bom lembrar essas advertências que, embora dirigidas a um grupo que há muito se integrou nos dispositivos do amor fraterno, serve para todos nós, os que ainda estamos percorrendo os dificultosos caminhos das nossas imperfeições. Serve para nós, os que procuramos transformar em vivência imorredoura os princípios que os Espíritos nos vieram ensinar, pois estamos tentando nos colocar entre aqueles que ouviram as “vozes e apelos santificadores”. Estamos entre os que serão chamados para a “seleção natural”, depois dos cataclismos que rasgarão as entranhas do planeta. Estejamos, assim, prontos e sem pavores irracionais, confiantes e tranquilos, pois o Cristo continua vigilante. Sejam os daqueles que o procuram “publicamente e na hora mais clara do dia” e não dos que resolvem optar pela angústia dos milênios...

## Das Índias ao planeta Marte

Durante anos estive à procura do muito citado — e muito raro — livro de Theodore Flournoy, *Des Indes à la Planète Mars (Das Índias ao planeta Marte)*, que estuda alguns episódios da mediunidade de Helène Smith.

Aqui está o livro, afinal, e vamos estudá-lo.

Theodore Flournoy foi um médico suíço, professor de Psicologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Genebra e autor de várias obras de carácter científico, publicadas entre 1878 e 1899. É mais conhecido pelo livro de que cuida este artigo, embora haja outro volume sobre Espiritismo, este com o título de *Genèse de Quelques Prétendus Messages Spirites (Gênese de algumas pretensas mensagens espíritas)*.

A posição do ilustre professor diante do Espiritismo é francamente hostil. Mais do que isso, pois nem sequer leva a sério os postulados da Doutrina, que parece conhecer um tanto por alto. À página 388 do seu famoso livro, faz a seguinte declaração: “Confesso logo que o Espiritismo é assunto que tem o dom de me colocar de bom humor e que me leva instintivamente à galhofa”. E mais adiante: “Seja como for, encontro ordinariamente grande dificuldade em me conservar sério diante das manifestações dos desencarnados”.

Quanto à doutrina da reencarnação, o ilustre professor liquida-a sumariamente, numa *nota de rodapé*, em letra miúda, à página 352, nos seguintes termos:

A doutrina das *anterioridades* (grifo no original), ou das encarnações precedentes, *parece ser* (grifo meu) um legado especial de Allan Kardec ao Espiritismo do velho continente, ausente no Espiritismo do

Novo Mundo, o que diminui bastante o valor dogmático da referida doutrina e me dispensa de discuti-la aqui. Seu papel na mediunidade de *Mlle. Smith* mostra bem a influência sugestiva do meio.

Aliás, é preciso dizer neste preâmbulo que o Dr. Flournoy não aceita a palavra *mediunidade* — em francês *mediumité*; prefere criar o neologismo *mediumité* (mediumidade), sacado à língua alemã (*mediumitat*), de vez que aquele “n” ali metido, por mais inocente que pareça, está “carregado de subentendidos espíritas”. É, pelo menos, o que confessa em rodapé à página XI de seu prefácio.

Com todos esses preconceitos e os mais que veremos no decorrer desta análise, considera os espíritas convictos e praticantes — quaisquer que sejam — inteiramente desqualificados para a pesquisa psíquica, dado que os julga a todos, indistintamente, crédulos e despreparados...

Dos fenômenos inabituais da mente, apenas aceita a validade da telepatia. Quanto ao mais, procura tudo enquadrar na rigidez da Psicologia da época, quando Breur e Freud iniciavam suas pesquisas e experiências. Se hoje a Psicologia ainda não tem estrutura para receber o “encaixe” dos fenômenos espíritas, imagina-se há setenta anos![\[1\]](#)

Pois é com esse instrumental cultural e dessa posição de irreduzível dogmatismo científico que o Dr. Theodore Flournoy se atira ao estudo dos fenômenos apresentados pela *mediumidade* de Helène Smith.

E Helène, quem era? Seu verdadeiro nome — não citado no livro — era Catherine Élise Muller. Flournoy espraia-se por longas páginas no estudo minucioso da personalidade da médium, pela qual experimenta viva simpatia. “O médium em questão” — diz à página 1 —, “a que chamarei de *Mlle. Helène Smith*, era uma nobre e bela pessoa com cerca de trinta anos de idade, tez natural, cabelos e olhos quase negros, cuja face inteligente e aberta, o olhar profundo, mas nada extático, despertavam imediatamente a simpatia.” Nada do misticismo doentio, que se criou como imagem das antigas feiticeiras, mas “um aspecto de saúde, de robustez física e mental que davam gosto ver e que, aliás, não é raro de se encontrar nos médiuns”. Ainda bem.

Helène era de modesta condição social “e de irrepreensível moral, ganhava a vida honradamente numa casa comercial, onde seu trabalho, sua perseverança e suas capacidades fizeram-na chegar a um dos postos mais importantes” (págs. 2 e 5). Sem desprezar o ambiente em que vivia, tanto o familiar como o social — “sentia-se decididamente superior”. Possuía bom gosto apurado, “introduzindo mesmo um tom de elegância na modesta residência de seus pais”.

À página 36, ainda escrevendo sobre Helène, que parece fasciná-lo um tanto, diz o professor: “De compleição sadia e vigorosa, de boa estatura, bem proporcionada, traços regulares e harmoniosos, tudo nela respira saúde. Não apresenta nenhum sinal visível de degenerescência”. No dizer do Dr. Flournoy, Helène não possui nenhuma “tara ou anomalia”, *a não ser sua mediunidade!* Falta só acrescentar que a bela e jovem médium exerce suas faculdades apenas nos momentos de lazer, “de maneira sempre absolutamente desinteressada” (pág. 37). Há nobreza no seu caráter. Sua cabeça é “extremamente bem organizada”, sua letra firme e traçada com grande elegância. Ela própria considera a sua mediunidade “como um raro e precioso privilégio que por nada neste mundo consentiria em perder”, detestando, porém, a ideia de, com o exercício de suas faculdades, atrair indevidamente a atenção de circunstantes, se sobre tais faculdades viesse a perder o controle.

Não faltam, pois, minúcias ao livro do ilustre professor, dado que, de um total de 418 páginas, dedica 74 ao estudo da personalidade de sua médium. Conclui o capítulo terceiro declarando que há muito ainda que dizer acerca das sessões realizadas por Helène, mas que é melhor entrar logo no exame dos exemplos relatados nos capítulos seguintes, quando são estudados os “principais ciclos da sua brilhante fantasia subliminal”.

Isso porque o autor já decidiu: *todos* os fenômenos apresentados pela médium são produtos de uma bem elaborada fantasia que vai emergindo do seu subconsciente. Veremos.

É preciso dizer aqui que o livro não começa bem, dado que o próprio autor parece não acreditar muito nele, como obra de divulgação. Acha-o

demasiado erigido de termos técnicos e interpretações bárbaras que nada dizem ao homem comum e eivado de explicações elementares e banais para merecer a atenção dos entendidos, não tendo nem a forma que os primeiros devem ter, nem o fundo que os segundos estão no direito de exigir. Mesmo assim eu o publico — como um exemplo que não deve ser imitado —, a fim de não mais ter de pensar nele e me consolando à ideia de que, afinal de contas, ninguém é obrigado a comprá-lo nem a lê-lo (págs. III e IV).

A despeito do pessimismo do autor, o livro vendeu bem, certamente pelo inusitado dos fenômenos descritos e pelo título sugestivo: *Das Índias ao planeta Marte*. As pesquisas foram iniciadas em dezembro de 1894 e se prolongaram até 1899. Em 1900 o livro já estava na sua terceira edição — a que hoje tenho em meu poder.

Theodore Flournoy dividiu seu estudo em três grupos principais, a que chamou de ciclos: o ciclo marciano, o ciclo hindu e o ciclo real, nessa ordem, o que parece outra incongruência, porque o livro então deveria chamar-se *Do planeta Marte a Maria Antonieta...*

Como introdução ao estudo desses ciclos, Flournoy examina, em capítulo à parte, a colorida personalidade de Léopold que, manifestando-se por meio da mediunidade de Helène, ora em psicofonia, ora em psicografia, ou ainda por tiptologia, assume o papel de guia espiritual da médium. Diz ele ser o famoso José (Giuseppe) Balsamo, o conde Cagliostro, alquimista e aventureiro tão conhecido daqueles que leram as *Memórias de um médico* de Alexandre Dumas.

Evidentemente, a personalidade de Léopold ocupa larga faixa da atenção de Flournoy. Por isso, o autor lhe dedica um capítulo inteiro — o de número 5. Seria Léopold verdadeiramente o José Balsamo histórico? Ou, mesmo não tendo com aquela personagem senão algumas “analogias superficiais”, seria ele um indivíduo real, distinto e independente de Mlle. Smith? Ou, finalmente, não passaria de “uma espécie de modificação alotrópica[2] da própria Helène, um produto de sua imaginação subliminal, como nossas criações oníricas e como os papéis sugeridos a uma pessoa hipnotizada”?

Flournoy opta, evidentemente, pela última hipótese: para ele, a personalidade manifestante sob o nome de Léopold é uma simples composição imaginária de Helène. No entanto, Léopold fala aos ouvidos de sua médium, adormece-a à vontade e faz mover a mesa. Às vezes, passa semanas inteiras sem se manifestar, *malgré qu'elle le désire et l'invoque*, isto é, ainda que ela o deseje e o invoque. De outras vezes, surge imprevistamente, sem ser chamado nem pressentido, dando mostras, como diz o próprio Flournoy, de tratar-se de um “ser autônomo, dotado de livre-arbítrio, frequentemente ocupado alhures ou ausente por força de seus próprios afazeres, que não o permitem estar constantemente à disposição de *Mlle. Smith*” (pág. 76). E mais adiante: “Não se poderia, em poucas palavras, conceber um ser mais independente e mais diferente de *Mlle. Smith*, possuindo caráter mais pessoal, individualidade mais marcante e existência real mais certa”.

Ao escrever pela médium, apresenta uma letra bastante pessoal, algo semelhante com a do próprio Cagliostro. Quando no fenômeno de incorporação — a que Flournoy chama, impropriamente, de encarnação —, sua voz é profunda, “e a palavra surge grave, lenta, forte, uma voz de homem, possante e baixa, algo confusa, com um pronunciado sotaque estrangeiro, certamente italiano mais que outra qualquer coisa”. É, ao mesmo tempo, “pomposo, grandiloquente, untuoso, às vezes severo e terrível e também sentimental”. Logo que o *encarna*, no dizer do Dr. Flournoy, a médium “adquire, na verdade, uma certa semelhança facial com ele e há, em toda a sua atitude, algo de teatral, às vezes realmente majestoso, que corresponde bem à ideia que se pode fazer da personagem que ficou conhecida como impostora ou como um gênio maravilhoso” (pág. 102). Há ainda um pormenor importante, que põe em evidência as diferenças de hábito tão bem assinaladas acima. Quando Helène se prepara para psicografar mensagens de Léopold-Cagliostro, toma o lápis entre o indicador e o polegar, em vez de fazê-lo, como em estado de vigília, entre o indicador e o dedo médio. Todas as vezes que tal manifestação se realiza, há uma pequena luta entre a médium e o ser manifestante, até que este impõe a sua vontade e ela prende o lápis como ele deseja.

Nenhum desses indícios veementes de autonomia impressiona o eminente professor: ele continua afirmando que Léopold é um componente

de detritos subconscientes, uma personalidade imaginária criada pela própria médium para liberar certas complexidades obscuras de sua intimidade, sendo, portanto, produto de uma autossugestão hipnoidal que “o simples fato de a pessoa ocupar-se de Espiritismo e de dedicar-se a exercícios mediúnicos basta para produzir” (pág. 88). “Isto” — prossegue ele com toda segurança — “não é uma hipótese ou uma afirmação sem base, é uma verdade empírica (ou seja, experimental), verificação de uma realidade, *uma lei psicológica* induzida de exemplos concretos e que, por conseguinte, constitui *explicação suficiente e única plausível*, até prova em contrário, de outros casos particulares aos quais a fórmula é aplicável”. (Parênteses e grifos meus.)

Passando das especulações aos fatos, o autor aplica a sua *lei* ao fenômeno, informando que a personalidade de Léopold “não existia necessariamente (não há indício algum) a título de subpersonalidade distinta antes de Helène ocupar-se de Espiritismo”. Notável conclusão! E por conseguinte, “sem o Espiritismo e a auto-hipnotização das sessões, Léopold não seria jamais efetivamente personalizado, mas permaneceria no estado nebuloso, difuso, incoerente dos vagos devaneios subliminais e dos fenômenos automáticos esparsos”.

Quando a médium o vê, trata-se de uma alucinação visual. Quando o ouve, é alucinação auditiva. Na opinião do autor, trata-se de uma “cisão completa da consciência”, tese que, até hoje, muita gente boa ainda defende com entusiasmo. No fundo, Helène e Léopold são para ele a mesma coisa, manifestando-se de modo diverso, ainda que tão diferentes entre si. Às vezes, “o organismo parece dividido entre dois seres estranhos um ao outro, Léopold falando pela boca de Helène, com seu sotaque e suas ideias, e ela se queixando por escrito de experimentar forte dor de cabeça e de garganta, sem saber por quê” (pág. 115).

No estado de vigília, Helène não seria mais que uma forma de manifestação mais contínua de Léopold, que somente emerge ocasionalmente. Mas, no fundo, no fundo, o autor mesmo não está seguro da sua tese, porque confessa à página 116 o seguinte: “Este último esquema — uma única personalidade desdobrada em duas — é seguramente *mais cômodo* para uma descrição clara e superficial dos fatos e não receio adotá-

lo, *mas não estou completamente convencido de que ele seja conforme à realidade das coisas*". (Grifos meus.)

Deixemos, por enquanto, a personalidade de Léopold e a elaborada teoria de Flournoy, por ele próprio promovida a lei de Psicologia e depois colocada em dúvida. Examinemos o chamado ciclo marciano.

\*

Devo dizer de início que, a meu ver, procedem muitas das críticas de Flournoy a este episódio, que revela indícios veementes de elaboração meramente fantasista. Em outras palavras: o episódio marciano não convence, nem por suas visões interplanetárias, nem pela língua misteriosa em que se manifestam suas personagens. É por isso que o próprio Flournoy confessa ser muito mais fácil explicar o ciclo marciano que o hindu. É que este último contém elementos de uma autenticidade indiscutível difíceis de ignorar ou destruir.

Acha o autor que o ciclo marciano foi disparado por um desejo de desvendar o segredo impenetrável da vida fora da Terra. Mesmo aí, porém, não poupa o Espiritismo, fazendo crer que para este tudo é possível e tudo tem explicação. "Sem dúvida" — diz ele à página 142 — "o Espiritismo pode explicar que as dificuldades materiais duma travessia interplanetária sejam suprimidas num transporte puramente mediúnico, fluídico, mas por quê, então, aquelas persistentes sensações físicas do mal-estar, balanço, flutuação etc. etc.?"

Claro que não podemos afirmar que o Espírito desprendido de Helène Smith tenha sido levado até Marte. Pelo menos a evidência que apresenta não convence. Mas as sensações que o Dr. Flournoy identificou na médium — mal-estar, balanço etc. — são exatamente as que podem ocorrer num desprendimento espiritual agitado. Se o Espírito continua preso ao corpo físico, continua a sentir os incômodos que causa a este, ou, dizendo de outra maneira, reflete, sob forma de sensações, a resistência do organismo físico ao brusco deslocamento do Espírito, não é preciso, para isso, ir a Marte.

Mas o nosso caro professor está sempre em guarda em relação ao "perigo" que representa a possibilidade de deixar-se ele próprio levar pelas doutrinas espíritas. Ao iniciar suas pesquisas com a médium, toma as suas

precauções de controle — no que faz muito bem —, mas “apela” para a ironia, achando que todos ali, no grupo para o qual foi convidado por um amigo comum, estão interessados em convertê-lo ao Espiritismo — “o que não seria”, diz ele, “um triunfo a desprezar-se para a causa espírita”. Julga-se, dessa forma, uma preciosa aquisição para o movimento espírita. Ficamos com o direito de crer que ainda sem o ciclo marciano, que, infelizmente, enfraquece a massa evidencial que Helène Smith lhe apresentou, o professor não se teria convertido — o que, mesmo em prejuízo de sua vaidade, devemos dizer, *não foi* uma grande perda para o Espiritismo.

Assim, em 1896 começam os primeiros sinais a que Flournoy chama, às vezes, de “romance marciano”, e que mais tarde se desdobrará em visões, desenhos, linguagem escrita e falada.

É na crítica à linguagem que o professor é mais convincente. O “marciano” falado ou escrito através de Helène parece um arranjo mais ou menos infantil do próprio francês. A análise minuciosa desse aspecto é feita no capítulo 4º, em 54 páginas.

Flournoy classifica o fenômeno no gênero da glossolalia, num caso típico de glossopoiese, que é a “fabricação completa de uma língua pela atividade subconsciente”. Se a fabricação foi subconsciente, não creio que pudéssemos afirmar; mas que a língua é suspeita de artificialismo, isto é bastante evidente. Começa que as vogais têm as mesmas nuances da pronúncia francesa. Idêntica é a construção da frase, palavra por palavra. O feminino é, como em francês, representado por um “e” final, as palavras longas em francês são longas em “marciano” e as curtas aqui são também curtas do “lado de lá”. As formas gramaticais apresentam notáveis similitudes. Exemplo: “je, tu, il, nous, vous, ils” (eu, tu, ele, nós, vós, eles) são representados em “marciano” como “cé, dê, hed, nini, sini, hed”. “Mon, ton, son, ma, ta, sa” (meu, teu, seu, minha, tua, sua) tornam-se “êzi, ché, bi, êzé, chée, bé”. E assim por diante. Chega-se ao ponto de que até o “t” que a língua francesa emprega eufonicamente, em certas construções, também aparece no “marciano”. Dessa forma, a pergunta “Quand reviendra-t-il?” fica assim: “Kévi bérimir m hed”, com o “m” encaixado no lugar do “t” francês. Há, às vezes, ressonâncias inglesas ou alemãs, como “modé” em

lugar de “mère” (mãe), parecido com “mother” (inglês) ou “mutter” (alemão). Ou “gudé”, que em “marciano” seria “bom”, muito parecido com o “good” (inglês) ou “gut” (alemão). Ou “animina” (existência, vida) que denuncia origens latinas *anima*, alma. É conservado em “marciano” o uso francês de substituir o “e” final dos monossílabos “je”, “de”, “le” etc., quando a palavra seguinte começa por vogal.

Isso tudo está muito certo, a crítica é perfeitamente válida e convincente, mas daí a concluir que o “marciano” é uma elaboração inconsciente de Helène, me parece algo temerário. Para isso deseja Flournoy descobrir em Helène faculdades linguísticas hereditárias que estariam adormecidas sob sua personalidade normal.

De qualquer forma, o episódio marciano não resiste à crítica inteligente e desapaixorada. Evidência disso ainda se encontra mais adiante, no capítulo seguinte (7º), no qual o autor apresenta alguns episódios suplementares do que chama ciclo ultramarciano. É que, diante de críticas feitas, não apenas à linguagem como às “visões” marcianas, muito semelhantes às da Terra, os fenômenos se modificaram, pretendendo mostrar cenas e linguagem de outro ponto cósmico não identificado. Parece que a intenção era fazer uma revelação espetacular que superasse “todas as descobertas de M. Flammarion”. Ao que tudo indica, a personalidade que se intitulava Léopold é estranha ao episódio marciano, pois Flournoy informa, à página 246, que “não era por intermédio de Léopold que se poderia sugerir modificações ao romance marciano”. Ao que podemos supor, a médium foi vítima aqui de interferências estranhas aos seus orientadores espirituais e serviu de veículo a uma fantasia engendrada por Espíritos interessados em transviá-la. É certo, porém, que, diante das críticas feitas, os fenômenos mudaram. As casas são desenhadas de modo bastante diferente, a terra é negra, não há vegetação, os habitantes parecem mais animais do que gente, e a língua não apresenta mais as ressonâncias e as estruturas do francês.

E dessa forma encerra-se o ciclo marciano, deixando-nos o direito de crer que se trata de um equívoco entre episódios outros que trazem o cunho da autenticidade, como o ciclo hindu, por exemplo, que veremos a seguir.

O ciclo hindu impõe muito mais respeito ao ilustre professor Flournoy. Mas ele se agarra tenazmente à sua tese, ao dizer que, neste caso, “o gênio subconsciente de *Mlle. Smith* saiu-se de maneira notável e desenvolveu um sentido verdadeiramente muito delicado das possibilidades históricas e da cor local”. No entanto, “o romance hindu, em particular, permanece para aqueles que lhe assistiram um enigma psicológico ainda *não resolvido de maneira satisfatória*”, de vez que “revela e implica em Helène, relativamente aos costumes e às línguas do Oriente, conhecimentos para os quais foi impossível até agora encontrar a fonte precisa”.

É claro que a Psicologia não pode explicar o fenômeno, pois lhe faltam elementos essenciais, como a reencarnação e a sobrevivência do Espírito, e o Dr. Flournoy não cede um milímetro das suas posições. Segundo ele, ainda que não lhe tenha sido possível indicar as fontes, o conhecimento dos fatos revelados em transe vem do subconsciente da médium e está, por conseguinte, contido nos quadros de uma só existência.

Três são as hipóteses possíveis: aquele conhecimento teria sido veiculado hereditariamente por uma “memória atávica”, ao longo de quinze gerações; ou, ainda, resultaria de comunicações telepáticas atuais com o cérebro de algum sábio indianista ou, finalmente, duma encarnação — isto é, incorporação — espírita.

O eminente doutor não explica, porém, como é que essas recuadas memórias poderiam atravessar quase quinhentos anos, de célula em célula, hereditariamente, para emergirem numa jovem absolutamente normal e sadia, em Genebra, no final do século XIX. Ou onde, como e por que iria ela buscar no cérebro de um sábio indianista os conhecimentos que revelou. Ele próprio reconhece honestamente, cinquenta páginas adiante, que os “indianistas são raros em Genebra”.

O ciclo indiano se resume da seguinte forma: Helène teria sido, no século XIV, uma jovem árabe que se tornou a décima primeira esposa de um príncipe hindu chamado Sivruka Nayaka. A moça chamava-se, então, Simandini, e o príncipe ter-se-ia reencarnado como o próprio Dr. Flournoy. Sivruka teria reinado sobre o Kanara e construído uma fortaleza por nome Tchandraguiri, no alto de uma colina, no ano de 1401. Em torno dessas personagens principais gravitam outras de menor importância.

Devo dizer neste ponto que não ficou bem claro, para mim, se devemos tomar o ciclo hindu e o real, ou seja, as manifestações de Simandini e de Maria Antonieta, como fenômenos espíritas, quer dizer, manifestações de Espíritos desencarnados, ou revelações de vidas anteriores da própria médium. É evidente que, do ponto de vista espírita, tanto vale uma como outra alternativa, dado que ambas demonstram a sobrevivência do Espírito imortal, mas é importante que a gente se lembre, diante dessas lacunas, de que o pesquisador espírita bem esclarecido, alerta, consciente e seguro estaria muito mais bem qualificado para o exame do problema do que um cientista igualmente bem qualificado, mas que se planta inarredavelmente numa posição de extremo dogmatismo, interessado apenas em fazer os fatos se enquadrarem nas suas teorias e não em partir para a formulação de novas teorias que decorram dos fatos observados. Por isso, o ilustre professor fica desesperado — e ainda veremos isto em outras ocasiões — quando observa honestamente que os fenômenos não “entram” na camisa de força das suas teorias, nem pela violência à lógica e à coerência.

Assim, mesmo reconhecendo de início, com toda a honestidade de que é certamente dotado, que o ciclo hindu é um enigma, não abandona a sua teoria de que se trata de uma formulação subconsciente da médium. Provavelmente ela viu uma mulher hindu — “pouco importa sua origem” —, escreve ele à página 264, e essa personagem apenas suposta “estende-se como parasita, ganha em superfície e em profundidade, como uma mancha de óleo, e invade toda a personalidade impressionável e sugestionável da médium”.

E o querido professor não se importa com o fato de que essa figura de ficção procede como pessoa autônoma, consciente, tem posturas orientais, cita fatos históricos e conhece o sânscrito. Às vezes, em impulsos de humildade, diante da extraordinária *performance* da moça em transe, ele escreve:

Toda essa mímica, tão diversificada, e esse falar exótico trazem tal marca de originalidade, de desembaraço, de naturalidade que a gente se pergunta com estupefação donde vem, para esta jovem das margens do Léman, sem instrução artística nem conhecimentos especiais do

Oriente, uma perfeição cênica a qual a melhor atriz não alcançaria, sem dúvida, senão à custa de prolongados estudos ou de um estágio às margens do Ganges (pág. 272).

“O problema” — prossegue ele imperturbável —, “já o disse, não está resolvido e estou ainda a pesquisar onde Helène Smith conseguiu suas noções acerca da Índia. Parece que o mais simples seria aproveitar-se do estado hipnótico das sessões para pôr em confissão a memória subconsciente de Helène e levá-la a revelar seus segredos, mas minhas tentativas nesse sentido ainda não alcançaram êxito.”

Aliás, ele não foi bem-sucedido em nenhuma de suas tentativas de destruir o episódio hindu. “Todas as pistas” — diz aí mesmo, à página 272 — “que eu acreditava ter descoberto, e são numerosas, revelaram-se falsas. *O leitor me dispensará de pormenorizar o meu insucesso.*”

Mas ele não é homem de abandonar facilmente suas queridas hipóteses. Logo adiante, volta à ideia fixa de descobrir os “segredos” de Helène. Depois de desenvolver suas elaboradas doutrinas, conclui desanimado: “Restam, porém, dois pontos que complicam o caso do romance hindu e parecem desafiar, pelo menos até aqui, toda explicação normal, porque ultrapassam os limites dum puro jogo de imaginação”. Um desses pontos é a irrecusável historicidade de alguns fatos. Existiu mesmo um príncipe hindu chamado Sivruka Nayaka, que governou Kanara e que em 1401 erigiu a fortaleza de Tchandraguiri, no alto de uma colina. O outro ponto é a língua falada por Simandini, que encerra palavras mais ou menos reconhecíveis, cujo “sentido real se adapta à situação segundo as quais foram pronunciadas” (pág. 275).

A informação histórica, tanto pesquisou que acabou encontrando-a num raríssimo livro de um tal Marlès, com longuíssimo título: *Histoire générale de l’Inde ancienne et moderne, depuis l’an 2000 avant J. C. jusqu’à nos jours etc.*, publicado em Paris, em 1828. (*História geral da Índia antiga e moderna desde o ano 2000 antes do Cristo até os nossos dias*).

Procura, então, reduzir a importância de Marlès como historiador: *Ce pauvre Marlès bien arrangé*, diz ele, o pobre do Marlès. Em seguida, quer

descobrir, de qualquer maneira, como Helène teria tido acesso ao livro, do qual existem apenas dois exemplares em Genebra. Não encontra a mínima evidência de que Helène tenha folheado sequer o livro, dado que ambos os exemplares se achavam “soterrados” na poeira das bibliotecas. Um deles pertencia à Sociedade de Leitura, somente aberta aos sócios — e Helène não era sócia —; outro estava na Biblioteca Pública, onde o próprio Flournoy admite que Helène não iria pesquisar um livro obscuro e esquecido, quando havia milhares de obras mais interessantes para ler.

“Reconheço o poder desta argumentação e que o mais sábio é, sem dúvida, deixar a coisa em suspenso” (pág. 283). Mas ele não deixa a coisa em suspenso. Parece que, esquecido da sua disposição de abandonar as tentativas de explicação, acaba oferecendo hipóteses que não cabem dentro dos seus dogmas científicos: “Será que Léopold, todo poderoso que é como desencarnado, não leu o volume fechado de Marlès ou não o folheou fluidicamente sem que os bibliotecários o percebessem?”. Ou a informação não se transmitiu telepaticamente do cérebro de algum leitor terrestre ao de *Mlle. Smith*? Essas hipóteses são deixadas àqueles que acham a sua muito extravagante. Mas qual a hipótese do professor? Ele somente acha que ela *deve ter tido acesso de alguma forma* ao texto de Marlès, mas não diz como, nem o prova.

E aqui, como em outros pontos, tem um momento de humildade, ao concluir que sua “cabeça se embaralha entre todas essas alternativas e, com receio de não ver aí, eu também, senão extravagâncias, apresso-me em passar a outro assunto” (pág. 286).

Enfim, o professor está totalmente perdido no emaranhado das suas próprias conclusões, porque os fatos não “querem” aceitar a cangalha dos seus preconceitos científicos.

A questão é que ele não passa a outro assunto; prossegue no mesmo, porque não entende como Simandini, princesa árabe, casada com um príncipe hindu, “esqueceu totalmente o árabe”. Na verdade, ele não prova que ela esqueceu; apenas demonstra que ela jamais pronunciou ou escreveu espontaneamente árabe, o que está longe de ser a mesma coisa, limitando-se a copiar um ditado nessa língua e do qual teve a visão mediúnica.

Quanto à crítica ao hindu falado por Helène (ou pelo Espírito que nela se manifestava), a conclusão do professor é muito frágil e não convence nem mesmo a ele próprio. Busca aflitadamente os linguistas conhecidos de sua época, para ver se consegue descobrir falhas na linguagem, mas tem o desapontamento de verificar que as palavras fazem sentido e que os linguistas se contradizem, às vezes. Há que reconhecer, porém, uma dificuldade para a época. Não havia gravadores de som e Helène não psicografa as palavras; apenas as pronuncia e elas são recolhidas, pelo som, por assistentes que não conhecem absolutamente nada da linguagem. É um prodígio que, mesmo assim, apareçam palavras perfeitamente reconhecíveis como sânscrito e que fazem sentido quando tomadas junto com o que o professor chama de pantomima, pois que Helène, em transe, vive as cenas do passado. Isso ele não consegue explicar; *inclina-se a admitir* a origem exclusivamente visual do sânscrito falado por Helène. E, corajosamente, oferece a hipótese de que a médium “absorveu o que sabia de sânscrito de modo essencialmente visual, folheando uma gramática ou outros documentos escritos, durante suas fases de sugestibilidade”!!! Isso para uma jovem de pouca instrução e de poucos recursos, em Genebra, no século XVIII!

Por outro lado, o autor, professor de uma Faculdade de Ciências, com acesso fácil às fontes de cultura, confessara pouco antes, à página 314, que há cerca de 25 anos, como jovem estudante, havia tomado algumas lições de sânscrito com o professor Deussen, de Kiel, e que dessas lições *não lhe ficaram conhecimentos suficientes* nem mesmo para reconhecer alguns caracteres sânscritos que Helène traçou inconscientemente numa carta em francês que ele reproduz à página 310! Assim não é possível argumentar...

\*

O ciclo real nada oferece de muito especial e o próprio Flournoy, usualmente tão minucioso, lhe dedica apenas quinze páginas, no capítulo 9º. Os fenômenos são basicamente os mesmos que vimos no ciclo hindu e são idênticas as teorias do autor. Acha ele, por exemplo, que “a escolha do papel se explica naturalmente pelos gostos inatos de *Mlle. Smith* por tudo que é nobre, distinto, elevado, acima da vulgaridade...”. Chega mesmo a afirmar que a figura histórica escolhida — Maria Antonieta —, de preferência a muitas outras igualmente qualificadas, se prende “aos seus

devaneios megalomaniacos”. No desempenho do que o professor chama de “papel”, Helène tem oportunidade de exibir toda a sua graça natural, sua elegância, sua distinção e até sua majestade. “Ela é verdadeiramente uma rainha”, diz ele visivelmente impressionado. Seu comportamento no transe, suas expressões faciais são as de uma grande dama. “As mais delicadas nuanças de expressão, amabilidade encantadora, condescendência altiva, piedade, indiferença, desprezo esmagador, se mostram a cada passo na sua fisionomia e no seu porte, ante o desfile dos cortesãos que povoam o seu sonho.”

Alguns pontos mereceriam apreciação mais aprofundada, de observador menos apaixonado e menos dogmático, a fim de serem encontradas as suas razões e motivações. Um desses pontos é a letra das comunicações psicografadas, que realmente não confere com a da Maria Antonieta histórica. Sabemos da experiência mediúnica que isso, de fato, nem sempre acontece. Uma larga percentagem dos Espíritos que se manifestam por meio de Chico Xavier ou de Divaldo Franco, por exemplo, escreve com a letra do Chico ou a do Divaldo. De outras vezes, a letra é a mesma e pode ser claramente identificada com os autógrafos que o Espírito deixou quando encarnado. Que leis regulam o fenômeno? Não o sabemos. O Dr. Flournoy também não sabe, mas faz algum estardalhaço em torno do assunto.

Critica ele o fato de a rainha manifestante ignorar o rei, como também observa seus anacronismos. Às vezes, ela parece não compreender o sentido de palavras modernas como bicicleta e telefone, e de outras vezes as emprega, como metro, centímetro, fotografia etc. Qual seria a razão verdadeira dessas aparentes incongruências? Podemos formular uma hipótese. Páginas atrás, o Dr. Flournoy informa que Helène em transe tem, às vezes, lapsos de lucidez, como se estivesse entre um mundo e outro, entre uma personalidade e outra, saltando para cá e para lá por sobre o muro que separa a vigília do transe. Assim, as incongruências seriam, senão perfeitamente explicáveis, pelo menos admissíveis. Mas Deus me livre de formular hipóteses. O Espírito do ilustre professor poderia estar por aqui e “morrer” (de novo) de rir ao verificar que os espíritas bisonhos, como eu, explicam tudo...

No decorrer das manifestações, a rainha identifica em dois dos participantes encarnados da sessão reencarnações de antigas personalidades da sua corte: o famoso conde de Mirabeau e o não menos famoso Philippe d'Orléans, que teve por alcunha o nome de Philippe Egalité (Igualdade). Se são ou não autênticas as reencarnações, não podemos atestar, mas Helène, em transe, lhes dedica grande atenção e conversa animadamente com eles, que se prestam gostosamente ao papel, pois, segundo Flournoy, é tudo uma comédia irresistível.

\*

No capítulo final da obra — o 10º —, são examinados alguns fenômenos psíquicos. O título é bem revelador: “Aparências supranormais”. Para o professor são tudo aparências... Aqui, mais do que alhures, se concentra sua carga contra o Espiritismo. É nesse ponto que busca apoio em La Bruyère para as suas críticas nada justas. O texto que cita desse antigo pensador vale a pena ser reproduzido, porque, a meu ver, resulta numa apologia do fenômeno psíquico e não na sua negação. Não podemos esquecer, para isso, que La Bruyère viveu dois séculos *antes* da Codificação Kardequiana. Vejamos:

Que pensar da magia e do sortilégio (e do Espiritismo, acrescenta logo o Dr. Flournoy)? A teoria é obscura, os princípios vagos, incertos e que raiam pela fantasia dos visionários; *mas há fatos embaraçosos*, afirmados por homens sérios que os presenciaram ou que deles tomaram conhecimento por meio de pessoas do mesmo tipo: admiti-los todos ou negá-los todos parece igualmente inconveniente; ousar dizer que nisso, como em todas as coisas extraordinárias que escapam às normas comuns, há que se encontrar uma posição entre os espíritos crédulos e os espíritos fortes.

A gente tem a impressão de que o Dr. Flournoy, de tão fascinado pelas suas próprias doutrinas, somente viu o início do texto do antigo moralista que, aliás, nem mesmo foi escrito para o Espiritismo, que naquela época não estava codificado. É claro que a magia e o sortilégio eram obscuros, vagos e incertos, mas, mesmo aí, nessa obscuridade e incerteza, o bom senso de La Bruyère testemunhava honestamente a existência de fatos

autênticos, pois sabia muito bem que os fatos independem das teorias que os homens formulam sobre eles.

Mas, às vezes, como já disse, o eminente professor tem seus momentos de humildade. Lá pelas tantas — e isso já nas últimas páginas —, faz algumas concessões generosas. Diante do supranormal (não do Espiritismo, mas do supranormal) a melhor atitude “é, senão de completa suspensão de julgamento, que nem sempre é psicologicamente possível, ao menos de uma sábia probabilidade, isenta de toda obstinação dogmática”. (Pág. 350.) Suas apreciações *dos fenômenos* observados, bem entendido, não devem ser consideradas “infalíveis ou definitivas” — poderão ser modificadas “sob a influência de fatos novos”.

Quanto aos aportes (fenômenos de transporte), acha-os extremamente indigestos — “me parecem tão penosos de digerir”, queixa-se ele. Isso porque subvertem completamente “nossas concepções usuais sobre a estabilidade da matéria ou (o que é pior) a nossa intuição geométrica”.

A questão é que os fatos existem e não pedem permissão nem mesmo ao ilustre Dr. Flournoy para acontecerem. Pouco importa que eles derrubem as concepções ordinárias da Física ou as “nossas intuições geométricas”. E daí? Isso quer apenas dizer que as concepções estão incompletas, tanto quanto as ditas intuições. O que cabe ao cientista desapaixonado é descobrir que leis desconhecidas regem esses fenômenos e não recusá-los, sumariamente, porque eles não se enquadram nos seus queridos dogmas científicos e filosóficos.

Mais um exemplo do seu dogmatismo irredutível? Vejamos este aqui, à página 382. Para “explicar” o mecanismo da revelação mediúnica de certos fatos autênticos acerca das pessoas presentes, diz esta enormidade:

É o próprio consulente que dita as respostas e regula os golpes dados na mesa: somente que ele não chegará ao ponto de bater nela pessoalmente, mas suas variações imperceptíveis e involuntárias de pressão são captadas pelas mãos do médium, que as traduz em tremores do móvel e exerce assim o papel de aparelho amplificador.

Se assim fosse, a mediunidade não seria uma faculdade apenas notável, seria fantástica, inconcebível, de vez que o médium conseguiria

captar fatos e informações autênticas na memória do consulente não pela telepatia, mas por meio de pressões imperceptíveis e involuntárias do consulente sobre a mesa!

De repente, não obstante, e sem mais aquela, o professor sai com tiradas surpreendentes. À página 394, depois de muitas variações acerca do seu tema favorito (contra o Espiritismo), sai-se com a afirmação de que

[...] *a priori*, a hipótese dos *Espíritos* (destaque no original), para explicar os fenômenos dos médiums, nada tem de impossível ou inepta. Ela não contradiz, nem mesmo necessariamente, como às vezes se imagina, o princípio diretor da psicologia fisiológica — o paralelismo psicofísico — que exige de todo o fenômeno mental um correlativo físico.

Mais abaixo, admite, igualmente com toda a candura, que a ideia do perispírito também não é uma “noção cientificamente absurda” e, pouco depois, à página seguinte, chega a aceitar a possibilidade de que o futuro venha a dar razão aos seus amigos espíritas. Acha apenas que a consolidação do Espiritismo poderia criar o culto da mesa girante, da escrita automática, das sessões e de outros exercícios mediúnicos. Além do mais, restaria o problema da autenticidade das mensagens. Vê-se que o Dr. Flournoy subestimou largamente, porque não a estudou como deveria, a belíssima estrutura da Doutrina veiculada por Kardec, que tudo isso examinou, previu, prescreveu e preveniu. Não podemos deixar de reconhecer, pois, que o livro do eminente adversário do Espiritismo termina de maneira melancólica, para dizer o mínimo, depois de se desenvolver de forma contraditória. O que ele pretendeu, evidentemente, com enorme esforço pessoal, foi enquadrar todos os fenômenos observados na rígida e pobre estrutura da psicologia da sua época.

Tomemos disso um exemplo bem típico. O famoso livro de Marlès, já citado, informa que o nome da fortaleza Tchandranguiri quer dizer “montanha da Lua”. Isso é bastante para levar o professor a concluir que essa expressão “deve ter contribuído para que ela (Helène) colocasse a cena no alto de uma colina”. A seu ver, não se trata, por conseguinte, de uma revelação espiritual que o livro raro confirmou e autenticou, mas sim de um texto que, inexplicavelmente, chegou ao conhecimento da médium e a fez *imaginar* a cena no alto de uma colina...

A isso se chama pesquisa científica desapaixonada!

Esquecido de que ainda há pouco admitia a viabilidade da participação dos Espíritos nos fenômenos mediúnicos, volta a martelar a sua tese predileta, de que as manifestações atribuídas aos Espíritos não passam de pastiches subscientes cosidos pelo próprio médium ou sacados telepaticamente da cabeça de gente viva, isto é, encarnada. “A simples análise das circunstâncias e do conteúdo das comunicações indica que, *segundo toda probabilidade* (grifo meu), elas provêm de indivíduos bem vivos e não dos desencarnados.” (Pág. 400.)

Como se vê, tem pelo menos setenta anos a veneranda Doutrina, ainda hoje explorada por certos parapsicólogos, alguns dos quais “ordenados” em religiões fundadas na premissa da sobrevivência do Espírito. Falta-lhes, a estes, até mesmo originalidade, pois ao cabo de quase um século ainda não conseguiram descobrir sequer uma doutrina nova, mais aceitável.

\*

Mas ainda resta algo a dizer acerca do livro do Dr. Theodore Flournoy. E o que resta é muito importante, porque o último caso apresentado por ele merece atenção especial.

A coisa começou numa sessão realizada na casa do próprio Flournoy, em 12 de fevereiro de 1899. Helène, em transe, tem a visão de uma pessoa que desce por um caminho pedregoso, numa aldeia que repousa no alto de um morro coberto de vinhedos. A médium descreve o Espírito: é um velho vestido à antiga e é saudado com muita atenção e cortesia por um camponês que o encontra. Para encurtar a longa descrição, digamos logo que a paisagem acaba por desaparecer e o Espírito do velho, já em roupas brancas e brilhantes, toma-lhe a mão e assina: *Chaumontet syndic*. Em seguida, retorna a imagem da aldeia e há uma natural curiosidade em saber-se que lugar é aquele. Helène então escreve mais uma palavra: *Chessenaz*, que nenhum dos presentes conhece. O Dr. Flournoy deseja saber, então, em que época o Espírito teria exercido o cargo de síndico, ou seja, prefeito. Helène ouve-o dizer que foi em 1839.

No dia seguinte, o Dr. Flournoy encontra no mapa a aldeia de Chessenaz, na Alta-Savoia, a 26 quilômetros de Genebra. A cidadezinha

existia, pois. Quinze dias depois, Helène tem novamente a visão do síndico Chaumontet caminhando pelo vilarejo, mas desta vez vem acompanhado de um sacerdote, que Léopold revela, com seu pesado sotaque italiano, tratar-se do seu “caro amigo Bournier”. O Dr. Flournoy pergunta se o padre não pode também escrever seu nome por intermédio de Helène. Léopold informa que na próxima sessão ele o fará. Assim, na sessão de 19 de março, o Espírito do cura toma a mão de Helène e escreve: *Burnier salut*. É, pois, Burnier e não Bournier, como pronunciara Léopold com o seu sotaque.

Aí estava uma boa oportunidade de botar tudo em pratos limpos, e o Dr. Flournoy sai em campo. Escreveu à Prefeitura de Chessenaz contando a história, e o Sr. Saunier, então prefeito, lhe confirma por carta que, consultando os arquivos, verificou que, realmente, durante os anos de 1831 e 1839, o síndico de Chessenaz fora um senhor Jean Chaumontet. Que lá viveu também, de novembro de 1824 até 1841, o padre André Burnier, como se podia comprovar com o livro de registros de nascimentos. Fez mais, o simpático prefeito: remeteu ao Dr. Flournoy um documento da época, em que, por sorte, apareciam as duas assinaturas: a do síndico Chaumontet e a do padre Burnier.

Não há dúvida, as assinaturas conferem e o próprio Flournoy é forçado a reconhecê-lo, falando da “similitude notável que há entre as assinaturas autênticas e as que foram automaticamente traçadas pela mão de *Mlle. Smith*”. Poderíamos corrigir o professor, dizendo que ambas são autênticas, mas deixemos como está.

Nesse ponto começa a procura desesperada de uma saída. Onde está a saída? Onde? A primeira ideia é a de que Helène teria visto as assinaturas e sua reprodução não seria mais do que a cópia de “*clichés visuels oubliés*”, ou seja, de clichês visuais esquecidos. Mas Helène nunca esteve em Chessenaz, embora tenha andado pela região.

Nesse meio tempo, aparentemente indignado com as tolas suspeitas do ilustre professor, o padre Burnier se manifesta novamente, a 21 de maio, escrevendo uma espécie de certidão, “a quem possa interessar”, que ele é mesmo o Burnier, cura de Chessenaz, e mais uma vez sua letra confere magnificamente com o exemplar remetido pelo atual prefeito da vila.

Depois de algumas das suas habituais conjeturas, Flournoy prefere “deixar ao leitor o cuidado de concluir como lhe agrada”. (Pág. 411). Sente-se, porém, evidentemente frustrado, porque o caso não se enquadra nas suas teorias. Sem poder dizer mais nada contra o fenômeno, deixa escapar um resmungo de mau humor: “Como e por que os defuntos que voltam ao cabo de meio século para assinar pela mão de outra pessoa de carne e osso podem ter a mesma letra que tinham quando vivos?”. Um leitor irreverente, que leu o livro antes de mim, durante os setenta anos da publicação, escreveu à margem: “Ora bolas!”.

Coitado do professor! Ainda há pouco, nesse mesmo livro, ressaltava o fato de que a letra de Maria Antonieta desencarnada não conferia com a da Maria Antonieta encarnada. Lá, a evidência não servia porque não conferia; aqui, é porque confere...

A despeito de tudo isso, o ilustre professor continua imperturbável nas suas conclusões. Para ele, ficou *demonstrado* (palavra sua) que as chamadas “encarnações efêmeras”, ou seja, as manifestações mediúnicas de incorporação, não passam de “pastiches”, isto é, imitações arranjadas com fragmentos do subconsciente. Quanto às diversas personalidades — Léopold, Simandini, Maria Antonieta e outras —, “são estados psicológicos da própria Helène, modificações alotrópicas da sua individualidade”, criações teratológicas psíquicas, da mesma forma que existem monstros físicos. Esses pastiches, admiravelmente fabricados, diz ele, são “interessantes e instrutivos, pelas luzes que fazem incidir sobre o funcionamento íntimo de nossas faculdades...” (pág. 416). Que luzes?

\*

Ficamos, assim, também, com direito às nossas próprias conclusões, depois de muito estudar o livro do professor Theodore Flournoy. São as seguintes: perdeu-se uma oportunidade excelente de estudar uma boa médium, porque o pesquisador não se aproximou dos fenômenos com suficiente humildade intelectual e de espírito desarmado de dogmatismos científicos e ideias preconcebidas. Não estava, pois, qualificado para examinar os dados que lhe foram fornecidos. Ao que nos parece hoje, escorado nos ensinamentos da Doutrina Espírita, há em Helène Smith fenômenos absolutamente autênticos, seguros e patentes, e há também

lapsos mais ou menos sérios em fantasias do seu próprio Espírito — fenômenos de animismo — ou engendradas por Espíritos desencarnados, como parece ser o episódio marciano.

Não ficamos sabendo, pelo menos com razoável margem de segurança, se o ciclo hindu e o ciclo real (Maria Antonieta) resultam de manifestações de Espíritos desencarnados, por meio da mediunidade de Helène, ou se são lembranças espontâneas ou provocadas da própria Helène, relativamente a suas existências anteriores. A força do caso Chaumontet-Burnier é tão evidente que o professor Flournoy nem mesmo se atreveu a formular uma das suas costumeiras hipóteses: preferiu deixar o assunto à decisão do leitor, depois de reconhecer a identidade das letras, mas não sem lançar a tímida suspeita de que Helène *teria visto* algum dia as duas assinaturas! Que prodígio de mulher: consegue reproduzir de memória, com fantástica precisão, dois autógrafos de pessoas obscuras que viveram há meio século de distância, num lugar do qual ninguém no grupo, nem ela própria, sabia da existência...

E depois, venham dizer a nós que os espíritas não são bons pesquisadores porque são muito crédulos! Ou porque inventam teorias complexas quando há explicações tão simples (*sic*) para os fenômenos! Ou que acham que tudo é produzido e provocado pelos Espíritos desencarnados, como se estes não tivessem mais que fazer.

Finalmente, é forçoso reconhecer que o ilustre Dr. Theodore Flournoy não conseguiu disfarçar a sua perplexidade diante dos fenômenos, a despeito de toda a empáfia de suas teorias ditas científicas. Termina o seu livro com uma excelente frase de Bacon: “*La verité est fille du temps, et non pas de l’authorité*”. Ainda bem: “A verdade é filha do tempo e não da autoridade”. Se não fosse isso, meu Deus, haveria uma verdade para cada autoridade, e neste assunto de Espiritismo todo mundo se julga investido de autoridade, pelo menos para desancar, mas poucos são os que reconhecem alguma dose de autoridade justamente naqueles que conhecem o fenômeno mais de perto porque o estudam com critério: os espíritas bem informados. Estes têm, ao longo de muitos anos, a oportunidade de examinar os aspectos teóricos nos livros doutrinários ou da pesquisa desapassionada e de assistir, na tranquilidade das sessões caseiras ou nos centros que frequentam, ao

desenrolar de dramas terríveis que ninguém forjaria para se divertir ou mistificar, tanto quanto de belíssimas e descontraídas demonstrações de amor fraterno. Quem poderia iludir com fantasias e “pastiches subconscientes” o filho que conversa por longos anos com o Espírito de sua mãe, ou o irmão que dialoga com a irmã que partiu, ou o marido que palestra com a esposa querida desencarnada? Não é só o conhecimento de fatos, cenas e conversas esquecidas que são reproduzidos, mas também os termos prediletos, os gestos típicos, os modismos, o jeito de falar e, às vezes, até mesmo a expressão facial nos fenômenos de transfiguração.

Aqueles que viram, ouviram, sentiram e viveram tais experiências, através dos anos, e sobre elas meditaram profundamente, só poderão lamentar a obstinação de pesquisadores como o Dr. Flournoy. Que Deus nos mande mais doutores, professores e cientistas; que venham estudar os fenômenos com todo o rigor dos controles e dos cuidados, mas revestidos de humildade, desarmados, serenos. E que proclamem honestamente o que viram e observaram. Que venham novos cientistas ou que retornem os mesmos do passado, como Flournoy, Richet e outros, porque a Humanidade descrente e sofredora precisa tanto deles, e já vai tarde o relógio dos milênios. Cada vez que sai um livro assim, obstinado, contraditório e negativista, apagam-se muitas esperanças e para muita gente detêm-se os ponteiros da evolução pessoal. Fé e ciência *não são* incompatíveis, são complementares.

[1] O artigo é de 1972.

[2] Substância alotrópica é aquela que conserva características físicas e químicas em estados diversos, como o carvão e o diamante.

## Benvenuto Cellini — o homem, o artista, o médium

Artistas e médiuns possuem um traço predominante em comum: a aguda sensibilidade, que lhes serve, aos primeiros, para conceberem as suas obras e traduzi-las no plano físico, e, aos segundos, para entrarem em sintonia psíquica com os Espíritos e converterem o pensamento do irmão desencarnado em mensagem inteligível aos seres encarnados. É, por isso, muito comum encontrarmos na história dos artistas fenômenos mediúnicos importantes, tanto quanto manifestações artísticas inequívocas, ainda que não cultivadas, em médiuns devotados ao exercício de suas faculdades e que evidentemente já viveram, no passado, experiências fecundas no campo da Arte.

Aliás, as tendências artísticas que o espírito traz ao reencarnar são as que mais cedo despertam na nova existência, a demonstrarem, de maneira tão eloquente, que ali existe necessariamente uma experiência anterior longa, vasta e profunda, e que, praticamente sem preparo e treinamento que a justifique, desabrocha com uma pujança impressionante e maravilhosa. A história está cheia de exemplos de artistas que concebem obras notáveis ainda antes de possuírem condições de maturidade orgânica e mental, até mesmo para executá-las. Mozart é um caso desses, para citar apenas um dentre tantos. Já veio sabendo música, e toda a sua vida — curta, em termos humanos — viveu para a Arte, como legítimo arauto de uma mensagem. Dizia ele que era fácil compor as suas peças, porque as “via” escritas diante de si e se limitava a copiá-las. Parece que concebia suas obras sob poderosa

inspiração, nos estados de desprendimento espiritual, e depois bastava transcrevê-las na notação convencional das cinco pautas.

Muitos outros cientistas e artistas utilizaram-se de processos semelhantes, talvez inconscientes das complexidades do mecanismo, mas certamente tirando bom proveito dos seus resultados.

Nem sempre, porém, as desenvolvidas faculdades artísticas — ou mediúnicas — ocorrem num ser livre de angústias espirituais. Pelo contrário, a regra é quase sempre encontrarmos artistas e médiuns, ou artistas-médiuns ou médiuns-artistas, mestres das suas técnicas de criação, hábeis artífices da beleza, ligados, no entanto, a pesados débitos passados, que os mantêm acorrentados a situações penosas, dolorosas mesmo, que é preciso enfrentar com elevado grau de coragem, se é que desejam transmitir aos homens a mensagem de beleza e de harmonia que lhes ocupa o ser interior. E, assim, testemunhamos o tremendo esforço de Beethoven, preso a uma existência quase insuportável, esmagado pela surdez, pela incompreensão, pelos desajustes familiares, pela falta de amor à sua volta, produzindo, sem cessar, obras imortais. Ou Bach, atormentado por difíceis problemas humanos, arrastado à mesquinharia miúda de quem não podia alcançar-lhe o gênio e, a despeito de tudo, colocando a música onde nunca esteve, nem antes, nem depois.

Que força é essa que sustenta o artista, senão as suas conexões com as esferas da inspiração que a sua sensibilidade alcança, a despeito, muitas vezes, de sérias imperfeições humanas?

\*

Essa introdução — que já ia ficando longa — serve para nos levar hoje ao exame da vida de um artista em que a mediunidade despontava aqui e ali, em episódios isolados, mas bem demarcados. O homem é Benvenuto Cellini. Vamos aproveitar a oportunidade da passagem do quarto centenário de sua morte, em 1571,<sup>[1]</sup> para recordar alguns episódios de sua existência atribulada e aventureira, entre reis, papas, nobres, espadachins e cortesãs, sempre voltado para a Arte, vivendo dela e para ela, com extraordinário talento e não poucos gestos impulsivos.

Tudo isso vem contado num livro que alcançou enorme sucesso, escrito pelo próprio artista, com grande sinceridade e uma certa dosagem de vaidade: *Mi Vida*, edição espanhola de 1940, da M. Aguilar Editor, traduzida por José Campos Moreno. Começou a escrevê-lo de próprio punho aos 58 anos, mas depois achou melhor ditá-lo a um jovem escriba, enquanto ele trabalhava nas suas obras maravilhosas.

Nasceu no dia 3 de novembro de 1500, às quatro horas e quatro minutos, dizem os arquivos do Duomo, em Florença, muito embora a casa em que nasceu tenha uma placa declarando ser 1º de novembro a data. O pai desejava-o músico e, durante muitos anos, atormentou o filho com a sua insistência. Benvenuto, para agradá-lo, tocava com inegável talento, especialmente a flauta.

A época em que viveu foi muito rica em notáveis tipos humanos e em acontecimentos da maior importância histórica. Cellini foi contemporâneo de Raphael e amigo de Michelangelo, íntimo de muitos dos Médicis e dos papas de seu tempo. Era crédulo e de temperamento colérico — em suas próprias palavras. Na sua opinião, “*os astros sob os quais nascemos não apenas influem sobre nós como também violentam nosso caráter*”. Perigosa doutrina para um homem impulsivo, que poderia cometer desvios e atribuir a culpa à má estrela sob a qual nasceu, ou sob a qual o impulso o dominou. Meteu-se em brigas tremendas, era pronto ao sacar as armas e não poucas vezes assassinou aqueles que se atravessaram no caminho das suas paixões. Na guerra entre Carlos I e Francisco I, lutou ao lado do Papa Clemente VII e se vangloria de ter dado cabo de inúmeros inimigos com a precisão matemática de seu tiro de canhão, pelo que, segundo suas palavras, “vários cardeais e outros senhores me bendiziam e me davam ânimo”. Quanto ao Papa, “me estimava muito mais, pois via que eu cumpria minha missão com o acerto necessário”. O acerto consistia em eliminar o maior número possível de inimigos e, assim, “todos os dias matava bastante”, diz ele muito orgulhoso de suas façanhas, com o que conseguiu valiosíssima proteção da parte de Clemente. Numa dessas oportunidades, depois de um tiro particularmente bem-sucedido, ajoelhei-me para rogar-lhe (ao Papa) que me absolvesse daquele homicídio e dos demais que cometi naquele castelo a serviço da igreja, e, alçando a mão e fazendo-me sobre a face uma

grande cruz, me disse que me abençoava e me perdoava todas as mortes que havia feito e todas as que pudesse fazer a serviço da Igreja Apostólica”.

Lamentável bênção, que tranquilizava o homem, mas que certamente muito lhe teria atormentado o espírito depois da desencarnação, ao ver-se diante de sua própria consciência insatisfeita.

E quem sabe não pensaria ele que essa bênção papal poderia estender-se, também, para cobrir crimes que não fossem cometidos “a serviço da Santa Madre Igreja”?

Um destes foi a vingança pela morte de seu irmão. Ficara obcecado pela ideia. “Como se fosse uma mulher de quem eu estivera enamorado, contemplava continuamente o arcabuzeiro que matou meu irmão. O sofrimento de vê-lo tão a miúdo me afugentava o sono e me levava por mau caminho e, sem preocupar-me de que ia fazer coisa tão baixa e tão censurável, numa noite resolvi acabar com meu padecimento.”

A maneira de acabar com a sua dor foi cravar o punhal no ombro esquerdo do assassino de seu irmão, com tanta violência que o osso partiu-se. “Levantou-se (a vítima), abandonou a sua espada e, desesperado pela violência da dor, começou a correr; eu o segui e a quatro passos pude alcançá-lo. Tornei a levantar o punhal acima de sua cabeça e ele abaixou tanto que a arma penetrou pelos ossos do pescoço, na nuca. Cravou-se tão profundamente que, por mais esforços que fiz, não consegui desprendê-lo...”

Esse crime foi acobertado pelo duque Alessandro de Médicis, que lhe mandou dizer “que estivesse tranquilo e nada temesse” e que fosse trabalhar na obra que estava fazendo para o Papa.

Não poucas vezes enfrentava seus clientes poderosos com altivez. Com o cardeal Salviatti teve um desses entreveros, por causa de um trabalho para o qual não recebera dinheiro suficiente.

Em outro episódio, em que assassinou um tal Pompeu, recebeu abertamente a proteção do Papa, que não era mais Clemente VII, e sim o cardeal Alessandro Farnese, eleito, em 13 de outubro de 1534, sob o nome de Paulo III. Pompeu provocara Cellini na rua, “pelo tempo de se dizer duas Ave-Marias”. Mas estava muito bem acompanhado e Cellini achou melhor

esperar outra oportunidade, o que não tardou. O crime é descrito com as minúcias necessárias, acrescentando o memorialista que recebeu apoio dos seus amigos, pois “o morto me perseguiu cruelmente e ninguém compreendia como eu o houvesse suportado tanto tempo”.

Paulo III, recém-eleito, garantiu-lhe o salvo-conduto e, segundo Cellini, contestou um amigo de Pompeu, que o censurava por aquele gesto dúbio no seu primeiro dia de papado:

— Disso você não entende tão bem quanto eu. Saiba que homens como Benvenuto, únicos em sua profissão, não devem estar sujeitos ao cumprimento das leis; muito menos ele, que tinha razão de sobra.

Ao que tudo indica, é Cellini quem põe essas palavras na boca de Paulo III, mais de 20 anos depois, ao escrever seu livro. Aliás, ele teria grandes problemas com esse Papa, por causa de um certo Pier Luigi Farnese, filho natural de Paulo III e que não suportava Cellini. Isso veremos mais adiante.

O velho Farnese, no entanto, compreendia bem as aventuras e os impulsos de Cellini e desejava as suas insuperáveis obras de arte. Ele próprio estivera preso num castelo, onde também encerraram Cellini e, tal como este, de lá fugiu espetacularmente. Farnese cometera falta gravíssima, falsificando um breve, e o Papa, então reinante, resolveu cortar-lhe a cabeça; mas, antes disso, ele conseguiu escapar. Tinha também, como toda a gente — nobres, plebeus e cardeais —, os seus filhos naturais e os protegia agora como Papa, dando-lhes cargos importantes e rendosos ainda na flor da idade. Havia bispos de 14 anos e cardeais de 18, que dos deveres religiosos nem tomavam conhecimento; apenas abiscoitavam as rendas das suas províncias eclesiásticas e as honrarias do cargo.

Cellini era realmente impulsivo, de paciência escassa, e isto em suas próprias palavras.

Quando lhe trazem uma notícia desagradável, a certa altura escreve que “me arrei de paciência, coisa que é para mim difícilimo...”

Bafejado pela proteção dos papas, dos reis e dos mais poderosos nobres de seu tempo, não admira que se julgasse realmente desligado dos compromissos que prendiam os demais seres humanos. Além do mais, não

faz segredo algum de que se julgava o melhor artista de sua época, no que, aliás, não anda muito longe da realidade.

Num dos seus desentendimentos com uns sujeitos que encontrara em sua ida para a França, deu a seguinte instrução aos seus dois companheiros de viagem:

— Quando vocês virem que eu desembainho minha adaga, saltem sobre esses dois criados e matem-nos, se possível, porque a este aqui mato eu logo. Em seguida, escaparemos *com a ajuda de Deus*.

O grifo, evidentemente, é meu, e o famoso memorialista declara que contou o episódio atenuando as cores.

Deu tamanho pontapé num aprendiz francês que o pobre foi cair a quatro braças de distância, aos pés do rei Francisco I, que entrava no momento. O comentário de Cellini é revelador: “O Rei riu-se muito e eu fiquei confuso”. Só isso.

A um outro adversário, deu-lhe tantos golpes que o privou do uso de ambas as pernas. A questão era um litígio judicial, dos muitos em que se meteu Benvenuto, e por isso foi também procurar o que havia comprado o litígio, dando-lhe uma tremenda surra. Assim acabou-se a pendência. “Dando graças a Deus por aquilo” — diz Cellini — “e por muitas outras coisas...”, voltou ao seu trabalho tranquilamente.

A um tal Bernardone esperou de tocaia, com um cacete, para dar-lhe uma surra de quebrar ossos, por um motivo extremamente fútil, que aqui não poderia ser reproduzido. Mas a espera foi muito longa e a sua impaciência salvou o Bernardone da surra ou, talvez, da morte...

Quando Catarina, modelo e amante, fugiu com um jovem protegido de Cellini, este planeja uma vingança à sua maneira, mas na última hora consegue dominar-se, antes de destroçar o jovem casal. “Quando os tive junto de mim, já havia refletido que era melhor expulsá-los de casa, pois, com tudo o que já havia feito, se ainda cometesse mais assassinatos *difícilmente poderia salvar minha vida*.”

Aproveitando-se da satisfação que demonstrara o Papa por um de seus trabalhos, pediu-lhe, por escrito, um emprego na Casa da Moeda. Levara o

documento, já pronto, no bolso. O Papa concedeu-lhe, na hora, o que pleiteava, acrescentando:

— Valem mais os sapatos de Benvenuto que os olhos de todos estes estúpidos.

A data era 16 de abril de 1529. Trabalharia ainda em outras Casas da Moeda e seria até acusado de ter falsificado algumas das tais, mas, ao que parece, isso não passou de intriga de seus adversários e rivais. Cellini era pródigo em fazer inimigos, mas não há evidência de desonestidade nele. A Casa da Moeda papal pagava-lhe seis escudos de ouro por mês e um ducado para cada jogo de três moedas gravadas, o que fazia, diz ele, diariamente antes do almoço. Em Florença, também trabalhou como gravador na Casa da Moeda, e ao sair de lá, novamente com destino a Roma, ficaram a dever-lhe mais de setenta escudos.

Esse é o homem. Quanto ao artista, não será necessário dizer quase nada aqui. Poucas de suas obras maravilhosas sobreviveram; muitas foram refundidas ou se perderam talvez para sempre, mas o que ficou é suficiente para testemunhar os extraordinários dotes artísticos desse homem curioso. O saleiro que fez para o rei da França é uma dessas peças raras que aliam a riqueza da imaginação criadora à perfeição do trabalho de artesanato, em que se combinam tantas e tão complexas técnicas, como o desenho, a moldagem, a fusão, o polimento, a aplicação dos esmaltes, tudo na proporção certa, na harmonia perfeita.

O “Perseu”, feito para Florença, mesmo descontando os exageros evidentes de seu próprio autor, é uma obra magnífica. Quando foi inaugurado, diz ele que “embora não fosse ainda dia claro, se reuniu uma infinita quantidade de gente, tanta que seria impossível dizê-lo, e todos, unanimemente, se rivalizavam nos elogios”. O próprio Duque, segundo Cellini, escondido por trás de uma janela, ficou escutando, *por algumas horas*, os elogios rasgados ao “Perseu”. Alguns cavalheiros o seguiram na rua e, de gorro na mão, lhe dirigiram uma saudação tão cerimoniosa que “teria sido excessiva para um Papa; apesar disso” — continua — “eu me humilhava o quanto podia, mas eles me cumulavam de tal maneira de elogios que tive de pedir-lhes que nos retirássemos da praça, porque as pessoas paravam para contemplar-me mais ainda que ao meu ‘Perseu’”.

Mesmo podendo os gritantes exageros — do que, aliás, ele não precisava —, aí está a medida do artista.

E o médium? É o que veremos, depois dessas pinceladas rápidas, em que é preciso sacrificar tanta coisa fascinante para não alongar demais isto que é simples notícia de um tipo e de uma época.

\*

Por várias vezes na vida, Benvenuto Cellini cruzou as fronteiras que separam o mundo da matéria e o mundo espiritual.

Certa ocasião, quando ainda se dedicava à música, por tenaz insistência do pai, organizou um pequeno conjunto e deu um recital no Vaticano. O sucesso foi enorme. Diz ele que o Papa mandou entregar-lhe cem escudos de ouro *do erário pontifício*, e o portador, um certo Gianiacomo, quis logo colocar Cellini na folha de pagamento como músico da corte papal. Respondeu-lhe o jovem que no dia seguinte daria sua resposta, aceitando ou não a tentadora oferta.

Durante a noite, sonhou que o pai lhe dizia que aceitasse o emprego, o que Benvenuto recusava. “*De repente me pareceu que (o pai) assumia uma aparência horrível, que me espantava, e disse: ‘Se não fizeres isso, te amaldiçoarei, mas se concordares, serás bendito por mim para sempre’.*”

Aceitou, assim, a oferta, mas lá não ficou muito tempo, pois o que o atraía mesmo era a ourivesaria. Curioso, porém, é que o pai também teve sonho idêntico e o diálogo era coincidente.

No capítulo 13 de suas memórias, conta ele outro episódio notável. Andava por aquelas alturas apaixonado por uma jovem Angélica, mas a mãe da moça, que por certo não confiava muito no artista e espadachim, desapareceu com ela. Cellini recorreu aos serviços de um feiticeiro que, segundo ele, era sacerdote siciliano.

Vejamos agora a cena. De há muito, confessa o autor, tinha “grandíssimos desejos de ver e de ouvir algo da dita arte (nigromancia)”.

— *Os homens que se metem nessa aventura* — assegurou-lhe o sacerdote feiticeiro — *precisam ter alma forte e ser sem temor.*

Isso não era problema e foi logo marcada a data. Cellini compareceu acompanhado de seu amigo Vincenzo Romolli e de um homem de Pistoia, do qual não diz o nome, mas informa que também praticava a nigromancia. Foram ao Coliseu, “onde o sacerdote vestiu-se à maneira dos nigromantes e começou, com muitas cerimônias, a traçar uns círculos no chão. Seu auxiliar trazia perfumes preciosos, luz e outras coisas que cheiravam mal”. Quando estava tudo preparado, “pôs uma porta no círculo e, tomando-nos pela mão, nos fez entrar nele, um a um; em seguida, distribuiu os encargos, entregou o talismã a outro nigromante companheiro seu e, aos demais, encarregou do fogo e dos perfumes, depois do que deu início às invocações. Aquilo durou mais de hora e meia. Apareceram tantas legiões de demônios que se encheu com elas o Coliseu. Quando o sacerdote viu que havia bastante, virou-se para mim, que tinha a meu cargo os perfumes preciosos, e me disse:

— *Pede-lhes algo, Benvenuto.*”

O pedido era óbvio: que o pusessem junto à sua Angélica esquiva. A resposta não foi imediata como ele talvez supusesse. Com o que não se afobou o feiticeiro, dizendo-lhe que teria de voltar lá, em companhia de um menino.

Dias depois, lá está novamente Cellini, com seu amigo Romolli, um tal Agnolino Gaddi e um garoto de doze anos, aprendiz de sua arte. A sessão foi imponente, a começar pelas terríveis invocações do sacerdote, “chamando pelo nome a muitíssimos demônios, chefes das legiões a quem dava ordens pela virtude e poder de Deus incriado, vivente e eterno, empregando palavras hebraicas e também gregas e latinas. Desta maneira, em pouco tempo se encheu o Coliseu de cem vezes mais demônios do que da primeira vez”.

E a mesma efusão de perfumes e de luzes. Novamente o pedido de que lhe dessem sua Angélica.

— *Ouves o que te dizem?* — pergunta o padre feiticeiro. — *Que dentro de um mês te verás junto dela.*

E prosseguiu para pedir-lhe que “ficasse quieto, sem me mexer, pois havia ali mil legiões mais do que havia convocado e que eram as mais

temíveis e desde que faziam o que eu pedira, era necessário tratá-las com carinho e despedi-las com paciência”.

Enquanto isso, o menino quase morria de medo, dizendo que havia por ali “um milhão de homens valentíssimos que nos ameaçavam a todos e que, além disso, lhe haviam aparecido quatro gigantes enormes, armados, fazendo sinais de que queriam entrar no nosso círculo”.

Por essa altura, o feiticeiro já estava cuidando de despedir os “demônios” com os melhores modos “e com a voz mais suave que podia”. Romolli também tremia de medo. Eu, que tinha tanto medo quanto eles, me esforçava por demonstrar o contrário e os animava a todos, mas, na realidade, me teria dado por morto ao ver o terror do nigromante.

O processo empregado para dispersar as multidões espirituais convocadas é impúblicável. Ainda ao voltarem para casa, viam-se demônios por toda parte, que ora corriam à frente deles, ora subiam pelos telhados das casas. Pelo menos, era o que dizia o apavorado aprendiz.

E com isso o nigromante quis recrutar Cellini para a sua arte diabólica, pois nele descobrira notáveis recursos e excelentes perspectivas. Ao que se depreende, Cellini não estava muito por fora da empreitada, pois quis saber quanto tempo precisaria para se enfronhar nos segredos da nigromancia. Seria coisa de um mês, disse-lhe o padre. O lugar mais bem indicado para essas práticas era as montanhas de Norcia, próximo à abadia de Farfa. Cellini estava inclinado a seguir o feiticeiro, mas quis antes acabar as medalhas que estava fazendo para o Papa. Seu interesse, porém, ainda estava centralizado em Angélica e, à medida que passava o tempo, achava que havia sido logrado; mas, no prazo certo, encontrou, ao cabo de uma série de peripécias curiosas, a sua amada e a barganhou com a mãe por um vestido preto, comprado em Nápoles, onde era mais barato...

Por uma referência passageira no capítulo 17, creio legítimo supor que Cellini chegou a praticar com certa regularidade aquele tipo de mediunismo a que chamava nigromancia, pois informa que fez *entrar no círculo da nigromancia* a Cencio, seu criado mais graduado.

Num período em que foi acometido de febre, quando “tinha a cabeça tão firme como antes de minha enfermidade e tendo ainda são o sentido, via

eu que tentava arrancar-me da cama um velho horrível, que desejava arrebatá-me à força até à sua enorme barca e, então, eu chamava em meu auxílio o meu amigo Félix, para que expulsasse da minha presença aquele velho idiota”.

É evidente que, a despeito da formação católica e do trato quase que diário com papas e cardeais, Cellini tinha algum conhecimento do mundo espiritual, pois que, certa feita, certo Bettini lhe disse que ele sabia dos fatos antes que ocorressem, e lhe perguntou à queima-roupa: “*Que Espírito te conta essas coisas?*”.

Tantas fez, porém, que o Pier Luigi Farnese, filho do Papa, acabou por encerrá-lo na Torre de Nona, temível cárcere romano, onde ficou num calabouço destinado aos que estavam já sentenciados à morte.

Depois de muita agitação e alguma meditação, resolveu orar, “devotissimamente”, a Deus, implorando “que me admitisse em seu Reino, apesar de parecer que me abandonava ao mundo *em plena inocência* diante das leis, pois que, se havia cometido homicídios, seu vigário na Terra me chamou à minha pátria e me perdoou com a autoridade que lhe davam as leis. Além disso, tudo quanto fiz, realizei para defender este corpo que sua Divina Majestade me emprestou, de modo que não me parecia que, no que respeita às leis segundo as quais se vive no mundo, houvesse merecido aquela morte etc. etc.” Acreditava, também, que muitos desses males que praticamos se devem não às nossas más tendências, mas à conjugação dos astros a que estamos submetidos.

Aí está a filosofia da comodidade. Mas não é isso que nos chama aqui a atenção, e sim a série de fenômenos psíquicos desenrolados durante o período em que Cellini esteve recolhido a essa prisão, da qual o salvou Francisco I, da França.

Desesperado com sua situação, Cellini tentou suicidar-se, armando um pedaço de madeira de tal modo que, ao soltar-se uma trave, lhe caísse na cabeça, esmagando-a. “Quando tive tudo arranjado e fui dispará-lo, dando um golpe de mão, senti que algo invisível me colhia e me lançava a quatro braças de distância; levei tamanho susto que perdi os sentidos, e assim estive desde que amanheceu até às dezenove horas, quando me levaram a

comida. Os que a levavam devem ter ido e vindo várias vezes sem que eu os percebesse, porque quando dei conta de mim, estava no meu calabouço o capitão Sandrino Monaldi, e o ouvi dizer:

— *Infeliz! Que triste fim teve um talento tão grande.*”

E daí voltou a si, pensando no que o teria impedido de realizar seus propósitos suicidas e acabando por concluir “*que foi uma força divina, minha protetora...*”.

Naquela mesma noite, viu em sonhos “uma criatura admirável, com aparência de um jovem belíssimo que, como se me compreendesse, me disse:

— Sabes quem te emprestou esse corpo que tu pretendias destruir antes do tempo?

Parece-me que lhe respondi que reconhecia havê-lo recebido do Deus da Natureza. Então, acrescentou:

— Então, de tal forma desprezas suas obras que queres destruí-las? Deixa-te guiar por Ele e não percas a fé no seu poder.”

E conclui: “Também me disse outras coisas igualmente admiráveis das quais não me lembro nem da milésima parte”.

Daí saiu um poema, no qual repreendia seu próprio Espírito, por haver tentado abandonar a vida.

Nesses quatro meses em que passou estendido no cárcere, com a perna quebrada, sonhou “tantas vezes que os anjos baixavam para curar-me, que acabei ficando tão forte como se nunca tivesse quebrado a perna”.

Mas os tempos eram ásperos e as paixões humanas mais violentas sopravam desatadas como os vendavais. Cellini foi retirado da sua masmorra, onde já desenhara, a carvão, umas figuras religiosas, e colocado num poço que lhe parecia ser o de São Marcos, cuja descida se fazia por uma corda. Lá morrera um certo Foiano de dor e de fome, depois que o Papa Clemente VII mandara aprisioná-lo por ter pregado contra os Médicis. Foiano era o apelido de Benedetto Trezzi.

Ali estava agora Cellini, já com ordem do Papa para ser executado. Naquela altura, porém, prossegue o autor, “o Espírito invisível que impediu que me matasse se aproximou de mim, também invisivelmente, mas com voz clara me sacudiu, me obrigou a levantar-me e me disse:

— Benvenuto, amigo, apressa-te em implorar a Deus com tuas costumeiras orações e grita muito, muito!

Assustado, me ajoelhei imediatamente, dizendo em voz alta minhas orações, e, depois de rezá-las todas, recitei o salmo ‘*Qui habitat in adjutorio*’; em seguida, falei com Deus por algum tempo e, então, me disse a mesma voz, franca e clara:

— Vai descansar e não tenhas mais medo.”

A essa altura, o Papa mudara de ideia, mandou suspender a pena de morte e Cellini foi devolvido à sua primeira masmorra, onde tinha na parede os desenhos religiosos. Lá, “comecei a ter, às noites, os sonhos mais tranquilos e mais agradáveis que se pode imaginar; sempre me parecia estar, com certeza, ao lado do ser invisível cuja voz ouvi e continuava a ouvir com frequência, e ao qual não pedia outro favor senão que me levasse aonde eu pudesse ver o Sol, dizendo-lhe que era meu único desejo e que, se pudesse ver o Sol, ainda que fosse uma só vez, morreria satisfeito”.

Esse pedido foi atendido também de maneira extraordinária. Depois de uma prece, “aquela coisa invisível, como se fora um vento, me colheu e me levou a um lugar onde o ser invisível me permitiu vê-lo em forma humana, como um jovem no seu primeiro buço, de rosto amabilíssimo, belo, mas austero, sem lascívia, e me apontou para um local, dizendo:

— Os muitíssimos homens que estás vendo são os que até hoje nasceram e morreram”.

Levou-o o Espírito pelas ruas de uma cidade onde ele se esforçava para ver o Sol, como era de seu desejo. Assim foi. Narra ele, que teve também uma visão do Cristo crucificado “da mesma substância do Sol e era tão belo, tão gracioso, que a inteligência humana não poderia imaginar nada que fosse a milésima parte daquilo”. Teve ainda outras visões.

Mais tarde, tentaria reproduzir, numa obra de arte, aquela visão que teria sido do Cristo e que se lhe imprimira na memória. O tradutor (espanhol) do livro apressa-se em declarar, numa nota de rodapé, que

se a visão de Cellini é sincera, é provavelmente uma autossugestão. A leitura da *Bíblia* inflamou-lhe o entusiasmo; a debilidade do corpo dessangrado, quebrantado pelo jejum e o cárcere, puseram-no naquele grau de exaltação em que as criações da fantasia parecem adquirir formas reais e tangíveis. Foi, em suma, um fenômeno de psicopatia de um cérebro genial. Se não foi sincera, Cellini quis, ao reproduzir a visão de Ezequiel e as sombras dantescas, dar aspecto de verdade a uma alegoria sua para que o cressem predestinado e predileto do Senhor.

É muito fácil compor teorias fantasiosas sobre fenômenos que não entendemos e que, principalmente, não desejamos aceitar ou admitir, mas é sempre melhor calar do que ditar “explicações” sobre aquilo que não entendemos.

A biografia de Benvenuto Cellini termina com a morte de Giovanni de Médicis, ocorrida em 21 de novembro de 1562. Levou, pois, quatro anos a escrevê-la. Viveria até 1571; nada mais, porém, acrescentou ao seu livro. Seus últimos anos foram de tristezas e dificuldades financeiras. São constantes seus pedidos de ajuda ao duque Cosimo e aos seus tesoureiros, por dinheiros que lhe deviam. Lutava tenazmente para sustentar Petra, sua mulher, e os três filhos: Reparada, Madalena e André Simão. Casara-se já algo envelhecido, aos 62 anos.

Vivia atribulado por sofrimentos e preocupações, em grande parte decorrentes do seu temperamento difícil e exagerado. Metia-se em negócios que não davam certo, comprava e vendia propriedades, disputava questões judiciais com inquilinos e proprietários limítrofes e, como diz seu tradutor, “viu-se cada vez mais enredado em um montão de problemas que amarguraram sua velhice precoce”.

“O altaneiro, valente e terrível Benvenuto” — prossegue o tradutor —, “que com armas na mão impunha sua vontade a rivais e inimigos; que com sua desinibida dialética dizia as verdades aos papas, cardeais, príncipes e

duques, se nos apresenta nos últimos anos de sua vida como um homem ingênuo, incompetente, colhido nas malhas de juízes e notários, administradores e vizinhos.”

É a colheita obrigatória e amarga de uma livre sementeira de paixões. Morreu de pleurisia, trabalhando até o fim, sem poder concluir a estátua de Juno, já modelada em barro. Muita gente foi ao seu enterro, na igreja da Anunziata. Os restos de seu corpo mortal ainda se acham na capela de São Lucas, ao lado de outros artistas daquela época tumultuada, apaixonada e brilhante. Para muitos, ali terminava a existência aventureira de um homem de gênio. Mas e o Espírito, que sobrevive e prossegue e renasce? Como teria sido seu regresso ao mundo espiritual, seus reajustes perante a Lei de Deus, seu reencontro com amigos e inimigos, com suas vítimas, naquele momento da verdade, em que nos colocamos sozinhos diante de Deus, na voz silenciosa da consciência dentro de nós? Que dramas e aflições teria vivido nesses quatro séculos que se seguiram à sua morte? Por onde andou, onde se encontra? Será que de outras vezes teria recebido, de novo, o dom sublime e difícil da mediunidade, para repor, para servir, para amar, para pacificar o Espírito atribulado de dores?[2]

Daqui enviamos, pois, a esse irmão querido, as vibrações mais puras do nosso fraterno amor. Um dia — quem sabe? — ele há de retomar a trajetória do seu gênio, escorado, porém, na serenidade e na paz espiritual. Que Deus nos conceda, então, a ventura de contemplar as suas obras de arte e de sentir as belezas do seu Espírito redimido.

[1] O artigo é de 1971.

[2] Ao que sabemos, as bênçãos da reencarnação trouxeram-no de volta à vida na carne, onde está ele hoje integrado na Doutrina Espírita, no exercício fecundo de uma límpida e generosa mediunidade. Vive na obscuridade humilde entre os homens, dedicando-se apagadamente aos labores que lhe estão confiados.

## Nos bastidores da obsessão

Todos aqueles que conhecem razoavelmente bem a Doutrina Espírita sabem dos terríveis dramas da obsessão que atormentam verdadeiras multidões de Espíritos encarnados e desencarnados. Poucas vezes, no entanto, nos é oferecida a oportunidade de penetrar nos desvãos escuros dos processos obsessivos, nos seus mecanismos, nas suas motivações, nas suas consequências, bem como nos recursos que podem ser empregados para livrar da aflição e da angústia seres que se prendem uns aos outros pelas escuras cadeias do ódio. Aqueles que admitem a vida apenas como um punhado de anos mal vividos entre berço e túmulo nem sequer suspeitam da extensão e complexidade do problema, do qual conhecem apenas a face visível, ostensiva. Mesmo a ciência oficial, a despeito de um século de estudos e de pesquisas realizadas no campo da fenomenologia espírita, praticamente ignora a obsessão. Cuidando dos efeitos, raramente atinge as raízes, as causas dos problemas humanos por ela suscitados. E por isso, aí estão os desafios permanentes das psicoses, da alienação mental, do abuso das drogas, das taras sexuais, do alcoolismo, terríveis efeitos de causas muito mais profundas e tenebrosas implantadas e impulsionadas até às suas últimas consequências por seres humanos protegidos pela invisibilidade e pela ignorância dos homens.

Aqui e ali aparecem médicos, como o famoso Dr. Carl Wickland ou Denys Kelsey, que não apenas descobrem o mecanismo da obsessão — confirmando os ensinamentos da Doutrina Espírita —, como aprendem a tratar dessa mazela espiritual, investigando, como é certo, as causas provocadoras até chegarem aos Espíritos que as precipitam. Não é com drogas, nem com choques elétricos, nem com terapêutica psicanalítica que

se resolvem essas aflitivas doenças espirituais. A utilização consciente dos métodos espíritas poderia libertar parte considerável da imensa e crescente população dos hospitais psiquiátricos, bem como multidões incontáveis de atormentados que vagueiam pelas ruas em variados estados obsessivos. Entre esses, encontramos desde aqueles que de tão afetados não têm condições nem de articular coerentemente o pensamento, até os que, embora afligidos por perseguições inomináveis, conseguem, de certa forma e à custa de tremendo esforço, levar uma aparência razoável de vida, executando normalmente sua parcela de trabalho na coletividade. Nesse meio, quanta dor escondida, quanta tragédia oculta, quanta angústia envergonhada...

Suas causas? São muitas. Seria de estarrecer uma coleta estatística que por certo revelaria a esmagadora incidência de vinganças pessoais desencadeadas por antigos desafetos, ou casos de influência egoísta de Espíritos que, presos aos sofrimentos, entendem que também os que ficaram estão obrigados a sofrer por solidariedade. Em muitos desses Espíritos doentes, vamos encontrar o traço comum do desconhecimento total das leis que regulam o nosso procedimento. Em outros, para surpresa nossa, verificamos estarem familiarizados com as regulações do mundo espiritual, o que os torna especialmente perigosos e bem equipados para a prática dos processos obsessivos.

Tudo isso, minuciosamente pesquisado e explicado, encontramos no livro *Nos bastidores da obsessão*, que o Espírito Manoel Philomeno de Miranda ditou ao nosso querido Divaldo Pereira Franco e que a Federação Espírita Brasileira acaba de lançar numa daquelas suas bem cuidadas edições.[\[1\]](#)

É uma pena, realmente, que a literatura mediúnica — especialmente desse nível — continue tão ignorada do grande público leitor, fora dos meios espíritas. Os fatos narrados — e são realmente fatos e não ficções — passaram-se no decorrer dos anos de 1937 e 1938 lá mesmo na Bahia, onde Divaldo psicografou o livro. O autor espiritual ainda se encontrava encarnado e servindo ao lado de outro valoroso e dedicado companheiro: José Petitinga. Manoel Philomeno aguardou seu retorno ao mundo espiritual para estudar em todos os seus pormenores a trama dolorosa que

ajudara a desfazer enquanto ainda encarnado. É certo que, mesmo conhecendo o lado ostensivo do drama espiritual, faltavam-lhe alguns elementos complementares e esclarecedores para que a narrativa guardasse todo o seu impacto e ao mesmo tempo sua autenticidade. Algumas das personagens reais desse drama real ainda permanecem na carne e, por escrúpulos compreensíveis, o autor espiritual quis evitar que fossem identificadas.

Muito sabiamente, o Espírito comunicante faz preceder a história propriamente dita de uma introdução esclarecedora, dividida em três partes distintas: um “Exórdio” explicativo, no qual o autor declara que “diante dos lancinantes problemas da obsessão na atualidade, tem-se a impressão de que nada até o momento haja sido feito a fim de ser modificado esse estado de coisa”. E, no entanto, desde que Kardec lançou a Doutrina Espírita, quantas realizações, quantos estudos, quanta pesquisa, quanta documentação que a ciência oficial continua teimosamente a ignorar, enquanto milhões de seres gemem aflições que nem mesmo conseguem entender.

Nos “Prolegômenos” é feito um breve relato histórico acerca do fenômeno mediúnico, pelo qual a todo instante, através do tempo, os espíritos dos “mortos” vêm atestar a sua própria sobrevivência.

Finalmente, no texto “Examinando a obsessão” o autor apresenta um estudo doutrinário extremamente lúcido e útil tanto àqueles que já têm algum conhecimento da Doutrina como para os leigos. Dessa forma, qualquer pessoa razoavelmente esclarecida, mesmo sem estudo aprofundado do Espiritismo, pode beneficiar-se dos conhecimentos que os fatos relatados vão revelando ao longo de todo o livro.

Por isso, a narrativa mesma somente começa no capítulo 1 do livro.

Ângulos insuspeitados dos processos obsessivos começam a desdobrar-se diante dos nossos olhos à medida que a história se revela nos seus intrincados meandros. Lá está a grande luta da vida, nos seus diversos setores e nos dois planos da existência: ódios que geram vinganças, angústias que clamam por socorro, dedicações que redimem.

E assim como há equipes voltadas para o bem, tentando libertar tantos seres acorrentados às suas dores, vemos que há também organizações bem

estruturadas, dirigidas com mão de ferro e inteiramente consagradas à prática de espalhar aflições. Assistimos estarecidos ao funcionamento de uma instituição dessas, sob a direção do Dr. Teofrastus, espírito altamente inteligente, experimentado e conhecedor das leis do mundo espiritual, às quais desobedece deliberadamente, com o intuito não apenas de saciar suas paixões pessoais de vingança como ainda de instruir outros para também saciarem com rigor e conhecimento os seus ódios. Teofrastus, por certo, não ignora as responsabilidades que assume, nem desconhece a extensão e gravidade dos compromissos que subscreve para futuro resgate. Nem por isso, no entanto, recua diante da tarefa a que se impôs livremente e que exerce com a prepotência de um soberano impiedoso na administração absoluta de seus domínios.

Como, então, subtrair alguém da influência desse homem que o crime endureceu e que conta com uma organização rígida ao seu dispor? Até mesmo o acesso às regiões tenebrosas onde opera é difícil e arriscado: tudo é vigiado; os desconhecidos são examinados e mantidos sob suspeita, num ambiente opressivo de angústias indefiníveis. É preciso, no entanto, encontrar uma brecha nas muralhas de ódio que cercam o poderoso mago, para que a luz penetre na sua alma. Dedicadíssimos benfeitores espirituais descobrem-na afinal. A fórmula mágica e infalível é, como sempre, o amor. Numa pobre criatura que sofre horrores na carne, identificam os mensageiros do Bem a secular paixão de Teofrastus. Somente quando o impiedoso diretor das trevas recebe o impacto da dor, ao ver a bem-amada sob a angústia da perseguição espiritual, é que começa a compreender a extensão da sua própria tragédia íntima e da inutilidade do seu programa de trabalho.

A trama começa a desenovelar-se pouco a pouco, libertando-se das suas aflições tanto perseguidos como perseguidores. Só daí em diante os conflitos começam a resolver-se em processos reencarnatórios, pelos quais antigos desafetos se reencontram sob as bênçãos de novos lares constituídos na Terra.

\*

Quanto à história, em si, seria impraticável resumi-la numa apreciação sumária como esta; julgo, no entanto, oportuno destacar um episódio do

relato, ocorrido do lado de cá da vida.

José Petitinga, venerável figura do Espiritismo na Bahia, subira à tribuna para uma palestra evangélica. Estudava-se *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e o texto do dia era a mensagem intitulada “Perdão das ofensas”, ditada em Bordeaux, em 1862, por um Espírito que assinou apenas Simeão.

Numa das pausas da dissertação de Petitinga, entrou pela sala um pobre homem atormentado, evidentemente sob o controle de um Espírito infeliz, o qual bradou ruidosamente:

— Hipócrita! Quem és para pregar? Imperfeito como tu, como te atreves a falar da verdade e ensinar pureza, possuindo largas faixas de desequilíbrio íntimo, que ocultas dos que te escutam? Dize!

Caiu sobre todos na sala um pesado constrangimento. Petitinga, sob forte emoção, fitou o pobre homem e declarou com humildade:

— Tens toda a razão e eu o reconheço. O tema em pauta, hoje, que o caro irmão não ouviu, se refere exatamente ao “Perdão das ofensas”...

Mas o Espírito não estava disposto a ouvir e acusou-o de tentar escapar covardemente.

— Refiro-me às condições morais de que se devem revestir os que ensinam ao que chamas a verdade, e que te faltam... Desafio-te a que abandones a tribuna religiosa ou abandones a vida que levas...

Não era possível continuar o duelo verbal diante da assistência atônita e que conhecia muito bem as claras virtudes pessoais do bondoso pregador espírita.

Voltando-se, então, para o público, Petitinga fez longa, humilde e serena confissão daquilo que, a seu ver, constituía suas deficiências espirituais. Falou das lutas íntimas que experimentava, tentando melhor servir à causa que abraçava. Que persistiam no seu espírito arestas ásperas que procurava eliminar. Que ainda lhe pesava um passado sombrio de erros. Mas que jamais abandonaria o serviço do Mestre só porque tinha “as mãos impróprias”, pois que por toda parte nascia a erva daninha e escasseavam obreiros. Que preferia “ser enfermo ajudando doentes” a ficar na

ociosidade, esperando tornar-se bom para então trabalhar pelo próximo. E depois de desfiar todas as suas fraquezas humanas, concluiu com uma prece: “Perdoa-me, Senhor, na imperfeição em que me demoro e ajuda-me na redenção que persigo...”.

A essa altura, a tensão do ambiente era insuportável e Petitinga deixava correr suas lágrimas. Subitamente, o Espírito invasor atira o seu médium ao chão e pede perdão a Petitinga, em altos brados, vencido pela humildade cristã do velho pregador.

Petitinga desceu da tribuna para socorrer com o poder da prece comovida o Espírito arrependido que antes lhe dizia palavras tão duras e injustas.

Pouco depois o médium despertou para a realidade que o cercava, sem saber o que se passara naqueles momentos dramáticos. Que estava fazendo ali? Petitinga esclareceu-o em poucas palavras e retornou à tribuna para prosseguir sua preleção, como se nada houvesse acontecido.

[1] O artigo é de 1971.

## O grande dia do Calvário

De um pequeno grupo de toscos abrigos numa encruzilhada, Roma galgou as culminâncias do poder temporal, ao conquistar todo o mundo conhecido, que manteve durante dois séculos subjugado à sua espada, mas pacificado e em segurança. Depois, lenta e inapelavelmente, entrou em decadência, até o colapso final, derrotada mais pelas fraquezas de seus próprios líderes do que pela força dos inimigos externos. Will Durant, no terceiro volume da sua *História da Civilização*, diz que esse é “seguramente o maior drama jamais representado pelo homem” e acrescenta: “A não ser aquele outro drama que começou quando César e Cristo colocaram-se face a face no tribunal de Pilatos, e continuou até que um punhado de cristãos perseguidos cresceu pacientemente no tempo enfrentando perseguições e terror, para serem primeiro os aliados, depois, os mestres e, afinal, os herdeiros do maior império da História”.

O método de trabalho de Will Durant é o da história total, a que ele chama sintética, segundo o qual, selecionado o período para exame, coloca num só painel todos os fatos e inferências que emergem daquele período. Em contraposição ao seu método, há a história analítica, que destaca um tema como a Arte, a Religião ou a política e o estuda através dos tempos. Durant reconhece que ambos os processos têm méritos próprios, tanto quanto limitações.

No terceiro volume da sua *História*, o tema é o da civilização romana e do Cristianismo, desde o ano 800 antes de Cristo até o ano 325 da nossa era. Escolheu um título sugestivo para rotular essa fatia da História: “César e Cristo”.

Na verdade, o momento em que Jesus se coloca diante de Pilatos marca um ponto em que duas épocas se encontram, duas filosofias se medem, duas visões diferentes do mundo se revelam. Sobre esse tema fascinante muito se tem escrito, pois não escapou aos espíritos mais argutos a tremenda importância daquele simbolismo: César e Cristo. As lições que o episódio contém conservaram intacto o transcendental poder de sugestão, oferecendo continuamente material para meditação, do qual podem surgir diretrizes sempre renovadas se as buscamos com espírito de humildade e os olhos de ver de que nos falam os Evangelhos.

Will Durant não desce, no seu exame do encontro, às profundezas das razões motivadoras. Se o fizesse, estaria realizando história analítica, que não é a sua área. Diz, no entanto, o suficiente para a compreensão do drama. Esclarece que o Sinédrio declarou Jesus culpado de blasfêmia — crime então considerado capital — e decidiu levá-lo ao Procurador romano.

É evidente que poderia ter executado o condenado. Poucos anos depois, pelo mesmo “crime”, concederia a Saulo de Tarso a penalidade capital por apedrejamento, solicitada para Estêvão. No caso de Jesus, no entanto, o Sinédrio mostrava-se mais cauteloso, porque a figura pública do Cristo assumira proporções muito grandes e era melhor inventar conotações políticas e deixá-lo entregue aos romanos, que arcaíam com o ônus da execução.

O papel de Pilatos é bem conhecido na História, mas a sua psicologia não ficou muito bem definida. Durant diz que foi um homem duro, que mais tarde foi chamado a Roma para responder a acusações de extorsão e crueldade, sendo então exonerado de suas funções. Não viu, porém, em Jesus, o perigo que desejavam que ele visse.

A *Enciclopédia Britânica* informa que ele governou a Judeia desde o ano 26 até 36 da nossa era. Conservou a província em ordem, mas não revelou boa compreensão acerca do povo judeu, segundo depoimento de Josefo e Fílon. Chegou mesmo a provocar um distúrbio popular ao utilizar-se de recursos do templo para construir um aqueduto. Lucas também se refere ao massacre de galileus indefesos que faziam sacrifícios. Era, porém, um cargo difícil aquele e, sem dúvida, Pilatos não se saiu muito mal dos pontos de vista administrativo e político, dado que permaneceu no posto

dez anos. Talvez sua figura tenha sido algo distorcida pelos primeiros historiadores, que apenas viam nele o homem que condenou Jesus. Muitas lendas se ligaram a ele posteriormente. Houve quem dissesse que ele se tornou cristão. Outros dizem que se suicidou. A *Britânica* informa que ele foi canonizado pela igreja abissínia, e sua esposa Prócula, igualmente canonizada pela igreja grega.

Do ponto de vista meramente histórico é uma importante figura do grande dia. Há outras menores: Anás, Caifás, Herodes, Prócula, Barrabás. Há algumas coletivas, como o povo enfurecido que pedia sangue. Dentre todas avulta, naturalmente, a de Jesus. O mundo espiritual nos revelaria mais tarde outras personagens do imenso drama, pois, naquela encruzilhada da História, não apenas se julgava o Messias Nazareno, mas defrontavam-se duas correntes do pensamento humano: a força e a justiça. Eram dois esquemas diferentes, duas sínteses cujos choques constantes ecoam e se repetem através da lenta evolução humana. Tanto uma como outra têm sido abastardadas e aviltadas. A força inúmeras vezes tem degenerado em opressão; e a justiça, em vingança. Na realidade, poderiam conviver, buscando um ponto de equilíbrio e harmonia, ou até mesmo se fundirem num só conceito: a força da justiça. Lá chegaremos, por certo, quando a força recuar da posição de ato à de potência e quando a justiça lavar-se das manchas e mazelas que a imperfeição humana lhe emprestou.

Não podemos nos esquecer de que força e justiça não existem por si mesmas; são resultantes do procedimento humano e como poderemos ter o equilíbrio da força expectante, potencial, como qualidade intrínseca, ou a justiça purificada, dinâmica, antes que o próprio homem alcance estágios mais equilibrados na sua rota evolutiva? Enquanto isso, o direito que emana do poder e se ministra por meio da justiça, também é falho e imperfeito. Ao julgar o Cristo, o representante de César era praticamente forçado a condená-lo, ainda que nele não visse crime algum. Estava investido da força do poder e sob a pressão da justiça vingativa. Era a justiça aviltada que exigia da força corrompida a eliminação do justo, para que triunfasse a injustiça. O equilíbrio entre a força e a justiça andava por aqueles tempos em baixíssimos níveis. Era preciso mantê-lo assim, para que a imperfeição humana continuasse a exercer a força e o arremedo de justiça.

Will Durant informa que Pilatos não tinha alternativa senão condenar o Cristo, depois que o próprio acusado admitiu ser o Rei dos judeus, pois tinha vindo ao mundo, segundo João, para “dar testemunho da verdade”. Pilatos aproveitou a oportunidade para perguntar o que é a Verdade.

Embora suspeitando de que a pergunta seja mais devida às tonalidades metafísicas do Quarto Evangelho, Durant reconhece que ela revela nitidamente “o abismo entre a cultura sofisticada e cínica do romano e o idealismo humanitário e confiante do judeu”.

No fundo mesmo, o que vamos encontrar nesse episódio é o confronto da força com o amor, porque a justiça sem amor é fria e implacável, e a força sem o amor é cruel e desastrosa. O encontro do Cristo e César é bem mais que um simbolismo; é um teste para saber até que ponto os representantes do poder estariam preparados para reconhecer o poder da justiça pura. Não estavam.

César é o passado que persiste, Cristo é o futuro que se anuncia; um se apoia na matéria transitória, outro representa o espírito que fica e sobrevive. É clara a opção, nítida a solução, na perspectiva que proclama há milênios a vitória do espírito sobre a matéria, sobre a carne, sobre os vícios e mazelas que se alojarão no espírito somente enquanto este insistir em ficar voltado para a matéria.

Jesus desejou mostrar que o próprio homem dispõe de recursos para promover o seu autoaperfeiçoamento e, por conseguinte, o aperfeiçoamento da sociedade em que vive. Essa era sua verdade, mas de que lhe servia, ali, naquele momento, explicar a Pilatos o que era a Verdade? Diante do abismo que separa os dois sistemas — o da força e o da justiça — nada mais restava fazer senão esperar, porque a Verdade exige de quem a contempla um grau mínimo de maturidade espiritual; ao contrário, nem será percebida, da mesma forma que os Espíritos ainda presos às suas inferioridades também não percebem a presença daqueles que estão colocados em planos superiores de evolução. E assim, do ponto de vista humano, naquele momento, parecia que o Cristo se retirava derrotado. Teria sido prematuro o confronto? Podemos responder, enfaticamente, que não. Jesus trouxe a sua mensagem no tempo certo. O homem caminha muito lentamente ao longo da escala evolutiva. Para que ele alcance um dia um patamar de equilíbrio

entre conhecimento e moral, a fim de utilizar-se inteligentemente da força e da justiça, ou antes, da força da justiça pura, a meta terá de ser mostrada a ele com antecedência de milênios. O Cristo sabia, diante de Pilatos, que não importava a profundidade escura do abismo que separava os dois sistemas; o importante ali é que os homens um dia haveriam de reconhecer a existência do abismo. Como poderiam atravessá-lo sem antes identificá-lo? Como poderiam galgar o equilíbrio e o amor se não viesse alguém — e veio o próprio Jesus — mostrar que havia uma meta a ser alcançada, um dia... um dia...

Para chegar àquele momento em que a sua mensagem seria pelo menos entendida, já não se diz praticada, teria Ele de viver o grande dia do Calvário.

Como é que o mundo espiritual nos conta o drama daquele dia inesquecível?

\*

Em *Herculanum*, o Espírito Conde de Rochester, utilizando-se da mediunidade da Sra. Krijanowsky, narra episódio que oferece uma faceta do drama.

Fugindo da terrível erupção do Vesúvio, Caius, ferido, é recolhido por um eremita que lhe conta a participação que teve no grande dia.

Fora, naquele tempo, um centurião a serviço de César, na Palestina. Chamava-se Quirilius Cornelius e seu primeiro contato com o Cristo resultou de uma tarefa que lhe foi solicitada pelo seu comandante. Há dois anos um homem andava pela Galileia pregando estranha doutrina. Cornelius deveria segui-lo secretamente para ver se havia fundamento na denúncia do Sumo Pontífice dos judeus de que o homem tinha ambições políticas.

Cornelius, que aprendera a língua nativa para poder entender-se melhor com Abigail, sua amada, partiu, observou o Mestre, acompanhou-o por algum tempo, ouviu-lhe a palavra, assistiu aos seus milagres e voltou para dizer que nada via nele que pusesse em risco a paz e a segurança do Estado.

Uma noite, ao entrar em casa de Abigail, percebeu grande agitação e angústia. Perigo iminente ameaçava o bom Profeta Galileu, a cuja doutrina a jovem se convertera. Davi, seu irmão, viera avisá-la, na esperança de que alguém pudesse chegar até o Mestre e preveni-lo, a fim de que Ele fugisse para longe de Jerusalém.

Cornelius não conseguiu dormir naquela noite. Logo cedo, na manhã seguinte, localizou Davi, que o informou que Jesus já se encontrava a caminho do palácio de Pilatos. Muitas forças se punham em ação naquele momento para salvar Jesus. Cornelius, porém, informa que eram decretos da Providência. Inútil lutar. Até o procônsul tentou salvá-lo, sem êxito.

Pronunciada, afinal, a sentença, Jesus foi confiado à guarda do próprio Cornelius, que teve um gesto de extraordinária renúncia e dedicação. Postou-se pessoalmente à porta do cubículo, ao qual Jesus havia sido recolhido e, ao conseguir uma oportunidade para estar a sós com Ele, fez-lhe uma proposta: poderia escapar para a liberdade e a vida. Trocariam de roupa e o centurião entregaria a sua vida pela do Mestre.

— Deixa-me morrer em teu lugar, porque a vida de um soldado obscuro não vale a de que, como Tu, é providencial e benéfica aos enfermos e desgraçados.

Jesus agradeceu comovido, mas não podia aceitar. “Seu rosto”, diz a narrativa mediúnica, “transpirava uma calma celeste... Olhava-me com velado olhar de melancólica doçura...”

Agradeceu e falou ao romano do sacrifício de permanecer no mundo em que lhe era tão difícil praticar o bem. Quanto à morte, não o assustava, por mais infamante que fosse. Confessava-se pastor de todo o rebanho: “Desde o dia da Criação deste mundo expiatório, a mim me compete esclarecê-lo e selar com o próprio sangue as verdades que predico. Tal é a vontade do Pai”.

Nesse ponto, ouviram-se vozes no corredor. Uma mulher estava diante dos soldados em evidente estado de aflição. Queria ver o prisioneiro, seu filho. Cornelius deixou-a entrar e assistiu à entrevista dolorosa. Ante a angústia de sua mãe, Jesus lembrou-lhe carinhosamente de que ela fora preparada por Ele mesmo para aquele momento supremo. Ela que o

entendera e acreditara nele, agora chorava e sofria? Será que a morte a apavorava? Não sabia que a separação era apenas temporária? Teria perdido a fé?

Maria reagiu prontamente. Beijou-lhe a mão e prometeu mostrar-se digna do filho que tinha. Até o fim.

Voltando-se para o centurião, pediu-lhe que a deixasse acompanhá-lo até o lugar do suplício. Se o povo tinha esse direito, por que não ela? Cornelius concordou.

Chegado o momento, Cornelius deu as ordens necessárias à crucificação, mas desviava o olhar porque as marteladas lúgubres ecoavam dolorosamente no seu coração.

Tentara, mas não conseguira salvar o Cristo. Em compensação, o Cristo salvou-o, porque ele guardou até o fim daquela existência, e as levou para o futuro, as visões inesquecíveis do grande dia. Segundo se observa na 1ª nota de rodapé, do capítulo “O eremita”, no entender do Conde de Rochester, autor do romance, Quirilius Cornelius seria, séculos mais tarde, Jan Hus, o reformador queimado em Constança, em 1415.

\*

Quem mais teria estado presente aos acontecimentos daquele dia memorável?

Vimos alguém que tentou impedir o sacrifício do Justo, esmagado pela força. Vejamos agora alguém que atçou os ânimos para que a força se desatasse contra o Justo. Esse depoimento dramático está contido em *Memórias de um suicida*, obra mediúnica de responsabilidade da querida irmã Yvonne A. Pereira (FEB).

Ajudado pelo Espírito Léon Denis, Camilo Cândido Botelho descreve uma sessão de regressão de memória realizada no mundo espiritual, durante a qual seu Espírito endividado mergulha fundo no passado que sempre explica as nossas dores e as nossas humildes conquistas.

Sob o império da vontade de um amigo espiritual, começou a sentir-se envolvido por “singular entorpecimento, como se tudo ao meu redor rodopiasse vertiginosamente”. Já não distinguiu mais a figura daquele que

dirigia os trabalhos; “sequer o conhecia, e nem me recordava de meus companheiros de infortúnio... Todavia, eu não adormecera! Continuava lúcido e raciocinava, refletia, pensava, agia, o que indica que me encontrava na posse absoluta de mim mesmo... embora retrocedesse na escala das recordações acumuladas durante os séculos!... Perdi, pois, a lembrança do presente e mergulhei a Consciência no passado...”

Viu-se, então, no ano 33 da era cristã, na velha cidade de Jerusalém. Não estava simplesmente se recordando — *vivia* a época e estava nela, como realmente esteve.

Toda a cidade agitava-se desde a manhã, naquele dia ensolarado e quente. Sentia-se possuído de uma “alegria satânica”, enquanto perambulava pelas ruas cheias de gente de toda parte. Promovia arruaças, soprava intrigas, espalhava boatos, incentivava desordens, “pois estávamos no grande dia do Calvário”. Um certo revolucionário, chamado Jesus, acabara de ser condenado à crucificação. Foi ao Pretório, pois sabia que dali sairia Ele para a execução. Não queria perder o espetáculo.

— Eu era miserável, pobre e mau. Devia favores a muitos judeus de Jerusalém. Comia sobejos de suas mesas. Vestia-me dos trapos que me davam.

A narrativa é intensa e preserva para o leitor moderno todas as cores de sua dramaticidade. Ali estava ele afinado com os ódios que se desatavam incontroláveis sobre o jovem Pregador de Nazaré. Aplaudiu a “figura hirsuta e torpe de Barrabás”, mas não perdoava a tentativa de Pilatos para salvar o Mestre. Ao contrário, pediu “a execução deste em estertores de demônio enfurecido, pois aprazia-me assistir a tragédias, embebedar-me no sangue alheio, contemplar a desgraça ferindo indefesos e inocentes, aos quais desprezava, considerando-os pusilânimes...”.

E acrescenta:

“E presenciar aquele delicado jovem, tão belo quanto modesto, galgando pacientemente a encosta pedregosa sob a ardência inclemente do Sol, madeiro pesado aos ombros, atingido pelos açoites dos rudes soldados de Roma contrariados ante o dever de se exporem a subida tão árdua em

pleno calor do meio-dia, era espetáculo que me saberia bem a maldade do caráter e a que, de qualquer forma, não poderia deixar de assistir!”.

No entanto, ao contemplar esse passado, ainda que o vivendo de novo, pôde conservar alguma coisa das modestas conquistas espirituais que, apesar de tudo, havia conseguido, pois um movimento inexorável de remorso tomou-lhe todo o ser. Era ainda aquela figura hedionda que se comprazia no espetáculo criminoso do sacrifício de um inocente, ao mesmo tempo em que percebia, agora, toda a angústia da sua baixa e bradava perdão, num grito que “ecoava por todos os recôncavos do meu Espírito”.

Continuava, não obstante, a assistir novamente ao doloroso espetáculo até o amargo fim. Via-se em frente ao Pretório, sempre hostil e desprezível.

“Não houve insulto que minha palavra ferina deixasse de verberar contra o Nazareno. Feroz na minha pertinácia, acompanhei-o na jornada dolorosa gritando apupos e chalaças soezes; e confesso que só não o agredi a pedradas ou mesmo à força do meu braço assassino, por ser severo o policiamento em torno dele. É que eu me sentia inferior e mesquinho em toda parte onde me levavam as aventuras. Nutria inveja e ódio a tudo o que soubesse ou considerasse superior a mim! Feio, hirsuto, ignóbil, mutilado, pois faltava-me um braço; degenerado, ambicioso, de meu coração destilava o vírus da maldade. Eu maldizia e perseguia tudo, tudo o que reconhecesse belo e nobre, cômico da minha impossibilidade de alcançá-lo!”

Sempre no cortejo tumultuado, insultou a figura humilde e aflita de Maria, berrando-lhe difamações. E agora, enquanto mergulhava nas memórias terríveis daquele passado tenebroso, abrigava-se numa instituição espiritual que funcionava exatamente sob a direção suprema de Maria, aquele mesmo ser angelical que ele próprio procurara aviltar no caminho do Calvário.

A sanha demolidora continuou depois. Denunciou cristãos, perseguiu, espionou, maltratou pessoalmente aqueles que podia, ajudou a apedrejar Estêvão, praticou todas as infâmias que lhe ocorreram à mente deformada.

Foi, naquele grande dia do Calvário, o miserável instrumento da força divorciada da justiça. Recolhia agora as bênçãos do amor, por meio das

quais a própria Maria lhe mostrava os diferentes caminhos que percorre a justiça contida nas Leis de Deus.

\*

No capítulo VIII da primeira parte de *Há dois mil anos* (edição da FEB), Emmanuel apresenta o seu depoimento sobre o grande dia.

Pouco antes, surpreendera Lívia, a esposa, em trajes plebeus, regressando de um encontro que tivera com o Mestre, em companhia de Ana, sua serva, e Simeão, tio de Ana. Lívia tivera a feliz oportunidade de ouvir do próprio Jesus os ensinamentos que passaram à História com o nome de Sermão do Monte e de assistir e participar do chamado milagre da multiplicação dos pães.

Ao aproximar-se a Páscoa do ano 33, a família do senador Públio Lentulus deslocou-se para Jerusalém, na esperança de que, na turba que então procurava a cidade sagrada, descobrisse Marcus, o filho raptado.

Foi Ana quem comunicou à senhora que Jesus chegara a Jerusalém e que Simeão também, a despeito de sua avançada idade, viera na multidão que o acompanhava.

Nessa altura, envenenado por suspeitas e intrigas, o senador e a esposa viviam sob o mesmo teto, mas como estranhos que a calúnia separara dolorosamente.

Um dia, pela manhã, Ana comunicou à senhora que Jesus havia sido preso. Se outras fossem as condições, Lívia recorreria ao prestígio do marido para tentar salvar o Mestre, mas agora tudo se lhe tornara difícil, de vez que ele nem sequer lhe concedia a oportunidade de dirigir-lhe a palavra. Mesmo assim, tentou aproximar-se do marido, esperando-o no compartimento contíguo do seu gabinete de trabalho. Logo, porém, surgiu Sulpício Tarquinius que, da parte de Pôncio Pilatos, vinha solicitar a presença do senador no Palácio do Governo.

Públio partiu imediatamente, sendo recebido pelo procurador num salão amplo, onde já se encontravam alguns patrícios mais destacados, o pretor Sálvio, militares graduados e uns poucos romanos civis de posição.

Pilatos desejava aconselhar-se com Públio Lentulus que, como senador, representava a autoridade máxima nas províncias por onde transitava. O problema em foco era o julgamento de Jesus. O procurador não via nele nenhuma culpa “senão a de ardente visionário de coisas que não posso ou não sei compreender”. Estava, no entanto, impressionado com seu penoso estado de pobreza. Além do mais, naquela mesma noite, Cláudia, sua mulher, sonhara que uma voz recomendava que ele não deveria arriscar sua responsabilidade no julgamento daquele homem justo. Resolvera agir com toda prudência e por isso reunira os romanos mais eminentes em Jerusalém para ouvir seus conselhos e sugestões. Era evidente, pois, que naquele pequeno grupo não poderia faltar Públio Lentulus, a maior autoridade romana naquelas paragens, no momento.

O senador recordou intimamente os benefícios que recebera de Jesus e declarou, por fim, ter conhecido de perto o Profeta de Nazaré, em Cafarnaum, “onde ninguém o tinha na conta de conspirador ou revolucionário”.

“— Suas ações, ali” — continuou —, “eram as de um homem superior, caridoso e justo, e jamais tive conhecimento de que sua palavra se erguesse contra qualquer instituto social ou político do Império.”

E já que Roma nada tinha de concreto contra Ele, por que Pilatos não o remetia ao julgamento de Herodes, que representava, naquele instante, o governo da Galileia em Jerusalém?

A ideia foi acolhida prontamente, com alívio geral, mas dentro em pouco voltava Jesus, devolvido por Herodes, que o fizera cobrir de ridículo e sarcasmo, envolvendo-o num grotesco manto real, coroando-o de espinhos e fazendo-o segurar um cetro de pau. A turba compreendeu o alcance daquele sórdido humor negro e mais excitada ficou ante a figura paciente e melancólica do Cristo.

Pilatos recebeu-o de volta, mais certo do que nunca de que aquele homem era um justo. No entanto, a pressão psicológica da multidão continuava a aumentar de momento a momento. Polibius, que Emmanuel descreve como homem sensato e honesto, era o elemento de ligação entre o grupo reunido no salão do palácio e a multidão enfurecida, lá fora. Veio

avisar que o povo ameaçava invadir o edifício se a sentença do Sinédrio não fosse imediatamente confirmada.

Pilatos resistia ante o absurdo da situação. Quis saber o que dizia o Profeta. O Profeta estava sereno e resignado, deixando-se “conduzir pelos seus algozes com a docilidade de um cordeiro”, sem nada reclamar. Era a informação de Polibius. Ante a interpelação de Polibius, que lhe acenara com a possibilidade de um apelo a Pilatos, a fim de conseguir um processamento regular do seu caso e provar sua inocência, retrucou que dispensava a proteção política dos homens “para confiar tão somente numa justiça que diz ser a de seu Pai que está nos Céus!”.

Pilatos estava impressionado. Homem extraordinário, aquele.

Que fazer? Polibius sugeriu que mandasse açoitá-lo, pois assim talvez se saciasse o ódio da multidão. Públio Lentulus, que seguiu o diálogo, mostrou-se inquieto ante a perspectiva de mandar castigar tão duramente o acusado, mas Pilatos achou que valia a pena tentar o recurso para salvar a sua vida. E assim, diante do povo tumultuado, Jesus foi impiedosamente castigado, mas parece que a punição, em vez de apagar as chamas do ódio, ainda mais a avivaram, porque continuaram a exigir-lhe a vida.

Nesse ponto o senador quis ver a vítima de todas aquelas paixões descontroladas. Encontrou-o batido pela adversidade, com o rosto marcado pelo sofrimento, onde lágrimas, sangue e suor se misturavam penosamente; no entanto, seu “olhar profundo saturava-se da mesma beleza inexprimível e misteriosa, revelando amargurada e indefinível melancolia”. Por um momento cruzaram-se os olhares: o representante de César do lado da força e o representante do Espírito do lado da justiça. A força iria vencer o primeiro encontro, mas, curiosamente, tal como nos deixa ver hoje o depoimento de Emmanuel, não foi a força cega do poder incontestável que ditou a sentença cruel, foi a fraqueza mesma que havia naquela força, que não soube resistir aos apelos do ódio insuflado na multidão enfurecida.

Mais uma vez retorna Polibius a Pilatos para comunicar que nem o açoitamento conseguira aplacar a violência daqueles que queriam mais e não deixavam por menos. Públio Lentulus recomendou o recurso legal de substituir o Profeta por algum prisioneiro já condenado. Era evidente que

nem ele nem Pilatos desejavam a destruição do jovem Profeta. O procurador lembrou-se de Barrabás e mandou oferecer a alternativa ao povo, mas, pelos gritos que vinham da rua, viu logo que tinha sido também recusada. Queriam mesmo a vida de Jesus intransigentemente, inapelavelmente. Não obstante, ainda hesitava em conceder aquilo que a multidão teimava em exigir-lhe.

Públio o apoiava, dizendo da impropriedade jurídica de decidir tão precipitadamente caso tão grave quanto era o julgamento de uma vida humana. Tivesse ele no exercício pleno do poder, mandaria dispersar a multidão à pata de cavalo. A decisão, porém, cabia a Pilatos que, com a sua experiência de sete anos na província, conhecia melhor o terreno em que pisava.

Proseguiu dizendo que, como homem, se declarava contra aquele povo inconsciente e tudo faria para salvar o acusado; mas, como cidadão romano, achava que não deveria interferir nos grandes problemas morais da província que era uma unidade do Império. Deixaria, pois, a responsabilidade daquele crime “exclusivamente a essa turba ignorante e desesperada e aos sacerdotes ambiciosos e egoístas que a dirigem”.

Enquanto Pilatos meditava sobre o sentido dessas palavras, Polibius entrou novamente e trouxe o argumento final que a inventiva do mal havia descoberto para o esforço supremo da pressão psicológica: alguns maldizentes começavam a duvidar da fidelidade de Pilatos aos poderes de César, ante a sua hesitação em esmagar um conspirador. Só então Pilatos tomou sua decisão. Lavaria as mãos daquele crime. Que se regozijassem o povo de Jerusalém. Dirigiu algumas palavras ao condenado e mandou recolhê-lo à prisão, subtraindo-o temporariamente à sanha da massa enfurecida.

Desde aquele momento até que Jesus partiu para o Gólgota, ninguém o procurou para interceder pelo condenado.

\*

Logo, porém, Lívia soube por Ana da sentença injusta e se pôs em campo para tentar salvar o Mestre. Vestiu-se novamente com trajes populares e partiu com Ana e Simeão para o Palácio do Governo. Há uma

hora partira o cortejo em direção ao Gólgota. O tempo urgia. Maliciosamente encaminhada para o aposento onde Pilatos recebia suas amantes, Lívia enfrentou com nobreza e coragem o assédio do procurador, que secretamente a desejava. Podemos imaginar a angústia indescritível daquela mulher extraordinária, na qual o sofrimento e a humilhação não apagaram os traços de beleza. Até mesmo naquele momento supremo de aflição, em que vinha implorar ao poderoso representante da força a vida preciosa de Jesus, aquele homem não via nela senão o objeto de suas paixões inferiores.

Ah, o grande dia do Calvário... quantos dramas menores à sombra da grande tragédia... Enquanto isso, Fúlvia manobrava para que Públio visse, ele mesmo, Lívia sair derrotada, enojada e infeliz da câmara secreta de Pilatos; porém, Ana e Simeão, na rua, aguardavam em estado de impaciente angústia as gestões de Lívia. E homens hediondos, como aquele pobre infeliz de um só braço, gritavam impropérios ao condenado. Entrementes, Maria seguia, heroica e resignada, o cortejo sinistro, pois prometera ser digna do jovem Profeta, e Quirilius Cornelius comandava os soldados que custodiavam o condenado. Em suma, eram duas épocas a se encontrar, duas filosofias, duas correntes de pensamento, dois símbolos: a luz e a treva. Por enquanto, ganhava a treva, vencia o orgulho, dominava o egoísmo, prevalecia a força. Naquela mesma escuridão, porém, havia um prenúncio de alvorada, a semente da luz estava no seu bojo, as lições da humildade ali se continham também e os reflexos do amor não puderam ser de todo sufocados pelo ódio que parecia tudo avassalar. Diante da força, a justiça esperava paciente e confiante, porque aqueles mesmos homens que ali estavam executando as tarefas do ódio desatado voltariam para ajudar a reconstrução da vida sobre os alicerces do amor.

São muitas, assim, as lições do grande dia do Calvário, mas um aspecto avulta a todos os demais: é o que nos adverte de escolher certo as opções que se nos apresentam nos grandes momentos das nossas vidas. Nossas paixões são más conselheiras, os interesses pessoais nos amarram ao passado lamentável e impiedoso. No jogo entre as posições humanas e os interesses superiores do espírito imortal, tendemos a optar pelos aspectos que nos evidenciam diante dos homens e não por aqueles que nos redimem diante das Leis de Deus. Entre o orgulho e a humildade, costumamos ficar

com aquele. Entre a oportunidade de servir e amar e o impulso de acomodar-se ao egoísmo, ficamos com este. E nem percebemos que, com nossas atitudes, espalhamos dor, retardamos a marcha evolutiva, não apenas a nossa, mas a de outros Espíritos a quem as nossas escolhas influenciaram. Entre a força e a justiça, decidimos quase sempre pela força, na terrível ilusão de que estamos apoiados na justiça.

A nós que estamos hoje na posse de tão nobres conhecimentos doutrinários, que conhecemos o mecanismo sábio de algumas das mais importantes Leis Divinas, a nós cabe não esquecer o vulto das responsabilidades diante das tarefas modestas ou mais importantes. Somos bisonhos depositários de uma verdade maior. Cuidado com ela, para que alguns séculos mais tarde não tenhamos de voltar sobre nossos passos para trocar penosamente os erros cometidos em nome da força, pelos impulsos generosos do amor, apoiados na justiça pura, humanizada, divinizada, iluminada.

## Reencarnação — instrumento para o progresso espiritual

Costumo dizer que ainda não foi devidamente avaliada a contribuição da Doutrina Espírita ao entendimento de Deus, do homem e do Universo em que vivemos. É natural que assim seja, porque as ideias que modificam o rumo do pensamento nunca se impõem ao primeiro impulso. É muito grande a resistência a ser vencida, são muito poderosos os interesses contrariados e, acima de tudo, é muito pesada a inércia dos próprios homens, que preferem navegar sem rumo do que lutar contra o empuxo da correnteza que os arrasta ao longo dos séculos. Por milênios a fio, vamos de vida em vida, repetindo enganos, acumulando, na irresponsabilidade, a pesada carga de dores futuras e inevitáveis. Muito felizes já nos tornamos quando dos males que nos afligiram restam apenas a ignorância e a indiferença, porque antes era o crime, a vingança, o ódio, as paixões violentas que sopravam como vendavais em nosso espírito atormentado. A indiferença, com toda a sua carga negativa, já é o princípio da tolerância e por esta é que vamos à paz interior, através da lenta e penosa reconstrução do nosso próprio eu.

Nesse caminho que todos percorremos, quase sempre aos tropeços, como é bom encontrar, afinal, as luzes do Espiritismo que, pela primeira vez em tanto tempo de busca, nos mostra com insofismável clareza o sentido da vida, a razão da dor e o mistério do ser.

Claro que não nos julgamos proprietários absolutos da verdade, nem conservamos nossos princípios dentro de um círculo iniciático fechado, inacessível à massa. Pelo contrário, desde que os Espíritos superiores

trouxeram a Kardec a mensagem vigorosa da Doutrina, não temos feito outra coisa, em nosso movimento, senão divulgar esses ensinamentos tão singelos na sua expressão e tão profundos na sua essência. A Doutrina Espírita passou para a linguagem humana, a mais desataviada e simples, todas as complexidades e mistérios que nos velhos tempos eram guardados zelosamente sob fórmulas mágicas, transmitidas oralmente de geração em geração, pois que nem ao papiro nem ao pergaminho se podia confiar tão importante patrimônio cultural. O Espiritismo abriu de ponta a ponta a cortina que encobria o conhecimento da natureza humana, de suas relações com as Leis Divinas e, portanto, de seu destino. Evidentemente que a revelação espírita não veio pronta e acabada, como um ponto final, ciência última, limite intransponível do saber; o que os Espíritos fizeram foi muito mais sábio: deram-nos uma nova estrutura ao pensamento, em seus aspectos filosóficos, científicos e religiosos, mostrando-nos não apenas a possibilidade de conciliar esses aspectos, como a inevitabilidade desse entrelaçamento, se é que desejamos resolver a equação humana. Em suma: não nos deram a obra acabada, que o trabalho tem de ser nosso mesmo; deixaram, porém, em nosso poder, ao nosso alcance, os germes de todas as grandes ideias, saídas para todas as direções, “tomadas” para todas as especulações que por tantos séculos afligiram e inquietaram o homem. Deram-nos, por assim dizer, as plantas do imenso projeto, para que procurássemos, por nosso próprio esforço, realizar a obra que Deus sonhou para nós.

Dentre todas as grandes contribuições da Doutrina Espírita — e são muitas e imensas no seu escopo e significação — há uma que, a meu ver, merece destaque especial: a ideia da reencarnação, chave de tantos problemas que, sem ela, permaneceriam insolúveis, envoltos em espessas sombras.

Sabem aqueles que estudam com cuidado a Codificação que o Espiritismo não descobriu a reencarnação, nem a inventou. O homem não cria; apenas descobre as coisas que Deus criou. Coube, porém, à equipe espiritual, encarnada e desencarnada, que nos deu a Doutrina Espírita, não apenas introduzir a ideia no contexto do pensamento ocidental, mas, acima de tudo, demonstrar que ela não entrava em choque com os postulados

básicos do Cristianismo; pelo contrário, explicava certos pontos que de outra forma ficariam obscuros na mensagem luminosa do Cristo.

Com o passar do tempo, avulta cada vez mais a importância da reencarnação, não apenas na melhor compreensão da Justiça Divina, mas também no entendimento de graves problemas humanos. Já os primeiros médicos começam a descobrir a valiosa contribuição da doutrina palingenésica para solução de graves distúrbios psíquicos. Quando surgir a Biologia do Espírito, os cientistas do futuro, com a mente voltada para Deus, estarão em condições de buscar nas vidas pregressas não apenas as causas de disfunções mentais, como também a origem remota de desvios e deformações orgânicas, herança amarga de erros cometidos no passado. Diante de uma evidência tão gritante, os homens começarão a pensar duas vezes antes de cometerem faltas comprometedoras e pelas quais terão que pagar pesados resgates, em obediência à lei flexível, mas implacável de causa e efeito.

\*

Muitos depoimentos importantes têm vindo a público, nos últimos anos, acerca da reencarnação. Nem sempre aqueles que servem de instrumento a essas revelações estão perfeitamente preparados para a sua tarefa; outros, embora com melhor preparo espiritual, nem por isso deixam de ser tomados de surpresa pela força irrecusável da evidência, que não raro contraria princípios solidamente enraizados e ideias preconcebidas de difícil remoção. Mas o fato traz em si um poder irresistível — não há dogma filosófico, científico ou religioso que impeça a implantação de uma ideia escorada num conjunto de fatos observados com atenção e seriedade.

Edgar Cayce, o famoso médium americano, é um caso desses. Tinha ele a faculdade de entrar em transe espontâneo, no qual revelava conhecimentos muito acima do seu nível habitual em estado de vigília. Durante muitos anos, diagnosticou as mazelas físicas e espirituais de milhares de pessoas e recomendou-lhes tratamentos desusados que, até mesmo contrariando a opinião de conceituados médicos, curavam os pacientes desesperados.

Cayce era um homem profundamente religioso, devotadíssimo à mensagem evangélica de Jesus. Durante toda a sua vida, leu a *Bíblia* de

ponta a ponta, uma vez por ano. Seu filho, Hugh Lynn Cayce, declara que seu pai era “o mais devoto e ortodoxo protestante”. Por isso tudo, Edgar ficou profundamente chocado quando, ao despertar de um transe em 10 de agosto de 1923, em Dayton, no estado de Ohio, ficou sabendo que acabara de afirmar categoricamente a realidade da reencarnação. Não apenas isso: revelara algumas das vidas que o seu consulente já vivera na Terra. Para Cayce, a reencarnação era inadmissível em face do Evangelho. Só havia uma explicação aceitável para as suas surpreendentes declarações: suas faculdades subconscientes haviam caído sob o domínio das forças do mal, que fizeram dele um instrumento involuntário da mentira. Se assim fosse, jamais permitiria que se utilizassem novamente dos seus dons psíquicos. Estaria encerrada a sua carreira, aos 46 anos de idade.

A realidade, porém, era outra: aquela fora apenas a primeira experiência de uma série que atingiria mais de 2.500 pessoas, às quais foram reveladas, para assombro de muitos, inclusive do próprio Cayce, parcelas significativas do passado remoto delas.

O homem que iniciara esse trabalho com Cayce chamava-se Arthur Lammers e já há muito se dedicava ao estudo de religiões comparadas. No entanto, foi necessário muito boa argumentação para que Cayce permitisse a continuação das pesquisas de Lammers, pois o médium não podia admitir nada que, a seu ver, entrasse em conflito com a doutrina do Cristo, tal como a entendia no Evangelho.

Há um livro que conta essa história. Chama-se *Edgar Cayce on Reincarnation* e foi escrito por Noel Langley, sob a orientação de Hugh Lynn Cayce. Langley é um escritor de grande projeção, autor de romances, peças de teatro e roteirista de cinema em Hollywood. Um de seus livros de grande sucesso foi *The Search for Bridey Murphy* (*À procura de Bridey Murphy*), que ele escreveu, adaptou para o cinema e cuja filmagem dirigiu. É autor, também, de parceria com Robert Morley, da famosa peça *Edward, my Son* (*Edward, meu filho*).

Acha Langley que somente depois que Edgar Cayce concordou em continuar suas pesquisas com Lammers é que “um novo conceito da reencarnação viu a luz do dia”. “Esse conceito”, continua o autor, “nem desafiava nem impugnava os ensinamentos do Cristo, mas lançava as bases

de uma filosofia espiritual com força bastante para suportar o cinismo secular da mais turbulenta das épocas.”

Tudo isso está muito bem escrito e é verdadeiro, graças a Deus, mas nós, espíritas, podemos introduzir uma retificação: o *novo conceito* da reencarnação, que se conciliava com os ensinamentos de Jesus, não era novo, pois que desde 1857 os Espíritos já o haviam ensinado a Kardec, que o desenvolveu na sua obra subsequente.

Mas vamos adiante, citando Langley.

“Mais de duas mil e quinhentas pessoas procuram-no (Cayce) para saber da história de suas vidas anteriores neste planeta. A primeira pergunta lógica deve ser: Esse conhecimento fez-lhes algum bem?”

“A resposta” — prossegue Langley — “é sim, nos casos em que os *readings*<sup>[1]</sup> foram estudados com seriedade e seus conselhos postos em prática.”

Às vezes, o consulente achava simplesmente ridícula essa ideia de reencarnação e sem sentido as observações de Cayce. De outras vezes, os conselhos do médium ficavam esquecidos numa gaveta, até o dia em que um fato inesperado vinha confirmá-los de maneira dramática. Com maior frequência, porém, as recomendações de Cayce mudavam o rumo das pessoas e davam sentido claro a uma existência que antes parecia completamente destituída de motivação.

É importante observar que Cayce evitava ditar o procedimento a quem quer que fosse. Destacava sempre, nos seus *readings*, que apenas lhe competia explicar, pelas experiências do passado remoto, as tendências, as inclinações e as opções que o consulente tinha diante de si; quanto à decisão, porém, cabia a cada um tomá-la por sua livre iniciativa. Os caminhos estão sempre abertos à nossa frente, tanto os que nos levam para o retardamento espiritual, como aqueles que nos conduzem às novas conquistas libertadoras. Tal como nos ensinam os Espíritos mais experimentados, a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória.

\*

Há episódios dramáticos, românticos e líricos na maravilhosa aventura de Cayce pelos caminhos da reencarnação, que, afinal, aceitou plenamente,

sem jamais abandonar o seu Evangelho e o seu Mestre, a quem chamava tão carinhosamente o Príncipe da Paz.

Um desses episódios é curto e vale a pena contar pelo que tem de conteúdo humano.

Cayce, que podia descobrir encarnações alheias, sabia também das suas. Na vida imediatamente anterior, era ele um certo John Bainbridge, nascido nas Ilhas Britânicas, em 1742. Espírito aventureiro e folgazão, alistou-se como mercenário no exército inglês e veio dar consigo na baía de Chesapeake, não muito longe do ponto onde viveria um século e meio mais tarde, como Edgar Cayce.

Terminou sua existência quando tentava escapar pelo rio Ohio, numa balsa cheia de gente, perseguida de ambas as margens pelos índios implacáveis.

Essa é a história. Pois bem. Mais de um século depois, em setembro de 1925, Cayce foi a uma barbearia levar seu filho Hugh Lynn para cortar o cabelo. Lá chegando, encontrou um garoto de cinco anos, filho do barbeiro, que estava esperando a mãe vir apanhá-lo para dormir, pois estava com muito sono. Para tranquilizá-lo, o pai dera-lhe uma caixinha de biscoitos. Quando Cayce entrou, o garoto, mais desperto, olhou-o fixamente e caminhou para ele, oferecendo-lhe a caixa de biscoitos.

— Olha aqui — disse impulsivamente —, fique com o resto. Você ainda deve estar morrendo de fome.

— Deixe o homem em paz! — ralhou o pai. — Você não deveria incomodar pessoas que nem conhece.

— Mas eu o conheço — protestou a criança, olhando firme para Edgar. — Ele também estava na balsa. E você estava com uma fome terrível, não estava?

— Muito obrigado, meu jovem — disse afinal Edgar. — Vou aceitar apenas um biscoito.

E acrescentou, confidencialmente:

— Você tem razão. Como eu estava faminto naquela balsa!...

\*

Outro episódio ilustrativo é apresentado a seguir.

O homem chamava-se Paul Durbin, tinha 34 anos, casado, com um filho. Sofria de esclerose múltipla e seu braço direito e a perna do mesmo lado começaram a encolher. Amigos dedicados reuniram-se para pagar-lhe hospitalização e tratamento, além de conseguirem para ele uma consulta com Edgar Cayce e até aplicarem as massagens recomendadas pelo médium. Cayce se referira aos excessos que o homem praticara no passado, no livre exercício de suas paixões, e dizia: “A entidade (sua maneira de referir-se aos consulentes) está em guerra consigo mesma. Todo ódio, toda malícia, tudo que faz os homens medrosos, deve ser eliminado da sua mente. Pois, como se disse no passado, cada alma dará conta de toda vã palavra que pronunciar. Tudo será pago até o último centil. No entanto, a entidade sabe, ou deveria saber, que há um advogado junto ao Pai”.

Estes e outros conselhos não foram tomados em consideração. Não apenas isso: Durbin, saturado de ódio e revolta, exigiu que lhe dissessem por que razão Cayce não o curara instantaneamente, como por certo achava de seu direito. Até mesmo as pessoas que o estavam ajudando na sua aflição, ele as atirava umas contra as outras, de tal maneira que muitos se arrependeram do que fizeram por ele.

A despeito de tudo, seu estado geral melhorou. Quando, porém, ele notou que a melhora não se consolidava, voltou a lamentar-se mais amargamente do que nunca.

Respondendo a nova consulta, Cayce, adormecido, foi de uma franqueza rude, de uma severidade a que poucas vezes recorreu na sua longa vida de serviço ao próximo. Explicou que a doença de Durbin era um problema cármico, que somente poderia melhorar se ele mudasse de atitude mental, com respeito “à sua própria situação, às coisas e ao semelhante”. Nenhum tratamento poderia ser eficiente enquanto não houvesse um esforço espiritual. “O corpo é, na verdade, o templo do Deus vivo, mas como está ele no momento? Truncado na sua finalidade e na faculdade de se regenerar. Que falta? Aquilo que é a própria vida, aquela influência ou força a que chamam Deus. Será que você a aceita ou a rejeita? Cabe a você decidir”.

E mais adiante: “Para que desejaria o corpo ser curado? Para que pudesse satisfazer seus desejos e apetites físicos? Para que pudesse fazer crescer o seu egoísmo? Sendo assim, é melhor ficar como está”.

“Todo sofrimento”, dizia Cayce, “resulta do pecado.”

\*

Num outro caso dramático, Stella Kirby, uma senhora simpática, tranquila e algo tímida, divorciou-se e ficou com uma filha para cuidar. Aconselharam-na a empregar-se como enfermeira e, na verdade, pouco depois ela encontrou o emprego com que sonhava. O salário era elevado, seus aposentos quase luxuosos, numa casa de família rica. Stella, no entanto, quase desmaiou ao ver o seu paciente. Era um homem de 57 anos, em completo estado de imbecilidade. Sua cama era cercada por uma jaula de ferro. A pobre criatura ficava sentada, despedaçando a roupa que lhe vestiam; recusava-se a comer e mantinha-se em permanente estado de imundície, sem controle de suas funções naturais, de olhar vago, inexpressivo, sem falar e sem entender nada.

Stella encheu-se de coragem e entrou na jaula para cuidar do seu paciente, mas, ao tomar contato com ele, sentiu-se tão mal que teve de ir ao banheiro para vomitar.

Em completo desespero, pois necessitava aflitivamente do emprego, procurou Cayce para uma consulta. Foi-lhe dito, pelo médium adormecido, que já duas vezes no passado os caminhos de Stella e daquele homem se haviam cruzado. No Egito, ele havia sido filho dela. O asco que ora sentia por ele, no entanto, provinha de uma existência no Oriente Médio, na qual ele fora um rico filantropo que, no entanto, levava uma secreta existência de devassidão, numa espécie de harém, onde praticava abusos de toda sorte. Stella fora, então, uma das infelizes que tinham de se submeter aos seus caprichos.

Quanto ao problema atual, o conselho de Cayce foi sábio e profundo. Como sempre dizia, assegurou-lhe que o espírito do doente responderia ao afeto. Stella deveria, pois, aprender a amá-lo, se é que ela desejava vencer suas próprias barreiras cármicas. Abandonar a casa não seria solução,

porque a ligação entre os dois continuaria em suspenso, a invadir os domínios de futuras existências.

Stella jamais ouvira falar de reencarnação. Cayce lhe disse, ainda, que numa outra existência, na Palestina, ela cuidara de crianças defeituosas e que, portanto, estava habilitada ao trabalho junto a seu paciente. Ela voltou à tarefa com nova carga de coragem e nova compreensão dos seus problemas. Para encurtar a história: o pobre homem de fato respondeu ao tratamento carinhoso de Stella; começou a alimentar-se espontaneamente, a conservar-se limpo e vestido. Com o olhar pacificado, ele seguia Stella, sem perdê-la de vista um minuto. Ao cabo de dois anos, resolvidos os problemas espirituais, expirou tranquilamente e Stella retomou a sua vida, com a visão espiritual enriquecida pela valiosa e difícil experiência.

\*

Às vezes, um momento do mais profundo e comovedor lirismo. Foi assim o caso de Norah Connor, uma viúva de 31 anos. Numa de suas antigas existências, disse-lhe Cayce, ela viveu na Palestina “quando o Mestre andou pela Terra. A entidade estava entre as crianças de Betsaida que foram abençoadas por Ele”.

E, mais adiante, uma pergunta final e uma resposta poética:

— Mais algum conselho?

— Por que dizer à beleza para ser bela? Apenas isto: conserve a sua suavidade.

\*

Celebridades do passado raramente surgiam nas identificações de Cayce. Dizia ele que para a maioria das pessoas os mais destacados progressos eram realizados em vidas obscuras e desprovidas de acontecimentos notáveis. Não há dúvida, porém, de que as mensagens de Cayce consideravam a maior bênção que um espírito pudesse trazer consigo a felicidade de ter, de alguma forma, cruzado os seus caminhos com os do Mestre, ao tempo de sua peregrinação na Palestina. Alguns desses espíritos venturosos foram reconhecidos com grande alegria por Cayce. Numa menina de cinco anos, o médium identificou outra criança que Jesus abençoara, colocando a mão sobre sua cabeça, quando se dirigia a Betânia.

Na sua existência atual, a menina somente orava quando a mãe colocava a mão sobre sua cabecinha. Chamava-se naquele tempo Clementina e, segundo Cayce, teria sido da casa de Cleofas. Muito cedo juntou-se ao nascente grupo cristão, ligando-se depois a Lucas e Marcos, enquanto esses dois queridos Apóstolos pregavam a Boa Nova nas suas andanças pela Terra. Clementina tornou-se tão amiga de Marcos que o ajudou a preservar “aquelas lições que encontramos no Evangelho escrito por Marcos”.

Numa outra ocasião extremamente dramática, Cayce ficou tão aturdido com a elevação do espírito de uma senhora que viera consultá-lo que, ao despertar, ajoelhou-se emocionadíssimo diante dela.

\*

Poderíamos resumir em algumas linhas os ensinamentos que decorrem das experiências de Cayce a respeito da reencarnação? Vamos tentar.

A primeira delas, e das mais importantes, é a de que a doutrina da reencarnação não se choca com os ensinamentos de Jesus.

Essa e outras conclusões básicas, apoiadas nos numerosos *readings* de Cayce, poderiam ser tranquilamente subscritas pelos espíritas formados na tradição kardequiana, pois que não contrariam — e sim confirmam —, os ensinamentos que nos legaram os Espíritos que compuseram para nós a Doutrina, tal como a conhecemos.

Por exemplo: é útil conhecermos nossas encarnações anteriores? Sim, quando desse conhecimento possa resultar algum benefício para o desenvolvimento do espírito. Caso contrário, a norma é o esquecimento e a dificuldade de acesso às nossas remotas memórias. Cayce adverte, várias vezes, de que as Leis Divinas somente deixam filtrar para o nosso consciente aquilo que podemos suportar como Espíritos encarnados.

Ensina também que, embora nos seja dado algum conhecimento, sob determinadas condições, cabe a nós, exclusivamente, a decisão pessoal sobre a maneira de agir. É a Doutrina Espírita da responsabilidade pessoal, que nos dá o mérito das nossas conquistas e os ônus das nossas falhas. Assim, em cada existência que se inicia, as memórias mergulham nas sombras do inconsciente, de onde só emergem muito raramente e quase sempre fragmentariamente, para que antigas dores não se venham misturar

às novas. É certo, porém, que sob determinadas circunstâncias, e estando o espírito para isso preparado, o conhecimento de algumas fases das passadas vidas pode dar uma nova perspectiva e uma visão ampliada dos problemas humanos que tantas vezes enfrentamos. Seres imperfeitos, vivendo num mundo ainda primitivo, é natural que nossas veredas sejam quase sempre ásperas e difíceis. Aqui e ali, as Leis Divinas nos ajudam a entender melhor os nossos problemas, revelando-nos a razão oculta, mas não resolvida, das nossas dores atuais. Além disso, neste final de uma era tumultuada, é certo que está sendo cumprida a previsão do Cristo, que nos assegurou que o espírito se derramaria sobre toda a carne. A reencarnação é uma das manifestações da atividade espiritual e é de esperar-se que ela comece, realmente, a atingir as manchetes, e aparecer nas publicações científicas, nas teses universitárias, nas pesquisas históricas, nas investigações médicas, ou na ficção.

Com a tremenda facilidade de comunicação que hoje predomina em toda a Terra, vai se tornar cada vez mais difícil encontrar alguém que não tenha, de uma forma ou de outra, recebido o impacto da ideia da sobrevivência do espírito e da sua reencarnação através de sucessivas existências, no tempo e no espaço.

Outra lição vital que aprendemos nas palavras de Cayce, tanto quanto nos ensinamentos da Doutrina Espírita, é a de que o homem é aquilo que pensa. É a força do seu pensamento que modela os seus atos e, por conseguinte, o seu estado de espírito, sua posição evolutiva, e a melhor ou pior situação humana nas vidas que se encadeiam. Nossos erros de hoje serão, fatalmente, as dores de amanhã: o sofrimento que hoje causamos virá, mais cedo ou mais tarde, atingir-nos no mais fundo do nosso ser. Nossas agonias espirituais hão de sempre resultar do nosso atrito com as Leis de Deus, do nosso desrespeito à ordem universal divina. A lei não pune nem a dor é castigo. A lei indica o caminho a seguir, e a dor redime a consciência inquieta, corrigindo a rota espiritual.

Há também a lei universal e divina do perdão que liberta o espírito da longa cadeia do ódio que gera o ódio. Não cabe a nós cobrar as faltas cometidas contra nós. Primeiro, que também as cometemos (e muitas) alhures, no passado e no presente; segundo, que, trocando a vingança pelo

perdão, livramos o nosso espírito das correntes do ódio e, portanto, do sofrimento. Que o culpado se ajuste perante a lei, como melhor lhe parecer, mas que não sejamos nós os instrumentos cegos da sua aflição. Quanto a Deus, a concepção de Edgar Cayce se fundamenta no princípio de que Ele já nos perdoou a todos de nossas faltas — a reencarnação é apenas o maravilhoso instrumento que Ele nos oferece para a nossa própria redenção. Para nos lembrar disso, de vez em quando nos envia seus mensageiros amorosos, o maior dos quais é Jesus, o Príncipe da Paz.

[1] A língua inglesa dispõe de grande flexibilidade para substantivar formas verbais e para verbalizar os substantivos. *Reading* tem sua raiz semântica no verbo *to read* — ler. No caso de Edgar Cayce, a expressão é empregada para designar o que chamaríamos uma comunicação anímica, isto é, uma mensagem transmitida pelo Espírito desdobrado (ou desprendido), por meio do corpo físico do próprio médium.

## Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular

Junto ao dólmen que marca o túmulo de Allan Kardec, no cemitério Père-Lachaise, em Paris, está a sepultura “tão austera, assustadora e deserta” de Gérard de Nerval. “Que há de comum entre esses dois mortos” — pergunta Jean Vartier —, “entre a recordação duma fria divagação e a messe de uma loucura ardente? Eu daria todos os livros de Allan Kardec por um soneto do amoroso de “Sylvia”. Mesmo no além-túmulo, a injustiça triunfa. Os cortesãos menos talentosos do maravilhoso são os mais adulados pela multidão, e as rosas não vão para aqueles que as amaram”.

Com essa frustração, encerra-se o livro *Allan Kardec — La Naissance du Spiritisme* (*Allan Kardec — O nascimento do Espiritismo*), do jornalista Jean Vartier, edição da Livraria Hachette, 1971.

O autor se declara, pois, inconformado ante a tremenda “injustiça” da posteridade, cobrindo diariamente de flores o túmulo de um “desaparecido”, enquanto o poeta jaz esquecido e abandonado. Deixemos aqui um pensamento de fraterna afeição para Gérard de Nerval e os votos de que a sua “loucura ardente” se tenha convertido, no mundo espiritual, na doce tranquilidade da paz interior.

“Durante as horas em que o Père-Lachaise permanece aberto” — prossegue Vartier —, “jamais está deserta a vizinhança desse túmulo.” Verdadeiramente incompreensível o fenômeno, quando se pensa que mais de um século já decorreu desde que foram ali depositados os “restos mortais” do Codificador do Espiritismo. Mais incompreensível ainda que, após um século, haja quem se dedique a um trabalho enorme de pesquisa

para escrever um denso volume de mais de trezentas páginas dedicado à tentativa inglória de destruir o que o autor julga um mito.

Na esperança de compreender o mistério de uma secular fidelidade à lembrança de Kardec, Vartier passou algumas horas no Père-Lachaise. “Vi desfilar alguns jovens diante do dólmen. Não eram bretões, mas do tipo mediterrâneo inequívoco, operários italianos ou espanhóis. Gente sem raízes, que tudo deixou para trás: a miséria, as lembranças, o túmulo dos pais.” Na sua opinião, portanto, uns pobres diabos que, graças a Deus, nem são franceses.

Isso é apenas o eco de outra constatação (permitam o galicismo, já que o livro é francês) não menos surpreendente e não menos inexplicável para o autor. À página 164, ele escreve isto:

Poderia Allan Kardec ter previsto que *O Livro dos Espíritos* (sempre em circulação nos países francófonos) seria, no século XX, mais vendido no Brasil do que em qualquer outro lugar? Bryan Wilson, no seu estudo sobre as seitas religiosas, nos informa que as teorias de Kardec são propagadas naquele país[1] por Chico Xavier e que centenas de milhares de espíritas o adotaram.[2] Não é preciso, *sem dúvida*, procurar razões outras senão as de ordem sociológica, para esse êxito de um velho livro no além-mar. (O grifo é meu.)

Veja, então, o leitor, pela amostra, a posição do Sr. Vartier: o Brasil é um país atrasado, “là bas”, onde um velho livro inútil ainda encontra quem o leia. As razões do êxito contínuo da obra de Kardec são de ordem sociológica, isto é, por causa mesmo do atraso intelectual de um povo subdesenvolvido. Não são os desenraizados e miseráveis que lhe visitam o túmulo? E ainda mete o Chico nessa história, por informação de segunda mão de um certo Bryan Wilson, pesquisador de “seitas religiosas”.

“Isto prova” — diz ainda à mesma página 164 — “que uma obra na qual inexiste qualquer traço de gênio pode, às vezes, ser testemunho de uma radioatividade (palavra sua) vivaz e alcançar vitórias memoráveis contra o esquecimento.”

Essa é uma das tônicas do livro: a atitude superior de condescendência diante de assuntos desprezíveis como são a vida de Kardec e o Espiritismo.

Há outras dominantes menores nessa polifonia de paixões desatadas sobre a comunidade espírita mundial, que não busca senão entender melhor a natureza humana e seus vínculos com o Poder supremo que, evidentemente, criou e mantém o Universo. Há de tudo no livro: a ironia, a galhofa, a meia verdade, a insinuação, o trabalho sutil — e às vezes não tão sutil — de levar tudo ao ridículo, tanto quanto a interpretação maliciosa de posições e atitudes assumidas por Kardec. Enfim, tudo serve, desde que resulte em instrumento de demolição. Há momentos, mesmo, de inverdade total, que somente pode prevalecer para aquele que não conhece o assunto. Aqui vai um exemplo. A *Revue Spirite*, de novembro de 1928, denuncia como impostor “um indivíduo que se faz chamar Dr. Kardec e se diz neto do ilustre espírita Allan Kardec”. Como se descobriu depois, o homem era, na realidade, um certo Louis-Henri-Ferdinand Dulier, nascido em Schaerbek, em 1873, segundo informa Vartier. Agora, vejam a crueldade: “Ele se dizia doutor” — diz o autor — “sem possuir o diploma correspondente (o que constituía, afinal de contas, um ponto comum entre ele e Allan Kardec).” A expressão entre parênteses é, evidentemente, de Vartier, mas onde e quando Allan Kardec se declarou doutor? Diz ainda o autor, alhures (pág. 27), que Kardec se apoderou do título de Doutor em Medicina, que figura ainda na edição de 1954 de *O Livro dos Espíritos*. Nossa pesquisa na riquíssima biblioteca da FEB não revelou nenhum livro de Kardec que contivesse o suposto título de doutor. Não sei que edição é essa em que se baseou Vartier para dizer o que diz, ainda mais acrescentando maliciosamente que *figura ainda* o título, dando a impressão de que todas as anteriores o traziam, o que, definitivamente, não é verdade.

\*

O livro de Jean Vartier começa mal ao chamar Allan Kardec de “papa do Espiritismo”, logo na segunda frase do prefácio, e prossegue mal informado ao declarar que “*tudo* quanto ele escreveu de 1855 em diante *foi ditado* pelos Espíritos”, o que também não é verdade. Como sabem os espíritas bem informados, nem mesmo *O Livro dos Espíritos* foi totalmente ditado. Não só a introdução e os comentários como toda a sua estrutura e a formulação das questões são trabalho pessoal de Kardec. Esse, aliás, foi o plano da obra, dado que as perguntas deveriam ser suscitadas do ponto de vista humano, para que não fosse a Doutrina mais uma revelação unilateral,

ditada de cima para baixo, mas sim a resultante de uma estreita colaboração entre homens e Espíritos.

Também não é verdade, como afirma Vartier, ainda no prefácio, que Kardec “acreditava haver encontrado sobretudo a demonstração científica da existência de Deus e da imortalidade do espírito — sua palavra, aliás, é *perenidade* do espírito —, demonstração capaz de fazer recuar o materialismo”. Isso é o que chamo de meia verdade. É certo que Kardec deixou demonstrada a “perenidade” do espírito. Quanto à “demonstração científica” da existência de Deus, não me parece exata a expressão. O que vemos em *O Livro dos Espíritos* é uma discussão de caráter filosófico sobre Deus, sua natureza e seus atributos. Deus está presente em cada linha da obra do Codificador, sendo mesmo sobre Ele as primeiras questões suscitadas; não obstante, mesmo aspectos de muito menor relevância do que o problema de Deus, os Espíritos informam que ainda estão fora do nosso alcance e apreensão intelectual.

\*

O livro de Vartier se apoia bastante, a julgar pelas inúmeras e frequentes citações, na obra de Madame Claude Varèze que “*teve o mérito... de colocar sob justa claridade a personalidade de Allan Kardec*”, na coleção “Os grandes iluminados”. (Mais uma vez aviso ao leitor que os grifos são meus.) O que ele quer dizer é que a Sra. Varèze também se empenhou na tarefa de reduzir Kardec a uma figura indigna de atenção dos homens.

Quanto ao êxito espetacular da Doutrina Espírita, em geral, e da obra escrita de Kardec, em particular, a explicação para Vartier é tão simples quanto grosseira: Kardec foi “o pioneiro, na França, dos métodos de propaganda à americana e, ao mesmo tempo em que praticava a religião dos Espíritos, adotava o culto da eficiência. Um reformador superado quanto à Doutrina, mas prodigiosamente atual quanto à escolha dos meios de fazê-la prosperar”.

A esse ridículo comercialismo publicitário fica reduzido o espírito metódico e objetivo de Kardec, segundo Vartier. Exatamente os traços mais característicos da personalidade de Kardec, que nos garantiram uma Doutrina purificada, isenta de fantasias e cautelosa, surgem das páginas de

Jean Vartier transformados em defeitos humanos, que vão da candura à esperteza, da mediocridade ao cinismo, da ausência de cuidados científicos ao oportunismo mais vulgar e imediatista. Vale tudo!

\*

À primeira parte do livro, até à página 56, o autor dá o título de “*Cinquante ans de vie cachée*” (“Cinquenta anos de vida oculta”): o nascimento em Lyon, os anos formadores em Yverdon, sob a direção de Pestalozzi, e o mais que sabemos. A propósito, o grande pedagogo suíço também leva de raspão alguns safanões e irreverências gratuitas, pois não passava de um mestre-escola, por procuração de Jean-Jacques Rousseau. Quem não pode ver os grandes na sua estatura normal, trata de reduzi-los a anões.

Nada escapa à fúria demolidora de Vartier. O casamento de Kardec com Amélie? Simples interesse. “Hippolyte tomou alegremente sua decisão. Tinha ele boas razões para isso: filha única de um proprietário, antigo tabelião, Amélie herdaria, mais cedo ou mais tarde, uma bela fortuna; versada em Pedagogia, ela era professora, titular dum diploma de primeira classe. Acrescente-se a isso que se amavam.”

O amor vem no fim, incidentalmente, como fator de ordem secundária. O que teria predominado na decisão foi o interesse!

De longe em longe, uma afirmativa mais amena, como esta: “A vontade de superar suas dificuldades financeiras não impedirá jamais o casal Rivail de dedicar uma parte de suas vidas ao ensino gratuito, *considerado como um apostolado*” (pág. 32). Ou esta, que é preciso conservar em mente: “... a reconstituição de sua fortuna se deve *sobretudo* à *venda maciça* de suas *obras pedagógicas*, que haviam sido adotadas pela Universidade” (pág. 33).

O que predomina, porém, é a exploração maliciosa de qualquer episódio que, a juízo do autor, pareça equívoco. O fato de Kardec ter trabalhado como guarda-livros de um teatro, segundo depoimento de Leymarie, levou os caluniadores a dizerem que ele foi diretor de uma “casa de mulheres”. Vartier menciona o desmentido de Henri Sausse e a palavra de Leymarie, confirmando a ocupação de Kardec como guarda-livros, num

período difícil de sua vida, mas prossegue declarando que aquele “insólito *intermezzo*” teve sua importância. “Não foi isso que permitiu ao futuro papa do Espiritismo aproximar-se desses leais fazedores de ilusões, que são os prestidigitadores, e medir, dessa forma, as aptidões do homem a enganar o seu semelhante com as aparências?”

Vê-se que nada fica afirmado, taxativamente, nem desmentido, mas permaneceu no ar o veneno de uma ridícula insinuação, segundo a qual, ao tempo em que prestava serviços de *guarda-livros* a um teatro, para se manter, Kardec *talvez* tenha aprendido a enganar o próximo...

Para Vartier, Kardec é herdeiro do magnetismo animal de Mesmer, o que evidencia bem seu desconhecimento do assunto, a despeito de tantas pesquisas. Eis como manifesta sua opinião: “Há entre Mesmer e Kardec toda a diferença que existe entre uma ‘vedete’ internacional de cinema e um oficial do Exército da Salvação, que teria sido o legatário universal da vedete” (pág. 42).

Frequentemente, os ataques a Kardec buscam apoio em pronunciamentos do médium escocês Daniel Dunglas Home. No livro *Luzes e sombras do Espiritualismo*, de Home, Vartier vai buscar o seguinte: “Sabe-se que Allan Kardec não foi médium. Ele nada fazia senão magnetizar ou ‘psicologizar’ pessoas mais impressionáveis do que ele”.

Vartier promove esse texto, exíguo e mal informado, a uma

revelação capital da qual Home tira imediatamente a consequência: ele *nos deixa entender* (grifo meu) que os médiuns, através dos quais Allan Kardec *pretendia* interrogar os Espíritos, não eram mais, em suas mãos, e sob o império de sua vontade, do que sonâmbulos prontos a traduzirem seu próprio pensamento e não a captarem mensagens do Além” (pág. 55).

A despeito da citação, classificada como “revelação capital” e da qual Vartier inferiu ideias que Home não expressou, Vartier não tem em boa conta o dito Home, que ele considera cruamente um charlatão da pior espécie. “Nem sempre Kardec teve a circunspeção que o levou a se livrar de Home”, diz Vartier à página 237, atirando farpas em ambos, numa só frase.

Segundo Vartier, Kardec foi um dos Espíritos mais disputados logo após a sua desencarnação. “A Dunglas Home, seu *inimigo íntimo* (grifo meu), transmitiu, em primeiro lugar, a retratação solene de seus erros. Renunciou a sustentar o dogma da reencarnação. Na condição de Espírito, punha seu perispírito em forma (*sic*)... numa retratação honrosa aos pés daquele que o havia contraditado.”

Mas não é Vartier que vai assim facilmente aceitar a “confissão” de Kardec-Espírito, por intermédio de tal médium: “O procedimento foi um pouco fácil demais, *Monsieur Home*”, diz ele (pág. 289).

Dessa maneira, de Daniel Dunglas Home, Vartier somente aproveita a *notável revelação* de que Kardec é que impunha aos Espíritos as respostas que deseja ouvir.

Acha mesmo que o Espiritismo já existia desde 1848, por ocasião da fenomenologia mediúnica na casa da família Fox, em Hydesville, nos Estados Unidos. E, no entanto, a Sra. Fox, mãe das meninas, que primeiro conversou com os Espíritos, “não teve seu busto esculpido por nenhum artista”. É uma pena que só Kardec tenha merecido essa honra... Acontece, porém, que as meninas também não escapam à sanha demolidora do Sr. Vartier. “Depois de ganharem muito dinheiro”, diz ele, “afogaram-se em álcool e desmentiram tudo.” Quem estudou o episódio de Hydesville sabe que isso é outra meia verdade e que, portanto, contém outro tanto de inverdade. As moças eram realmente dotadas de mediunidade e se deram mal com a desenfreada comercialização das suas faculdades. Houve, pois, fenômenos autênticos no início e fenômenos fraudados mais tarde. Perdas e confusas, sem base doutrinária alguma, elas se retrataram do desmentido, mas, a essa altura, quem estava interessado na retratação, se havia uma confissão de fraude?

Por outro lado, não foi o Espiritismo que *nasceu* em Hydesville, em 1848, e sim a fenomenologia mediúnica que, aliás, nem mesmo nascia, e sim renascia, pois a comunicação entre seres encarnados e desencarnados sempre existiu. O Espiritismo, como doutrina ordenada, clara, racional e coerentemente exposta, começa com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, em abril de 1857.

Aliás, a preocupação do Sr. Vartier com a família Fox deve ser meramente histórica, porque ele “descobriu”, para grande alívio seu, que nada havia de espírito em Hydesville. Isso porque um tal doutor Austin Flint, professor de Clínica Médica na Universidade de Búfalo, que havia examinado as jovens Fox, “descobriria que, pela contração rápida de certos músculos, é possível emitir, sem nenhum movimento aparente, estalidos semelhantes a pequenas marteladas surdas. Para ele, todo o mistério das Fox se concentrava nos joelhos” (pág. 62).

Ainda bem! Que alívio! Já imaginaram que problema se essa história de Espiritismo fosse mesmo verdadeira?

O que existe no episódio de Hydesville é uma lição secular e muito repetida: *mediunidade não é meio de vida*. E por isso o mediunismo desabrochado na América praticamente nada produziu em matéria doutrinária, nem o perfil de uma filosofia espiritualista digna de exame. O mesmo talvez teria acontecido na França se lá não estivesse, vigilante e armado de bom senso, o professor Hippolyte Rivail. Segundo informa o próprio Vartier, “dez mil pessoas comerciavam profissionalmente com o Além, a serviço de uma clientela que girava aí pelo meio milhão. Dois anos mais tarde, eram já três milhões, de Boston a Manchester e de Long Island a Cincinnati”.

Mas isso é Espiritismo? Houve, no entanto, gente de indiscutível probidade e capacidade intelectual que viu nos fenômenos bem mais do que um exercício de “*buena-dicha*”, ou um sistema de ligação interurbana para o Além. Robert Hare era professor da Universidade da Pennsylvania; Mapes, um grande químico; Edmonds, juiz de Direito. Não foram suficientes, porém, para conter a onda de industrialização da mediunidade, que tudo avassalou. Não é sem razão que a Doutrina Espírita, codificada por Kardec, condena enfaticamente a profissionalização da faculdade mediúnica. E quantos médiuns não têm verificado, reiteradamente, para sua desgraça, que as coisas se passam exatamente assim: a mercantilização da mediunidade sempre deu problema.

\*

A negação de Kardec por Jean Vartier começa pelo próprio título da obra principal da Doutrina. Pois bem. Há um livro *Dos Espíritos e suas*

*manifestações fluídicas*, escrito em 1854 pelo Marquês de Mirville. Para maior suspense, Vartier coloca reticências entre a palavra “espíritos” e a expressão “suas manifestações fluídicas”. Sem embargo da declarada e irreduzível hostilidade de Mirville pelas ideias de Kardec, Vartier não perde a oportunidade para deixar mais um dos seus venenos na mente do leitor desprevenido: “O antigo pedagogo Rivail, que *alguns* fizeram passar como *homem das apropriações abusivas*, não se teria apoderado até do título do seu famoso livro?”.

Veja bem a malícia. Não é Vartier que acusa Kardec de apropriador de ideias alheias — *alguém* disse isso, mas *quem sabe* ele não plagiou também o título da obra de Mirville? Como e por quê, meu Deus? E ainda mais, para que confundir o seu livro com uma obra que se lhe opunha radicalmente?

Muitas vezes encontramos em Vartier o riso tolo que não chega nem a ser ironia. De uma mesa que se quebrou sob uma pesada carga de pedras, numa sessão experimental de levitação promovida por um Sr. Barbarin, Vartier diz que o móvel não escapou ao martírio, já que os pregadores espíritas não o tiveram. Qual a graça?

\*

O inesperado sucesso da obra de Kardec é uma fonte de constante especulação e interesse para o seu mais recente biógrafo, o Sr. Jean Vartier. *O Livro dos Espíritos*, informa ele, admirado, foi reeditado quinze vezes durante a existência de Kardec e cinquenta vezes em cinquenta anos. Isso dá uma edição por ano, durante meio século! É um prodígio! E ele nem menciona as edições em português que, durante mais de século, não mostraram sinais de diminuir; pelo contrário. Que o diga o confrade Thiesen, que dirige o Departamento Editorial da FEB. E tem mais: não é só *O Livro dos Espíritos* — são todas as cinco obras básicas da Codificação, que já andam pelos milhões...

A atenção de Vartier, porém, é solicitada para os aspectos materiais do êxito e não para os benefícios espirituais daí decorrentes. Fica ele a imaginar a fortuna que isso representa em direitos autorais. E suspira: “Ah, se os precursores do Espiritismo tivessem sabido disso!”.

Assim, não é de admirar-se que Vartier não consiga distinguir o genuíno do falso no assunto que examina. Coloca no mesmo pé de igualdade *O Livro dos Espíritos* e uma obra “modestamente” intitulada *Salvemos o gênero humano*, ditada em 1853 por um Espírito que se deu o nome de “Âme de la Terre” (“Alma da Terra”) a um certo senhor Victor Hennequin. Segundo Vartier, que cita Louis Figuier, Alma da Terra havia assegurado ao pobre Hennequin que os originais do livro seriam adquiridos por 100.000 francos-ouro pelo editor Delahaye. Se Vartier tivesse um pouco mais de experiência do assunto sobre o qual escreve, saberia que Hennequin foi apenas a vítima inerme de uma obsessão. Por que razão, então, Kardec “corria o risco considerável de publicar *O Livro dos Espíritos*, à vista do trágico precedente” da fantasia da Alma da Terra? Não há como comparar as duas obras. Uma é produto da aceitação cega de uma “revelação” espetacular, à qual o próprio Espírito colocou um preço em dinheiro vivo, para melhor subjugar seu pobre médium; a outra — *O Livro dos Espíritos* — é obra realizada lentamente, cercada de extraordinários cuidados, meditada, expurgada de fantasias, testada por intermédio de vários médiuns, exposta por vários Espíritos, feita, enfim, com extrema seriedade.

Acontece que, diante desse êxito espetacular e que resiste tenazmente à passagem dos decênios, é preciso dizer alguma coisa. Ei-la: “Terminada a obra, era de seu temperamento e de seus hábitos explorá-la comercialmente, como havia explorado tantas outras sob o nome de Rivail” (pág. 128).

Meu Deus! Nenhuma exploração comercial jamais existiu nem nas obras publicadas sob o nome de Rivail nem nas que saíram com o pseudônimo. O que houve, pura e simplesmente, é que esses livros encontraram inequívoca receptividade de parte do público, ou seja, os livros de Rivail, como os de Kardec, vendiam-se aos milhares, e os que cuidam da Doutrina vendem-se até hoje. Que exploração existe aí? Se o livro do Sr. Vartier alcançar sucesso de livraria, não compete a ninguém dizer que ele está explorando comercialmente o seu trabalho.

\*

Nem tudo, porém, no livro de Vartier está perdido. O capítulo VIII, por exemplo, transcreve o resumo da Doutrina Espírita, do próprio Kardec, no seu opúsculo intitulado “Le Spiritisme à sa plus simple expression”. Mesmo

aqui, no entanto, Vartier não perde oportunidade para uma observação mordaz, dizendo que não poderia deixar de “infligir” o texto de Kardec...

Depois dessa pausa, prossegue a tarefa ingrata de atacar o homem e a obra. O título do capítulo IX revela, mais uma vez, o seu desconhecimento de aspectos importantes do Espiritismo: “Os Espíritos nada inventaram”. E quem disse que eles pelo menos tentaram inventar? Ninguém inventa o que está escrito nas Leis de Deus — apenas descobre. Inventadas são, no entanto, muitas obras de pura fantasia, como a do pobre *Monsieur Hennequin*, que acreditou piamente nas teorias da “Alma da Terra”. Felizmente, para todos nós, os Espíritos que transmitiram a Doutrina a Kardec não eram daqueles que inventam, nem Kardec era dos que aceitam as coisas sem exame. Ensinar a lei da reencarnação, a sobrevivência do Espírito, a lei de causa e efeito, discutiram discretamente a questão da existência de Deus e demonstraram a comunicabilidade entre os Espíritos (desencarnados) e os homens. Não se arriscaram a nenhuma especulação para a qual a época e os homens ainda não estivessem preparados. Não há na linguagem que empregam subterfúgios nem obscuridades. Além disso, a obra não se destina apenas aos eruditos e àqueles que disponham de sólida formação filosófica — é livro para todos lerem e entenderem. O próprio Jean Vartier, com toda a sua exuberante má vontade, não se furta a declarar que não nega a *O Livro dos Espíritos* “o mérito de uma relativa clareza, de unidade no tom e de lógica no encadeamento. Sente-se que foi escrito por um vulgarizador profissional” (pág. 143). Acha, no entanto, que, ao abordar os domínios científicos, o livro “se compromete francamente, correndo o risco de se ridicularizar se (grifo meu) as descobertas posteriores vierem a fazer ruir a sua tese” (pág. 144).

“O mais belo exemplo” (palavras suas) desse compromisso é a questão da habitabilidade dos corpos celestes. À pergunta “São habitados todos os globos que se movem no espaço?”, os Espíritos respondem: “Sim, e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Entretanto, há homens que se têm por espíritos muito fortes e que imaginam pertencer a este pequenino globo o privilégio de conter seres racionais”.

Vartier conclui vitorioso: “Visitamos um desses globos depois disso. Ele não era habitado”. Calma. Primeiro, que ainda se sabe pouco a respeito da Lua. Segundo, que não parece que os Espíritos tenham levado em conta a inclusão de miríades de satélites de pequeno porte, ainda mais de um planeta como a Terra, de reduzidas proporções, quando se referiram aos “globos que se movem no espaço”. Em terceiro lugar, os corpos celestes podem ser habitados por seres incorpóreos, ou seja, desprovidos de corpo físico, tal como o conhecemos. E, finalmente, uma pergunta: é só isso que Vartier encontrou em toda a obra de Kardec, quanto aos aspectos científicos, após mais de um século em que o livro enfrentou, firme, a pesquisa mais avançada? É esse o seu *mais belo exemplo*? Está fraco, por que onde estão as obras científicas de cem anos atrás? De cem, não digo tanto, mas de vinte?

A objeção levantada por ele, quanto ao problema da “geração espontânea”, é também inconsistente. É a questão 46 de *O Livro dos Espíritos*: “Ainda há seres que nasçam espontaneamente?”. A resposta: “Sim, mas o gérmen primitivo já existia em estado latente”. Como lhe convém. Vartier corta aí a citação, mas os Espíritos disseram mais: “Sois todos os dias testemunhas desse fenômeno. Os tecidos do corpo humano e dos animais não *encerram os germens* de uma multidão de vermes que só *esperam*, para desabrochar, a fermentação pútrida que lhes é necessária à existência? É um mundo minúsculo *que dormita e se cria*”.

Portanto, nada de geração espontânea, como a entendiam os sábios da época de Kardec, que achavam que seres vivos podiam sair do nada, o que os Espíritos negam enfaticamente, pois o poder de criação é exclusivamente divino.

Vartier volta a discorrer sobre a falta de originalidade das teorias transmitidas pelos Espíritos, o que revela, na melhor hipótese, seu desconhecimento do problema, porque os Espíritos sempre advertiram que o trabalho de pesquisa científica ou filosófica cabe ao homem. Se tudo nos viesse pronto, meditado, resolvido, final, que mérito nos restaria, e como aprenderíamos a resolver as nossas dificuldades?

O autor acha, por isso, que os conhecimentos revelados não ultrapassam o nível intelectual e cultural de Kardec. “Os frequentadores dos

tribunais” — diz ele — “sabem muito bem que a maneira de interrogar determina, com frequência, as respostas (por sugestão ou provocação)” (pág. 146). Quer dizer que, no seu entender, o próprio Kardec sugere o que deseja obter como resposta, tese, aliás, de Daniel D. Home. É o fim! Será que o Sr. Vartier leu mesmo *O Livro dos Espíritos*? Será que ele tomou conhecimento daquelas respostas inúmeras em que os Espíritos, bordejando, às vezes, pela rudeza, contestam com veemência pontos de vista de Kardec?

\*

Às vezes o Sr. Vartier vai mais longe do que seria de admitir-se. Veja-se, por exemplo, o caso da reencarnação, que, evidentemente, ele não aceita mesmo. Incapaz de admitir a intervenção dos Espíritos nos ensinamentos contidos na obra principal da Codificação, e negando a Kardec qualquer valor intelectual, formula uma pergunta que ele próprio classifica de *brutal*: “...que me perdoem de pôr de lado os Espíritos e colocar brutalmente a questão: ‘Quem introduziu a reencarnação no “*Livro*” (dos Espíritos) e de quem ele (Kardec) a tomou?’.

Não creio que o Sr. Vartier ignore que a doutrina da reencarnação é antiquíssima, especialmente entre os povos orientais e, nesse ponto, como em tantos outros, os Espíritos se limitaram a reafirmar, com a sua chancela, a doutrina das vidas sucessivas como lei universal, essencial ao processo evolutivo do ser.

É ridículo, além disso, afirmar que Kardec “tinha um fraco pela reencarnação” e que somente se decidiu a “entrar no Espiritismo militante (!) depois de convencido, por Zéfiro, de que havia vivido outra vida terrestre”.

Essa opinião é também a de Claude Varèze, cuja obra detratora sobre Kardec tanto serviu aos propósitos do Sr. Vartier. Não obstante, a própria Sra. Varèze foi descobrir num discurso de Kardec, ou melhor, do professor Rivail, em 1834 — portanto, cerca de vinte anos antes de se engajar na pesquisa espírita —, a seguinte frase: “A fonte das qualidades se encontra nas impressões que a criança recebe ao nascer, *talvez antes*.”

Vartier acha, porém, que Kardec apenas antecipava, nesse ponto, a doutrina freudiana do conhecimento intrauterino, o que já não seria de pouca monta.

Também a ideia do perispírito ele deseja provar que é anterior a Kardec, e realmente o é, como sabemos. E a razão de tudo isso é sempre a mesma — é que *O Livro dos Espíritos* não é obra de fantasia; ele contém o resumo da sabedoria milenar dos povos, as grandes ideias e descobertas que os homens fizeram ao longo de muitos milênios de especulação e depois ordenaram no mundo espiritual, para nos ensinarem apenas a essência.

\*

O trabalho do Sr. Jean Vartier consiste, pois, em mostrar o Espiritismo, em geral, e Allan Kardec, em particular, através das suas lentes deformadoras. Tudo o que elas filtram tem aparência de interesse material, cheira a esperteza ou é fantasioso, quimérico, medíocre. Há exemplos dos mais gratuitos e cruéis desvirtuamentos.

Uma ocasião Kardec foi visitado por dois repórteres russos de um jornal de S. Petersburgo. Como se mostraram interessados apenas em se instruírem, foram generosamente acolhidos por Kardec e até convidados, excepcionalmente, para uma sessão. E aqui começam as farpas. Os espíritas praticantes sabem que as sessões devem ser realizadas reservadamente, sempre que possível com as mesmas pessoas, às mesmas horas, no mesmo local. Ignorando, deliberadamente ou não, os cuidados que cercam o trabalho mediúnico, o Sr. Vartier informa que as sessões eram reservadas aos “cotistas da Sociedade de Paris”, isto é, aos contribuintes, mesmo sabendo da declarada e repetida condenação de Kardec à remuneração de tarefas mediúnicas.

Mas os dois repórteres presenciaram os trabalhos, que começaram pela leitura de um capítulo do Evangelho. Em seguida, “tiveram a *desopilante* satisfação de assistir à intrusão de um Espírito galhofeiro, que foi preciso admoestar e excluir do círculo”. Por que desopilante? E por que tão grande satisfação em presenciar as tolices de um pobre Espírito desorientado? É que a ignorância sempre acha engraçado aquilo que não entende.

A certa altura, os russos perguntaram a Kardec por que não interrogava os Espíritos acerca de política. A resposta de Kardec é a que sabemos: os Espíritos não se ocupam de tais coisas. E sabem daí o que conclui Vartier? Que, realmente, os Espíritos usavam de discrição no assunto e, assim mesmo, na intimidade. “Eles eram bem do estofo de seu mestre. Quem dispõe de rendimentos não se compromete.”

Fica sem comentário...

Um modesto soldado de Napoleão, que se identificou como tambor durante a passagem do Berezina, é alvo predileto de galhofas, e o autor várias vezes se refere a ele. O drama contínuo e doloroso dos Espíritos aflitos, desorientados e infelizes é motivo de *desopilante* e inconsciente alegria por parte do Sr. Vartier. O avarento que não compreende por que ninguém o ouve quando ele tenta, inutilmente, impedir que seus herdeiros abram o cofre onde guardou “em vida” seu precioso dinheiro. O pobre camponês que, sabendo-se em Paris, “acredita bestamente” que veio de trem. O guloso, ainda preso à sua imperfeição, que vive a gemer de aflição em torno de mesas fartas de que não pode servir-se. O Sr. Vartier acha tudo isso divertidíssimo. “Os mortos do Sr. Allan Kardec”, diz ele, “não são mesmo felizes.”

Para ele é também motivo de ridículo S. Luiz transformado em “teórico da reencarnação”, ou S. Agostinho em “um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo”. Tudo muito engraçado!

Quando Kardec previne, em *O Livro dos Médiuns*, que “o médium *pode* alterar a resposta (do Espírito) e assimilá-la às suas próprias ideias”, é porque ele (Kardec), “sem nada perder da sua fé, teria perdido a sua segurança”.

Quando Kardec deseja saber de um Espírito sua opinião acerca da *Vida de Jesus*, recentemente publicada, é porque o livro de Renan “bateu” *O Livro dos Espíritos* em vendagem e Kardec está enciumado.

Se Kardec lembra que o Espiritismo é científico, mas não se esquece de dizer que também é cristão, ele o faz “conforme a natureza do seu auditório”. “Tinha ele” — diz o autor — “um seguro senso psicológico. Chamem a isso de oportunismo se pensam (como eu) que a aventura

espírita de Allan Kardec guarda certa semelhança com uma aventura eleitoral.” (A expressão entre parênteses é, obviamente, do original.)

Para o Sr. Vartier, a capacidade de organização e disciplina de Kardec, sua objetividade e liderança apenas revelam as virtudes de um excelente *businessman* à moda americana, um notável homem de relações públicas que, na divulgação da Doutrina dos Espíritos, só visava à promoção pessoal e aos lucros. Por isso, declara Vartier que “Allan Kardec sucumbiu, talvez, de um enfarte, como um industrial de 1970”. A causa, então atribuída ao aneurisma, seria mera ignorância dos médicos da época.

\*

No capítulo XV, páginas 249 e seguintes, é traçado um retrato impiedoso de Kardec, sob o título: “Portrait d’un réformateur” (“Retrato de um reformador”). Os termos são estes:

Seria pouco convincente fazer o retrato de Allan Kardec sob forma de litania:

Ele não era um sábio. Orai por ele.

Ele não era um livre-pensador. Orai por ele.

Ele não era um herói. Orai por ele.

Ele não era um poeta. Orai por ele.

Era, porém, um reformador, reconhece Vartier. “Homem aplicado, benévolo, praticava o esquecimento das injúrias, tanto por natureza, *como por estratégia...*” (tinha de ter o ferrão para o veneno!). E prossegue: “Sabia ser discreto, *quando necessário*. Era otimista, mas também ‘um negociante da felicidade’, um ‘administrador de sociedade anônima’. Explora o que acredita ser uma descoberta (que as mesas giram e que os Espíritos a fazem girar), em benefício do que ele acredita ser a felicidade da Humanidade”. (Os parênteses são do Sr. Vartier.)

“Com um cinismo tão inconsciente que raiava pela candura, o reformador identificava o apostolado com uma operação publicitária.” O seu trabalho de divulgador nato, que consegue colocar ao nível de qualquer pessoa medianamente instruída as verdades mais elevadas, é tido por Jean

Vartier não como notável poder de síntese e espírito analítico, mas como sinal de “uma bela inconsciência”.

A atração que a nascente Doutrina exerce sobre os trabalhadores de condição social mais humilde é objeto de atenta especulação por parte do Sr. Vartier. Acha ele que tudo se resumia num processo de fuga, dado que ver as mesas girarem era diferente de vigiar engrenagens, motores e correias transportadoras ou aguentar as impertinências do contramestre.

Logo a seguir, informa que, no decorrer das sessões, Kardec deixava de ser o “grande mestre” — coisa que ele jamais pretendeu ser — “para tornar-se um espírita entre outros” em torno dos médiuns. Pura demagogia, pois. “Estou convencido de minha parte” — diz Vartier a seguir — “que existe uma conexão entre o êxito prodigioso do Espiritismo nas camadas populares, no final do Segundo Império, e a eclosão da sociedade industrial”. Acha ele que isso foi devido à urbanização, a uma certa liberdade de pensar e agir, ao anticlericalismo, que visava a uma igreja que nada tinha mais a oferecer. “Allan Kardec e suas mesas foram os beneficiários de tal situação: da desorientação espiritual dos proletários sem raízes...”

Quanto pouco caso pela inteligência e pela inata intuição dos estoicos trabalhadores anônimos! Vartier, porém, não identificou as razões profundas e verdadeiras do fenômeno que, aliás, tem raízes históricas inequívocas, pois aconteceu a mesma coisa com o advento do Cristianismo. É que o Espiritismo chegou no momento exato, com uma mensagem renovadora, quando mais evidente ia se tornando a falência das religiões estabelecidas. Os homens das classes mais sofisticadas sempre se entregaram ao falso brilho do materialismo *blasé*, propalado pelos pensadores e cientistas de todos os tempos, desde a Grécia... As camadas mais profundas do povo, porém, sem acesso fácil ao negativismo da moda, acolheram com entusiasmo uma Doutrina que, em linguagem simples e acessível, mas não vulgar, lhes falava de uma vida após a morte e de outras vidas antes da vida. E que falava de Deus sem tentar explicá-lo por meio de incompreensíveis ginásticas intelectuais. As razões que sempre levam o Espiritismo ao coração do povo são as mesmas que o tornam inaceitável aos orgulhosos, aos pretensivos, aos sabichões: é a sua simplicidade, é a sua exigência de

uma transformação moral e de uma reformulação de ideias e de atitudes. Não adianta nos plantarmos em nossa tola superioridade e esperarmos desafiadoramente que a Doutrina nos convença e nos tire da nossa ignorância. A palavra é essa mesma, porque a ignorância pode coexistir com a mais avançada cultura. Temos que nos aproximar da Doutrina desarmados de preconceitos, com humildade intelectual, dispostos a desaprender muito do que pensávamos que sabíamos para poder aprender aquilo que ignoramos. O homem de coração simples vai mais rápido porque a simplicidade da Doutrina ressoa logo no seu espírito. Aquele que está vazio de esperança e carregado de desencanto reencontra razão para continuar vivendo e até mesmo seguir sofrendo as suas dores. O intelectual não precisa, porém, renunciar à sua lógica, à sua inteligência e à sua cultura, mas certamente terá muito que reformular no seu acervo de conhecimentos, rever sua hierarquia de valores e trocar algumas posições.

Por tudo isso, o povo chega primeiro à Doutrina Espírita, como chegou primeiro ao Cristianismo. Basta lembrar a frustrada tentativa de Paulo em Atenas. Também na Roma orgulhosa aconteceu o mesmo. Enquanto os intelectuais ridicularizavam a doutrina de Jesus, os poderosos a perseguiram e os nobres a desprezavam, os escravos morriam por ela de sorriso nos lábios.

\*

Vejamos, para concluir, as palavras finais do Sr. Jean Vartier, no seu livro infeliz. Ignorando todo o trabalho de pesquisa realizado no século que passou, acha ele que o Espiritismo — e aqui inclui a Teosofia — está superado. A interpretação dos fenômenos “forjada” pelo Espiritismo “não atende nem à lógica, nem ao bom senso, muito menos ainda ao rigor científico”. O movimento das mesas — o Sr. Vartier ainda está pensando nas mesas girantes — é realmente uma “evidência física”, mas mesmo descontados as fraudes e os “movimentos inconscientes e ruídos musculares” — ele ainda acredita nisso —, não há sentido em continuar em torno das mesas girantes e “cultivar mais longamente a confusão de valores”.

Essa expressão é um achado! Parece que, para o Sr. Vartier, essa história de Espiritismo é muito incômoda, porque nos leva a uma

reformulação muito grande de ideias que nos são muito caras e que por certo alimentam nosso orgulho. O Espiritismo ensina que o homem não é o único ser inteligente no universo, nem mesmo *o mais* inteligente. Que somos totalmente responsáveis pelos nossos atos perante a Lei Divina. Que podemos, amanhã, renascer miseráveis, aleijados e infelizes, se isso for necessário ao nosso reajuste. Que a dor é instrumento de resgate, aperfeiçoamento e advertência. Que acima de nós há um Poder superior, ao qual devemos respeito e amor. Que o nosso próximo não é um inimigo que cumpre ignorar, desprezar ou eliminar, mas um companheiro na belíssima aventura da vida imortal, que devemos aprender a amar. Não há confusão de valores coisa alguma; o que há é que precisamos colocar nossos valores em nova sequência, com novos arranjos, sob nova hierarquia.

\*

Entende, ainda, Jean Vartier que nem tudo deve ser rejeitado na Doutrina coordenada por Kardec e — aí vai novamente a farpa — “notadamente entre os dogmas (!) de que ele se apropriou em outros”. Entre as coisas que *se salvam*, está o perispírito, “herdeiro do corpo astral, em razão mesma dos seus antecedentes ocultistas” (pág. 294). Cita, a propósito, o professor Jean Lhermitte, que, em 1956, no colóquio de Parapsicologia em Royaumont, “descreveu fenômenos de bilocação que afetam certos doentes. Tais doentes têm a consciência perfeita da separação entre perispírito e corpo físico”.

Nessa mesma oportunidade, um antropólogo chamado Pierre Barrucand declarou que o corpo astral conta com “certo número de argumentos a seu favor, *por mais incômodo que seja isso à nossa concepção do mundo*” (grifo meu).

Tudo isso parece muito certo ao Sr. Jean Vartier, porque assim o disseram os sábios em quem ele confia. O problema é que “a *divagação* espírita começa quando se faz desse elemento o invólucro dos desencarnados ou das almas dos vivos em plena vagabundagem durante o sono do corpo”.

Enfim, o perispírito pode existir, sim, senhor, pode separar-se em certas doenças, conta vários argumentos a seu favor, vai ao extremo de

invalidar “nossa concepção do mundo”, mas isso de envolver encarnados e desencarnados, essa não! O Sr. Vartier não quer!

Longe dele, porém, sustentar que a ciência de 1970 já tenha “dominado todos os fenômenos sobre os quais Allan enxertou suas fantasias pseudocientíficas”. Concede ele, generosamente, que ainda há alguma coisa a elucidar “no domínio, por exemplo, da atividade premonitória e das percepções a distância” (*sic*). O resto, para Vartier, está “elucidado”. Afinal de contas, diz ele pouco adiante (pág. 296), é preciso salvaguardar o meio ambiente. “Não somente na luta contra a poluição do ar e das águas, mas também pelo respeito a algumas regras elementares de defesa contra a poluição mental.”

Aí está, pois, a chave do livro do Sr. Jean Vartier. Na sua opinião, o Espiritismo não tem feito outra coisa senão espalhar poluição mental, e o Sr. Vartier elegeu a si mesmo inflexível defensor do meio ambiente.

Orai por ele. Não no tom irônico da sua litania anti-Kardek, mas a sério, pedindo a Deus que, quando chegar a hora da reconstrução, possa ele dispor da mesma energia, da mesma coragem e do mesmo ardor de que agora se utiliza na ingênua e melancólica tentativa de demolir o que não entendeu.

[1] Na verdade, a expressão do original é “là bas”, lá embaixo.

[2] Não são milhares: são milhões...

## Cinco perguntas dum cristão inteligente

“Há aqueles que se bastam com o grão de mostarda e aqueles que necessitam do Cosmos. Há aqueles que creem sem saber e aqueles que sentem a necessidade de saber para poder crer.”

*Bezerra de Menezes*

Variam ao infinito as necessidades intelectuais e, portanto, espirituais das criaturas. Para uns, a especulação filosófica constitui uma das principais atividades do espírito, enquanto outros não dedicam aos aspectos mais transcendentais da vida senão alguns momentos ocasionais, assim mesmo quando diante de situações que os levam irremediavelmente a pensar. A meio caminho entre esses dois extremos, encontram-se muitos de nós, para os quais viver somente não basta. São aqueles que, embora dedicados às tarefas humanas, às atividades profissionais, ao ganha-pão, reservam sempre algum tempo vago para a meditação, por meio da qual buscam encontrar um sentido para a existência. É claro que mesmo nessa faixa intermediária, que imagino bem numerosa, há também gradações e subdivisões. O homem é um ser especulativo por excelência. Gosta de saber a razão das coisas, procura conhecer suas origens e sua destinação. A tais investigações é que dedicamos maior ou menor faixa de tempo, conforme nosso interesse pessoal. Há os que se contentam com pouco e, quando participam de um credo religioso, dão-se por satisfeitos com a observância mais ou menos fiel dos preceitos vigentes, e não vão além disso. No caso de se filiarem a uma das religiões ou seitas dogmáticas que ostentam ainda o rótulo de cristãs, limitam-se à prática das obrigações, encantam-se com o

ritual, admiram a liturgia e se alimentam espiritualmente na moral sempre boa quando honestamente apoiada no Evangelho de Jesus. E daí não passam, por não sentirem necessidade de mais profundas especulações. Encontram-se nessa posição cômoda e tranquila, mas por certo algo insatisfatória, muitas criaturas de real valor intelectual e até mesmo verdadeiros expoentes na atividade humana diária ou na esfera profissional. Parece que encaram a prática religiosa como uma parada destinada ao descanso espiritual e que, por isso mesmo, não solicita nem exige do fiel nada além de sua presença. Alguns se integram no movimento religioso com mais entusiasmo, desempenhando tarefas de relevo junto às organizações religiosas a que se ligam, com o que se sentem realizados.

Tudo isso está muito certo e é posto aqui não com o objetivo de censurar ou criticar tais criaturas. Se o leitor permite um depoimento pessoal, digo-lhe que tenho alguns amigos assim, cuja inteligência muito respeito e cuja integridade de caráter os anos de convivência nada mais fizeram senão confirmar. Ao lado disso, são todos servidos por uma boa, mesmo excelente cultura geral e até filosófica, em alguns casos. Por muito tempo, aquilo que me parecia uma incongruência, me impressionou bastante. Hoje entendo perfeitamente tais pessoas que deslizam à superfície de suas religiões em tranquilos barquinhos à vela, com água mansa em dia azul. Jamais sentir-se-iam tentados a um mergulho mais fundo nas realidades ocultas do oceano. Não é por medo de encontrarem monstros e serem devorados por eles; é por simples desinteresse. O que possuem lhes basta, o que é ótimo.

Muitas vezes, no entanto, desejamos conhecer, na sua intimidade mais profunda, o pensamento de pessoas cultas e inteligentes que pratiquem com sinceridade uma dessas religiões, mas que tenham dado um ou outro mergulho para ver as coisas lá no fundo.

Isso se tornou especialmente desejável nos últimos tempos em que os dogmas e os artifícios intelectuais para justificá-los recebem o exame mais rigoroso e mais lúcido daqueles que acumularam conhecimento científico moderno. Em outras palavras: será ainda possível aceitar *integralmente* uma religião ortodoxa sem choques e recuos intelectuais, no contexto da sociedade atual? Não seria necessário passar por cima de algumas

realidades evidentes, fechar os olhos a certas demonstrações, ignorar uma porção de conquistas consolidadas no acervo cultural da Humanidade? Enfim, é possível conciliar as estruturas do pensamento católico ou protestante com as do pensamento moderno?

Outro dia descobri um livrinho desprezioso que me respondeu a essas perguntas em troca de cinco outras que o autor formula, já no próprio título da obra. O livro chama-se *Five Questions in Search of an Answer* (*Cinco interrogações à procura de respostas*). É de autoria de um eminente psiquiatra inglês, Dr. David Stafford-Clark, que, além de seu surpreendente interesse pelos problemas teológicos, é também notável poeta, conforme o demonstra, sem sombra de dúvida, no contexto do seu notável livrinho. A obra saiu pela primeira vez em 1970, mas a edição que serve de base a este trabalho é a da Collins Clear-Type Press, de Londres, 1972.

O Dr. Stafford-Clark é chefe do Departamento de Medicina Psicológica e diretor da Clínica York, de Londres. É professor universitário e conferencista mundialmente conhecido. Autor de várias obras no campo da sua especialidade — Psiquiatria — e de muitos outros livros e ensaios, produziu também mais de uma centena de programas para a rede de televisão da BBC, sendo ainda coautor e produtor de documentários filmados que mereceram prêmios importantes. O livro que ora temos sob exame nasceu de uma série de conferências que foi convidado a proferir na Universidade de Lancaster, em abril de 1970. A obra não é, porém, uma simples transcrição das conferências, pois foi escrita antes das referidas palestras e, como diz o autor, “deliberadamente independente” delas. Na verdade, o livro, a que ele chama de seu “primeiro ensaio de heresia sincera”, começou a ser escrito durante a convalescença de um grave acidente de automóvel sofrido na Itália, em consequência do qual quase morreu. Diz ele, ainda na introdução, que as ideias ali expressas “levaram metade de sua vida para se acumularem”. São, portanto, a resultante de longa, meditada e sofrida sedimentação de um homem habituado à especulação intelectual e constantemente envolvido em problemas humanos de indiscutível gravidade e transcendência, como o são as doenças mentais.

O Dr. Stafford-Clark escreve que é uma beleza; é escritor nato, com o senso poético das coisas, a “bossa” para a expressão nítida e precisa do

pensamento. É realmente um prazer ler o seu escrito, que é pena ser tão pequeno.

Antes de entrarmos no estudo do livro e das ideias que encerra, é preciso lembrar que o autor se mantém dentro do quadro das religiões cristãs estabelecidas. Não está ele muito preocupado com o definir sua posição religiosa; prefere colocar-se como cristão, o que, para os objetivos da sua especulação, é perfeitamente válido, dado que, nos pontos que aborda, Catolicismo e Protestantismo não diferem substancialmente. É evidente, porém, que o ilustre psiquiatra está muito bem informado acerca de ambas as teologias; tanto que, ao dar notícia de seu livro, o crítico do *Times Educational Supplement* (*Suplemento Educacional do Times*) escreve que “é importante e interessante encontrar um eminente psiquiatra nas fileiras dos *teólogos leigos...*” (grifo meu).

\*

O Dr. David Stafford-Clark tem, pois, cinco perguntas para as quais não encontra respostas satisfatórias. A primeira é a própria essência do problema do mal. Por isso, deu ao capítulo o título de “O que aconteceu com o Amor de Deus?”. Se Deus é amor, acha ele, por que tanto mal por toda parte?

Confessa o autor que mesmo na religião com a qual se encontra mais familiarizado — o Cristianismo — nunca foi muito ortodoxo e que agora é “quase certamente herético”. “Além disso”, prossegue ele, “a Teologia moderna me alarma tanto quanto a Teologia medieval me horrorizou e desagradou.”

Ele tem razão. O leitor já tentou ler alguma coisa da Teologia moderna? É quase que pura ginástica mental, que dificilmente poderemos acompanhar sem imitar os saltos mortais que os autores dão para justificar as suas próprias dificuldades. “Os teólogos modernos” — diz ele adiante — “me parecem, por mais brilhantes que sejam, cegos tropeçando no interior de um edifício incrivelmente adornado, belo, mas desolado...” Incapazes de entender o que tocam, “propõem teorias ostensivamente científicas e iluminativas, mas realmente incompreensíveis e frequentemente contraditórias no final”.

E logo, já à página 8, ataca o seu problema, que é o da coexistência do amor divino com o mal. Por que criou Deus o vírus da paralisia infantil, o parasita da malária, o espiroqueta da sífilis, as bactérias da tuberculose e do tifo e de tantas outras doenças? Por que criou o mecanismo de destruição da vida pela própria vida, segundo o qual os animais se entredevoram numa guerra pela sobrevivência física do mais forte? Por outro lado, quando o homem interfere com esse mecanismo, que tem seu próprio sistema de autorregulação, o desastre é inevitável, como sabem muito bem todos os ecologistas modernos. A interferência do homem, no dizer do Dr. Stafford-Clark, equivale a serrar o galho sobre o qual ele próprio está sentado. Sempre que o homem procura *melhorar* a obra de Deus, tudo se confunde e se complica, com o rompimento do equilíbrio. Por exemplo, se num passe de mágica acabarmos com insetos e pássaros, entra em colapso a fecundação de muitas plantas cujo pólen é transmitido de uma para outra por esses alados trabalhadores da Natureza. O DDT, que parecia uma bênção, uma descoberta sensacional para acabar com as chamadas pragas da Natureza, não apenas contribui para o desequilíbrio como se infiltra nos vegetais que vão servir à alimentação do ser humano, a quem passa a prejudicar.

O problema é que, como criaturas imperfeitas, vivemos num mundo também imperfeito, em que a nossa imperfeição recebe a cada passo o confronto de uma realidade difícil que nos cabe superar, não pela força, mas pela compreensão, pela pesquisa inteligente, pelo devotamento que ainda não temos condições de exercer em escala suficiente e com verdadeiro espírito de desprendimento fraternal. O Dr. Stafford-Clark cita, por exemplo, o caso do bacilo da tuberculose, hoje totalmente sob controle porque, se existe o bacilo, há também à disposição do homem os recursos necessários ao seu extermínio.

Quanto ao fato de os animais disputarem entre si os recursos para sobrevivência física, trata-se, em primeiro lugar, de uma prática exercida por formas inferiores de vida que tendem a evoluir. O próprio homem chegará ao ponto de não depender mais da destruição da vida animal para sua sobrevivência física. Na realidade, já pode fazê-lo, se racionalizar sua alimentação. Milhões de seres humanos alimentam-se, exclusivamente, de produtos vegetais e vivem longa existência. O mesmo se dá com alguns

animais, especialmente os de grande porte, que são totalmente vegetarianos. Eventualmente chegaremos a um equilíbrio em outro nível, no qual não haverá matanças coletivas. É preciso lembrar, porém, que a extinção da vida física não é uma tragédia que se possa imputar a Deus, mas um processo pelo qual a própria vida se renova. Como poderia funcionar a lei da reprodução se não houvesse paralelamente a da destruição da contraparte física do ser? Em poucos instantes — em termos cósmicos — o mundo se cobriria de seres vivos a se atropelarem mutuamente.

Segundo nos ensina a Doutrina Espírita, a Terra é um mundo de expiações, espécie de penitenciária onde sofrem e lutam, contra suas hostilidades e adversidades, Espíritos que faliram em mundos mais perfeitos ou que para aqui foram trazidos como promoção, de outros planetas ainda mais agrestes. A Humanidade que vive aqui, neste subúrbio do Universo, é apenas uma fração insignificante da infinidade de seres que o povoam. Não se julga toda uma cidade imensa pelos seus bairros mais miseráveis. Para Espíritos em regime de purificação, como nós, tornam-se necessários os contrastes. É a sombra que destaca a luz, é a dor que faz maior a alegria, é a doença que nos leva a valorizar a saúde. Quando tais lições estiverem aprendidas, passaremos adiante, onde o ser não precisará mais do atrito da dor para aspirar à paz.

Enquanto isso, Dr. Stafford-Clark, ficaremos por aqui mesmo, sofrendo as durezas de um mundo de expiação. Que outro remédio haveria para nós senão esse, amargo e desagradável, mas necessário?

\*

A segunda pergunta do psiquiatra-escritor parte de uma necessidade humana que ele mesmo reconhece inegável: o homem precisa crer. A vida tem de ter um sentido. Sem isso, o homem não poderia aceitá-la. A um estudo mais profundo, os processos biológicos e fisiológicos revelam-se “intensamente dirigidos”, diz o doutor. Só a vida não teria sentido?

Então, vem a pergunta: *Acreditar como e em quê?*

Aqui o autor cita C. G. Jung, segundo o qual os antigos missionários “estavam certos de servir a um novo Deus combatendo os antigos, enquanto

os modernos iconoclastas não têm consciência do deus em nome de quem estão destruindo os antigos valores...”.

E isso também é verdade, porque é muito fácil concluir por um materialismo vazio e que parece evidente por si mesmo, somente porque as questões de ordem transcendental não podem ser traduzidas em termos concretos, representadas por objetos que possamos tocar, ouvir, cheirar, ver ou provar.

Na opinião do Dr. Stafford-Clark, Deus se apresenta aos homens como um conceito religioso ou por meio de uma experiência mística direta. No entanto, os cristãos, à falta de um ou de outra, procuram substituir a ideia de Deus pelos seus credos, o que é impraticável. “Se Deus existe” — escreve o psiquiatra — “não pode haver nada que o substitua. Se Ele não existe, a própria vida não tem sentido final.” Como o sentido da vida está implícito no plano geral do Universo, é, pois, lógico que Deus existe. Como disse Voltaire — e o Dr. Stafford-Clark o cita nesse pensamento — se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo. Creio que podemos concordar com o autor em que nada pode substituir Deus, mas tenho minhas dúvidas quanto à formação de um conceito sobre Deus. Nossa condição de seres em estado primário de evolução não nos dá capacidade suficiente para formular tal conceito. A própria semântica o indica. A palavra *conceito* está relacionada com a palavra *conceber* (compreender, explicar, interpretar) e como podemos nós, nas evidentes limitações da nossa mente e do nosso conhecimento, conceber a realidade divina? Não se trata, aqui, de nenhuma falsa humildade — é um fato diante do qual nos curvamos porque marca os limites das nossas possibilidades.

Quanto à experiência mística direta, sou daqueles que a admitem. Basta ler a história dos grandes místicos do passado. Mas aí não se trata de uma *compreensão* de Deus ou de sua *definição* — é antes uma experiência indefinível, inexplicável, indescritível que invade o espírito como um jato de luz intensa e remove para sempre as sombras da dúvida, da inquietação. O espírito parece sentir a presença de Deus em si de maneira inequívoca. Mas como descrevê-lo, como concebê-lo ou defini-lo? A verdade é que temos sempre Deus em nós e ninguém melhor do que Paulo explicou o fenômeno: vivemos e nos movemos em Deus, disse ele. Mas chega um dia

em que descobrimos que isso não é apenas uma figura de retórica ou uma frase poética — é uma realidade extremamente pessoal, autêntica, insubstituível e intransmissível. A Doutrina Espírita nos informa que lá chegaremos um dia, ainda que nossos caminhos sejam tão diversos, uns longos, outros mais curtos. Às vezes, penso que era isso que o Cristo queria dizer quando dizia que nos bastava uma partícula de fé não maior que uma semente de mostarda para que pudéssemos até deslocar montanhas. Alcançado esse ponto, a fé não é mais uma simples palavra, e sim uma realidade, uma vivência, como hoje se diz, porque, estando Deus em nós e nós nele, tudo nos é possível.

A despeito, porém, das suas inquietações, com relação aos aspectos dogmáticos do Cristianismo estabelecido, o Dr. Stafford-Clark é seguramente um admirador da moral evangélica. Mais do que isso — acha ele que a contribuição do Cristianismo aos problemas suscitados no tratamento psiquiátrico é *fundamental* (palavra sua). Ampliando ainda mais essa ideia, entende mesmo que — e aqui tenho que transcrever um parágrafo maior:

Mais importante que tudo isso, o Cristianismo tem condições de suprir o objetivo final, a esperança final e o mais completo conjunto de valores para a sociedade como um todo; é a resposta à necessidade humana de crer, o que tanto explica como justifica essa necessidade e, para a Medicina e a Psiquiatria, particularmente, nos seus aspectos éticos, os princípios cristãos *permanecem indispensáveis*”. (Grifo meu.)

Na página seguinte, depois de algumas considerações acerca da Psicanálise, torna-se ainda mais enfático e específico ao declarar:

Na verdade, como já vimos, na maioria dos problemas pessoais básicos, revelados no decorrer do procedimento psicanalítico, a ética cristã tem uma contribuição muito mais positiva a oferecer do que poderia ser oferecida pela algo árida formulação de Freud. A importância do amor desinteressado em qualquer forma de psicoterapia é profunda e frequentemente incalculável.

São palavras notáveis para um homem de sua formação. Daí, talvez, a sua perplexidade em não conseguir entender como essa moral superior, que interessa fundamente a toda a Humanidade, esteja contida num corpo doutrinário-teológico, onde tantas incongruências inaceitáveis são encontradas. É uma pena que o Dr. Stafford-Clark não tenha tido sua atenção solicitada para os princípios fundamentais da Doutrina Espírita que, preservando a moral do Cristo, que ele considera, com justa razão, tão importante para todos nós, eliminou radicalmente os dogmas inaceitáveis e, ainda mais, introduziu no pensamento moderno o conceito da reencarnação.

Digo que é uma pena porque ele tem a intuição perfeita das falhas que infestam a Teologia dita cristã, mas não vê como sair dos seus quadros. Por exemplo: a certa altura — e ainda estamos na sua segunda pergunta —, ele diz que o médico se enleva na contemplação dessa notável máquina que é o corpo humano. Não obstante, imagina a seguinte pergunta, seguida de sua resposta:

P. O idiota, o mongoloide ou o monstro hidrocefalo são criados à imagem de Deus?

R. Presumivelmente, sim; a imagem de Deus aprisionada na imperfeição, mas de modo algum uma carne necessariamente, individualmente culpada.

A confusão aqui é grande, porque o doutor parte do conceito teológico de que somos criados à imagem e semelhança de Deus, do que se infere que Deus seria uma figura humana de grande porte e de maior sabedoria. Na realidade, a Doutrina Espírita nos explica que Deus nos criou simples e ignorantes, não, portanto, à sua *imagem*, a ponto de modelar a figura humana com formas divinas, pois Deus não está contido na forma. E aqui está outra hipótese inaceitável — a de Deus *aprisionado na imperfeição*. Se o menor não pode conter o maior, como vai o finito conter o infinito? Por outro lado, não sei bem o que o Dr. Stafford-Clark quer dizer com a expressão “uma carne culpada”. O que sabemos, do ensino dos Espíritos, é que realmente a carne não tem culpa alguma, porque é um simples instrumento de atuação espiritual, mas é na carne que se refletem, de maneira objetiva e sensível, as culpas pregressas do espírito. Sem a reencarnação, como entender o fenômeno da idiotia, do mongolismo e de

tantas deformações lamentáveis? O espírito que muito errou em existências anteriores condena-se ao nascimento em corpo deformado e deficiente. É da Lei Divina a reparação que deve a si mesmo e àqueles a quem feriu, porque as nossas faltas, especialmente as mais graves, quase sempre atingem alguém mais além de a nós próprios. Ao reencarnar-se, o espírito que muito errou transfere ao corpo físico as perturbações que não conseguiu eliminar da sua mente culpada.

Sem as luzes desses princípios, torna-se difícil entender *como* e *em que* acreditar.

\*

A terceira e a quinta perguntas do Dr. Stafford-Clark estão intimamente relacionadas e serão aqui tratadas conjuntamente. A terceira, ele formulou da seguinte maneira: “Quem é Jesus Cristo e por quê?”; e a quinta: “Quem deve ser condenado, se o próprio Juiz foi posto no banco dos réus”[1]. Em ambas as perguntas, o autor parte de uma premissa que não pode levá-lo a uma conclusão satisfatória: a da divindade de Jesus. A vida e a pregação do Cristo ficam com um sentido inteiramente alterado se o considerarmos como Deus. A sua mensagem de incomparável beleza é a de um espírito que alcançou a suprema perfeição, integrou-se no pensamento de Deus e nos veio trazer pessoalmente os seus ensinamentos. Para isso, suportou a fúria de uma tenaz oposição e a dor da tremenda incompreensão humana, mas Ele sabia que a sua mensagem ficaria de pé até que os homens, pelos processos da evolução natural, chegassem ao ponto de começar a entendê-la. Daí em diante, seria mais fácil passarem a vivê-la.

Não veio para fazer milagres e mostrar como era poderoso. Por isso, talvez, o Dr. Stafford-Clark questiona alguns dos seus métodos ao perguntar por que não curava Ele a todos os doentes que encontrava, mas somente a alguns. Mais uma vez, a resposta exige conhecimentos que não podem ser encontrados dentro das rígidas fórmulas do Cristianismo dogmático. De fato, o objetivo de sua vinda até nós não foi curar enfermos — curava-os ocasionalmente, mas sempre advertindo de que não era um fazedor de milagres; o que interessava aos homens era o conteúdo da sua doutrina e não a cura de um leproso ou de um cego. Acresce, ainda, que aqui também precisamos colocar o problema no contexto das vidas sucessivas. A

libertação indiscriminada do Espírito encarnado das suas mazelas físicas viria interferir com o mecanismo das leis de reajuste e, por conseguinte, da evolução espiritual. Não devemos esquecer que, usualmente, o Cristo ligava o problema da dor — deformações físicas e doenças congênitas ou mentais — ao problema do pecado ou da fé. Na cura do paralítico (*Lucas*, 5:20), Ele diz claramente: “Homem, *teus pecados* estão perdoados”. Em outros casos, como por exemplo, a cura da mulher que sofria de hemorragia, e que apenas tocou o seu manto, Jesus declarou: “Filha, *tua fé* te curou; vai em paz”. A mesma coisa diz ao ex-leproso, que fazia parte dos dez curados e que, só ele, voltou para agradecer: “Levanta-te e vai-te; *tua fé* te salvou”.

As Leis Divinas são imensamente sábias e justas. Ao dizer ao paralítico que os seus pecados estavam perdoados, Jesus lhe anunciava que havia chegado ao término da provação que lhe viera como consequência dos seus erros anteriores. Parece ser esse mesmo o sentido das advertências sobre a fé. Ao perceber a sinceridade da fé, que afinal despertara naqueles corações infelizes, Jesus sentia-se autorizado a libertá-los da dor, dado que a razão do sofrimento é justamente despertar em nós o impulso evolutivo. É fácil entender, assim, por que Jesus não curava a todos quantos encontrava.

Partindo, contudo, do ponto de vista de que Jesus é Deus, o Dr. Stafford-Clark acha que, depois de sua passagem pelo mundo, a lepra e a crueldade deveriam ter desaparecido e, no entanto, o mal sobreviveu ao Cristo, permaneceu e até agravou-se com a passagem do tempo. É preciso saber, porém, que, em primeiro lugar, Jesus não é Deus e que, em segundo, não foi esse o objetivo de sua missão — acabar com a dor e a maldade num passe de mágica; sua tarefa foi a de trazer-nos a mensagem do amor e mostrar-nos, com a sua pregação e o seu exemplo, que o amor é a resposta a todas as nossas especulações e mazelas. Mais ainda: que o amor, atuando em nós, nos levará eventualmente à eliminação do mal da face da Terra, mas não à eliminação do processo natural da morte física, porque esta é a porta pela qual se renova a própria vida. A exagerada importância que a dogmática empresta à morte decorre da errônea concepção de que se trata de um fenômeno finalista, definitivo, irrecorrível, que acarreta para a alma um julgamento e uma destinação também irrecorríveis — Céu ou inferno, com passagens ocasionais pelo purgatório (no caso dos católicos). A doença é um dos recursos naturais para processar a renovação da vida por meio da

morte do corpo físico e não um castigo que põe em dúvida a natureza amorosa de Deus.

Finalmente, não pode o Dr. Stafford-Clark aceitar a ideia do julgamento e da punição dos pecados humanos, quando, segundo a Teologia cristã, o próprio Deus, vindo à Terra, aqui foi julgado e condenado. Daí a sua pergunta-título: “Quem deverá ser condenado, se o próprio Juiz foi posto no banco dos réus?”. Então, somos todos culpados, tanto nós como o próprio Deus... Como a premissa é falsa, a consequência também o é. Quem disse que Jesus é Deus? Ele não disse; pelo contrário, insiste em declarar-se emissário do Pai. Às vezes, diz que transmite o pensamento “daquele que me enviou”. Sua individualidade é, pois, distinta e submetida ao Poder supremo, porque o Pai o enviou e Ele obedeceu.

No final das contas, porém, o autor faz sua declaração de fé “na esperança do amor, a única esperança, o único alicerce da fé. Para mim” — diz ele ao final da sua 5ª pergunta —, “a esperança do amor é melhor do que a certeza da justiça”.

Muito bem formulado e muito bem expresso o seu pensamento, mas a Doutrina Espírita, que deu um passo à frente, tem mais a dizer do que a simples promessa do amor universal. Sabemos hoje, no contexto do Espiritismo, que o reinado do amor é mais do que uma esperança, por mais bela que seja; é uma fatalidade histórica da evolução, que vai emergindo lentamente, à medida que o Espírito se desembaraça das suas imperfeições. A questão é que a ausência de uma convicção inabalável — não apenas uma fé, ou uma esperança — na sobrevivência e na preexistência do Espírito torna impossível o entendimento ou a aceitação de certos aspectos da tragédia humana. O Dr. Stafford-Clark relata várias situações dessas, mas podemos tomar uma para ilustrar esse ponto. Teve ele um paciente atacado de demência pré-senil, doença rara que acarreta a morte gradual das células cerebrais. Com as células, começam a desaparecer a memória, a capacidade de julgamento, a atenção, a concentração, enfim, a personalidade da criatura, tal como a conhecemos. Nesse caso, o doente era um contador com pouco mais de quarenta anos e que viveu os últimos dezoito meses de sua existência internado numa casa de saúde como um vegetal. De nada se lembrava mais, a ninguém conhecia, nem mesmo a esposa, nada esperava

do futuro. Esse caso dramático, que o médico jamais esqueceu, levou-o novamente às suas dúvidas. “Se é que acreditamos que o Espírito sobrevive à morte, então temos de acreditar que ele também sobrevive à degeneração do cérebro qual ocorre na demência pré-senil... Mas é extremamente difícil aceitar a evidência que se nos apresenta, diante de um corpo que ainda vive, mas no qual o Espírito não pode, aparentemente, encontrar nenhum meio de se comunicar ou assinalar a sua presença.”

Vê o leitor que estamos novamente na dependência exclusiva da fé, se é que desejamos ficar contidos dentro do quadro da dogmática. “Se é que *acreditamos* que o espírito sobrevive”, diz ele. O Espiritismo experimental de há muito resolveu essa questão, pois é do exemplo de todos os dias a nossa conversa com Espíritos desencarnados que passaram por aflições semelhantes a essa. É claro que ele sobrevive à morte do corpo físico, como também é claro que ele está presente no corpo do contador, ainda que o cérebro se deteriore. Na verdade, sua personalidade não se dissolve à medida que o cérebro físico vai deixando de funcionar; o que acontece é que o Espírito presente no corpo, ainda ligado a ele, não pode mais utilizar-se do instrumental físico para a sua exteriorização, porque o cérebro não oferece mais as condições mínimas para isso; funcionam apenas os automatismos biológicos, colocados fora do controle consciente. Uma vez desligado definitivamente do corpo, com a morte física, o Espírito se recupera e pode manifestar-se com toda lucidez por intermédio de um bom médium. Isso poderá levar algum tempo, evidentemente, até que, já no mundo espiritual e, de acordo com seus compromissos e seu estado evolutivo, ele possa retomar o controle de suas faculdades.

E, mais uma vez, o doutor acha difícil conciliar esse drama com a ideia de um Deus de amor. Senhor! Pois é justamente o amor divino que criou para nós a condição do resgate! É evidente que o caminho do resgate passa pelas regiões da dor, mas não causamos nós a dor nos outros quando cometemos a falta? Como é que vamos aprender a amar ao próximo *como a nós mesmos* se não estiver bem presente em nosso espírito a compaixão pelo sofrimento dos outros? E como vamos entender a dor que causamos em alguém se não a experimentarmos, nós mesmos, “na nossa própria carne?” Assim, o que parece ao eminente psiquiatra uma incompreensível crueldade de Deus é, na realidade, manifestação de seu infinito amor. Seria,

sim, uma crueldade incompatível com a grandeza de Deus se, por um crime cometido, fôssemos atirados sem mais recursos a uma eternidade de sofrimentos, como quer a doutrina dogmática. Isso é tão absurdo à mentalidade moderna que os cristãos mais esclarecidos ficam imaginando artifícios para explicar o inexplicável. Um católico citado pelo Dr. Stafford-Clark diz que é obrigado a crer no inferno porque assim o exige a dogmática da sua igreja, mas acrescenta que não está obrigado a acreditar que “Nosso Senhor tenha alguma vez enviado alguém ou pretenda enviar alguém para a prisão perpétua”.

Por tudo isso, a missão do Cristo não faz sentido para o cristão inteligente que pensa. E assim, o Dr. Stafford-Clark pergunta a certo ponto: “Se Jesus pagou esse preço, quem devia a conta? E quem a apresentou?”. E prossegue: “Que tem a nossa religião a dizer quanto ao atual estado das coisas no mundo?”. Coletivamente não podemos escapar à sensação de que deve existir uma resposta, mas talvez a resposta seja incompreensível, a não ser que conservemos em mente a advertência do físico Schrodinger, segundo a qual “a condição essencial para entendermos o mundo é sermos capazes de *concebê-lo sem nós*”.

Entenderam? Se para compreender o mundo precisamos imaginá-lo sem nós, então jamais chegaremos a qualquer conclusão, porque no meu modesto entender são a participação, a vivência, a experiência que podem tornar as coisas inteligíveis para nós.

Mas ainda não comentamos a quarta pergunta do brilhante Dr. Stafford-Clark. Ela procede de *Os Possessos*, de Dostoïevski, e veio parar no livro do Dr. Clark por meio de uma citação do livro *The Cult of Power* (*O culto do poder*) de Rex Warner. O romancista russo descreve uma reunião secreta realizada por um grupo de intelectuais revolucionários, num porão em S. Petersburgo. O objetivo é uma pregação de ateísmo e, lá pelas tantas, levanta-se um militar da velha guarda e faz uma pergunta genial:

— Se Deus não existe, como é que eu posso ser capitão?

Alguns jovens riem do capitão, mas alguém o defende, dizendo que ele acaba de expressar uma ideia perfeitamente válida.

É claro que a ordem universal e o exato funcionamento das leis cósmicas e naturais pressupõem uma inteligência diretora. A ordem humana, sem a qual a sociedade não poderia existir como a conhecemos, não passa de uma pobre imitação da maravilhosa ordem universal, em que tudo acontece com precisão assombrosa. É por isso que o capitão tinha razão: ele era capitão e obedecia aos de cima e era obedecido pelos de baixo, estando, portanto, colocado num grupo ordenado, hierarquizado, disciplinado. Como é que o Universo, mecanismo de significado e importância transcendentais, poderia estar à matroca, sem ordem, sem disciplina, sem comando? Daí a sua pergunta, que atrapalhou toda a pregação ateísta dos intelectuais revolucionários.

\*

Vamos por aqui colocar um ponto final nestes comentários sobre o notável livro do Dr. David Stafford-Clark. Esperemos que muitos dos fiéis ligados às religiões estabelecidas tenham tido a oportunidade de tomar conhecimento das suas ideias e meditar a sério no beco sem saída que representa a Teologia dogmática, dentro da qual não fazem sentido as especulações que figuram de maneira tão feliz no título da famosa obra de Léon Denis: *O problema do ser, do destino e da dor*.

Que beleza a Doutrina Espírita, que vai aos mais elevados estágios do pensamento humano e penetra nas maiores profundidades do ser (e o explica), sem necessidade de nenhuma dessas ginásticas mentais incompreensíveis. O mundo se entende quando descobrimos que é a escola onde o Espírito aprende as suas lições ao palmilhar o longuíssimo caminho que o leva à perfeição. Que o homem é, na essência, um Espírito imortal, cuja experiência e sabedoria se acumulam ao cabo de um rosário imenso de vidas, desde que começam a raiar nele os primeiros clarões da consciência até que alcance os mais elevados graus de conhecimento e moral. A vida tem, pois, um sentido; Deus existe, Deus criou e sustenta o Universo por meio de suas leis simples, sábias e perfeitas. Sempre que desperta em nós a tola pretensão de entendê-lo e defini-lo e penetrar os seus objetivos e os seus porquês, tropeçamos nas nossas óbvias limitações e caímos na escuridão da nossa vaidosa ignorância. Deus existe porque o amor existe e para Ele tendem todas as manifestações da vida.

[1] Pergunta formulada pelo Cap. Ahab de *Moby Dick*, de Melville.

## Entre a revolta e a dor

Não era permitida a presença de mulheres ali porque elas profanavam o sagrado recinto da sinagoga, mas Hannah subira pela escadaria e lá estava, atrás de uma cortina, ao lado de uma jovem senhora que ela conhecia apenas de nome. A moça era linda, de olhos azuis como o céu. Seus cabelos eram quase brancos, como se sobre o dourado claro flutuassem reflexos de prata. Hannah afastou a cortina para que ambas pudessem ver melhor. Lá embaixo, um jovem lia, de pé, um texto sagrado. Teria uns cinco anos mais que Miriam, a filha de Hannah. Como era bela a voz dele, pensou Hannah, e, voltando-se para a sua companheira, traduziu seu pensamento em palavras:

— Que bonita voz tem ele.

— É meu filho — disse a outra.

Hannah olhou-a. Era também uma nazarena e parecia tão jovem para ser mãe de um homem no vigor da sua força, aos vinte anos. E, por algum tempo, ali ficaram lado a lado, em silêncio, atrás da cortina, Hannah, de Magdala, e Miriam, enquanto do recinto sagrado subia a bela voz de Jesus.

\*

A cena é da mais tocante poesia e está descrita, não exatamente com essas palavras, no livro *The Search for a Soul — Taylor Caldwell's Psychic Lives* (*À procura de uma alma — As vidas psíquicas de Taylor Caldwell*), do escritor americano Jess Stearn (edição da Doubleday, Nova Iorque, 1973).

O livro reúne os ingredientes de êxito. Jess Stearn é autor experimentado, com excelente formação jornalística e há muito se interessa

pelo tema fascinante da pesquisa psíquica, sobre o qual já escreveu várias obras de enorme sucesso, entre as quais *Edgar Cayce — o profeta adormecido*, que por longo tempo encabeçou a lista dos *best-sellers* americanos. Seu novo livro não destoa dos anteriores. É uma narrativa de quem conhece bem a arte de comunicar-se com elegância e precisão.

Taylor Caldwell é romancista mundialmente famosa, autora de uma série respeitável de livros, alguns dos quais traduzidos em português, outros que serviram de tema para filmes. Destacamos, apenas como lembrete, o notável *Dear and Glorious Physician*, biografia romanceada de Lucas, o evangelista e médico, e *The Great Lion of God (O grande leão de Deus)*, o romance do apóstolo Paulo de Tarso.

O assunto do livro de Stearn é a reencarnação, pesquisada pela regressão de memória. Taylor Caldwell, aliás, Janet Taylor Caldwell, nasceu na Inglaterra, em 1900, mas vive há muitos anos nos Estados Unidos, onde se realizou como grande romancista. Aos setenta anos, cansada de uma existência que já se alonga, a seu ver, mais do que deveria, até o êxito profissional lhe pesa, depois que Marcus Reback, seu marido e companheiro de quarenta anos, partiu para a outra vida, em 1970. Reencarnação? Deus me livre! Para a Sra. Caldwell uma vida já é demais. “Se não fosse católica” — disse ela a Stearn —, “com uma leve suspeita de que alguma coisa talvez exista depois da morte, eu me mataria. Não tenho nada que me prenda à vida. Quando meu marido morreu, todo o sol retirou-se de minha vida.”

Pouco antes, referindo-se à sua pressão arterial “tremendamente alta”, dissera que tudo quanto esperava era um enfarte para morrer logo.

A doutrina da reencarnação, para ela, é deprimente, “pois estremeço à simples ideia de nascer novamente neste mundo. A vida, para mim, praticamente desde a infância, foi uma coisa monstruosa, penosa, angustiante, e a ideia de repetir tal existência — mesmo sob melhores condições — me horroriza. Acho que preferiria o esquecimento total. Pelo menos no esquecimento, como no sono, você está livre do revoltante mecanismo da existência e de se tornar uma presa ultrajante do destino. Além do mais”, diz ela, “essa gente que mergulha no passado sempre surge com encarnações glamourosas, nas quais foram princesas ou rainhas ou

alguém de grande porte histórico. Nunca se encontra um lixeiro, um engraxate...”

Como se enganava a ilustre romancista nas suas observações! Primeiro, que o processo das vidas sucessivas não precisa da nossa opinião para existir e funcionar. Se a vida é penosa e difícil, a culpa é nossa mesmo. Nós próprios criamos, no passado, com o nosso livre-arbítrio, o determinismo da dor presente. A colheita é exatamente conforme a sementeira. Que adianta a gente se horrorizar ante a ideia de renascimento? Que adianta preferir o esquecimento total? Por outro lado, a Sra. Caldwell desconhece totalmente o processo do sono. Nós não ficamos livres do “revoltante mecanismo” da vida enquanto dormimos; apenas nossa consciência de vigília não é usualmente informada do que se passa nas horas de repouso físico. Na realidade, o Espírito está sempre consciente, quer o corpo esteja dormindo ou não. Finalmente, nas pesquisas de regressão feitas com seriedade, não descobrimos apenas vidas importantes. É possível, de fato, que aqui ou ali, no tempo e no espaço, tenhamos tido a provação da projeção, vivendo existências que a História guardou, mas há também — e quantos — longos períodos de anonimato, de dor, de frustrações, de desencanto, de angústias, de misérias, tudo rigorosamente de acordo com os nossos compromissos, supervisionados de perto pela lei de causa e efeito. A própria Sra. Caldwell desmentiu, nos seus tranSES, todas as suas queridas teorias de vigília, como veremos.

Interessante que ela mesma foi quem propôs, em conversa com Jess Stearn, a experiência de regressão, embora achando que ninguém conseguiria hipnotizá-la, porque certa vez arrancou um dente sob hipnose, mas sentiu a dor. É uma pena não poder reproduzir aqui o diálogo entre a Sra. Caldwell (em vigília, naturalmente) e o autor. É uma conversa muito viva entre duas pessoas inteligentes sobre o tema inesgotável da vida. A vida continua? A gente reencarna? Por que acontecem certas coisas ditas inexplicáveis?

O capítulo segundo é uma especulação acerca do extraordinário conhecimento revelado pela Sra. Caldwell nos seus livros, sobre os tempos apostólicos, sobre Medicina antiga, sobre certos episódios históricos, tudo isso analisado com grande beleza e dentro de uma lógica e uma

autenticidade impressionantes. Será que esse conhecimento provém das habituais fontes de inspiração artística ou seriam revivescências de antigas encarnações da autora a aflorarem dos seus arquivos perispirituais?

Stearn conversa a respeito com um eminente médico, seu amigo, o Dr. Cadvan Griffiths.

— Você acha que isso pode ser explicado pela reencarnação? — pergunta o escritor.

O médico dá uma gargalhada e responde:

— Você quer dizer a gente nascer outra vez? De jeito nenhum.

— Como é que você sabe?

— Porque sou um homem cientificamente orientado. Não vejo evidência em favor da reencarnação.

No entanto, os dois livros da Sra. Caldwell sobre Medicina revelam um conhecimento tão profundo da matéria que surpreende e intriga os médicos, o Dr. Griffiths inclusive: técnicas operatórias, aulas sobre assuntos médicos, diálogos ao pé da cama do doente, enquanto mestre e discípulo percorrem o hospital. É tudo duma irretocável genuinidade. Stearn cita nesse capítulo trechos notáveis de *Dear and Glorious Physician* (o livro sobre Lucas) e *Testimony of Two Men* (*Testemunho de dois homens*), aquele revelando conhecimentos estupefacentes sobre a Medicina antiga, e este desenvolvendo sua história em ambiente moderno.

Mas o Dr. Griffiths, “como outros médicos que juraram preservar a vida, jamais considerou a perspectiva da sobrevivência da alma humana”, escreve Stearn.

Assim, a posição de Taylor Caldwell é ao mesmo tempo de invencível descrença com relação à sobrevivência da alma (e muito menos ainda de sua possibilidade de reencarnar-se) e uma certa curiosidade, ou, pelo menos, uma predisposição para mergulhar no mistério da vida.

Havia um pequeno problema a vencer: a romancista é bastante deficiente da audição; mas o hipnotizador — que no livro não é identificado — venceu com habilidade a barreira e até mesmo conseguiu melhorar o

estado da paciente. Taylor Caldwell foi rapidamente ao transe profundo e imediatamente condicionada para, de futuro, adormecer apenas com um leve toque do hipnotizador em sua testa.

As primeiras explorações foram realizadas na vida atual, suas dificuldades, problemas e angústias. A romancista não teve infância feliz, nem mesmo tolerável. Quando tinha nove anos — contou em transe —, sua mãe lhe disse com toda a calma:

— Nunca desejamos que você nascesse. Há um rio no final da rua. Por que você não vai se afogar?

“Olhei para minha mãe e vi que ela estava falando sério. Era a nossa casa na rua Albany. Não sei por que ela disse aquilo. Olhei-a nos olhos e pensei que ela estava louca. ‘Não é possível, ela está louca’, disse a mim mesma”.

Não havia afeto na sua vida, nem segurança, nem conforto. Na verdade, as dificuldades financeiras se prolongaram por muitos anos, mesmo depois que ela, já adulta, lutava bravamente para sobreviver. Aos trinta anos, está sozinha e tem uma filha para sustentar com um salário de 23 dólares por semana. Mora num cômodo miserável, frio e úmido e, muitas vezes, não tem o suficiente para comer.

Quando o hipnotizador remete sua memória ao período pré-natal, o próprio Stearn, que assiste a todas as experiências, se pergunta: será que um embrião é capaz de pensar? É; não o embrião, mas o Espírito ali presente.

— Meu Deus! Aqui estou eu novamente. Mas desta vez vai ser a última. Desta vez não serei impaciente de novo, para ter que voltar para cá. Depois desta vez não voltarei mais. Tenho a impressão de que alguém está tentando me matar. Ouço alguém dizer: “Não a terei, não a quero!” Será que ela se refere a mim?

E depois:

— Vou fechar os olhos e fingir que não estou aqui. Fui-me embora e tudo foi apenas um sonho e eu não existo.

Não é preciso dizer mais para sentir o drama do Espírito atormentado que enfrenta os problemas e dificuldades de uma encarnação que se anuncia

extremamente penosa. Já no limiar da nova existência, a própria mãe a rejeita e tenta eliminá-la. O Espírito insiste em viver e, se fosse possível, se fingiria de morto, porque espera que esta seja a última vez que se entrega à dura prisão da carne e suas angústias.

Ao despertar, poucos minutos depois, totalmente inconsciente do que disse, nem sabe que adormeceu.

— Por que estava eu chorando? — pergunta.

E Jess Stearn, muito diplomata:

— Eu também não gostaria de voltar se tivesse uma vida igual à sua.

E assim foi a primeira sessão. Ficou combinado que Taylor Caldwell não ouviria nenhuma gravação. Somente depois de concluído o trabalho, ela tomaria conhecimento de suas revelações.

\*

Muitas pistas se abriam diante dos pesquisadores no desconhecido mundo psíquico de Taylor Caldwell: sua vaga recordação de Mary Ann Evans, que viveu no século passado, na Inglaterra, e escreveu sob o nome masculino de George Eliot; seus sonhos — e até visões — da época em que viveu e morreu na fogueira frei Savonarola; sua vívida descrição da Atlântida, ainda em criança, quando ensaiava, como escritora, os primeiros passos que a levariam ao renome internacional. Decidiram os pesquisadores começar pela mais próxima no tempo, provocando suas possíveis conexões com George Eliot. Assim foi feito, na segunda sessão.

— Vamos levá-la ao período vitoriano — propôs o escritor — e ver se ela diz alguma coisa sobre Mary Ann Evans.

— E quem é Mary Ann Evans? — perguntou o hipnotizador.

Stearn explicou que foi uma romancista inglesa ao tempo da Rainha Victoria e que escreveu, sob o pseudônimo George Eliot, alguns livros famosos como *Silas Marner*, *The Mill on the Floss*, *Adam Bede* e, curiosamente, uma longa história chamada *Romola*, baseada na vida de frei Savonarola...

Era evidente que o hipnotizador estava completamente “por fora” de todos aqueles nomes e títulos.

Parece que a primeira impressão de Jess Stearn era a de que a própria Taylor Caldwell teria sido George Eliot no passado, o que, de certa forma, explicaria seus talentos literários de hoje. Para surpresa sua, no entanto, a romancista em transe começou a falar com forte sotaque irlandês, revelando intensas dores, ignorância e pobreza. Sim, ela conheceu muito bem Mary Ann Evans; chamava-se, então, Jeannie McGill e foi empregada doméstica da famosa romancista. De onde veio ela para a casa de Mary Evans? Não sabia ao certo, mas morava antes numa casa onde havia muitas mulheres bonitas que os homens visitavam à noite. E sua mãe, onde estava? Não tinha mãe; vivia com as moças e não sabia como havia ido parar ali. Tanto quanto se lembrava, sempre vivera naquela casa, antes de empregar-se com Mary Ann, aí por volta dos dez anos de idade. A romancista tratava-a com carinho e às vezes lia para ela os seus livros, porque a menina era analfabeta. Mary Ann vivia, algo irregularmente para a rígida era vitoriana, com um Lewes, aliás George, de quem ela provavelmente tomou o nome para compor seu pseudônimo. Lewes era casado com outra mulher e tinha filhos, mas a ligação com Mary Ann perdurou ao longo dos anos.

Havia outros empregados na casa, e uma de maior responsabilidade, por certo, era a Sra. Glassen, que perseguiu e martirizou a pobre menina o quanto quis. Dava-lhe murros que acabaram por arrebentar-lhe os tímpanos, provocando-lhe a surdez. Por fim, a Sra. Glassen acusou-a de ter roubado um anel valioso de Mary Ann, enquanto a patroa se achava na Europa, em viagem turística. A menina foi presa e condenada a dez anos, mas não cumpriu a pena porque conseguiu enforcar-se.

“Curiosamente” — escreve Jess Stearn —, “na posição de uma personalidade completamente subconsciente, ela presenciou sua própria morte em retrospecto e isso somente seria possível, naturalmente, se algo da sua essência, sua alma, espírito ou o que quer que seja, sobrevivesse para lembrar sua própria morte.”

A ideia se afigura *exciting* (excitante) ao autor. Parece que pela primeira vez na vida encontra ele a evidência de que o Espírito passa pela “morte” e segue em frente, pensando, sentindo, vivendo.

Taylor Caldwell acordou chorando mais uma vez. Pouco antes de despertar e antes ainda da trágica cena do suicídio, dissera, num dramático sopro de voz:

— Nunca mais ouvir os pássaros...

E depois, num gemido:

— Que Deus tenha pena de minha alma.

Como se sentia? Otimamente. Até mesmo a misteriosa e persistente dor que sempre teve no pescoço havia desaparecido.

— De onde você pensa que vem essa dor? — perguntou Stearn.

— Não sei, mas eu sentia às vezes como se a minha pele tivesse sido estrangulada por uma corda, como num enforcamento. Mas como poderia isso ter acontecido?

\*

Na sessão seguinte, Taylor Caldwell mergulhou numa existência transcorrida no século XVIII; outra vida em que muitas dores se concentraram em poucos anos. Era novamente uma pobre copeira em uma casa de família. Ainda não completara catorze anos e estava, evidentemente, assustada e, como em várias outras existências, sempre morrendo de frio. Evidentemente, a menina não gostava de um tal de Johnston (“Um homem tão sujo”, dizia ela), tio da sua patroa e que, às vezes, os visitava. O hipnotizador resolveu levá-la até o seu próximo aniversário, quando teria completado catorze anos.

— Você está agora com catorze anos, você tem catorze anos de idade.

E a resposta veio inesperada:

— Mas eu não vivi até os catorze anos. Eles me mataram.

A cena descrita é terrível. Praticaram com ela atrocidades inomináveis. Era um grupo composto de seu patrão, dois filhos, o tio da patroa e mais dois homens. A dona da casa tinha saído, naturalmente, e os homens se encontravam embriagados.

Concluída a penosa narrativa da sua desgraçada vida no século XVIII, os pesquisadores desejaram saber o que acontecia entre uma vida e outra.

“Se é que a alma existe” — escreve Stearn —, “se a sobrevivência é um fato, seria interessante verificar se ela se lembrava de algo nesse interlúdio, livre da Terra.”

— Você morreu em 1898 — disse-lhe o hipnotizador —, tocando-lhe a fronte. — Diga-me agora algo sobre o período entre 1898 e 1900. (Sua vida como Taylor Caldwell começou em 1900.) Onde esteve você e o que fazia?

Há um momento de expectativa, de vez que os pesquisadores *também* não se acham convencidos nem um pouco da sobrevivência.

“Surpreendi-me inclinado para a frente em expectativa” — diz Stearn. “Se ela nada tivesse a dizer, nada haveria de vida espiritual, nada de alma vivente; poderíamos perfeitamente abandonar nosso projeto de uma vez.”

A mulher adormecida, no entanto, continuava perfeitamente calma e, com uma voz estranhamente distante, informou:

— Estive em casa, em Melina, por algum tempo. Fui muito feliz, muito feliz...

Segundo ela, Melina seria um planeta, onde ela tem vivido ocasionalmente em companhia de alguns Espíritos que lhe são familiares. O planeta é mencionado no seu recente e curiosíssimo livro intitulado *Dialogues with the Devil (Diálogos com o Demônio)*. Provavelmente é uma colônia espiritual dominada, ao que diz ela, por um Espírito que ela chama de Darios, terrivelmente temperamental, autoritário e *very quick to anger*, ou seja, pronto nos seus impulsos de cólera. Segundo se depreende, ao juntar os muitos fragmentos de suas vidas ao longo dos séculos, o Espírito Taylor Caldwell tem oscilado entre dois estranhos amores: Darios e alguém que ela chama de Estambul. Este seria um Espírito afável e culto, que na última existência foi seu marido Marcus Reback. O outro, no entanto, ela chama, cheia de respeito e temor, *my Lord Darios*, meu senhor Darios. Tais ligações se reportariam aos tempos longínquos da perdida Lemúria. O diálogo entre o hipnotizador e a paciente torna-se, aqui, muito rarefeito e, a meu ver, algo fantasioso. Não desejo, porém, emitir julgamento porque as informações se apresentam de maneira fragmentária e refletem naturalmente o conhecimento e as ideias da paciente. Há, entretanto, coisas

inesperadas. Em certo ponto, a mulher adormecida expõe a sua concepção da divindade e, a uma pergunta que lhe parece inadequada, ela responde:

— Você está fazendo perguntas tolas. O Consolador ainda não veio. Ele virá depois que o Messias vier à Terra.

Curioso é que, ao despertar, Taylor Caldwell, conversando com Jess Stearn, é informada de que falou a respeito de Darios, “o primeiro e único” — diz Stearn brincando. E ela muito séria:

— Jamais faça troça com Darios. Nunca brinque com o nome dele.

— Que pode fazer ele? — pergunta o escritor.

— Não há quase nada que ele não possa fazer.

— E Estambul?

Ela deu de ombro:

— Não é a mesma coisa... ele é igual a nós. No entanto — ela riu —, isso tudo pode ser mera fantasia.

\*

Na experiência seguinte, o hipnotizador deseja levá-la à época de Gengis Khan, sobre quem ela escreveu um notável romance chamado *The Earth is the Lord's*. O hipnotizador sugere-lhe que recue ao ano 1200 e ela balança a cabeça.

— Eu não vivi em 1200.

Estava novamente em Melina.

Pouco depois, por sua própria iniciativa, mergulha num período entre os séculos XIV e XV, quando foi uma freira num convento espanhol. Estambul, sempre presente, seria um certo padre Francisco, a quem ela secretamente amava e que era seu confessor. Ambos eram judeus convertidos, então conhecidos por *marranos*, e ela chamava-se irmã Teresa. A cidade era Barcelona, e o convento, Santa Maria de las Rosas. Quando o hipnotizador lhe sugere a idade de 21 anos, irmã Teresa já havia partido da vida terrena e encontrava-se novamente nos domínios de Darios, alhures no Universo.

Foi uma trágica história de amor que abreviou a sua vida. Teresa fugiu com Francisco, mas foram ambos apanhados a caminho do barco que tomariam para a liberdade e o amor. Francisco, acovardado, declarou que a jovem o havia seduzido no confessionário. E ela, por amor, concordou perante o inquisidor.

— Senhor, o Padre está inocente. Eu o seduzi. Lancei um encantamento sobre ele para fugir comigo...

Parece que Estambul — ou seja, Francisco — é levado num barco para destino ignorado e ela o vê partir, desesperada, e atira-se à água para morrer afogada:

— Ah, Estambul, eu te perdoo... eu te perdoo...

Mais uma vida de dores e frustrações, terminada em morte violenta, em plena mocidade.

\*

Nesse ponto há um interlúdio no livro. Autor, paciente e alguns pouquíssimos e íntimos amigos iniciam uma peregrinação em busca de médiuns que possam trazer do mundo espiritual alguma corroboração ou desmentido àquelas fantásticas histórias tão humanas que estão emergindo da sombra dos séculos, nas sessões de regressão de memória.

Taylor Caldwell concorda com o projeto, mas não cede um milímetro da sua descrença.

— Se há Espíritos — diz ela —, por que viriam eles correndo ao simples chamado de algum médium?

Não acredita mesmo “nessas coisas”.

O primeiro médium é George Daisley, a quem o famoso bispo James Pike também procurou para conversar com o Espírito de seu filho. (Ver o artigo “O Bispo e os Espíritos”.)

Marcus Reback, o marido recém-desencarnado de Taylor Caldwell, transmite pelo médium algumas informações, mas a romancista não se impressiona, nem parece comovida.

Os Espíritos mandam também dizer-lhe que é importante convencê-la dessas verdades. A sua vida na Terra deve prosseguir, porque ela ainda não realizou o trabalho de que se incumbiu. Marcus, seu marido, insiste dramático:

— Pelo amor de Deus, diga-lhe que eu estou vivo!

Ao cabo da longa sessão, a Sra. Caldwell emite sua opinião:

— Foi tudo muito interessante aquilo que ouvi. Mas, simplesmente, não acredito nessa história de Espíritos.

\*

A médium Dorothy Raulenson faz estranhas e fascinantes revelações. Taylor Caldwell estaria muito envolvida com o autoritário Espírito Darios, que ela identifica, numa de suas encarnações, com Gengis Khan, sobre o qual, aliás, a Sra. Caldwell escreveu notável romance, como vimos. Curiosamente, porém, a obra termina quando o guerreiro, ainda jovem, chega à soleira da sua verdadeira e sangrenta glória terrena. Segundo Raulenson, a futura Taylor Caldwell disputou com o guerreiro uma batalha de amor e poder e foi destruída, quando ele ainda não havia atingido o ápice da sua carreira.

A Sra. Caldwell teria vivido também como dançarina na corte do imperador Domiciano, em Roma. Naquela existência, teria sido convertida ao Cristianismo pelo próprio apóstolo João, no seu exílio, na ilha de Patmos. Isso, de certa forma, explicaria sua familiaridade com as figuras de Paulo e de Lucas, que ela trata com muito carinho e minúcia em dois dos seus melhores livros.

A médium menciona ainda a posição religiosa do Espírito Senhora Caldwell: ela vem oscilando milenarmente entre o amor e o ódio, perante a figura de Deus. Ainda hoje, escreve sobre Ele com certas tonalidades amorosas, mas o repudia.

— O mais curioso — diz a médium — é que lá, muito no fundo, ela pensa que é uma parceira de Deus.

Seria, pois, esse invencível orgulho o terrível agulhão que a leva a atravessar tantas vidas angustiosas e cheias de frustrações?

— Às vezes — prossegue a médium — ela acha que deve tomar para si esse papel e dizer a Deus o que Ele deve fazer. Mas, enquanto as coisas correm segundo sua vontade, ela se mostra submissa. Quando algo a bloqueia, ela coloca Deus de lado. Ao longo de todas essas vidas, ela se sente ora de um lado ora de outro.

Evidentemente, não temos como conferir essa informação, mas ela soa estranhamente genuína quando contemplamos as aflições e o imenso talento da romancista, massacrada entre a revolta e a dor.

Dorothy prevê para ela uma futura existência como líder religiosa, aí por volta do ano 2002. Terá então revertido às suas experiências espirituais com João, em Patmos, onde teria escrito muita coisa que se perdeu. Na atual existência, o melhor do seu trabalho, segundo a médium, ainda não foi realizado.

A romancista, no entanto, mantém-se irredutível. Tudo quanto deseja é retirar-se desta vida, pois não acredita na sobrevivência do Espírito, mesmo após todas as experiências por que está passando.

\*

Infelizmente, não podemos tomar muito espaço para comentar aqui tudo quanto merece ser comentado desse livro extraordinário. Procurarei limitar-me aos episódios essenciais.

No século XV vamos encontrá-la em Florença, na Itália, na personalidade de uma freira por nome Maria Bernardo, consumida de um amor impossível pelo famoso Savonarola, em quem mais uma vez identifica Estambul.

Há aqui um pormenor que vale a pena mencionar. Desde muito jovem, ainda na Inglaterra, Taylor Caldwell sonhava, com frequência aterradora, um episódio, sempre o mesmo. Estava presa numa torre e via, pela janela, lá embaixo, os telhados de uma antiga cidade renascentista. Seria na Espanha ou na Itália? De repente, ouvia passos de gente subindo implacavelmente as escadarias. Teria uns vinte e poucos anos de idade. A cela era gelada; havia apenas um leito rústico, uma mesa e uma cadeira. Os passos que soavam na escadaria eram de três homens, um dos quais ela conhecia muito bem. Vestiam-se com os hábitos brancos dos dominicanos. Ela sabia que eles

vinham torturá-la e matá-la. Quando a chave virou na fechadura, ela correu para a janela e saltou para a morte lá embaixo.

Este sonho tenebroso repetia-se dúzias de vezes, sempre exatamente igual.

Um belo dia, já adulta e casada com Marcus Reback, seu eterno Estambul, Taylor Caldwell foi à Itália. Em Florença, hospedou-se na mansão de um nobre italiano, o conde Moretti. Ao chegar ao seu cômodo, abriu as cortinas e viu, lá embaixo, uma grande praça para a qual convergiam muitas ruas. No meio da praça havia uma pilastra alta, na qual se assentava a estátua de um cavaleiro medieval. A Sra. Caldwell teve uma impressão desagradável de tudo aquilo, cerrou as cortinas e foi dormir.

No dia seguinte, ao abrir as janelas, olhou novamente para baixo e nada havia lá da grande praça, nem da estátua; apenas uma ilha de concreto com um monumento modernista implantado.

Ao mencionar o estranho fenômeno ao seu hospedeiro, o conde Moretti foi à sua biblioteca e trouxe um livro, no qual lhe mostrou a gravura da antiga praça com o seu monumento medieval, exatamente como Taylor Caldwell tinha visto no dia anterior.

Andando pela cidade, mais tarde, a romancista teve outra visão inexplicável: no centro de uma pequena praça, cercado por monges dominicanos, um homem estava sendo queimado vivo. Quase sem querer, ela disse em voz alta:

— Savonarola!

A condessa que estava ao seu lado disse:

— Isso mesmo. Aquele monumento ali foi erguido em sua homenagem.

E, no entanto, na sessão em que Taylor Caldwell se identificou com a irmã Maria Bernardo, quando despertada para um pequeno repouso, ela virou-se perfeitamente lúcida (ou não é bem essa a palavra?) para Jess Stearn e disse:

— Espero sinceramente que você não esteja desperdiçando o seu tempo, pois você nunca provará a reencarnação por meu intermédio.

Sem comentários. Mais uma vida de frustração, angústia e tragédia terminada em suicídio.

\*

Em seguida, aflora à sua memória uma longínqua existência entre os maias. Ela sugere que esses povos teriam vindo em “navios voadores” de uma terra chamada Egypta, que um cataclismo submergiu no oceano. Interessante observar que Edgar Cayce dizia que os atlantes também possuíam máquinas voadoras e emigraram para o país que hoje se chama Egito, e deram tremendo impulso à civilização que ali encontraram. Esses emigrantes teriam sido avisados psiquicamente de que o continente que habitavam estava condenado ao sepultamento sob as águas do Atlântico.

Depois disso, nova menção a Gengis Khan. O hipnotizador remete-a ao ano 1200. E ela, provando mais uma vez que a sugestão não vale nesses estados profundos de consciência, responde firme:

— Jamais conheci Gengis Khan.

A explicação é que ela somente conviveu com ele enquanto o temido guerreiro chamava-se Temujin. Nesse ponto, ela parece fazer a conexão da antiquíssima existência no século XIII com a atual, e diz:[\[1\]](#)

— Eu escrevi um livro sobre ele, mas alguém me contou a história, não sei quem.

Em seguida, explicou: em estado de vigília começava a perceber imagens e ouvir nomes. Era como se estivesse assistindo a uma peça de teatro com todos os sons, as vozes e os cenários. Bastava descrevê-los. Nesse ponto, fez uma pausa e acrescentou:

— O homem entrava no cômodo onde eu estava, sentava-se ao meu lado e ditava. Eu não sabia o que escreveria a seguir... ele me dizia.

\*

Havia, porém, outras vidas para serem investigadas. Parecia inesgotável o imenso porão de memórias da grande romancista. Novos

dramas e aflições explodiam em seu dramático relato perante os pesquisadores.

Falemos de Wilma Sims. Nessa existência, nasceu novamente num reformatório em Battersea, subúrbio de Londres. Outra vida miserável e sem horizontes: frio, fome, trabalho, pobreza, frustrações. Aos 16 anos, a rota da sua existência cruza novamente com o infalível Estambul, encarnado então na pessoa de um jovem bancário.

— Quando eu o vi, eu o reconheci, mas ele não me reconheceu. Quis dizer-lhe: “Oh, aqui está você novamente e desta vez você jamais me deixará”. Quis perguntar-lhe: “Você me ama, não é?”.

Estambul, porém, tinha outros interesses: Chamava-se então Ephraim Jacobs e era judeu. Foi promovido na sua função no banco e mudou-se da pensão pobre onde também morava Wilma Sims. A moça tinha ainda esperanças de reencontrá-lo alhures, mas ficou doente e em breve morreu tuberculosa, em 1898, dois anos antes de se reencarnar como Taylor Caldwell, ainda na Inglaterra. Conseguiu durar até os 21 anos, o que, na sua experiência espiritual do passado, já é muito.

Mais uma encarnação em que ela não foi buscar uma figura glamorosa e importante para justificar a sua própria teoria de que os reencarnacionistas sempre querem passar por figurões históricos.

Antes dessa, os pesquisadores encontraram-na numa outra vida, na Inglaterra. Chamava-se, então, Lucy Moss e vivia em Reddish. Pais? Não os tinha. Vira a mãe apenas uma vez e o pai morrera atropelado por uma carruagem. Era criada pela avó Moss. Não sabia em que ano estava, mas lembrava-se de que a data era 1º de agosto.

— Você agora está ficando mais velha — diz o hipnotizador para fazê-la caminhar no tempo.

E mais uma vez a resposta inesperada:

— Não, não, jamais eu ficarei mais velha...

Novo drama: morreu afogada, pois ali, à beira do rio, costumava encontrar-se com Darios, embora seus companheiros de infância jamais

acreditassem na sua história. Tinha apenas cinco anos de idade e partiu novamente para a casa de *my Lord Darios*, em Melina.

\*

Nos capítulos seguintes são reproduzidas as suas fascinantes experiências médicas, no remoto passado grego. A atual romancista chamava-se então Helena e, a princípio, quando muito jovem, vivia na casa de Aspásia; mas, afinal de contas, naqueles tempos a prostituição não era uma nódoa desprezível e Helena conseguiu emergir, ao longo dos anos, como uma das mais notáveis médicas da sua época, façanha extraordinária para uma mulher. Explicou que os homens amavam mais aquelas alegres companheiras do que as esposas que os pais haviam escolhido para eles.

— É verdade que as esposas nos chamavam de prostitutas, mas não éramos prostitutas. Muitas de nós nos tornamos escritoras, escribas, escultoras, professoras e matemáticas.

Helena descreve sua brilhante carreira pelos caminhos da Medicina, com todos os pormenores e práticas daqueles recuados tempos. Tornou-se, com o tempo, mestra respeitadíssima de jovens médicos, diante dos quais dava aulas práticas, realizando delicadas operações que descreve com riqueza incrível de detalhes. Uma dessas operações foi uma trepanação feita num jovem que ela própria teria hipnotizado. Precisava remover um tumor cerebral que estava provocando a cegueira no seu paciente. Era um câncer.

— Alguns doutores chamam-no de caranguejo.<sup>[2]</sup> Cada um desses tentáculos tem que ser removido, senão eles voltarão a se desenvolver.

A aula prossegue e, às vezes, ela parece divagar sobre pontos correlatos, explicando por exemplo a técnica egípcia da trepanação, praticada para liberar o Espírito nas pessoas agonizantes. Na sua opinião, o câncer era transmissível por contágio.

Com o tempo, Aspásia tornou-se a companheira de Péricles, e Helena fundou sua própria clínica. É com satisfação que ela conta que tratou daquele eminente cidadão de Atenas, mas não é sem uma ponta de ironia que fala dos seus berros apavorados ante a dor. Ridículo, diz ela. Refere-se a ele, porém, com muito carinho e com grande orgulho, pois considerava-o,

muito justamente, aliás, como um rei, embora Atenas fosse a grande precursora da democracia.

Na sua opinião, muitas doenças provêm de desarranjos da mente. Assim era sua teoria a respeito do diabetes. A doença — explicou — era descoberta pelo exame de urina que, depois de evaporada pela fervura, deixava um resíduo extremamente doce. O doente, com o tempo, fica sofrendo da vista e tem um apetite insaciável, especialmente por mel e doces. Por isso, muita gente pensa que são os doces que causam o diabetes. Helena, porém, estava convencida de que a causa “está aqui” — e apontava para a cabeça. “Eles não conseguem mitigar a sede insaciável, porque também não conseguem saciar sua avareza.”

No intervalo entre essa sessão e a seguinte, Jess Stearn leu nos jornais que os cientistas chegaram à conclusão de que algumas variedades de câncer são realmente transmissíveis. Helena estaria, assim, alguns séculos adiante de sua própria época...

A essa altura, Taylor Caldwell já não sentia mais o peso dos seus setenta anos. Parecia ter renovado suas energias e demonstrava um novo interesse pela vida. Planejava uma longa viagem de recreio e vários enredos de livros circulavam pela sua mente. Não tinha ainda ouvido, porém, nenhuma das gravações de regressão de memória. Além disso, não tinha mais a dor no pescoço, as dores de cabeça desapareceram e a audição estava surpreendentemente melhor.

Retomando a existência de Helena, prosseguiu incansável a sua narrativa fascinante. Fez inúmeras operações; somente não tocou no coração, uma das “câmaras sagradas de Hipócrates”. Era uma entusiasta da Medicina psicossomática, embora a palavra não esteja mencionada.

— É minha crença, apesar de que nem Herácleos me acredita, que as emoções do homem podem destruir qualquer órgão no seu corpo, especialmente o coração que, como você sabe, é um músculo forte.

Pesquisou e descobriu estranhos remédios para a época, como um certo pozinho amarelo que conseguiu isolar “não apenas da teia da aranha, como de certas substâncias em decomposição”. Não tinha ainda inventado um nome para o novo remédio. Jess Stearn pensa em sugerir o nome de

penicilina... Notável mulher essa remotíssima Dra. Helena, amiga de Aspásia que, por sua vez, era dedicada companheira do grande Péricles.

Quanto à raiva, divergia de Hipócrates, que a considerou incurável. Sabia muito bem que quanto mais próxima a mordida do cérebro mais rápido o ciclo da infecção. É sempre fatal. Estudando, porém, em livros egípcios, isolou a essência de uma planta com a qual alega ter livrado da morte nove pacientes dos onze que tratou. E ainda informa que as mordidas foram nos ombros e algumas na garganta.[3]

Além de todo esse saber, Helena achava que cada parte do corpo era controlada por determinada região do cérebro. Estudou o assunto com seu amigo e companheiro Herácleos, mas este achava que o cérebro era todo igual, sem diferenças entre as diversas regiões. Ela, porém, notou que o ferimento em certas seções afetava sempre os mesmos membros.

Discutiu também o problema das drogas, assustada diante do poder de uma substância retirada da *rauwolfia*, uma planta da Índia, para “controlar gente e conservá-los plácidos como animais”. Essa planta fornece hoje a reserpina, usada no controle da hipertensão arterial.

Finalmente, resolveram os pesquisadores levar a paciente ao tempo do Cristo, que ela demonstrou conhecer tão bem nas suas novelas de sucesso.

Realmente lá está ela, naqueles tempos. Chamava-se, então, Hannah e morava na cidade de Magdala, com o marido, uma filhinha de nome Miriam e sua irmã Halla. Sob o transe, parece embalar Miriam no colo, ao mesmo tempo em que conversa com Halla, a quem conta um sonho estranho e muito nítido. Sonhou que o Messias havia nascido há cinco anos, na cidade de Davi. Ela sabia que, segundo as profecias, o Ungido viria envolto em glória e rodeado de anjos, mas ela, Hannah, ouvira os sábios e eles disseram que ninguém o reconheceria e ninguém poria as mãos sobre Ele. Ela ouvira isso quando escutava, escondida atrás da cortina, a discussão dos eruditos doutores da lei. Sonhou também que o nome da sua Miriam jamais seria esquecido porque tanto ela, Miriam, como Hannah estariam com o Messias um dia.

— Sonhei isso apenas uma vez — diz ela a Halla. — Sonhei que a minha querida Miriam seria muito chegada a Ele. Vejo-a ajoelhada a seus

pés e Ele ajudando-a a levantar-se.

Suspirou feliz e acrescentou:

— Mas ela é então uma mulher feita, uma linda moça, e Ele levanta-a e põe seu braço em torno dela. Como todos nós, nazarenos, seu cabelo é vermelho-dourado, olhos azuis e, em meu sonho, Ele nasceu na Casa do Pão, que em nossa linguagem quer dizer Belém. Vê você, eu sei um pouco de hebraico, mas não é permitido falar essa língua às mulheres.

Hannah gostava de falar especialmente acerca dos seus sonhos. Se eles fossem verdadeiros, pensava ela, toda Israel saberia no devido tempo.

Conta, mais adiante, a belíssima cena com que abri esse breve comentário. Jesus, ainda jovem, com vinte anos, ensaia sua pregação no templo, enquanto Hannah, ao lado de Maria, ouve atrás da cortina, porque não era permitido mulheres no recinto sagrado. Estavam em Magdala, visitando alguns parentes, mas viviam em Nazaré. José e Jesus eram carpinteiros; faziam móveis muito bonitos que até em Jerusalém eram vendidos, segundo Hannah.

Dez anos depois, Hannah encontra-se, já viúva, morando na famosa rua dos Queijeiros, em Jerusalém, a cidade sagrada. Não suportou mais o peso dos impostos romanos, veio para a cidade, com a velha mãe. Hannah tinha, então, quarenta anos. Fabricava queijo para vender. Sua bela filha Miriam há muito estava desaparecida e Hannah trouxe para Jerusalém a esperança de encontrá-la. Hannah estava cansada, velha e pobre. Como seria bom recuperar a sua linda Miriam! Estaria agora com 25 anos de idade. Será que se casara? Hannah oferecia o sacrifício de uma pomba no Átrio das Mulheres, rogando a Deus para que ajudasse Miriam a encontrar sua mãe.

A certa altura, porém, ela parece tomar uma decisão. Perguntaria pela filha ao novo profeta Yeshua. Pausa. Parece que caminha na direção da praça do mercado, ponto de encontro e de pregação. De repente, sua voz se eleva num crescendo aterrador. Estão matando sua filha a pedradas. A agonia desesperada de Hannah atravessa quase vinte séculos para sacudir de uma terrível emoção o corpo de Taylor Caldwell, na Califórnia do século XX.

— Vocês não devem matá-la. Vocês não devem apedrejá-la até à morte. Meu Deus! Miriam, minha filha! Estão matando-a! Estão matando a minha filha! — gritava ela repetidamente.

Taylor Caldwell estava já sentada no sofá, tinha os braços estendidos e dos seus olhos fechados escorriam lágrimas abundantes, enquanto seus gritos enchiam toda a casa. Os pesquisadores acharam prudente despertá-la. Ela olhou os companheiros com uma expressão de perplexidade.

— Há algo errado com uma das minhas filhas? — perguntou. — Tenho uma terrível impressão de que há alguma coisa errada com uma de minhas filhas.

— Não, é apenas um sonho que você estava tendo acerca de uma filha numa existência passada.

A resposta foi pronta e definitiva:

— Não existe essa história de vida passada ou reencarnação. Isso é um amontoado de tolices.

Antes de retomar o trabalho, em outra sessão, Jess Stearn releu o episódio do apedrejamento de Maria de Magdala, no Evangelho. As perguntas eram muitas e algumas foram respondidas na sessão subsequente.

Ao correr desesperada para a filha, Hannah tropeçou nas pedras e morreu aos pés de Jesus. Segundo sua versão, Jesus teria dito o seguinte aos fariseus que corriam atrás de Miriam:

— Aquele que não se deitou com ela, atire a primeira pedra.

Hannah reconstituiu toda a cena. Miriam estava no centro de um círculo de homens enfurecidos, sofrendo uma barragem de pedradas. Jesus correu na sua direção, ajoelhou-se para socorrer a moça já caída. E aí o sonho de Hannah tornou-se realidade: Jesus ajudou-a a levantar-se e passou o braço por cima do ombro dela enquanto falava com os homens que a perseguiam. Hannah correu para eles e tropeçou. Os homens gritavam e chamavam Miriam de prostituta e berravam: “Anátema! Anátema! Miriam de Magdala é uma adúltera!”.

No momento em que a morte começou a libertá-la da sua prisão carnal, Hannah teve, afinal, a visão inesquecível de Jesus. Vamos procurar traduzir suas palavras:

— Meu coração explodiu em fogo. Uma escuridão me envolveu. E então eu vi Yeshua ben Joseph antes de partir. Ele era muito alto e brilhava como um Sol. Sua barba e seu cabelo rutilavam como fogo dourado, e fagulhas emanavam dele. Seus olhos eram mais brilhantes do que qualquer estrela. E Ele me disse: “Vai em paz, minha filha”. Ele estava mergulhado na glória e engrandecido, enquanto raios de luz fluíam de suas mãos. Seu manto cinzento se transformara em fogo branco e havia marcas nos seus punhos. (O Evangelho registra idêntica frase de Jesus para Magdala.)

Sua voz tornou-se extática, quando acrescentou:

— Certamente Ele é o Messias. Ele salvou o seu povo do pecado.

\*

Pouco mais adiante, Jess Stearn encerra a narrativa e passa a expor algumas de suas próprias especulações, o que seria impraticável reproduzir aqui sem mutilar o seu pensamento. Creio oportuno, entretanto, mencionar que ele nada encontrou que pudesse abalar a hipótese da reencarnação na longa narrativa de Taylor Caldwell. Uma única vez as vidas estiveram separadas apenas por dois anos, quando a atual romancista morreu como Wilma Sims, em 1898, para renascer como Taylor Caldwell, em 1900, o que é perfeitamente possível. A propósito, Stearn conta uma decepção que teve e que criou no seu espírito um bloqueio de ceticismo com referência à reencarnação. Um médium lhe disse, certa vez, que ele, Stearn, teria sido, no passado, o poeta inglês Robert Browning, o que o deixou muito orgulhoso, segundo confessa. Outro, porém, declarou que ele fora Bramwell Brontë, “o ignominioso irmão das famosas irmãs Brontë”. Acontece que Brontë e Browning foram contemporâneos e Stearn não poderia ter sido os dois ao mesmo tempo. Donde se pode concluir o dano que às vezes causam certos médiuns imprudentes.

Esse livro fascinante termina, porém, de maneira melancólica. Ao regressar Taylor Caldwell da sua longa viagem de recreio, empreendida

logo depois das sessões, Jess estava com o seu livro pronto. Entregou os originais à sua amiga e pediu-lhe que escrevesse um epílogo.

A famosa romancista escreveu, pois, as últimas páginas do livro, depois de ler a narrativa do seu fabuloso mergulho no passado. Confirma as suas vívidas impressões acerca da vida com George Eliot, na Inglaterra vitoriana, mas se pergunta de maneira desconcertante:

— Seria minha imaginação de romancista? Ou memória? Não sei dizer. Posso apenas sentir que *se Deus existe*, então Ele foi particularmente severo comigo e a minha breve “existência” naquela encarnação foi sem sentido e certamente não resultou em nenhum “benefício” para mim como “carma” ou “esclarecimento”. (O grifo é meu, mas as aspas estão no texto original.)

Declara, a seguir, que acha repulsiva a ideia de que podemos nascer como homens ou mulheres, dado que “alguns reencarnacionistas dizem que a alma não tem sexo”. (Por que repulsiva?) Sente-se feliz, porém, de ter sido consistentemente mulher. Está “profundamente convencida” de que a felicidade não existe nem neste mundo nem em nenhuma forma de vida póstuma. Ficaria “muito feliz de ficar livre da vida para sempre”.

Nem por convicção, nem por crença religiosa aceita a reencarnação.

— Não obstante ser católica praticante, tenho sérias dúvidas acerca da sobrevivência da personalidade humana ou “alma”, depois da morte.

Sua vida, em suas próprias palavras, tem “sido trágica e desastrosa, desde o nascimento”. Sob a pressão da desgraça — fome, desabrigo, desespero, doenças e privações até mesmo das mais elementares necessidades da vida —, várias vezes pensou em suicídio, para acabar com tudo, segundo pensa. Foi sempre explorada sem piedade até mesmo por aqueles a quem mais ardentemente amou e em quem confiou.

A ideia da reencarnação, que encontrou em muitos dos livros que leu, sempre a horrorizou. A seu ver, nenhuma pessoa inteligente poderia suportar outros turnos nesta existência, que acha pavorosa, num mundo igualmente pavoroso. Não vê como considerar a reencarnação uma promessa e uma esperança. “Certamente, uma vida é suficiente para suportar a vida!”

Houve tempo em que *temia* (a palavra é sua) que a personalidade humana pudesse sobreviver à morte e que, afinal de contas, a reencarnação pudesse ser uma verdade. Exatamente para provar que tudo isso era falso, entrou em contato com seu amigo Jess Stearn e se ofereceu para a pesquisa. Estava em dezembro de 1971, “num total estado de espírito suicida”, pois o mundo lhe parecia apenas uma instituição penal. (E é.) Assegura que, evidentemente, deve ao seu amigo e ao hipnotizador o novo interesse pela vida, e até mesmo certa alegria de viver “que nunca havia experimentado antes, nem mesmo na infância, na juventude ou na mocidade”. E, estranho como pareça, a “cura” foi definitiva. Reencontrou até o amor, casando-se novamente com um homem de sua idade, tal como havia sido previsto, aliás, por um dos médiuns que consultou com Stearn. Está com novos livros planejados.

Depois de ler com muita atenção o livro de Stearn, continua rejeitando a ideia da reencarnação, muito embora, sem ela, não consiga explicar uma porção de coisas que ela própria revelou, como seu conhecimento de hebraico, espanhol, italiano ou de Medicina. Mesmo assim, acha que a reencarnação, *se é que existe*, é uma “gigantesca maldição e não uma esperança”.

Propõe ao leitor que faça seu próprio julgamento acerca da teoria da reencarnação e do comovente material contido no livro. “Sou ainda a cética dos céticos. Contudo, sou grata pela experiência. Se para nada serviu, *pelo menos me proporcionou material para um novo romance.*” (Grifo meu.) Abandonou uma história passada no período das Cruzadas, ao tempo de Saladino (outra possível encarnação?), para escrever um livro sobre Péricles e Aspásia. Confessa que sabe tudo acerca de suas “personagens”, sendo totalmente familiarizada com os lugares e aquela gente: Helena, Herácleos, Hipócrates e todos aqueles gregos maravilhosos.

\*

É assim o fecho do livro. Uma prece para Taylor Caldwell, romancista genial que nem um rosário enorme de vidas conseguiu dobrar para as realidades do espírito. Nem mesmo aquela existência tão dramática e tão bela, da qual Jesus a despediu com uma palavra de amor:

— Vai em paz, minha filha...

Hannah partiu, mas não encontrou a paz. Sacudida entre a dor que a revolta e a revolta que lhe traz a dor, não conseguiu ainda escapar ao círculo de fogo das suas muitas angústias. E, não obstante, é tão fácil partir os grilhões da dor, só que temos de quebrar antes as douradas correntes do orgulho.

[1] Essas conexões raramente ocorrem nas primeiras sessões. Parece que o Espírito desprendido leva algum tempo para ordenar toda aquela multidão de lembranças passadas para ligá-las com o fato de que está, no momento, vivendo uma nova existência na carne. Talvez tenha de vencer a resistência oposta pelo mecanismo do cérebro físico.

[2] Não se esqueça o leitor de que o caranguejo é o símbolo do signo de Câncer, no Zodíaco.

[3] Não sei o nome da planta em português. Em inglês é *herehound* e o dicionário Funk & Wagnalls informa que se trata de uma erva da família da hortelã, gênero *Marrubium*, usada para resfriados e para dar gosto a certos confeitos.

## Ouvidos apartados da verdade

Executivos e homens de negócios do mundo inteiro são familiarizados com a revista americana *Business Week*, publicada semanalmente pela poderosa editora McGraw-Hill. Para muitos de seus leitores deve ter sido uma surpresa e inesperada novidade encontrar entre os artigos habituais um relato acerca da pesquisa psíquica, nos Estados Unidos, da página 76 à 78 do número de 26 de janeiro de 1974.

O título do trabalho já é bastante revelador de uma nova posição diante da fenomenologia: “Por que os cientistas levam a sério a pesquisa psíquica.” Ao pé da página 76, um pequeno glossário para os não iniciados, explicando o significado de palavras como precognição, telepatia, clarividência e psicocinese. Na página 77, um comentário destacado — o jargão jornalístico americano chama a isso de *box*, ou seja, caixa — acerca das implicações e aplicações dos fatos observados no que se refere ao mundo dos negócios. Para nós, espíritas, acostumados de longa data ao trato dessas questões, acende-se logo uma luzinha vermelha de alerta, ao verificarmos que não é no interesse puro da evolução espiritual do homem, nem da sua moralização, que as pesquisas estão sendo consideradas seriamente por cientistas de elevado gabarito; é porque os mecanismos do espírito — e eles insistem em chamar de *mente* — precisam ser desvendados e postos a serviço de causas práticas como, por exemplo, espionagem política e industrial ou maneiras mais eficientes de ganhar dinheiro. Aliás, a legenda de uma das fotografias, justamente no texto que cuida das faculdades psíquicas dos executivos, diz assim: “*Intuition pays off*”. Poderemos traduzir a expressão dizendo que a intuição compensa, mas não nos esqueçamos de que o verbo *to pay* quer dizer *pagar*.

Do jeito que vão as coisas por lá, teremos, daqui a pouco, anúncios mais ou menos assim: Diretor financeiro — Precisa-se. Experiência mínima de dez anos. Curso superior de Contabilidade, Finanças, Economia ou Administração de Empresa. É indispensável que seja médium precognitivo ou clarividente.

Mas, antes dos comentários, vejamos o artigo.

\*

Há pouco mais de um ano — diz *Business Week* — o astronauta Edgar Mitchell propôs ao *Stanford Research Institute* a tarefa de testar as faculdades psíquicas de Uri Geller, o jovem israelense que tem levantado tantas controvérsias. O pessoal do Instituto aceitou a missão, designando dois físicos, Russell Targ e Harold E. Putoff, para conduzir as experiências, que duraram cinco semanas. Sob rígidas condições de teste, Uri Geller produziu os seguintes resultados: 1) predisse oito vezes em oito (acerto total) a posição em que cairiam os dados; 2) transmitiu telepaticamente ao vice-presidente do Instituto um número em que estava pensando; 3) acertou doze vezes em doze tentativas (também aqui o acerto foi total) qual o recipiente fechado de alumínio que continha um objeto, escolhendo-o cada vez entre dez recipientes iguais; 4) fez mover o mostrador calibrado de uma balança de laboratório colocada sob uma campânula, sem tocá-la, naturalmente. Tais fenômenos, na parapsicologia moderna, receberam respectivamente os nomes de precognição, telepatia, clarividência e psicocinese.

O relatório dos cientistas não afirma, obviamente, que Uri Geller é portador de faculdades psíquicas, mas não pôde deixar de apresentar a conclusão cautelosa, porém afirmativa, de que “observamos certos fenômenos para os quais não temos explicação científica”. E isso é certamente uma considerável concessão e uma confissão pública de humildade intelectual. Sabemos, perfeitamente, não obstante, que tais palavras não representam nenhum atestado formal que consagre a existência do espírito. A Ciência oficial ainda está longe disso, pois, como diz muito bem a *Business Week*, por certo algo alarmada, “a aceitação dos fenômenos psíquicos sacudiria os alicerces da Ciência”. E nós, que estamos

convencidos dessa realidade, poderemos formular uma pergunta, talvez meio irreverente, mas, por certo, confiante: E daí?

Mas não é só Geller que está sendo testado. Na *Menninger Foundation*, na cidade de Topeka, estado de Kansas, médicos eminentes estão convencidos de que um cidadão por nome Jack Schwarz dispõe de faculdades que poderiam revolucionar a Medicina. Jack é capaz de fazer parar o sangramento de um corte feito no seu corpo, tornar-se imune à infecção e insensível à penetração de uma agulha no braço.

Sempre assustados ante a perspectiva de reconhecer qualquer inferência espiritual, os cientistas logo se apressaram em dizer que: “Nada há de mágico no que Schwarz está fazendo. Ele apenas dispõe de um controle altamente desenvolvido das suas funções orgânicas. Outras pessoas também podem aprender a dominar tais funções e, dessa forma, tornarem-se relativamente livres de doenças”.

Realmente, podem; mas isto é apenas a aplicação pragmática de um princípio que mesmo sem querer a Ciência começa a admitir, ou seja, o de que o corpo é apenas um instrumento, ainda que muito sofisticado, que recebe seus impulsos de uma central de comando localizada alhures. Os cientistas de língua inglesa chamam a esse fenômeno de *mind over matter*, ou seja, o poder da mente sobre a matéria, mas isso são apenas palavras, porque embora saibam um pouco mais acerca da matéria, a mente ainda é a grande incógnita para aqueles que tudo tentam explicar em termos fisiológicos.

E para aprofundar mais esses mistérios que até há pouco pertenciam aos domínios tenebrosos do ocultismo místico, alguns centros de pesquisa, nas mais avançadas comunidades pelo mundo afora, estão trabalhando silenciosamente nesse campo. O advérbio aí tem uma razão de ser, porque sabemos hoje que tanto quanto a corrida espacial ou atômica, disputam os dois polos políticos do mundo uma corrida psíquica. Americanos e soviéticos pesquisam oficialmente os mecanismos do espírito. Se ainda chamam a isso de mente ou de fenômenos biomagnéticos, não importa; o que importa é que estão, sem o saber, estudando o princípio espiritual do ser humano. E por mais estranho que possa parecer, os soviéticos levam nítida vantagem nessa corrida. Já tivemos oportunidade de comentar esse ponto.

[1] Parece que, partindo de um completo descondicionamento, os russos penetraram mais fundo na questão do que os americanos, muito presos ainda aos seus preconceitos acadêmicos e aos seus dogmas científicos. O dogma soviético é o materialismo, mas esse, pobre dele, a própria pesquisa que estão empreendendo se encarregará de desalojar do seu pedestal.

*Business Week* lembra o pioneirismo de J. B. Rhine que, a partir da década de 1930, entrou firme na pesquisa de tais fenômenos, usando os métodos quantitativos e fazendo com que “os fatos psíquicos emergissem da sala de sessões espíritas”. Recorda ainda a tremenda oposição encontrada por Rhine na aceitação das suas primeiras conclusões. Ainda hoje, diz o artigo, a percepção extrassensorial (ESP, em inglês) é chamada por um crítico irreverente de “*error some place*”, ou seja, *erro em algum lugar*. Nem essa atitude, porém, representa qualquer novidade. Aqueles que estão familiarizados com a história da pesquisa psíquica sabem muito bem que com monótona frequência muitos críticos apressados, incapazes de aceitar a realidade do fenômeno, apelam para a cômoda posição de decidir pela sua falsidade, sob a alegação simplista de que em algum ponto existem falhas não identificadas que invalidam os testes e, portanto, as conclusões, mesmo que não tenham a menor ideia da natureza do suposto erro e onde se encontra ele.

Seja como for, em 1969, a famosa *American Association for the Advancement of Science* (Sociedade Americana para o Progresso da Ciência) admitiu como membro a Associação de Parapsicologia.

*Business Week* revela que há no momento cerca de 200 (duzentos!) cientistas americanos pesquisando tais fenômenos. Em março de 1974, o Instituto de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos apresentou o que se chama hoje um painel[2] sobre parapsicologia.

“Esta é a primeira vez” — diz Murlan S. Corrington, dos Laboratórios de Tecnologia Avançada da RCA — “*que tivemos suficiente coragem para colocar isto diante de uma convenção de caráter nacional.*”

O grifo é meu e serve para destacar uma situação de fato: mais do que em qualquer outro campo do conhecimento humano, a barreira do preconceito contra o reconhecimento do fenômeno psíquico é de uma

tremenda força de resistência. O cientista que se dispõe a declarar-se interessado nesse verdadeiro tabu moderno precisa mesmo estar armado de toda a sua coragem para enfrentar a dogmatização dominante, a indiferença desinteressada, o ridículo inconsequente e a descrença generalizada. Nenhum outro aspecto da Psicologia tem sido tão abundantemente demonstrado quanto o da existência no ser humano de um princípio que transcende as meras limitações físico-químicas do organismo material e, no entanto, em nenhum ponto como este a rejeição tem sido mais enfática, mais encarniçada, mais decidida, pois o homem teima desesperadamente em permanecer ignorante da sua condição espiritual, satisfeito e feliz em se julgar simples animal que surge no cenário do mundo com o nascimento e desaparece para sempre no não ser quando morre. Há uma irritação geral e uma reação irracional se alguém se levanta para mencionar a simples possibilidade de que o ser humano contenha um princípio imaterial, que independe da estrutura física e que, portanto, pode sobreviver à desagregação dessa estrutura. O próprio Rhine, hoje muito citado, mas pouco acatado, parece ter caído em desgraça nos meios estritamente científicos quando passou a admitir o que suas pesquisas revelavam claramente, ou seja, que, ao contrário do que pensava Aristóteles, nem todo conhecimento humano vem pelas vias sensoriais comuns. Daí ter sido cunhada a expressão “percepção *extrassensorial*”. Os nossos pensadores do século XX — e já estamos quase no quarto final do século — ainda estão intelectualmente presos ao esquema aristotélico, muito embora não o admitam explicitamente. Decorre disso o alarmado comentário da *Business Week*, ao declarar que a admissão do fenômeno psíquico abalaria os alicerces da Ciência moderna. É claro que vai abalar. Levamos alguns milênios para descobrir que só uma coisa é permanente no mundo: a mudança.<sup>[3]</sup> O Espiritismo parece ser, no momento, a única filosofia que não teme a mudança, porque se fundamenta exatamente no princípio universal da evolução contínua do homem pelas inúmeras encarnações nas incontáveis moradas siderais. Quanto mais passa o tempo, mais compreendemos a força, o equilíbrio e a sabedoria daqueles que nos trouxeram a síntese espírita. Se só a mudança é permanente, então o conhecimento somente pode evoluir mudando, ou seja, abandonando antigos dogmas e conceitos para aceitar novos postulados, pelo menos para exame. É totalmente anticientífica a atitude daquele que diz que não pode

aceitar uma demonstração simplesmente porque está sendo ludibriado, embora não saiba como. Passar atestado de erro sem dizer qual é o erro, onde está e como deve ser demonstrado é mais que anticientífico, é ridículo. A doutrina do “*error some place*” pode ser engraçada, mas somente serve, além disso, para indicar que aquele que a formula limita-se a reagir ao conhecimento não porque tenha argumentos lógicos contra ele, mas simplesmente porque é novo e insólito.

\*

Quanto ao governo americano, também está, no dizer de *Business Week*, “*getting the courage to support psychic research*”, ou seja, adquirindo a coragem de apoiar a pesquisa psíquica.

A Fundação Nacional de Ciência está considerando propostas para uma conferência de amplo escopo sobre parapsicologia. O Instituto Nacional de Saúde Mental proporcionou recentemente fundos para pesquisa a ser realizada no Centro Médico Maimonides, no Brooklyn. A NASA, de fama mundial pela sua arrojada programação espacial, financiou para o *Stanford Research Institute* um programa de aprendizado para o seu pessoal. Não é sem boas e sólidas razões que a NASA está interessada nesses fenômenos.

A ARPA — um órgão de projetos avançados do Pentágono — embora negando que esteja realizando qualquer tipo de pesquisa psíquica, acompanha com o mais vivo interesse os resultados do trabalho que se realiza nesse campo. E há razões para isso, adverte a *Business Week*: eles sabem que os russos estão bem mais adiantados que os americanos nesse setor. É também por isso que a famosa CIA — órgão americano de inteligência — não conseguiu ocultar que pelo menos dois dos cientistas que ora pesquisam os fenômenos da mente foram por ela abordados. Robert Van de Castle, que dirige algumas experiências com o sonho, confessou *en passant* que a CIA desejava saber se as pessoas dotadas de faculdades psíquicas poderiam provocar interferência na tela dos radares ou “*se podiam ser treinadas para desprenderem-se de seus corpos*”. O simples enunciado dessa frase revela que os figurões que jogam o xadrez da política internacional já estão admitindo que um princípio extramaterial existente no homem pode deslocar-se para fora do corpo físico. Bem sabemos das razões

de tais perguntas. É quase certo, embora ninguém ainda tenha admitido, que já existe a espionagem por desdobramento espiritual, chamem a isso do que quiserem. O interesse do governo americano é mais que óbvio; a própria *Business Week* declara que os russos estão anos na frente dos cientistas americanos nesse terreno e que esse avanço “paira (sobre a América) como um Sputnik psíquico”. O que é estranhíssimo é que uma comunidade estruturada nos conceitos da filosofia materialista esteja, nesse campo, superando tranquilamente uma sociedade que se diz espiritualista, como a americana, teoricamente fundada em pressupostos ditos cristãos, pois é uma das grandes nações protestantes do mundo, com um forte contingente católico.

Enquanto isso, porém, a reação continua firme. O artigo informa que os críticos ainda são mais numerosos do que os crentes, o que é perfeitamente óbvio. Um cidadão por nome Milbourne Christopher, mágico de profissão e que preside um comitê de investigação da Sociedade Americana de Mágicos, afirma taxativamente que Uri Geller “não passa de um trapaceiro”. Qualquer mágico pode fazer o que ele faz. George Lawrence, da ARPA (Pentágono), emitiu conceito semelhante acerca do jovem israelense, depois de *ver um filme* em que algumas proezas de Geller foram documentadas pelos cientistas do *Stanford Research Institute*. Não obstante, foi verificar pessoalmente no Instituto a informação de que algumas fitas magnéticas de computador foram apagadas quando Geller estava sendo testado. A explicação? Muito fácil: coincidência...

Por outro lado, Eldon Bird, metalurgista de um laboratório da Marinha, presenciou a façanha de Geller ao dobrar uma peça de uma liga de níquel-titânio chamada nitinol. Esse material tem a curiosa propriedade de voltar prontamente à posição primitiva quando posto em água quente. Seria também por coincidência que a peça dobrada por Geller *não* voltou à posição primitiva depois de dobrada em ângulo de 90 graus? Geller apenas a tocou com a ponta dos dedos e o nosso Bird está até hoje estudando por que o metal não reagiu como deveria ter reagido.

Outro especialista da Universidade de Stanford examinou peças metálicas quebradas por Geller e concluiu que ele não pode tê-las partido pelos meios convencionais, porque a força que seria obrigado a empregar

deixaria marcas deformadoras. “Foi produzido por algum outro mecanismo que não conhecemos”, concluiu o técnico.

Ao escrever-se o artigo de *Business Week*, Geller estava programado para uma série de testes na Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia. Os trabalhos seriam realizados por vários (*several*, diz a revista) cientistas laureados com o Prêmio Nobel, do conhecido Centro de Estudos de Berkeley.

A despeito de tudo isso, ou por isso mesmo, a controvérsia continua acesa, porque muita gente detesta cordialmente essa ideia incômoda de ter que reconhecer a existência do espírito imortal. É muito mais cômodo mergulhar a cabeça na areia e ignorar a realidade espiritual, o que nos exonera da responsabilidade pelos nossos atos perante as leis que governam o Universo.

À margem de tudo isso, porém, é preciso ser compreensivo com os cientistas que se atiram a essas pesquisas armados apenas dos seus preconceitos, seus condicionamentos e seu instrumental costumeiro, porque os padrões diferem substancialmente num e noutro campo de pesquisa. O fenômeno psíquico — reconhecem desalentados os cientistas — não se reproduz à vontade, a qualquer tempo, sob qualquer condição. Mesmo Uri Geller, a vedete internacional dos pesquisadores modernos, confessa singelamente que não pode repetir os fenômenos à vontade. Por isso, o astronauta Edgar Mitchell diz, com muito bom senso, que estamos, nesse campo, manipulando “sutis estados interiores”. O sujeito da pesquisa, ou seja, o médium, ou que outro nome lhe queiram dar, não pode ser tratado como um objeto inanimado cujas reações são sempre previsíveis e repetitivas.

Alguns pesquisadores também já redescobriram — estão apenas confirmando observações do passado — que as faculdades sob exame “são influenciadas pela atitude dos experimentadores” e que o sujeito da experiência responde melhor quando tratado amavelmente.

Esse ponto é realmente de grande importância, porque leva os céticos e críticos a suporem que investigadores simpáticos à causa produzem resultados que não merecem fé, porque já estão predispostos. A questão,

porém, é que a fenomenologia se desenrola com muito maior facilidade em ambiente propício e simpático do que em ambiente hostil ou ostensivamente cético. É da natureza mesma do fenômeno; não há como torcê-la. Os céticos que continuam céticos, se não aceitam as condições intrínsecas do processo. O que não se pode é fazer toda a fenomenologia enquadrar-se nos padrões pessoais de cada um. Seria como naquela história do homem que só acreditaria na faculdade que tem o peixe de nadar se ele nadasse ali mesmo, onde não havia água, pois ele não queria ir até à água para ver o fenômeno.

É claro, porém, e temos que admiti-lo realisticamente, que há um mal disfarçado temor de que tudo isso seja mesmo verdade; há ainda aquele receio a que os velhos catecismos da minha infância chamavam de “respeito humano”, ou seja, o medo da opinião alheia, o receio do ridículo, de sermos tomados, no mínimo, por excêntricos e, nos casos extremos, por loucos. Por isso é que aquele cientista há pouco mencionado disse que só agora conseguiram no seu grupo reunir coragem para apresentar suas conclusões perante uma convenção nacional. É preciso de fato coragem. Mesmo nesta confusa época de arrasamento geral dos valores, quando caem por terra antigos padrões, convenções seculares e dogmas milenares, homens de elevada qualificação intelectual sentem-se inibidos e tímidos quando precisam tomar uma clara posição e definirem-se diante dos fatos psíquicos que, afinal de contas, representam uma fenomenologia natural. O Espiritismo jamais afirmou — pelo contrário, sempre negou — a natureza sobrenatural de tais fenômenos. A Doutrina está cheia de constantes referências a esse aspecto, mas os condicionamentos são de tal maneira entranhados na memória dos homens que maiorias consideráveis ainda preferem deixar os fenômenos psíquicos na prateleira empoeirada do sobrenatural ou nos porões do ocultismo superado. Pelo menos não dá trabalho de pensar.

Seja como for — e isso o artigo da *Business Week* reconhece honestamente —, as implicações contidas nessas pesquisas são explosivas. O primeiro impacto seria o de que, no dizer da revista americana, “os seres humanos recebem informações por outros canais que não sejam os cinco sentidos”. Teríamos que admitir, ainda, experiências subjetivas no mundo objetivo da Física. E, por fim, *a mais grave* de todas as implicações:

“poderia até mesmo levar a admitir que o homem é dotado de uma natureza espiritual inexplicável para os físicos e para os psicólogos”.

Isso é seriíssimo, por certo, e podemos dizer que representa um sinal dos tempos encontrar especulação desse teor numa revista essencialmente voltada para os objetivos imediatistas de ensinar aos homens a técnica de ganhar cada vez mais dinheiro por processos cada vez mais eficazes. E se, como dizem os espíritas, o homem for mesmo um espírito imortal? Já imaginaram que “descoberta” sensacional? É capaz até de dar manchete nos grandes diários de Nova Iorque, Chicago e Washington...

O artigo traz uma nota de expectativa, ao informar que as potencialidades desse tipo de pesquisa são extraordinárias pelas suas aplicações “na Medicina, nas comunicações, *na defesa*, na educação e em muitos outros campos”. (O grifo é meu.)

A maior delas, porém, reconhece o articulista com honestidade, o maior impacto será sobre a própria Humanidade. Muitos estão agora convencidos de que *a mente* é um reservatório de tremendo potencial. Isto, segundo Mitchell, nos acena com a esperança de que talvez possamos provocar no homem e nas estruturas sociais um avanço evolutivo tal que nos permita dominar os problemas que estão hoje diante de nós.

Está certo o ex-astronauta. Sem entender os mecanismos do seu próprio espírito, como é que o homem terá condições para reparar os obsoletos mecanismos sociais? É preciso que as maiorias compreendam, enquanto ainda é tempo, que o mais elevado índice de obsolescência no mundo moderno é precisamente o da imagem do próprio homem. Somos Espíritos imortais reencarnantes, com insuspeitadas capacidades de crescimento e amadurecimento. O super-homem, com o qual sonhou Nietzsche, não é mera utopia; ele existe nas mais rarefeitas camadas do processo evolutivo, em seres purificados e sábios a um ponto tal de sublimação que, colocados diante deles e de seus pensamentos, não teríamos como entendê-los.

Por isso achamos interessante a frase de Charles Horton, do Maimonides, com que *Business Week* encerra o seu trabalho:

“Muitos dos nossos conceitos básicos talvez estejam precisando de uma reformulação. A própria imagem do homem talvez tenha que mudar”.

Só acrescentaríamos uma correção: é que a frase está algo frouxa, por causa da tônica dubitativa. Poderia ser rerepresentada da seguinte maneira:

“Muitos dos nossos conceitos básicos *estão* precisando de uma reformulação drástica e urgente. A própria imagem do homem *precisa mudar*”.

A imagem atual do homem, em termos de Ciência, de Religião e de Filosofia agnóstica não é apenas irreal, é inapelavelmente obsoleta. O Espiritismo está dizendo isso mesmo há mais de cem anos. Mas os homens parecem interessados apenas em fugir da verdade que obriga a reformas íntimas, à revisão de conceitos secularmente estratificados, ao abandono de posições de comodidade e irresponsabilidade e, por isso, florescem as paixões, pontificam as vaidades e sopram os ventos da insanidade generalizada. Os novos mestres dos tempos novos preferem as fábulas e as ilusões da matéria à dura realidade de um espírito que sobrevive e responde pelos seus erros, tanto quanto se enobrece com a prática de algumas modestas virtudes.

Foi, por certo, pensando nestes tempos difíceis, numa prodigiosa antevisão que saltou por cima dos milênios, que Paulo escreveu ao amado Timóteo, nos últimos dias de vida:

Proclama a palavra, insiste a tempo e fora de tempo; repreende, ameaça, exorta com toda a paciência e doutrina. Porque virá um tempo em que os homens não suportarão a doutrina sadia, senão que, arrastados por suas próprias paixões, se transformarão num montão de mestres pelo desejo de ouvirem novidades; apartarão seus ouvidos da verdade e se voltarão para as fábulas. (*II Timóteo*, 4:2 a 4.)

[1] “Os soviéticos descobrem o perispírito”, cap. 13.

[2] Painel é palavra de introdução recente na língua portuguesa. É um transplante do termo inglês *panel*.

[3] Alvin Toffler, em *Future Shock*, passou o atestado de óbito na permanência das coisas humanas, destacando a força irresistível da transitoriedade, ou seja, da mudança, ou, melhor ainda, da *evolução*, que é da própria essência da Doutrina Espírita.

## Algumas notas colhidas em *Two Worlds*

Na coleção do semanário espiritualista inglês *Two Worlds*, de agosto a outubro de 1959, encontramos, aqui e ali, algumas notas que poderão interessar os leitores de *Reformador*.<sup>[1]</sup>

Assinalemos, desde já, que esse jornal está publicando uma série de trechos de *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, o *best-seller* mundial sobre Espiritismo, na expressão de *Two Worlds*.

Mensagens e esclarecimentos da famosa entidade espiritual, conhecida por Silver Birch, são igualmente publicados em série nesse jornal.

O número de 15-8-1959 traz um comentário que se ajusta a muitos dos que nos atacam às cegas. O objetivo do trabalho é mostrar a fragilidade de certos argumentos antiespiritualistas e a falta de autoridade de quem os utiliza. Diz o redator de *Two Worlds* — e com toda a razão — que “J. B. Priestley parece supor que seu nome lhe dá o direito de pontificar a respeito de assuntos nos quais ele é grosseiramente ignorante”. Aí está, na verdade, um grande mal. O fato de alguém ser um verdadeiro gênio em Física ou em Botânica não o credencia a falar com autoridade sobre Psicologia, Direito ou Religião.

Ocasionalmente, *Two Worlds* publica notícias — um tanto cautelosas — sobre a reencarnação, que ainda é uma questão aberta entre nossos irmãos anglo-saxônios. O número de 5-9-59 traz uma dessas notas. Conta o caso narrado originariamente no jornal *Hindusthan Standard*, de Jabalpur, na Índia, segundo o qual uma menina de nove anos se recorda de duas de

suas existências anteriores. O número de 3 de outubro apresenta relato mais pormenorizado do caso. A menina chama-se Swarnlata Mishra e é filha de um empregado do governo hindu. Aos quatro anos cantava numa estranha linguagem que surpreendia sua mãe e dançava de maneira curiosa. A mãe, convencida de que ela estava *possessa*, pediu a ajuda de alguns *witch doctors*. Finalmente o pai da criança conseguiu avistar-se com o Dr. D. N. Mukerjee, que esclareceu: a menina cantava em assamês misturado com bengalês e executava danças tribais assamesas. Ela jamais esteve em Assam e nunca teve contato com qualquer pessoa daquela região.

Swarnlata, a menina, acrescenta outros informes. Diz que nascera em 1900, na família de Shri Pathak. “Naquele tempo, Shri Pathak era meu irmão mais jovem. Eu era a mais velha de quatro irmãos e duas irmãs, e me chamava Biya. Morri quando tinha 39 anos”.

Acrescenta que nasceu outra vez em Silhatte, no estado de Assam, a leste do Paquistão, numa família brâmane. “Chamava-me então Kamlesh. Fui ferida num acidente de carro quando ia para a escola, na idade de nove anos, e morri num hospital.”

Em abril de 1959, Shri Pathak, seu antigo irmão, atualmente proprietário de minas e construtor na cidade de Katni, visitou Swarnlata, em Chatarpur, onde atualmente vive a menina. Ela o reconheceu e respondeu com precisão às perguntas que ele lhe fez sobre sua casa, objetos domésticos e acontecimentos importantes da família, ocorridos há algumas décadas.

Depois disso, Shri Pathak escreveu a Chintamani Pandey, atualmente com 62 anos e marido de Swarnlata, na sua anterior encarnação como Biya. O velho e seu filho Murli também foram ver Swarnlata, que os reconheceu.

Em julho, a menina Swarnlata visitou a família Pathak em Katni. Ao chegar a casa, perguntou o que tinha acontecido com uma árvore que recentemente havia sido arrancada por um temporal. Reconheceu sua família anterior, apontou fotografias dos pais de Shri Pathak e também um antigo empregado da família que se encontrava no meio da multidão.

Informa-se, ainda, que ao falar de suas anteriores existências a menina se torna indiferente ao que a cerca. Suas lembranças aos poucos se vão

apagando de sua memória; contudo, sob hipnose, ela se recorda claramente de tudo.

Sua história foi investigada e gravada pelo diretor do *Seth Sohanlal Memorial Institute of Parapsychology*, segundo notícia divulgada pelo *Bombay Sunday Standard*. Outro pesquisador, chamado Shri Pastore, acrescenta: “É evidente que Swarnlata se recorda de suas existências anteriores”. Sugere, a seguir, que suas danças e canções sejam gravadas e filmadas, antes que ela se esqueça de tudo.

Casos como esse e o de Shanti Devi (*Reformador* de junho de 1958, pág. 125) são tão eloquentes e objetivos que os não reencarnacionistas ficam desarmados. Por isso, limitam-se ao silêncio, para não exporem, ainda mais, a falsa posição em que se acham colocados.

\*

O mesmo número de 3 de outubro, de *Two Worlds*, traz uma nota sobre a impressão, no Brasil, de livros de Allan Kardec, em braille.

Ainda no número de 2-9-1959, encontramos uma notinha bastante curiosa. Trata-se de um comentário sobre um anúncio inserido numa daquelas ricas revistas dos Estados Unidos. O anunciante oferece às esposas americanas, a preço muito acessível, nada menos que um *oui-jà board*, isto é, um tabuleiro apropriado para sessões espíritas, com indicação das letras do alfabeto. Diz o anúncio que o tabuleiro ajudará o marido a “moldar o destino das companhias... Nada de pesquisas dispendiosas, nada de exaustivas previsões comerciais. O tabuleiro coloca todas as respostas nas mãos do atarefado executivo”. E acrescenta: “Senhoras! Tragam de volta o despreocupado jovem com quem se casaram! Levantem o peso da incerteza dos ombros dele”.

Não é preciso acrescentar coisa alguma a esse anúncio ridículo. Infelizmente, essa mentalidade excessivamente prática de certas pessoas tem dificultado o harmonioso desenvolvimento das doutrinas espiritualistas nos Estados Unidos. O próprio Sr. Morey Bernstein, autor de *À procura de Bridey Murphy*, conclui seu livro especulando sobre as inúmeras aplicações práticas da hipnose, na descoberta de crimes, de objetos escondidos etc.

Por essa e outras é que a revelação das verdades superiores tem que ser sabiamente dosada. Na composição da grande massa humana que povoa a Terra, é ainda muito elevada a percentagem daqueles para os quais até mesmo a revelação de caráter superior é simples instrumento de proveito material. Esse é o mesmo tipo de mentalidade que determinou a lamentável distorção na aplicação dos conhecimentos da intimidade do átomo. Em lugar de criar novas condições de progresso e de paz, a Ciência atômica derivou para a mais ciclópica destruição e mortandade de que temos notícia.

Exatamente sobre esse último aspecto, há um comentário no número de 12-9-1959 de *Two Worlds*. O Rev. J. D. Pearce Higgins, da Igreja Anglicana, num congresso anual realizado em Roehampton, Londres, declarou que a Igreja não tem conseguido fazer face aos problemas teológicos que se levantaram com a matança ocorrida nas guerras e, como resultado disso, muita gente procura o Espiritismo. O tema do congresso foi “Vida e morte”. O Rev. Higgins continua acrescentando que “desde a Reforma o Protestantismo não tem tido uma doutrina clara sobre a vida depois da morte. A Igreja precisa de uma nova escatologia (doutrina da morte, do Céu e do inferno), pois que uma Igreja sem tal doutrina é uma Igreja agonizante”.

Outro reverendo (C. O. Rhodes), de grande destaque, informa, com rude franqueza, que, na sua opinião, “as doutrinas cristãs tradicionais, sobre as coisas finais, não têm absolutamente validade alguma hoje. Elas ofereciam, com a ameaça do inferno e a promessa do Céu, sinais vagos que nada dizem à imaginação”. Acrescentou que o mito do Jardim do Éden, no *Gênesis*, nada tem que ver com a Criação e a queda do homem. Na verdade, diz ele, o mal não é uma consequência da deliberada desobediência, e sim de que o homem é um sofredor em vez de um pecador. Foi a culpa derivada do sofrimento que o levou ao crime. Assim sendo, toda a teoria da encarnação e da paixão do Cristo deveria ser transformada. Um fato tem que ser enfrentado corajosamente pela Igreja — diz o Rev. Rhodes: “a escatologia cristã foi um sonho ou um pesadelo do qual os povos do Ocidente acordaram e que, portanto, não tem nenhum significado para eles”.

Em comentário da redação, em outra página do mesmo número, *Two Worlds* esclarece que há muito tempo os ensinamentos espiritualistas têm insistido nesse ponto, de que as antiquadas doutrinas constituem obstáculos à aceitação de certas verdades reveladas pelos Espíritos. Esse procedimento, longe de ser anticristão, é exatamente o que preconiza ser “a posição do homem, depois da morte, devida não à sua crença em qualquer credo especial, mas à sua conduta na Terra”. Conclui o articulista dizendo que o congresso dos reverendos da Igreja Anglicana está a indicar que as verdades espíritas, lenta, mas seguramente, continuam a avançar.

Na página 6, do mesmo número de *Two Worlds*, há uma pequena nota sobre o Brasil. Trata-se de um comentário do próprio Presidente da Federação Espírita Brasileira, quando declarou que o Espiritismo seria uma das primeiras vítimas, caso o comunismo ateu se tornasse vitorioso no Brasil.

\*

Em seu número de 31-10-1959, *Two Worlds* dá notícia de mais um grupo ortodoxo que acolhe certos princípios da Doutrina Espírita. Desta vez é a Igreja Unida do Canadá, que conta com 980.000 adeptos. Num livro de 121 páginas, tido como revolucionário, um grupo de 43 pesquisadores ligados àquela Igreja conclui em favor de algumas verdades defendidas pelo Espiritismo e que aqui vão relatadas sumariamente, para não tomar demasiado espaço. Primeiramente, afirma o grupo sua crença na sobrevivência pessoal depois da morte. Em seguida, rejeita a ideia do inferno como lugar de tormento eterno e adverte o leitor a respeito da interpretação muito literal da linguagem bíblica. Em lugar de uma imagem da vida dividida em duas condições distintas, profundamente diferentes e separadas, chamadas Céu e inferno, o mundo *post-mortem* é apenas um, e será Céu ou inferno, conforme o nível de desenvolvimento espiritual de cada um de nós. Nossa felicidade depende tanto das nossas ligações com os outros seres humanos, que seria difícil compreender um Céu do qual apenas alguns participassem, ao mesmo tempo em que outros, do mesmo grupo familiar, fossem condenados ao inferno. A ideia de um inferno chamejante, situado algures, nas profundezas da Terra, é uma linguagem figurada dos antigos, inaceitável para as pessoas modernas e inteligentes. O inferno é um estado de infinita solidão, desesperada privação e frustração final. Por outro

lado, é inconcebível pensar que sejam condenados aqueles que viveram antes dos ensinamentos de Jesus e os que morreram sem ter a oportunidade de conhecer os Evangelhos. Não se pode admitir que a morte signifique o súbito e irrevogável julgamento, nem a instantânea e completa santificação de um cristão. É tolice supor que a carne se levantará depois de ser o corpo sepultado, submerso no mar ou queimado até às cinzas. O corpo, para a nova vida, não é de carne, mas adaptado às novas condições. A ressurreição significa que uma nova espécie de corpo é dada como órgão de identidade, expressão e reconhecimento à personalidade.

Aí estão as ideias ventiladas pelo grupo que reexaminou, sob os auspícios da Igreja Unida do Canadá, alguns conceitos ortodoxos. O livrinho chama-se *Life and Death* e mereceu a aprovação do comitê executivo da Igreja, muito embora não constitua um relato da política oficial da referida Igreja; todavia, é mais um indício de que há um movimento no sentido de renovar e reexaminar certos princípios tradicionais das diversas denominações cristãs. Como estamos vendo, o sopro renovador que agita alguns credos mais inteligentemente ativos, ali e acolá, está conduzindo suas embarcações para o remansoso mar das verdades universais anunciadas pelos espíritas.

Em artigo assinado, no mesmo número de 31 de outubro de 1959, Margaret L. Glen Hamilton defende, com eloquência e ênfase, a médium Margery Crandon, de Boston, das acusações de fraude levantadas pelo Dr. J. B. Rhine. A autora foi amiga pessoal do casal Crandon e não somente tem seu depoimento próprio sobre eles, como documentos aceitos e publicados sob a responsabilidade da exigente *Society for Psychical Research*, americana. É ridículo e lamentável lançar essa suspeita, sem provas, contra a mediunidade da senhora Crandon, testada que foi, inúmeras vezes, por pessoas de responsabilidade e de inegáveis conhecimentos científicos.

[1] O artigo é de junho de 1960.



Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da Federação Espírita Brasileira, cadastrando-se no site [www.feblivraria.com.br](http://www.feblivraria.com.br).

# Sumário

Capa

À guisa de prefácio

1 - Arquivos espirituais da Independência do Brasil

2 - A redescoberta da reencarnação

3 - Você vive depois da morte

4 - Universalidade da realidade espiritual

5 - Além do inconsciente

6 - O fenômeno Theta

7 - O Bispo e os Espíritos

8 - Pesquisadores negativos

9 - A lição de Abigail

10 - Gente sentada em cima do muro

11 - Psiquiatria e reencarnação

12 - Espírito: nova arma secreta do Materialismo

13 - Os soviéticos descobrem o perispírito

14 - A Verdade chega àquele que está preparado

15 - O Dr. Wickland e os seus “mortos”

16 - A opção dos milênios

17 - Das Índias ao planeta Marte

18 - Benvenuto Cellini — o homem, o artista, o médium

19 - Nos bastidores da obsessão

20 - O grande dia do Calvário

21 - Reencarnação — instrumento para o progresso espiritual

22 - Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular

23 - Cinco perguntas dum cristão inteligente

24 - Entre a revolta e a dor

25 - Ouvidos apartados da verdade

26 - Algumas notas colhidas em Two Worlds